

ADRIANA CLÁUDIA TURMINA

**MUDAR PARA MANTER: A auto-ajuda como
a nova pedagogia do capital**

Florianópolis – SC

2005

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

ADRIANA CLÁUDIA TURMINA

**MUDAR PARA MANTER: A auto-ajuda como
a nova pedagogia do capital**

Mestrado em Educação

Florianópolis, março de 2005

ADRIANA CLÁUDIA TURMINA

**MUDAR PARA MANTER: A auto-ajuda como
a nova pedagogia do capital**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação, sob orientação do Professor Doutor Lucídio Bianchetti.

Florianópolis, março de 2005

AGRADECIMENTO ESPECIAL

O envolvimento que se tem com o Mestrado difere do envolvimento dedicado às aulas da graduação. Na verdade, há um investimento e um comprometimento que se sustentam na autodisciplina em que as leituras, a busca do tema não respeitam férias, fins de semana, feriados, gripes ou qualquer outra coisa que possa configurar-se como um intervalo de tempo entre o tema da dissertação e a vida do mestrando. É assim que vi passar esses dois anos do Mestrado, um entrelaçamento da vida pessoal com a vida acadêmica. Com ele, entrelacei Airton, meu marido, que se mostrou uma pessoa solidária e empática com o meu envolvimento nesse processo. Tanto assim que muitas vezes parecia ele quem estava escrevendo a dissertação. Agradecer tanta dedicação, carinho, compreensão seria tão pouco perto do que significou sua constante presença no processo da escrita que muitas vezes angustia e desanima. Airton nunca me deixou desanimar nos milhões de telefonemas que lhe fiz para contar o que pretendia e não conseguia fazer. Tantas vezes conversou comigo no Messenger sugerindo idéias a partir das questões que eu lhe colocara. Pode-se dizer que quase escreveu uma dissertação na perspectiva oral, já que foram tantas as conversas nos mais diferentes lugares: praia, restaurantes, viagens e caminhadas. Acho que não preciso dizer mais nada de por que, Airton, você é uma pessoa especial. E para você vai a dedicatória especial desta dissertação.

AGRADECIMENTOS

Para que esta dissertação se tornasse uma realidade, contei com a participação de muitas pessoas que também se tornaram especiais no decorrer desses dois anos.

A Lucídio Bianchetti agradeço a orientação deste trabalho, a oportunidade e a experiência de um ano e meio de Estágio Docência que serviram para reafirmar o caminho que pretendo seguir. Agradeço o aprendizado, fruto do convívio, das conversas e das disciplinas cursadas. Lucídio é admirável pela sua competência profissional tanto quanto pela pessoa generosa que é. Transforma a experiência da orientação num elo de amizade. Compartilha experiências pessoais e profissionais. Abre mão do seu pouco tempo de descanso para continuar orientando. Exerce diariamente aquilo que ele mesmo considera importante, “olhar para o outro de forma empática”.

A Elisa Maria Quartiero por dedicar parte de seu tempo lendo, criticando, sugerindo idéias que se tornaram fundamentais para a delimitação e contornos desta dissertação.

Aos professores: Eneida Oto Shiroma, Valeska Nahas Guimarães, Paulo Meksenas, Roberto Moraes Cruz, Anna Flora Brunelli e Francisco Rüdiger pelas discussões que foram essenciais para a concretização deste trabalho.

Aos colegas da linha Trabalho e Educação por compartilharem as experiências e angústias de uma mestranda.

A Eliane Floriani e a Alessandra Zago por fazerem dos meios virtuais a forma de nos mantermos sempre juntas.

A Sônia, a Patrícia, a Noeli e a Elizabeth, secretárias do PPGE/UFSC/CED, pela dedicação.

Ao meu pai, Fermino, e minha mãe, Nicette, por quem sou apaixonada, pelo orgulho e torcida com que sempre viram os meus estudos.

À minha irmã, Eliana, que é outra paixão da minha vida, pelas palavras de carinho, incentivo e cuidado com que sempre pude contar.

A Gina pela amizade e pela leitura crítica que empreendeu em cada um de meus trabalhos.

A Maria Tereza de Queiroz Piacentini pela competência com que revisou esta dissertação e pela pessoa delicada que tive a oportunidade de conhecer.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES) pelo apoio financeiro durante o período da pesquisa.

“Esclarecimento” [*Aufklärung*] significa a saída do homem de sua menoridade, da qual o culpado é ele próprio. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de decisão e coragem para servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem a ousadia de fazer uso de teu próprio entendimento – tal é o lema do Esclarecimento [*Aufklärung*]. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (*naturaliter maiorennes*), continuem, não obstante, de bom grado menores durante toda a vida. São as causas que explicam por que é tão fácil que os outros se constituam como tutores. É tão cômodo ser menor!

Immanuel Kant

O melhor atalho para o sucesso não é ler um livro de auto-ajuda. É escrever um.

Max Gehring

Alguém pode enganar todos por algum tempo. Todos podem enganar alguém por muito tempo. Mas ninguém consegue enganar a todos o tempo todo.

Abraham Lincoln

RESUMO

Procurando fazer frente às transformações do mundo do trabalho, o capital cria ou renova estratégias com vistas a manter-se como modo de produção hegemônico. É nesta perspectiva que deve ser compreendido o surgimento da auto-ajuda na metade do XIX e o seu (re)florescimento em décadas mais recentes. Nesta dissertação, a auto-ajuda constitui o ponto de partida para se entender como o capital, sob a roupagem da humanização do trabalho, investe neste discurso como um meio que mascara e dilui as relações de poder entre empresários e trabalhadores, configurando-se numa estratégia de ‘qualificação’ e controle visando atender os ditames do capital sob o pretexto de atender as necessidades do trabalhador. Para compreender esse processo procede-se, em perspectiva histórica, a um resgate da vida, obra e época de Samuel Smiles (1812-1904), o clássico da auto-ajuda voltada às relações de trabalho; identificam-se as ênfases desse discurso no que se refere às noções da empregabilidade, empreendedorismo e competência; levantam-se as características que compõem o perfil do trabalhador-ideal proposto no discurso da auto-ajuda nas versões clássica e atual; verificam-se ainda algumas estratégias discursivas utilizadas pelos atuais criadores e veiculadores da auto-ajuda para mobilizar e motivar seus leitores/ouvintes. Da composição desse novo cenário pode-se deduzir que Smiles e os gurus de hoje são muito similares, idênticos até, uma vez que se constata que a base comum dos discursos de todos é a busca da manutenção da lógica interna do capital. Conclui-se que: a) a auto-ajuda caracteriza-se e pode ser apreendida como um instrumento pedagógico ou como uma pedagogia do capital que objetiva ‘educar’ o trabalhador para atender as necessidades do capital; b) tanto a auto-ajuda clássica quanto a atual atentam contra a perspectiva de omnilateralidade do trabalhador. Levando-se em conta estes aspectos é que se pode afirmar que não há nada de novo debaixo do sol.

Palavras-chave: Relações de trabalho; Auto-ajuda; Pedagogia do capital; Controle do trabalhador.

ABSTRACT

In order to respond to the transformations in the world of labor, capital creates or renovates strategies in order to maintain itself as the dominant mode of production. It is within this light that the rise of self-help processes in the mid 19th century should be understood as well as their revival in recent decades. In this dissertation, self-help is the starting point used to understand how capital, through the guise of humanization of labor, invests in discourse to hide and dilute the power relations between owners and workers. This is a strategy of “training” and control to meet the dictates of capital under the pretext of meeting the needs of the worker. To understand this process this study undertakes a historical review of the life, work and times of Samuel Smiles (1812-1904) a classic author of self-help related to labor relations. The study identifies the emphasis given by this discourse to the concepts of employability, entrepreneurship and ability. The qualities that compose the profile of the ideal-worker presented in the discourse of self-help in the classic and current versions are discussed. The study also reviews discursive strategies used by the current creators and promoters of self-help to mobilize and motivate their readers and listeners. From the composition of this new scene it can be deduced that Smiles and the gurus of today are very similar, even identical, given that the common base in the discourses found in all of them is the search to maintain the internal logic of capital. It is concluded that a) self-help can be understood as a pedagogical tool or as a pedagogy of capital that has the objective of “educating” workers to meet the needs of capital; b) both classic as well as current self-help go against the perspective of the omnilaterality of the worker. Considering these factors it can be affirmed that there is nothing new under the sun.

Key-words: Labor relations; Self-Help; Pedagogy of capital; Worker control.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - Obras publicadas por Samuel Smiles.....	84
QUADRO 2 - Personagens biografadas por Samuel Smiles.....	86

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1	CAPÍTULO I - NOVOS MECANISMOS DE CONTROLE NAS RELAÇÕES DE TRABALHO
1.1.	Situando a problemática em questão 19
1.2.	Tensões nas relações de trabalho. 20
1.3.	A auto-ajuda nas novas estratégias de gestão do trabalho. 38
1.3.1.	Os gurus: etimologia e conceituações. 46
1.3.2.	Origem e discurso dos gurus da auto-ajuda 50
1.4.	A explosão da literatura e palestras de auto-ajuda 53
1.5.	A auto-ajuda em tempos de empregabilidade e empreendedorismo 58
2	CAPÍTULO II - AS ORIGENS DA AUTO-AJUDA: RETORNO AO CLÁSSICO
2.1.	Samuel Smiles: um clássico 67
2.2.	O autor e seu tempo 74
2.3.	A obra: <i>Ajuda-te</i> 87
2.4.	Uma ‘nova’ utopia: a busca da reforma social pelo caráter individual ou pela luta de classes? 96
2.4.1.	A importância do caráter no pensamento smilesiano: o ideal liberal clássico 107
2.4.2.	A influência da ética protestante no pensamento smilesiano 117
2.5.	As biografias escritas por Samuel Smiles: um recurso pedagógico 122
3	CAPÍTULO III – O DISCURSO DA AUTO-AJUDA COMO A NOVA PEDAGOGIA DO CAPITAL
3.1.	Breve introdução ao assunto 126
3.2.	No reverso da auto-ajuda: caracterização e críticas 127
3.3.	O processo de sedução do capital: o encanto do “canto da sereia” da auto-ajuda difundido pela indústria cultural 134
3.3.1.	O discurso da auto-ajuda como uma estratégia de poder nas relações de trabalho: uma linguagem nada transparente 144
3.3.2.	As metáforas como uma estratégia de veiculação do discurso da auto-ajuda e de afirmação dessa nova pedagogia 150
3.3.3.	A auto-ajuda como um modo de endereçamento 154
3.4.	A auto-ajuda: a nova pedagogia do capital 158

3.5.	A eficácia do discurso da pedagogia da auto-ajuda	167
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	
	UM PONTO DE CHEGADA QUE SE TRANSFORMA EM PONTO DE PARTIDA: DUAS FASES DA AUTO-AJUDA	172
	REFERÊNCIAS	188
	ANEXO A - Sumário da obra <i>Ajuda-te</i>	201
	ANEXO B – Programação do Seminário de Recursos Humanos	202

INTRODUÇÃO

Entender a complexidade e a dinâmica das relações de trabalho cerceadas e controladas pelo capital constituiu o grande desafio na construção desta dissertação. Para percorrer esse caminho, parte-se da hipótese de que o capital, sob a roupagem da humanização do trabalho, investe no discurso da auto-ajuda como uma estratégia que mascara e dilui as relações de poder entre empresários e trabalhadores, configurando-se numa estratégia de ‘qualificação’ e controle para atender os desígnios do capital sob o pretexto de atender as necessidades do trabalhador. Assim, com o objetivo de analisar os contextos de surgimento e (re)valorização da auto-ajuda voltada às relações de trabalho, busca-se entender as implicações da veiculação desse discurso no mundo do trabalho e suas repercussões na esfera da educação. De uma forma específica, numa perspectiva histórica, procedeu-se à investigação dos contextos de surgimento da auto-ajuda na metade do século XIX e do seu (re)florescimento a partir dos anos 90 do século XX; procedeu-se a um resgate da vida, obra e época de Samuel Smiles (1812-1904), o clássico da auto-ajuda voltada às relações de trabalho; procurou-se identificar quais as ênfases desse discurso no que se refere às noções da empregabilidade, empreendedorismo e competência; levantaram-se as características que compõem o perfil do trabalhador-ideal divulgadas no discurso da auto-ajuda nas versões clássica e atual; verificaram-se ainda algumas estratégias discursivas utilizadas pelos atuais criadores e veiculadores para mobilizar e motivar seus leitores/ouvintes.

É importante chamar a atenção para o título do trabalho, que evoca a contradição **Mudar para manter**. Originalmente a idéia é do Príncipe de Lampedusa (1979) descrita na obra *O leopardo*, em que o autor em algum momento da evolução social da Sicília da metade do século XIX constata que as mudanças ocorridas serviram simplesmente para que tudo ficasse exatamente como estava, embora a aparência de que tudo tivesse mudado permanecesse no ar. É a essa perspectiva de permanência que esta dissertação se refere. Apesar de todas as mudanças, de todas as metamorfoses nas relações de trabalho, a lógica interna do capital se mantém. Na verdade, elas são indicativas de que o capital faz concessões, mas continua exercendo sua

capacidade civilizadora. Neste cenário a auto-ajuda adentra e instaura-se como a nova pedagogia do capital, contribuindo para a manutenção da hegemonia desse modo de produção.

A funcionalidade da auto-ajuda nas relações de trabalho passou por dois períodos distintos – de surgimento e de (re)valorização. Esse discurso que (re)floresce nos anos 90 vem atender a uma demanda do capital que precisou renovar seus mecanismos de controle como forma de impedir ou atenuar manifestações de insatisfação na relação capital e trabalho. É neste sentido que a auto-ajuda configura-se como um novo mecanismo social, como uma estratégia de controle e de ‘qualificação’¹, instituindo ou reinstituindo a humanização numa relação que é caracterizada pela exploração e dominação. A operacionalização desta que se torna uma nova cultura de relacionamento entre empresários e trabalhadores se dá pela mediação dos gurus da auto-ajuda, considerados os ‘pedagogos’ do capital, já que visam ‘educar’ para a (con)formação. A auto-ajuda media, assim, uma ‘negociação’ sob uma fachada que consegue camuflar que o objetivo é a promoção de uma abertura ou trânsito do capital visando adentrar nas esferas da subjetividade do trabalhador.

A apropriação desse discurso pelo capital transformou a proposta original da auto-ajuda. Esta foi pioneiramente formulada no século XIX por Samuel Smiles, com a publicação do livro *Self-Help*², de 1859, considerado a primeira obra no gênero. Assemelha-se ao discurso atual no que tange às relações de trabalho e à manutenção do *statu quo*, mas distancia-se quando a questão refere-se a quem demanda a auto-ajuda. No caso atual, são os empresários; no século XIX eram os trabalhadores. Ao se resgatar Smiles, sua obra e época buscou-se aproximar a sua produção teórica com a de alguns autores clássicos, assim como com a atuação de alguns deles, entre os quais destacamos Adam Smith (1723-1790), Robert Owen (1771-1858), John Stuart Mill (1806-1873), Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), uma vez que viveram no mesmo espaço-tempo. Apesar destes autores pertencerem a correntes teóricas diversas e de terem vivido

¹ Destaca-se que a palavra ‘qualificação’ será utilizada entre aspas simples no decorrer deste trabalho a fim de mostrar o quão fictícia ou falaciosa é a promessa de qualificação divulgada na literatura da auto-ajuda. Essa é uma qualificação que se distancia do aperfeiçoamento das habilidades técnicas e relaciona-se com uma qualificação comportamental, de comprometimento do trabalhador com vistas a garantir que a lógica interna do capital permaneça inalterada.

² Obra traduzida para o Brasil como *Ajuda-te*. SMILES, Samuel. *Ajuda-te (Self-Help)*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1893.

no mesmo período de Smiles, parece que o pioneiro da auto-ajuda manteve-se impermeável às manifestações de Marx e Engels, por exemplo, no que se refere à exploração dos trabalhadores nas relações de trabalho. Para Smiles, estas relações deviam ser discutidas e alcançadas via reforma parlamentar e pelo desenvolvimento de um caráter e uma moral individuais, que seriam, aos olhos do autor, os elementos determinantes de mudança nas relações de trabalho. Visto isto, tem-se que para Smiles o caráter e a moral constituem a essência da auto-ajuda. Para entender como a questão religiosa relaciona-se à auto-ajuda smilesiana buscou-se no contexto do protestantismo explicação para a construção dos valores que orientam esta prática. Ao mesmo tempo mostra-se que nos dias atuais os valores que norteiam a auto-ajuda seguem outros caminhos, tendo na indústria cultural o seu meio de veiculação. Na atualidade se verá que o autor é o ator que se vende!

É possível sublinhar que embora a literatura³ de auto-ajuda, na versão que se vê (re)floreecer, exista há pelo quase dois séculos, a crescente presença de autores deste segmento nos circuitos de desenvolvimento profissional de empresas é fenômeno recente. A alegação dos empresários e gerentes dos departamentos de Recursos Humanos para financiar palestras e disseminar obras dessa natureza para seus trabalhadores é a de que a empresa se preocupa com a formação, ‘qualificação’, reciclagem, atualização, desenvolvimento profissional de seu pessoal. Dessa forma, analisar o (re)florescimento da auto-ajuda nos parece relevante, uma vez que esta faz parte de um conjunto de práticas - entre as quais o discurso da empregabilidade e do autogerenciamento - que emergiram dentro de um contexto de transformações dos processos de trabalho, bem como representa para o trabalhador a alternativa de administrar ou solucionar questões relacionadas às metamorfoses na ambiência de trabalho. A auto-ajuda constitui um elo pacificador na relação capital e trabalho, estimulando o vínculo entre empresa e indivíduo, na busca de harmonizar uma relação que é conflituosa pela natureza dos interesses antagônicos em jogo.

³ Cabe salientar que se tem presente as diferentes definições de literatura e discurso, para fins deste trabalho, esses conceitos serão evocados como sinônimos. Também vale destacar que se tem ciência de que a literatura de auto-ajuda pode ser considerada uma *pseudo*-literatura ao se levar em conta a superficialidade e as proposições enganosas que compõem as asserções desse discurso.

Os novos ‘pedagogos’ do capital constroem seus discursos pautando-se nas noções de empregabilidade, empreendedorismo e competência, uma vez que estes constituem os elementos centrais na nova gestão do trabalho flexível. Ao se considerar a literatura de auto-ajuda como uma ferramenta ou um instrumento pedagógico do capital para informar e formar uma massa de trabalhadores acerca de suas necessidades, então se tem que essas noções atendem, em termos discursivos, as necessidades do capital e ajudam a alimentar e reforçar o individualismo, amenizando e camuflando o antagonismo na relação entre capital e trabalho.

Nesta perspectiva, investe-se na compreensão do que se denominou nesta dissertação de **pedagogia da auto-ajuda**, a qual configura uma nova pedagogia do capital cuja orientação se dá na construção de um discurso que orienta e reforça a formação de um trabalhador que coopere (passivamente), que se ajude e seja tão flexível quanto o capital necessitar. Pelo discurso da auto-ajuda, em geral, procura-se colocar o indivíduo numa posição de co-parceria, co-responsabilidade pelo sucesso da empresa, com o objetivo de eliminar conflitos ou transformá-los em uma preocupação secundária. O disciplinamento que essa pedagogia ‘ensina’ ao trabalhador incide sobre os aspectos de valorização do individualismo, bem como ‘educa’ para a passividade, aceitação e conformação no processo de produção e organização do trabalho. Busca-se a transferência de responsabilidades em que o indivíduo e não mais instituições como o Estado e mesmo as empresas são responsáveis pela criação de postos de trabalho, função esta que compete, via auto-ajuda, ao trabalhador. Essas observações servem de justificativa para o crescente aumento na oferta de palestras motivacionais/qualificacionais, bem como no aumento do consumo dessa literatura. Além do exposto, em termos educacionais a auto-ajuda pode ser entendida como um dos pivôs da mudança na forma de conceber o papel da escola no tocante à formação para o mercado de trabalho.

Com respeito à metodologia adotada nesse trabalho, a pesquisa é descritiva e avaliativa. Optou-se pela análise documental com ênfase à pesquisa bibliográfica. Para proceder ao resgate, em perspectiva histórica, das origens da literatura da auto-ajuda, foi preciso ter acesso a *Self-Help*, primeira obra escrita sobre o assunto por Samuel Smiles em 1859 na Inglaterra.⁴ A

⁴ Salienta-se que neste trabalho analisou-se a auto-ajuda clássica, a partir de *Ajuda-te*, obra a que se teve acesso via biblioteca particular do Prof. Francisco Rüdiger, da Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS, estudioso do

publicação utilizada no decorrer do trabalho é a versão traduzida para o português em 1893, mas para fins deste trabalho, a obra *Ajuda-te* será referenciada no corpo do texto pela data da publicação original. Além disto, investiu-se numa espécie de “garimpagem” para se ter acesso a outras obras de Smiles que no Brasil ainda podem ser consideradas raras, considerando que poucas delas foram traduzidas para o português. A rede mundial de computadores – a Internet – constituiu uma importante ferramenta pela qual se pôde pesquisar, além das obras, vida e época do autor. Vale ressaltar que o processo de qualificação do projeto de pesquisa foi crucial para o redimensionamento e o aprimoramento da metodologia. Dentre as sugestões da banca, salienta-se a decisão de não analisar obras de auto-ajuda atual, proposta no projeto original, mas sim investir com maior profundidade na investigação do contexto de surgimento da auto-ajuda clássica. No que se refere às publicações atuais, sugeriu a banca que fossem focalizadas em pesquisa futura.

No que diz respeito à organização da dissertação, ela está estruturada em três capítulos:

No primeiro, com o título “**Novos mecanismos de controle nas relações de trabalho**”, evidencia-se o contexto de (re)florescimento da literatura de auto-ajuda tendo os anos 90 do século XX como o seu período de expansão e (re)valorização. Esse é o espaço-tempo em que se acentua a introdução de políticas neoliberais, de acirramento competitivo de empresas e trabalhadores com vistas a dar conta de uma nova ordem econômica, política, educacional e social em que a globalização e a reestruturação produtiva embasam a atual configuração do mundo do trabalho. O discurso da auto-ajuda na voz dos gurus representa “o espírito da época”, já que se trata da construção de uma nova cultura de relacionamento entre empresários e trabalhadores. Enfoca-se a retomada do discurso da auto-ajuda como uma estratégia de controle e ‘qualificação’ por meio da qual procura-se construir um novo perfil de trabalhador adaptado, conformado e passivo diante da retomada das relações humanas no trabalho, em que as noções de empregabilidade e empreendedorismo são maciçamente repetidas e incutidas como forma de o trabalhador individualizar as responsabilidades relativas à criação e à manutenção do seu emprego. Evidencia-se a entrada dos gurus como os ‘pedagogos’ do capital, enfatizando-se a etimologia, conceituações, origem dessa pedagogia e a construção do discurso desses

assunto, o qual ajudou a popularizar essa discussão com a publicação da obra crítica *Literatura de auto-ajuda e individualismo* (1996).

‘professores’. Discute-se ainda, quanto à divulgação das noções de empregabilidade e empreendedorismo, as novas exigências para manter a organização do trabalho flexível e o papel da auto-ajuda neste contexto.

No segundo capítulo, denominado “**As origens da auto-ajuda: retorno ao clássico**”, resgata-se em perspectiva histórica a genealogia da literatura de auto-ajuda, seu mentor, vida, sua obra e época. Investe-se no resgate de Samuel Smiles como um clássico, trazendo-se à tona os valores que norteiam a primeira obra do gênero: *Self-Help*. Considerando a dificuldade de acesso ao original e à sua tradução no Brasil, procurou-se apresentar por meio de uma súmula as idéias desenvolvidas nos treze capítulos que compõem a obra *Ajuda-te*. Enfoca-se também que saídas Smiles aponta para os problemas de desemprego no século XIX, apesar de ele não admitir a existência de problemas sociais em sua época, levando-se em conta que está falando de um novo tipo de trabalhador necessário naquele momento histórico.

Smiles é considerado um reformador social à semelhança dos socialistas utópicos. A utopia criada por ele prende-se aos excertos biográficos de homens de caráter, passíveis de serem apresentados como exemplos, constituindo o embasamento da auto-ajuda clássica. Além disto, busca-se entender a influência da ética protestante no pensamento smilesiano. Por último, destacam-se as biografias escritas por Samuel Smiles, entendidas como um recurso pedagógico utilizado pelo autor para se comunicar e repassar seus aconselhamentos aos trabalhadores.

E finalmente, no terceiro capítulo, “**O discurso da auto-ajuda como a nova pedagogia do capital**”, procura-se analisar as manifestações de alguns críticos da literatura de auto-ajuda na atualidade, destacando o que eles entendem e como percebem este fenômeno. Discute-se o que constitui a auto-ajuda atual, evidenciada como precursora de um discurso que propõe uma falsa autonomia individual, delineando-se um caminho prescritivo cuja proposta é de uma ‘autonomia-dependente’, tutelada. Caracteriza-se também este discurso como um fenômeno que tem seu *locus* de disseminação pela via da indústria cultural, alimentando a produção e a reprodução das relações de dominação e consumo. Desenvolve-se a idéia da auto-ajuda como uma estratégia que reforça as relações de poder no trabalho valendo-se de uma linguagem que não é neutra e nem transparente. Percebe-se que os gurus, os ‘pedagogos’ do capital, investem em um jogo de

palavras e expressões que, por meio de metáforas e outros recursos de linguagem, ‘ensinam’ os preceitos necessários à manutenção da nova-velha ordem produtiva. E para que se entenda como esse discurso é produzido e direcionado a um público bem específico, buscou-se nas teorias do cinema indicação a respeito da concepção de “modos de endereçamento” (Ellsworth, 2001). Uma vez apontado o caminho percorrido pelos gurus na construção das prescrições que constituem a auto-ajuda, levanta-se a idéia de que esta representa uma nova pedagogia do capital no que tange à reconfiguração de um ambiente de trabalho flexível, mutável, instável e turbulento. Esse discurso constitui uma pedagogia, a pedagogia da auto-ajuda, que se caracteriza como um projeto pedagógico do capital que visa ‘educar’, orientar o trabalhador para que ‘aprenda’ a comportar-se diante das novas necessidades impostas pelo mercado de trabalho. E por fim, traz-se à tona a discussão sobre a eficiência dessa pedagogia no que concerne à retenção e assimilação da linguagem da auto-ajuda por parte dos trabalhadores, levando-se em conta o esforço dos gurus para manter atualizados seus repertórios e estoque de receitas.

CAPÍTULO I – NOVOS MECANISMOS DE CONTROLE NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

1.1. Situando a problemática em questão

O Iluminismo está morto, o Marxismo está morto, o movimento da classe trabalhadora está morto... e o autor também não se sente muito bem.

Smith (apud Harvey, 1992, p. 291)

A epígrafe atribuída a Smith serve de mote para se pensar os novos rumos do mundo do trabalho e a necessidade de renovação dos mecanismos de controle para que os donos dos meios de produção mantenham ou recuperem seu caráter de dominação na relação capital-trabalho. O capitalismo, na virada para o século XXI, vem explicitando toda a sua capacidade civilizatória (Ianni, 1992) numa espécie de acerto de contas com a classe daqueles que vivem do trabalho (Antunes, 1999), evidenciando a perspectiva marxiana de que esse modo de produção é uma contradição em processo.

Nesse contexto os trabalhadores também “não se sentem bem”. No entanto é necessário que o capital impeça ou calibre as manifestações de insatisfação a ponto de evitar que se coloque em risco as condições de permanência e expansão da dominação sobre os indivíduos. Para tanto o capital renova os mecanismos sociais de controle nas relações de trabalho instituindo ou reinstituindo a humanização nas relações capital-trabalho. Nesse sentido, a literatura de auto-ajuda é a voz ou a pedagogia⁵ do capital no que concerne à preocupação com as necessidades

⁵ Segundo Ghirardelli Jr. (2005), a “pedagogia, em um sentido estrito, está ligada às suas origens na Grécia antiga. Aqueles que os gregos antigos chamavam de ‘pedagogo’ era o escravo que levava a criança para o local da relação ensino-aprendizagem; não era exclusivamente um instrutor, ao contrário, era um condutor, alguém responsável pela melhoria da conduta geral do estudante, moral e intelectual. Ou seja, o escravo pedagogo tinha a norma para a boa educação; se, por acaso, precisasse de especialistas para a instrução – e é certo que precisava –, conduzia a criança até lugares específicos, os lugares próprios para o ‘ensino de idiomas, de gramática e cálculo’, de um lado, e para a ‘educação corporal’, de outro”. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/pdaguira.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2005, 22:00h. Fazendo uma analogia com o escravo pedagogo se poderia dizer que os gurus da auto-ajuda cumprem o papel de ‘pedagogos do capital’ que ao invés de conduzir a criança, conduzem o adulto, na figura do trabalhador – de uma forma infantilizada -, para o capital, o que significa que a pedagogia da auto-ajuda mantém uma perspectiva de similaridade com as origens da pedagogia.

humanas no trabalho. Constrói-se um indivíduo que adere ao discurso da auto-ajuda e aceita que a saída individual é a única forma de sobreviver em um mundo do trabalho em metamorfose⁶. Seduzidos, os trabalhadores vêem na literatura de auto-ajuda uma alternativa para minimizar as insatisfações – e essa é a intenção dos gurus da auto-ajuda -, enquanto o capital aposta nesse discurso como uma estratégia de controle e de ‘qualificação’ da força de trabalho.

A literatura de auto-ajuda constitui-se em um fenômeno que (re)florece nos anos 90 do século XX. Seu *locus* de origem, contudo, situa-se nos meados do século XIX, período que já demandava a busca de métodos que garantissem um grau de equilíbrio e de apaziguamento na relação entre capital e trabalho. A auto-ajuda representa “o espírito da época” já que se trata da construção de uma nova cultura de relacionamento entre empresários e trabalhadores, representando também, em perspectiva histórica, um dos pilares que sustentam as práticas de gestão organizacional pautadas na flexibilidade em vigência nos tempos atuais.

Do ponto de vista mais geral, procura-se analisar o contexto de (re)valorização do discurso da auto-ajuda em um espaço-tempo de metamorfoses nas relações de trabalho, buscando entender as implicações da adoção desse discurso ou da implementação dessa pedagogia na atual configuração do mundo do trabalho. Em um contexto específico, procede-se à contextualização dos períodos de surgimento e (re)florescimento da literatura de auto-ajuda; sistematização da leitura teórica e empírica de textos de pesquisadores a respeito desse discurso; identificação das personagens que compõem esse cenário e análise dos recursos de linguagem utilizados pelos gurus da auto-ajuda em seus discursos.

1.2. Tensões nas relações de trabalho

“Uma sensação de impermanência está surgindo na força de trabalho”. Esta é a forma pela qual Naomi Klein (2003, p. 257) capta as transformações no mundo do trabalho. Para a autora essa impermanência caracteriza a nova ambiência de trabalho que de um contexto de segurança

⁶ Vale lembrar a afirmação de Castel (1998) a respeito da palavra metamorfose. Segundo o autor, “uma metamorfose faz as certezas tremerem e recompõe toda a paisagem social. Entretanto, ainda que fundamentais, as grandes mudanças não representam inovações absolutas quando se inscrevem no quadro de uma mesma problematização” (p. 27).

passou a refletir a instabilidade própria de um cenário em mudanças. Além das mudanças nos processos de produção em si, há outras em curso, como é o caso da formação de um novo trabalhador, com perfil diferenciado, para compor um mundo do trabalho que se apresenta com características diferentes. A constatação de que as empresas atuais estão mais em uma posição de organizadoras e controladoras das novas demandas de trabalhadores do que criadoras de ofertas de trabalho serve como indício de que as relações de trabalho estão sendo sacudidas por profundas metamorfoses. Há uma onda de desestabilização em que tanto a força de trabalho como os gestores da produção relacionam-se pela incerteza⁷, pela concorrência acirrada, em busca dos poucos e disputados espaços num mercado que justifica o descarte de trabalhadores e a supressão de postos de trabalho em nome da competitividade.

Esse é um momento de triunfo do capital em que as bases da organização do processo de trabalho permanecem, mas se altera a forma de relacionamento entre capital e trabalho. O sindicalismo, como meio de representação do trabalhador coletivo, está claramente em refluxo. A ambiência é de glorificação do ser humano concebido como aquele que encontra saídas individuais para dar conta de manter índices de produtividade cada vez mais elevados e, no limite, manter-se empregado. No discurso tem-se a exaltação de uma organização coletiva, mas a prática mostra a revitalização de atitudes e ações individuais. Sentimentos como insegurança e medo de ficar ou permanecer desempregado legitimam e servem de estímulo à construção da “cultura da auto-ajuda” que se constitui em uma estratégia de ‘qualificação’ e controle do trabalhador. Em um contexto de reestruturação, de volatilidade das relações de trabalho em que as pessoas “perdem o seu chão”, tem-se a necessidade de se repensar o que fazer, como fazer, ou seja, é preciso rever atitudes, comportamentos e relacionamentos para intervir em um mercado de trabalho cuja característica principal é a seletividade e a descartabilidade.

Mas essa não é uma relação transparente. A nova ambiência do trabalho se configura na aparência de que empregos continuam sendo criados, quando na verdade há uma retração no número de postos de trabalho que resultam em um realinhamento do mercado de trabalho. A realidade que se evidencia é de um “crescente uso do trabalho em tempo parcial, temporário ou

⁷ Exemplar é a obra de Galbraith (1986) *A era da incerteza*. Em uma perspectiva mais crítica e com o olhar mais focalizado no Terceiro Mundo, pode-se indicar também a obra de Dreifuss (1996) *A época das perplexidades: mundialização, globalização e planetarização, novos desafios*.

subcontratado”, conforme observou Harvey (1992, p. 143). Essa organização do trabalho é conveniente ao capital, que centra na flexibilidade a justificativa da necessidade de elevação dos níveis de qualificação profissional dos trabalhadores. O aprofundamento da precarização no mercado de trabalho ampliou o espaço de marginalização pelas perdas no que concerne às leis trabalhistas e direitos sociais dos trabalhadores, tornando-se o *locus* por excelência de chantagens cujo apelo se dá no comportamento “adequado” e “(con)formado” do trabalhador aos preceitos das empresas. As organizações empregadoras desempenham, desse modo, o papel de condução e orientação para o consenso e coesão, em que a coerção social e a persuasão são consideradas elementos fundamentais para que o capital continue ampliando seu domínio na relação capital e trabalho (Gramsci, 1978; 1979). Tem-se assim um campo fértil, turbulento e instável em que o capital encontrou na literatura de auto-ajuda o meio para garantir a cooptação do trabalhador, mascarando uma relação de poder. O capital, pelas vias da auto-ajuda, se apresenta como agente eficaz que direciona pensamento e ação. Sobre o indivíduo recai o dever de adaptar-se à (re)configuração do sistema produtivo sob pena de ser excluído e tornar-se referência quanto à incapacidade de estabelecer-se como trabalhador, colocando-se à mercê da mais recente invenção capitalista: o mecanismo da empregabilidade⁸.

A relação que se fortalece entre capital e trabalho é unilateral, uma vez que aquele induz a construção de “tipos” específicos de trabalhadores a cada uma de suas racionalizações cuja visibilidade torna-se mais explícita nas mudanças dos paradigmas produtivos – taylorismo⁹, fordismo¹⁰ e mais recentemente, o da chamada acumulação flexível¹¹. Cria-se uma relação de dependência entre a forma de gerir o processo de trabalho e a formação do trabalhador que irá fazer parte dessa nova ambiência. Por isso, garantir o equilíbrio entre mercado consumidor e o controle sobre os trabalhadores significa ao capital garantia vigorosa de sua sobrevivência. Mas

⁸A palavra “empregabilidade”, com a acepção “empregável”, é uma noção que figura recentemente na língua portuguesa. Ainda não consta nos dicionários consultados - *Houaiss* e *Aurélio*. Trata-se da difusão da noção que desloca para o indivíduo a responsabilidade pela condição de manter-se empregado ou empregável nas atividades profissionais, o que significa dizer que compete ao trabalhador qualificar-se para manter a sua empregabilidade. A empregabilidade tem sido discutida com maior ênfase a partir dos anos 1990 quando se acentuam as mudanças nos processos de trabalho. Sobre essa questão consultar Gomes (2002), Gentili (2002) e Kuenzer (2002).

⁹Frederick W. Taylor (1856-1915) é o criador/sistematizador da Gerência Científica nos processos de trabalho.

¹⁰Henry Ford (1863-1947) aprofundou a racionalização dos métodos de trabalho propostos por Taylor, aproveitando essa racionalização com vistas a aumentar a produção para o consumo em massa.

¹¹A acumulação flexível, também conhecida como modelo japonês de produção, ohnoísmo, ohnismo, ou ainda toyotismo, é um modelo de produção que tem como mentor Taiichi Ohno (19__-1990), engenheiro da Toyota (Harvey, 1992).

ao analisar o movimento dos processos de trabalho a partir dos paradigmas produtivos, tem-se a necessidade de criação de mecanismos que garantam e representem a continuidade da ordem. O que se pode constatar é que ainda que os processos de trabalho se modifiquem, não se pode falar em uma forma “pura” de organização produtiva, ou seja, o capital procura dar respostas que se efetivam nos rearranjos produtivos para as crises no sistema produtivo, mas também “cria formas mais eficazes e objetivas de controle da própria força de trabalho” (Machado, 1994, p. 25). Quando, por exemplo, a produção taylorista-fordista não consegue mais dar conta ou responder às necessidades de manutenção do controle da produção e dos trabalhadores, o capital forja uma readequação nos mecanismos de produção e de gerenciamento para eliminar a possibilidade de refluxo e a perda de sua hegemonia. Assim como o fordismo aprofunda a racionalização taylorista, a acumulação flexível pode ser analisada como um aprimoramento, um aperfeiçoamento sofisticado do taylorismo-fordismo de gerir o processo produtivo e organizacional e a força de trabalho (Coriat, 1994; Harvey, 1992 e Quadros, 1996).

A produção, nessa dinâmica, vai sendo aperfeiçoada, requerendo dos indivíduos maior comprometimento e qualificação. Com a racionalização da sociedade capitalista, o capital começou a atentar para a relação entre como se produz e quem produz com a finalidade de expropriar mais trabalho. O capital seleciona, otimiza, complexifica e muda a aparência do trabalho, mas a lógica permanece inalterada: a acumulação face ao descarte do trabalho vivo. E esse descarte tanto pode ser do trabalhador, jogando-o no desemprego, como da qualificação que ele foi forçado a construir (Machado, 1994). O problema do capitalismo, conforme observou Berman (1998, p. 94) “é que aqui, como em qualquer parte, ele destrói as possibilidades humanas por ele criadas. Estimula, ou melhor, força o autodesenvolvimento de todos, mas as pessoas só podem desenvolver-se de maneira restrita e distorcida”.

Enquanto se mantém em grande parte pela dependência do trabalho humano, o capital precisa encantar e seduzir o trabalhador para que este converta em sua uma necessidade que é do capital. Esse “encantamento” inicia-se por volta dos anos 30 do século XX com o Movimento de Relações Humanas no trabalho [Elton Mayo (1880-1949); Abraham Maslow (1908-1970); Douglas McGregor (1906-1964)] com repercussões mais expressivas, posteriormente, nos anos 90. Essas preocupações surgem num período em que o trabalhador tinha suas necessidades

básicas satisfeitas ao preço de exaustivas jornadas de trabalho, atividades apáticas, repetitivas e destituídas de criatividade. Como afirma Marx (2002) nos *Manuscritos econômico-filosóficos*, “as necessidades do trabalhador reduzem-se assim à necessidade de o manter *durante o trabalho* e de maneira a que a *categoria dos trabalhadores* não se extinga” (p. 124) [grifos no original].

Na dinâmica das mudanças de um modelo de produção para outro – taylorismo e fordismo –, o capital empenhou-se em desencadear formas de expropriação do saber operário para aumentar o seu domínio, o que gerou resistência dos trabalhadores manifestada em disputas trabalhistas. No Brasil essas reações se intensificam em função de fatores como a influência dos imigrantes europeus que se instalaram, especialmente, na cidade de São Paulo no início do século XX. Os trabalhadores alemães, italianos e poloneses, em virtude de suas experiências na área sindical, acabaram por mobilizar os trabalhadores brasileiros, tanto assim que nas primeiras décadas do século XX eclodiram vários movimentos grevistas, principalmente no Estado de São Paulo (Girardi, 2001; Aquino, 1980). Como destacam Bianchetti e Palangana (1992, p. 141), os trabalhadores “não estavam dispostos a abdicar graciosamente de um saber que, por séculos, tinha lhes assegurado poder”.

Com vistas a minimizar a insatisfação dos trabalhadores em um contexto de crise - Crise de 1929¹² -, e com o intento de imprimir feições humanas ao processo de trabalho, o capital passa a valer-se do Movimento da Escola de Relações Humanas. Dentre as teorias, chamam a atenção as formulações de Elton Mayo, que representam para o capital “uma das primeiras reações à teoria clássica da gestão (taylorismo e fordismo)” (Machado, 1994, p. 22). Mayo levanta a tese de que a produtividade no trabalho está relacionada com fatores psicológicos e sociais. O autor desenvolveu uma pesquisa na fábrica da *Western Electric* de Chicago para verificar a relevância

¹² A partir da análise de Recco (2002) pode-se dizer que a Crise de 29 foi caracterizada pela “superprodução (...), favorecida pela política de liberalismo econômico adotada pelo Estado e responsável pelo aumento dos estoques, pela queda nos preços, pela redução dos lucros e pelo desemprego. Nos Estados Unidos, a facilidade de créditos, concedidos tanto às pessoas como às empresas, pretendia aumentar o consumo. Dessa maneira manteve-se a ilusão de que a crise era passageira. Em outubro de 29, a venda de ações cresceu nas Bolsas de Valores, criando uma tendência de baixa no preço, que fez com que cada vez mais investidores/especuladores vendessem seus papéis. De 24 a 29 de outubro, a Bolsa de Nova York teve um prejuízo de US\$ 40 bilhões. Em abril de 1930, havia três milhões de desempregados; em outubro quatro milhões; um ano depois, existiam 7 milhões e, no início de 1933, de 12 a 14 milhões”. Artigo disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u11504.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2002, 22:00h.

desses fatores no comportamento do trabalhador. É interessante observar que na pesquisa de Mayo ganham destaque fatores como motivação, liderança e comunicação. No entanto, questões como o enriquecimento no conteúdo do trabalho não são consideradas nessa nova concepção dos métodos de gestão. Como afirma Machado (1994, p. 22), “não se alteram as bases da organização do processo de trabalho (...), a monotonia, a individualização e a heterogestão continuam fomentando as tensões”.

Por trás da pretensa importância às motivações humanas no trabalho, o foco continua sendo a maximização da eficiência e da produtividade. Para tanto, o “gerenciamento” da força de trabalho ganha outras teorias que são formuladas visando centrar a atenção no comportamento humano, tendo este como fator de produtividade. Nos anos 50, Abraham Maslow desenvolve sua argumentação sobre as necessidades humanas nas organizações. Para esse autor é possível compreender as diferenças acerca do comportamento do trabalhador em função do atendimento de suas necessidades. Essas necessidades hierarquicamente classificadas seriam: **fisiológicas** (vestir e alimentar-se), **segurança** (manutenção do emprego, preservação da propriedade), **social** (participação e identificação com um grupo), **estima** (reconhecimento pelo outro) e a **auto-realização** (satisfação pela realização daquilo que se julga capaz) (Girardi, 2001). O valor ou a preocupação com que o trabalhador passa a ser olhado tem a ver com os mecanismos defensivos que o capital começa a implementar no processo de trabalho, de forma a garantir a sujeição do indivíduo às rotinas embrutecedoras e sem motivação, que constituem o processo de trabalho nesse período. As teorias da motivação que se solidificam no mundo do trabalho revelam um sintoma de desequilíbrio entre capital e trabalho e visam restabelecer as necessidades cognitivas e afetivas do ser humano no ambiente de trabalho como meio de naturalizar e pacificar as contradições imanentes ao capitalismo.

Essa preocupação em operacionalizar o atendimento às necessidades humanas é funcional para o capital, que institui um refinamento no controle do trabalho que se dá, principalmente, pelo adestramento e pela disciplina, de forma que o comportamento do trabalhador possa ser rigorosamente previsível. Trata-se de combinar “afago” com “exploração”. O controle é a grande herança do taylorismo que acabou influenciando os modelos de produção que se seguiram. Diferentemente da chibata que os escravos e os servos tão bem conheciam, o disciplinamento

imposto na fábrica introduziu estratégias que não feriam a carne, mas disciplinavam corpos e mentes, e a novidade no período de flexibilização é a internalização e a naturalização do controle. O Movimento das Relações Humanas representa a descoberta de uma manipulação que se esconde sob a máscara da preocupação com a satisfação humana no trabalho, quando na verdade pretende antepor e minar reações dos trabalhadores, uma vez que a idéia é manter controláveis as suas insatisfações. “A coerção se conjuga com a convicção” de acordo com as observações de Mattelart (2002, p. 47). É nisso que o capital aposta quando discursa sobre as necessidades humanas, tendo nessas um mecanismo de controle para abonar ou abrandar a exploração sobre a força de trabalho.

De uma maneira geral, seja em fábricas ou em organizações, aos padrões de produção taylorista/fordista e flexível acresceram-se formas de conquista do trabalhador que favorecem a adaptação do indivíduo às novas relações de trabalho metamorfoseadas, sendo que a contradição entre capital e trabalho precisa ser controlada. Para tanto, foram implementadas nos processos de produção, estratégias de administração que possibilitam um controle mais efetivo sobre o trabalhador. As teorias de Relações Humanas e Comportamentalista, como sublinha Kuenzer (1989, p. 66), “exploram, além dos incentivos monetários, as motivações psicossociais, principalmente as necessidades de segurança, de afeto, de aprovação social, de prestígio, de auto-realização”. Embora o capital atualize os mecanismos de exploração na versão do desenvolvimento das potencialidades cognitivas, ainda assim não se pode falar em um controle efetivo sobre o comportamento humano. Prova disso está no aperfeiçoamento de ‘novos’ discursos implementados por profissionais de RH e gurus da auto-ajuda com o intuito de adentrar ou buscar o controle na estrutura psíquica do trabalhador.

Nesse aspecto o Departamento de Recursos Humanos (DRH) – antigo departamento de pessoal (DP) – contribui na renovação e divulgação desse tipo de discurso. Em termos de realidade brasileira, a história do DP começa por volta da década de 1930. As responsabilidades atribuídas ao setor eram basicamente legais, de natureza disciplinadora, punitiva e paternalista. O administrador, conhecido como o chefe de pessoal, era um profissional que tinha a determinação de cuidar de atividades burocráticas e disciplinares. Não havia uma preocupação com os aspectos de integração, produtividade e bem-estar dos trabalhadores, mas sim o foco incidia sobre as

pilhas de papéis, ou seja, sobre os procedimentos legais. A administração de pessoal atendia a essa concepção apenas no nome, uma vez que a atenção se voltava para a organização de papéis e não de pessoas (Aquino, 1980, p. 66). O DRH, desde a sua constituição, desempenhou um papel estratégico em termos de defesa dos interesses do capital, tanto que passou por várias fases, sempre visando atender às necessidades dos empresários. Assim, em sua evolução histórica tem-se a seguinte formação do RH: fase anterior a 1930 – fase contábil (voltada para os custos da organização); de 1930 a 1950, fase legal com a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), período em que há uma preocupação com as leis trabalhistas instituídas; de 1950 a 1965 – fase tecnicista (implantação do modelo americano de administração de pessoal, período em que começa a operacionalização de serviços como os de treinamento, recrutamento, seleção, cargos e salários, benefícios); de 1965-1985 – fase administrativa ou sindicalista (implementação do novo sindicalismo, mudança para gerência de RH, com ênfase não mais em procedimentos burocráticos mas em responsabilidades humanísticas) e de 1985 aos dias atuais - fase estratégica (gestão de pessoas passa a ser fator estratégico para as organizações) (Marras, 2002).

Assim como a eficácia dos modelos de produção tem um ciclo determinado, as teorias formuladas para respaldá-las também. A motivação no trabalho foi uma reação do capital para abrandar um momento de crise. Nos anos 1960, por exemplo, o método de produção fordista vigente deixa de responder às necessidades de acumulação do capitalismo. “Havia problemas”, conforme constata Harvey (1992, p. 135), e esses dizem respeito à “rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes”. Também “havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho” (p. 135). A opção pela produção flexível pode ser considerada como uma maneira de conter as ondas de insatisfação dos trabalhadores, assim como o surgimento de novas concepções gerenciais de desenvolvimento para atender as exigências da flexibilidade centradas na instabilidade e na imprevisibilidade (Oliveira, 1999).

Dentre os fatores que propiciaram o reordenamento das relações de trabalho, tem-se nas teorias motivacionais um discurso compatível ao atendimento das necessidades ou características dos novos métodos de gestão. Em especial McGregor argumenta em favor de uma preocupação

com o “lado humano da empresa”¹³, o que representa para o capital a possibilidade de dominar as esferas afetivas com vistas a direcionar o comportamento do indivíduo, integrado-o às necessidades de acumulação. McGregor (1992) a partir da teoria de Maslow elabora a Teoria Y, segundo a qual “o homem está sempre disposto a se autodirigir e a se autocontrolar a serviço dos objetivos com os quais se compromete” (p. 55). Também, “o ser humano comum aprende sob condições adequadas, não só a aceitar responsabilidades como a procurá-las” (p. 55). Essa teoria da motivação generaliza e pacifica o comportamento humano diante de um contexto de incertezas, turbulência e agitação. Compatibiliza os interesses entre capital e trabalho, uniformizando uma contradição que “desaparece” nas relações de trabalho flexíveis.

A individualidade passa a ser manipulada e o trabalhador torna-se aquele que “veste a camisa”¹⁴ e defende a empresa em nome de uma relação de parceria e identificação com os valores que são pregados. Atualmente o coração do empregado é a empresa porque ele é parte integrante dela como ‘colaborador’ e co-proprietário. O discurso que posiciona trabalhadores e empresários equilibrando-se no **mesmo** barco tem sido a tônica dos gurus da auto-ajuda e da administração. Esta estratégia empresarial esfaca os limites entre as necessidades humanas de subsistência – no sentido apreendido por Marx e Engels¹⁵ - e as necessidades subjetivas enfocadas pela Escola de Relações Humanas da Administração. Esta prega que a motivação para o trabalho se dá pelo caráter de participação e pertencimento do indivíduo à organização. Pode-se dizer que o que é novo ou o que transpõe como novo nas relações de trabalho flexíveis, valendo-nos das palavras de Pagès et al. (1987, p. 224), “é a capacidade das empresas de penetrar nas esferas até

¹³ Este é o título do livro de Douglas McGregor (1992), cuja ênfase está na percepção do potencial dos recursos humanos da empresa. Para o autor as empresas de sucesso são aquelas que conseguem descobrir o potencial latente que há em suas equipes. Este potencial, quando descoberto, deve ser passível de previsão e controle, pois a seu ver o comportamento humano é previsível. Segundo McGregor, “a administração adotou, de modo geral, um conjunto de valores muito mais humanos; esforçou-se, com sucesso, para tratar dos seus empregados com mais equidade e maior generosidade” (p. 51).

¹⁴ Conforme Shiroma (1996), ‘vestir’ ou não a camisa da empresa é um falso dilema do ponto de vista do trabalhador quando este está ameaçado pelo desemprego. Um exemplo de que o “vestir a camisa” se configura em uma estratégia das empresas para extrair e garantir o máximo de produtividade do trabalhador é o caso da rede de lojas Magazine Luiza. Uma das estratégias adotadas para que o trabalhador vista a camisa é o de vincular o salário ao faturamento da empresa. A proprietária das lojas, Luiza Helena Trajano, em entrevista à revista *Veja* comenta: “Cerca de 20% do salário total do funcionário está atrelado ao resultado global. Sendo assim, os que ganham mais se interessam por ensinar aos outros. Se as vendas forem poucas toda a loja perde. É tudo amarrado”. (Brasil, 2005, p. 14).

¹⁵ Marx e Engels (1987) apontam como necessidade básica dos homens a produção da sua existência, de forma que “os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas para viver, é preciso antes de tudo, comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais” (p. 39).

então consideradas ‘privadas’, as dos ideais, dos valores, do estilo de vida e das estruturas da personalidade”.

A partir do Pós-Guerra, questões como gerenciamento de carreira, remuneração e treinamento passaram a ser tratadas com maior atenção. Na década de 70, a ação do departamento de pessoal continua sendo discreta e secundária. Suas atividades são rigidamente condicionadas pela legislação trabalhista, pelas diretrizes fixadas pela alta direção e pelos condicionantes tecnológicos de produção. As décadas de 80 e 90 são marcadas pelo fenômeno da globalização¹⁶. A gestão de pessoas responde ao novo contexto com uma mudança de foco e propósito. O departamento de pessoal cede espaço ao departamento de recursos humanos (Lacombe e Bendassolli, 2004) e ajusta-se às novas solicitações do mercado de trabalho.

Em termos estruturais, a acumulação flexível¹⁷, especialmente a partir dos anos 80 e 90 do século passado, representa a desestabilização da rigidez, o que implica também maleabilidade nas estratégias de controle do processo de trabalho e do trabalhador. O toyotismo mantém seus alicerces na inovação tecnológica, incorpora à produção a mais alta tecnologia, altera a forma de produzir bens de consumo, sendo que a mudança mais visível está na relação entre trabalhadores e destes com a produção. De relações de trabalho pautadas na rigidez do processo de produção, tem-se que o modelo japonês introduziu formas flexíveis de organização e produção, o que acarretou um redimensionamento da estrutura das fábricas e dos organogramas seja do corpo diretivo, seja do conjunto dos trabalhadores.

Para Harvey (1992, p. 140), a acumulação flexível caracteriza-se pelo

¹⁶ Vale recordar as observações que Chesnais (1996) faz a respeito da expressão globalização, destacando que: “‘mundialização do capital’ é a que corresponde mais exatamente à substância do termo inglês ‘globalização’, que traduz a capacidade estratégica de todo grande grupo oligopolista voltado para a produção manufatureira ou para as principais atividades de serviços, de adotar por conta própria, um enfoque e conduta ‘globais’” (p. 17). Em termos de efeito de linguagem, o autor prefere o termo “mundialização” (de origem francesa) ao de “globalização” (de origem inglesa), uma vez que “a palavra ‘mundial’ permite introduzir, com muito mais força do que o termo ‘global’, a idéia de que, se a economia se mundializou, seria importante construir depressa instituições políticas mundiais capazes de dominar o seu movimento” (p. 24).

¹⁷ Segundo Balbino (2003, p. 39), “a flexibilidade se traduz na capacidade de se alternar rapidamente a fabricação de um determinado item para outro, e vice-versa, independente do grau de complexidade presente nesta mudança. Tal característica é fundamental se se deseja produzir de acordo com a demanda (...). Com a diminuição dos lotes de fabricação, o tempo de processamento caiu drasticamente, possibilitando a rápida produção dos itens demandados. Este aumento da velocidade é um dos fatores que viabilizam a alternância de produtos na linha”.

surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando, por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado ‘setor de serviços’, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então subdesenvolvidas.

A flexibilidade, característica exigida nas relações de produção industrial, atingiu conquistas fundamentais dos trabalhadores, alterando o tempo, o lugar e o contrato de trabalho. Contudo, se por um lado a flexibilização da produção trouxe suas compensações em termos de produtividade, por outro significou uma desestruturação e despadroneização das relações de trabalho. Nesse sentido, houve um crescimento espantoso no setor de serviços que acabou servindo de “válvula de escape”¹⁸ para incorporar uma massa de trabalhadores excluídos. Hernandez (2001, p. 49) destaca que “o mercado de trabalho não é mais o mesmo, esse é o fenômeno. Num cenário em que há mais candidatos do que vagas disponíveis, ele foi dominado por um darwinismo econômico em sua expressão mais avançada. Competição é o mandamento principal desse processo. O mais ágil engole o mais lento e não há muito que se possa fazer, a não ser exercitar a musculatura para a briga”. É para atenuar esta ‘briga’ que a auto-ajuda tem se configurado como uma das saídas, uma vez que se reconhece o mercado de trabalho como um espaço de disputa, conflitos e diferenças, mas estes são mascarados e se resolvem, espera-se, pela aceitação voluntária do trabalhador que internaliza, por meio do discurso da auto-ajuda, que há uma seleção ‘natural’ entre aqueles que estão mais preparados para concorrer a uma vaga de trabalho.

A dificuldade de se administrar índices de produtividade com índices de satisfação nas relações de trabalho começa a ser enfatizada com maior intensidade, uma vez que a acumulação flexível tornou-se, por excelência, a nova estratégia de gestão dos processos de trabalho. No

¹⁸ A expressão “válvula de escape” é utilizada por Claus Offe (1989) quando se refere ao setor de serviços como uma saída, ou seja, como aquele espaço que incorpora uma massa de desempregados ou desqualificados. Recentemente algumas pesquisas apontam para o crescimento do setor de serviços como aquele que concentra o maior número de postos de trabalho. No entanto, no Brasil, a maioria das empresas tem preferido manter um quadro restrito de pessoal contratado dentro das regras formais da Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT, incorporando um outro grupo de trabalhadores, os qualificados ou superqualificados, que atendem a períodos de maior produtividade, quando ainda não optam pelo processo de terceirização. De acordo com Schwartz (2000), apenas 25% dos trabalhadores atualmente contratados no setor de serviços têm carteira assinada. No Brasil, metade dos trabalhadores nesse setor ganha menos de R\$ 600,00 por mês. Nos EUA, o setor de serviços é responsável por cerca de 75% da riqueza nacional.

entanto, deve-se ter presente que apesar de o modelo da gestão flexível dominar as organizações, isso não significa que o modelo taylorista-fordista tenha desaparecido. A acumulação flexível se caracteriza como uma forma mais refinada de organização que mantém em sua base o funcionamento de muitas das operações típicas do modelo anterior, embora se preocupe mais com o controle das pessoas do que das máquinas.

O domínio da alta tecnologia permite produzir de forma flexível focando a diversidade, a heterogeneidade e o cliente como aquele que determina o que deseja consumir. O processo de trabalho fordista, caracterizado pela homogeneização da produção, dispensa a preocupação com o consumidor, uma vez que os produtos a serem consumidos eram previamente definidos. Por sua vez, a relação entre trabalhador e consumidor não existia. No modelo vigente a relação trabalhador/consumidor adquire outra conotação e dimensão. A bandeira da acumulação flexível é justamente a despadronização da produção que se converte em flexibilidade dos processos de trabalho, transferida para o trabalhador que assume a responsabilidade de fornecer o melhor atendimento ao cliente que – se afirma - é singular tanto quanto os produtos a serem fabricados. A satisfação do cliente tornou necessária a expansão dos programas de qualidade total, que ideologicamente serviram para elevar a sofisticação da produção, aumentando a exigência de uma polivalência da força de trabalho, além de uma formação profissional mais geral. Em nível de discurso há uma solicitação por parte dos empregadores de um profissional multifuncional ou generalista, desprezando aquele profissional especialista tão valorizado no período taylorista-fordista. Mas essa polarização não encontra sustentação prática, ou seja, é um discurso falso e se desmente quando o mercado de trabalho precisa de ambos os profissionais. O descarte do trabalhador se dá mais pela desqualificação de caráter comportamental do que pela qualificação técnica, manual.

O novo modelo de produção, como sublinha Paiva (1990, p. 103), “precisa contar com um trabalho qualificado não apenas técnica, mas também socialmente, o que significa introduzir nas fábricas e nas escolas conhecimentos de dinâmica de grupo, valoração de critérios profissionais, qualificação para profissões integradas e sistemática educação continuada”. Na verdade, a exigência está centrada no aumento do trabalho intelectual da força de trabalho. Neste sentido é interessante observar como a exaltação de habilidades conceituais e abstratas coloca a

qualificação para o exercício específico da função como não sendo mais a “bola da vez”. O sistema educacional estaria sendo mais exigido no sentido de uma reformulação curricular, integrando as necessidades do mundo do trabalho, flexibilização e polivalência. De acordo com Paiva (1990, p. 110), “as demandas seculares dos trabalhadores (como educação geral e politécnica) são hoje bandeiras do capital e, servindo ou não a ele, também servem à população que não deseja o desemprego, pretende encontrar alternativas no caso de a ele ter que se submeter e quer ter direito de acesso aos bens culturais a que tradicionalmente apenas as camadas dominantes podiam aceder”. A autora, a partir de uma pesquisa de Mickler, ressalta que “a ênfase dos empresários se situaria menos na qualificação específica do que em qualidades como flexibilidade, disciplina, autonomia” (p. 110).

O sistema de produção centrado na flexibilização vai exigir uma ‘nova’ reestruturação do processo de trabalho em que se acentua a necessidade de uma qualificação profissional que ao mesmo tempo habilite tecnicamente o trabalhador a assumir uma tarefa, a exemplo do paradigma anterior, mas o capacite também a assumir funções mais complexas intelectualmente pela incorporação da automação e da microeletrônica, bem como trabalhe com o “espírito” de equipe de forma multifuncional. Isso significa dizer que a complexidade das tarefas e o aumento das exigências colocam para o indivíduo a responsabilidade de executar atividades que exigem dele constante atualização. Conseqüentemente, a sedimentação da nova configuração do trabalho significa, segundo Paiva (1990, p.104),

novas possibilidades de integração de atividades e tarefas, centralizando conteúdos heterogêneos num único empregado. (...) a qualificação precisou se elevar dada a elevação da complexidade e maior dificuldade apresentada, exigindo também um novo estilo de comportamento cotidiano no trabalho: o trabalhador de escritório na era da microeletrônica precisa maior velocidade de resposta, maior capacidade de abstração, de concentração e exatidão. As exigências intelectuais são hoje maiores e distintas do passado, posto que o trabalho intelectual se caracteriza hoje (...) pela conexão entre conhecimento, configuração de situações interativas e processos mercadológicos.

Não apenas as exigências qualificacionais solicitadas são outras, mas o mercado de trabalho também mudou. As relações sociais transformaram-se, individualizaram-se a ponto da palavra competitividade ser corrente em todos os espaços sociais. O discurso do capital tem sua base nas premissas de que a qualificação profissional (técnica) não é mais suficiente para atender às exigências da produção. O trabalhador precisaria agora de outras qualificações centradas nas

habilidades atitudinais e comportamentais para fazer frente à solicitação dos empregadores. É preconizada a necessidade de uma equipe de trabalho competitiva, e, sobretudo, com o espírito de aceitar desafios e encarar as mudanças como um estímulo para vencer as possíveis barreiras impostas pelo mercado.

A redução de postos de trabalho, a flexibilização das regras de contratação e a busca de um trabalhador mais maleável ou flexível são condições e atributos justificados à medida que empresários, governantes e os próprios gurus da auto-ajuda em palestras e publicações apontam e reforçam que estas são conseqüências e condições necessárias para as empresas e trabalhadores atuarem com competitividade em um mundo globalizado. A racionalização flexível dos processos de trabalho significa, para os empresários, uma estratégia de sobrevivência para atuar em um mundo com essas características. Para os trabalhadores significa conviver com muitas mudanças, principalmente no que se refere às suas condições qualificacionais e aos contratos de trabalho. Estes são tão flexíveis, desregulados e instáveis quanto os postos de trabalho. As manifestações dessas mudanças recaem sobre os direitos conquistados pelos trabalhadores até então, sendo esses reformulados e adaptados aos parâmetros do mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o capital ‘conspira’ contra o trabalhador tendo a seu favor a estrutura produtiva para forçar este a encarar essa infinidade de transformações.

Se nos paradigmas anteriores o domínio do trabalhador se dava pela “descoberta do corpo como objeto”, como observou Foucault (1987), na produção flexível a descoberta é da “mente, das idéias como objeto”. Há em curso um processo de apropriação da subjetividade do trabalho pelo capital. Alguns especialistas em estratégias de crescimento econômico, conforme Kao (2000, p. 1), observam que

todos nós temos idéias o tempo todo. As técnicas de geração de idéias são extremamente importantes. É uma pena que a maior parte das pessoas não saiba pôr essas técnicas em prática em suas equipes ou companhia, porque são valiosas. Vejo a empresa como uma espécie de fábrica de idéias. Do mesmo modo que há processos para fabricar produtos, há processos para a geração, o desenvolvimento e a colheita de idéias. (...) Qualquer ser humano tem a capacidade de produzir idéias, e **as companhias agem de forma inteligente quando fazem sua cultura estimular todos a apresentar novas idéias para o trabalho que fazem** [grifos nossos].

O que se pode perceber pelas palavras do executivo é que ao se apropriar das idéias de seus trabalhadores, as empresas procuram uma melhoria contínua nos processos de produção, o que não significa exatamente uma melhoria nas condições de trabalho para os trabalhadores em si. O que está em jogo é a lucratividade e não o atendimento ao ser humano – o capital continua despendendo esforços para reduzir a sua dependência do trabalho vivo, como observou Marx (1968). Quanto mais o trabalhador investe na produção de um corpo de conhecimento para aumentar seu poder de barganha no mercado de trabalho, mais os empresários adotam *softwares* para “confiscar” o saber construído e socializado. A confirmação dessa expropriação do saber operário pode ser buscada no artigo *As novas tecnologias e o devassamento do espaço-tempo do saber tácito dos trabalhadores* de Bianchetti (1999). Nesse texto, o autor mapeia algumas pesquisas feitas em empresas de telecomunicações se reportando, por exemplo, a uma pesquisa de Moura junto à Telemig – Minas Gerais, em que a autora comenta que “as informações manejadas pelos trabalhadores são incorporadas a redes de informação, permitindo uma integração virtual dos conhecimentos aplicados no desenvolvimento das tarefas” e um “mapeamento dos conhecimentos” construídos pelos trabalhadores (p. 140).

Considerando o novo ambiente de produção e organização do trabalho, a qualificação tem que ser pensada de forma tão mutável quanto as mudanças de exigências nos postos de trabalho em função da complexidade das atividades, o que justifica o *slogan* da educação permanente. O refinamento, ou seja, o aprimoramento das novas tecnologias possibilita que por meio de máquinas se torne a atividade transparente e controlável, retirando das mãos do trabalhador o poder do “como fazer”. A flexibilidade, “conceito um tanto difuso e difícil de precisar, passou a ser tida como uma *qualificação* necessária” conforme análise de Balbino (2003, p. 3). A flexibilização se tornou um argumento eficaz para justificar a elevação das exigências educacionais e de qualificação visando competências de longo prazo, englobando conhecimentos e atitudes, *insights* e perspicácia na solução de problemas complexos. Além disso, demanda-se um trabalhador cooperativo, com facilidade de comunicação.

Outra forma eficaz de garantir a adesão do trabalhador aos ideais do capital é discursar sobre a tese de que é fundamental atentar para as necessidades de ordem psicológica dos trabalhadores. Nas empresas os problemas pessoais eram tratados pelo antigo departamento de

pessoal como rebeldia, desculpa ou falta de vontade de trabalhar. Por este tipo de discurso sustentava-se que, ao chegar ao local de trabalho, os problemas pessoais deveriam ficar do “lado de fora da porta”. Essa era a fala mais comum dos gerentes desse departamento. Posteriormente, verificou-se que não é mais produtivo não atender ou não ouvir os problemas do trabalhador, e o discurso de que não interessa à empresa aquilo que se passa fora dela é substituído por aquele que diz que a empresa é uma “família” e, como tal, tem problemas de várias ordens. Da mesma forma, o trabalhador desmotivado não é produtivo para a empresa: além de reduzir a produtividade, ‘contamina’ a ambiência do trabalho e influencia os colegas. Para tanto, trabalhar o “lado humano da empresa” (McGregor, 1992) é a maneira eficaz que o capital encontrou de continuar explorando a força de trabalho e adentrar e controlar a subjetividade do trabalhador.

Nesse sentido, vale recordar que Kuenzer (1989, p. 65) enfatiza a idéia de que “o capital começa a fazer um novo discurso: extinção da linha de montagem, enriquecimento das tarefas, participação na direção, administração por objetivos, formação permanente, círculos de qualidade, desenvolvimento organizacional”, com o intento de conseguir a adesão do trabalhador aos objetivos das organizações.

A presença desse discurso ganha espaço e se fixa em um momento que é crucial para o trabalhador e para o próprio capital: a passagem do paradigma taylorista/fordista para o da acumulação flexível (Harvey, 1992). Autores, entre os quais Kuenzer (1989; 2002), Shiroma (1996), Hirata (1997), Machado (1996), Paiva (1990) e Klein (2003), observam que os processos de trabalho a partir da introdução do método de trabalho japonês aumentaram a complexidade, despadronizaram, flexibilizaram e forçaram uma reorganização das relações de trabalho para atender uma clientela que é particular, singular, sendo que a individualização dos produtos e serviços¹⁹ estimula uma reviravolta no mercado consumidor.

Essa metamorfose nos processos de trabalho repercute na forma de recrutamento dos trabalhadores. O processo de seleção, que no modelo taylorista-fordista tinha o papel de colocar o

¹⁹ É importante destacar o quanto, em termos de discurso, enfatiza-se a valorização e personalização do cliente. Os produtos e serviços são “customizados”, isto é, feitos ou oferecidos ao gosto do cliente (cf. Bianchetti, 2001). Ver também o artigo: “A escola imita a empresa”, reportagem especial do n. 253, ano IX, p.10-14, da revista *Carta Capital*, 13 de agosto de 2003.

trabalhador ‘certo no lugar certo’, no modelo de acumulação flexível ganha outra conotação. Kuenzer (1989, p. 71) em sua pesquisa numa fábrica automobilística percebe o processo de seleção como “um mecanismo importante para a empresa, na medida em que o seu objetivo é garantir um corpo coletivo de trabalho capaz de ‘vestir a camisa da empresa’ e produzir segundo os padrões da mesma”. A eficiência do processo de recrutamento está na seleção não mais do trabalhador certo para a função certa, mas na escolha de um trabalhador que se adeque à cultura organizacional da empresa contratante e demonstre um comportamento de acordo com o que é desejado.

Na nova gestão do trabalho os empresários têm pela frente o desafio de encontrar, nos processos de recrutamento e seleção, profissionais que tenham mais do que habilidades técnicas: demanda-se a capacidade de **resiliência**²⁰. Em um ambiente estressante, de múltiplas solicitações, os trabalhadores precisam ter domínio das capacidades físicas e mentais como requisito e pré-condição para participar de um mundo em que o trabalho exige um contingente de trabalhadores não mais em tempo integral na empresa, mas em períodos parciais, temporariamente disponíveis e inseridos em um ambiente no qual o colega de trabalho pode ser o pretenso ou potencial usurpador da sua vaga na empresa.

Tendo em vista esse redimensionamento do processo de seleção, os empregadores exigem indivíduos mais qualificados e apostam num discurso que exalta a valorização dos atributos subjetivos e a capacidade individual do trabalhador de mobilizar-se no processo de trabalho. A subjetividade passa a ser valorizada à medida que converte habilidades sócio-afetivas em retorno produtivo à empresa, enfatizando que os objetivos da organização são os mesmos do corpo funcional. O capital percebe que ao incorporar a subjetividade como força motriz aumenta sua capacidade de produção e estende o seu controle sobre a ‘alma’²¹ do indivíduo.

²⁰ Em artigo intitulado “O time em primeiro lugar” na *Folha S. Paulo* de 27 de abril de 2004, p.10-13, Heloísa Helvécia destaca que o conceito de resiliência está em alta na gestão empresarial. É um conceito que foi deslocado da Física para o mundo dos negócios e que, neste contexto, significa a capacidade de os trabalhadores assumirem formas elásticas quando exigidos, sob tensão, em competição, estressados e, mesmo assim, no limite, mantêm a capacidade produtiva. A palavra resiliência não aparece explicitamente. Em um boletim interno de uma grande empresa de comunicação da Região Sul do Brasil enfoca-se a nova característica dos ‘colaboradores’ da seguinte forma: “Desenvolva sua capacidade de recuperar-se e moldar-se novamente a cada obstáculo, a cada desafio” e, “permita-se sentir dor, recue e, às vezes, enfraqueça, para em seguida **retornar ao estado original**” [grifo nosso].

²¹ Aponta-se aqui para uma perspectiva goetheana (Goethe) que discute a compra e a venda da alma apresentando Fausto como um herói insaciável e em conflito. Assim como no trecho que segue sobre Fausto, há necessidade de o

De qualquer forma, o controle do trabalho é complexo, e envolve, segundo Harvey (1992, p.78), “uma mistura de repressão, familiarização, cooptação e cooperação”. Envolve um trabalho de sedução (Morgado, 1995), cujo meio são as palestras de auto-ajuda. Estes elementos são utilizados como instrumentos de captação das necessidades do trabalhador, que dentro de um cenário flexível solicita qualificação e atualização profissional, bem como eleva a necessidade de realização pessoal, pertencimento e identificação do trabalhador expressos na motivação para o trabalho. Assim, conforme Franco (2000, p. 89), os processos de trabalho flexíveis “supõem a motivação dos trabalhadores para participar, para cooperar e colaborar com as gerências, para aumentar suas habilidades e conhecimentos, para participar ativamente na solução dos problemas e contribuir eficazmente para o aumento da produtividade”, já que, em teoria, os objetivos de empresários e trabalhadores são postos lado a lado.

A empresa, neste aspecto, busca assumir e desenvolver estratégias para promover a satisfação das necessidades de seus trabalhadores. Mas que interesses estarão implícitos nestas ações? Como os empresários estão potencializando estratégias para ampliar o controle e o espaço de dominação dos trabalhadores nos círculos empresariais? A auto-ajuda, nesse sentido, proporcionaria um mecanismo de cooptação do “corpo e mente” do indivíduo? Promover a qualificação profissional e atender as necessidades de satisfação pessoal e emocional são benefícios que respondem aos interesses dos trabalhadores [no discurso empresarial], mas principalmente visam atenuar e minimizar relações de trabalho conflituosas. É preciso lembrar que as contradições nas relações de trabalho são latentes: de um lado os interesses dos empresários e, de outro, os trabalhadores que vivem uma relação que expressa um misto de sentimentos de proteção e ameaça por parte da empresa. Na verdade, os conflitos não desaparecem e os empresários parecem apostar na auto-ajuda como um meio de eliminação das contradições existentes. Neste contexto, evocam-se as palavras de Pagès et al. (1987, p. 28),

capital dominar todo o universo que cerca o trabalhador, incluindo o das emoções. “No momento em que Fausto tem consciência dos seus limites, Mefistófeles entra em cena. O demônio se oferece para conduzi-lo a um novo universo, onde as emoções são íntegras, a sabedoria é ínfima e tudo está em perfeita harmonia com a vontade. E principalmente Mefistófeles lhe propõe o prazer total e pleno da alegria e do amor, mais **o dom de controlar os sentimentos e as pessoas como um mago** [grifos nossos], retendo nas mãos o tempo, e fazendo a natureza oscilar segundo seu próprio desejo” (Meira, 1983, XXI). Fazendo uma analogia com as relações de trabalho, pode-se dizer, por exemplo, que no taylorismo-fordismo o capital demandava o domínio sobre partes do corpo do trabalhador. Planejamento e execução, ou seja, cérebro e músculos não eram necessários em um mesmo trabalhador. Mais recentemente, com a flexibilização das relações de trabalho, demanda-se não somente o corpo e a mente do trabalhador, mas a sua ‘alma’, o controle e o domínio sobre os sentimentos em relação à ambiência do trabalho.

quando salienta que “as contradições do sistema capitalista nem sempre são diretamente observáveis, pois são ocultadas e transformadas pelos processos de mediação”.

A pedagogia da auto-ajuda é a face mais recente ou a nova estratégia das relações humanas nas empresas. Ela constitui um mecanismo de controle sobre o comportamento dos trabalhadores na nova forma de organização do trabalho – flexibilização –, fornecendo ao capital elementos que permitem dominar o trabalhador ao mesmo tempo em que permite ao trabalhador considerá-la uma das formas de superação do controle das empresas. Esse é o processo contraditório do capital.

1.3. A auto-ajuda nas novas estratégias de gestão do trabalho

Erasmus de Roterdã (1466-1536), influente humanista do século XVI, em o *Elogio da loucura* questiona-se sobre o que é a vida:

Uma espécie de constante comédia, onde os homens disfarçados de mil modos diferentes aparecem em cena, desempenham os seus papéis, até que o diretor, após havê-los feito mudar de disfarce e aparecer uma vez com a púrpura soberba dos reis, outra com os farrapos repulsivos da escravidão e da miséria, os força a deixar o palco. Na verdade, este mundo nada mais é que uma sombra passageira, mas é essa a comédia que nele se representa todos os dias (1983, p. 49).

Se a loucura faz parte da natureza humana, a representação de papéis também. Constantemente os indivíduos são levados a se moldar, adaptar e realizar verdadeiros malabarismos para responder às exigências que lhes são colocadas ou, em última instância, se vêem diante da necessidade de servir a diversos “diretores” (ou seriam chefes?). Os diretores das cenas não são necessariamente os mesmos. Aqueles que coordenam as ações, os movimentos dos indivíduos podem alternar-se conforme a peça (trabalho). Ainda que na visão de Erasmo se pudesse interpretar que o grande diretor de todas as peças fosse o deus dos deuses, a história dos homens é marcada por uma infinidade de ‘deuses’ e líderes das mais diversas ordens. Para que a interpretação de uma cena realmente aconteça é preciso que haja um roteiro prévio e que este seja incorporado pelo indivíduo de fora para dentro. De outro modo, o *script* não precisa ser necessariamente escrito pelo seu interpretador (o trabalhador), ele em geral depende de outrem que se encarrega de organizar o texto, assumindo a responsabilidade de conduzir seus passos.

Cria-se uma relação de dependência que se efetiva em seguir um roteiro que muda conforme o desejo daquele que é o guia, o ‘deus’ ou o diretor.

Ao indagar sobre a vida dos homens, Erasmo permite que se faça uma análise acerca do comportamento humano nas relações de trabalho. Se a vida não passa de uma representação, o que se poderia dizer sobre o comportamento dos indivíduos no mundo do trabalho? Poderia se dizer que o indivíduo ganhou uma força extra com a literatura de auto-ajuda, com direito a um *script* (livros em manuais) e um guia – os gurus da auto-ajuda - que conduzem ou indicam por onde e como caminhar?

O *script* ao longo dos tempos traduz-se em prescrições literárias que constituem uma forma rápida, prática e eficaz de se transmitir idéias, crenças e valores aos indivíduos, e se poderia acrescentar, o de conduzir suas ações e movimentos em sociedade. Notadamente, o conjunto de textos de auto-ajuda tornou-se tão popular que ganhou o *status* de literatura. Ainda que a acepção do termo esteja indicada no verbete do *Dicionário Aurélio* (2000, p. 429) como “o conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época”, ou como “a arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso”, alguns autores, entre eles Francisco Rüdiger (1996), um dos pioneiros no estudo relativo à auto-ajuda no Brasil, designam as publicações do gênero como “literatura”, embora fazendo ressalvas. O autor esclarece que

a literatura de auto-ajuda (...) compartilha com a literatura apenas o nome, e constitui um fenômeno desprovido de critérios internos de valor: basicamente, é um fenômeno da indústria cultural, caracterizado pelo sucesso de vendagem, a dependência aos esquemas de marketing e a repetição de fórmulas padronizadas, que suplantou as barreiras nacionais, conferindo a determinados publicistas e *taste-makers* da popularidade mundial semelhante à que se outorga aos escritores de *best-sellers* e celebridades criadas pelos meios de comunicação (p. 17).

O sucesso de venda dessa literatura poderia ser explicado até então por ressaltar a importância do pensamento positivo²², ou seja, o indivíduo pode mentalmente programar²³ aquilo

²² Movimento do qual Dale Carnegie (1888-1955) é considerado expoente a partir dos anos 30 do século XX. O livro mais conhecido de Carnegie *Como fazer amigos e influenciar pessoas* foi publicado em 1936 e tornou-se marco do pensamento positivo com a seguinte chamada: “Acredite que você pode ser um sucesso, e você será”. Na vertente religiosa, tem-se Norman Vincent Peale com o livro *O poder do pensamento positivo*. São Paulo: Cultrix, 1954.

²³ Além do pensamento positivo, outro movimento que ganhou respaldo nas últimas décadas é o da Neurolingüística, pautado na pressuposição de que todo comportamento tem uma estrutura e que esta pode ser descoberta, modelada e

que deseja por meio do domínio do pensamento. Mas o sucesso atual do gênero se explica pelo seu caráter persuasivo, manipulativo, cuja orientação se volta para a mudança de comportamento do indivíduo diante de questões que o afligem. É um discurso que apela para a necessidade de aplicabilidade das orientações, que são repassadas por meio de receitas infalíveis e mandamentos – em geral baseados em relatos de experiências pessoais - elaborados sob a forma de uma cartilha didática, com passos prescritivos e resultados explícitos e ‘garantidos’. É um movimento que busca estimular no indivíduo a saída do plano das idéias, do pensamento para uma ação efetiva e prática. Em síntese, a auto-ajuda promove e exalta a crença no valor e no poder do indivíduo, tendo como aporte o consumo de materiais com indicações precisas de como se comportar e agir em várias ambiências. A **prescrição é abrangente**, permeando desde as relações afetivas até as relações de trabalho.

No que concerne às relações de trabalho, a década de 1990 pode ser considerada como aquela em que se desencadeia a circulação sem precedentes do discurso da auto-ajuda. Um exemplo são as publicações de livros como *Empregabilidade: como ter trabalho e remuneração sempre*, de José Augusto Minarelli (1995), *A revolução dos campeões* (1995) e *Você: a alma do negócio* (2001) de Roberto Shinyashiki. Eles enchem as prateleiras de bancas e livrarias servindo de indicativo de uma preocupação e um esforço por parte dos empresários em controlar e ordenar aquilo que potencialmente pode se constituir em um caos no mundo do trabalho: **a insatisfação do trabalhador**. O gênero literário que (re)florece²⁴ nesse período também é uma literatura que se aplica à resolução de problemas da vida afetiva, sexual, de como curar a depressão, como conquistar ou influenciar as pessoas. Como observou Silva (2001), há livros que “abrange toda a gama da conduta humana” e que se tornam significativos quando se analisa um expressivo número de títulos à venda como: “*Descubra e use sua força interior; Como viver mais e melhor; Como manter seu homem fiel; O guia oficial para o sucesso* (p. 41)” ou ainda, “*O poder do entusiasmo; O poder pessoal através da consciência; Se você quer, você pode; O poder do otimismo* (p. 42)”. Embora abarque um universo no que tange às relações sociais, uma das

mudada (reprogramada). A Programação Neurolingüística (PNL) é o estudo de como se representa a realidade em nossas mentes e de como se pode perceber, descobrir e alterar esta representação para se atingir os resultados desejados. A PNL tem sido muito utilizada e indicada pelos psicólogos nas empresas, bem como médicos psiquiatras estão aderindo a tais experiências. Texto disponível em: <<http://www.golfinho.com.br/artigos/pnl.htm>>. Acesso em 29 nov. 2004, 21:00h.

²⁴ A referência à auto-ajuda como um (re)florecimento diz respeito a uma literatura voltada às relações de trabalho cuja gênese se situa na metade do século XIX com Samuel Smiles, conforme se verá no capítulo II deste trabalho.

preocupações presentes no discurso da auto-ajuda diz respeito às relações no mundo do trabalho. Contudo, o endereçamento²⁵ a essa ambiência firma a auto-ajuda como um fenômeno que se tornou representativo da nova ordenação do capitalismo e como uma verdadeira pedagogia do capital, com seus ‘professores’, com um conteúdo e com métodos e técnicas próprios.

O pano de fundo para o (re)florescimento do discurso da auto-ajuda nas relações de trabalho se efetiva com o rompimento do “contrato social” entre Estado e sociedade civil. É o que constata Grün (apud Gomes 2002, p. 31) quando afirma que “os empregos não são mais seguros e que cabe aos próprios profissionais preocuparem-se com suas carreiras, ao invés da situação anterior, onde a grande empresa tomava para si a responsabilidade de prever a carreira de seus colaboradores”. Essa situação torna-se mais evidente a partir da introdução das políticas neoliberais que começam a ser implementadas de maneira mais visível no governo Collor (1990-1992), posteriormente aprofundadas pelo governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) (Negrão, 1998). Com a onda neoliberal²⁶, agrava-se o problema da inserção do trabalhador no mercado de trabalho diante da argumentação de que as condições para o ingresso nesse espaço exigem uma mudança na formação profissional do trabalhador.

A partir da reestruturação produtiva, “o neoliberalismo se transformou na ferramenta ideológica mais eficaz” (Taddei, 1998, p. 342) do capital, que parece ter encontrado na pedagogia da auto-ajuda uma estratégia perfeita de disseminação de um ideário que é próprio do pensamento liberal clássico: o retorno do papel do indivíduo como o desencadeador de um processo de mudança²⁷. Essa mudança tem um *locus* de aplicação bem específico: o mercado de

²⁵ Essa questão será tratada no item 3.3.3. A auto-ajuda como um modo de endereçamento do Capítulo III.

²⁶ Gomes (2002, p. 51) observa que o “neoliberalismo é caracterizado como o projeto ideológico que, desde fins da década de setenta, se fortalece em contraposição à versão Keynesiana de gestão política e econômica. Na sua dimensão política, prevê que o fim do Estado do Bem-Estar, na sua dimensão econômica, é a expressão da reestruturação produtiva do capital”.

²⁷ É importante ressaltar que o processo de mudança que o indivíduo precisa enfrentar diz respeito à estratégia adotada para conseguir um emprego no mercado de trabalho. Bianchetti (2005) lembra que ao longo da história da humanidade várias foram as estratégias adotadas para se conquistar um cargo, um emprego e nele manter-se, indo desde a força física aos laços de família. O nepotismo, por exemplo, conforme o autor, “desempenhou um lugar singular no preenchimento de postos de trabalho ou de comando, sobretudo aqueles que possuíam gratificações especiais por cargo, seja em forma de dinheiro, prestígio ou poder. De origem quase divina, a meritocracia foi instituída e passa a ser o fundamento número um do passaporte para o acesso ao trabalho ou ao exercício de funções de comando” (p. 6). Ainda de acordo com Bianchetti, “a esta metamorfose, pela qual foi submetido o nepotismo, chama-se de ‘diversificação de estratégias’”. E, segundo os consultores, cabe mais uma vez aos candidatos aprenderem essas novas estratégias para saber procurar as vagas. ‘Achar uma boa posição no mercado está cada vez

trabalho. A auto-ajuda promove uma revolução em termos de vendas no mercado editorial. Há livros e manuais para as mais diversas situações da vida, com fórmulas, receitas e prescrições que de tão bem aceitas pelo público justificam o que se denomina o *boom* da literatura de auto-ajuda. Mas o que salta aos olhos refere-se à literatura de auto-ajuda voltada para o mercado de trabalho, que nas últimas duas décadas desponta, ou melhor, ressurgiu. É a partir da explosão de um discurso que sai dos domínios psicológicos da condução da vida e invade o mundo do trabalho, repercutindo no mundo da educação, que se configura um dos objetos de análise do presente trabalho: a literatura de auto-ajuda endereçada às relações de trabalho.

A inserção da literatura de auto-ajuda no contexto das relações de trabalho emerge num período de reestruturação produtiva, de globalização, de afirmação do neoliberalismo em que se redefine a quem compete a responsabilidade pela abertura de novos postos de trabalho, bem como o seu preenchimento e a garantia do emprego. É um momento em que os índices de desemprego aumentam em proporções inigualáveis e em nível mundial, conforme assinalam Micklethwait e Wooldridge (1996). De acordo com esses autores, “de 1979 a 1995, foram eliminados cerca de 43 milhões de empregos nos Estados Unidos (embora tenham sido criados muitos outros)”²⁸. Na Alemanha, embora o caráter paternalista remanescente do *Welfare State*, no início de 1996, o ‘*downsizing*’ havia elevado para mais de quatro milhões o número de desempregos – o segundo maior índice de desemprego desde a Segunda Guerra Mundial” (p. XX).²⁹ Recordar-se também que é nesse período que se propaga uma idéia apocalíptica sobre o destino da humanidade. E é desse período também que autores como Francis Fukuyama (1992) declaram sua visão do “fim da história”, em que sonhos e utopias terminavam, já que a história se encerrava com a queda do Império Soviético. Além de Fukuyama, o livro *O fim dos empregos* de Jeremy Rifkin (1995) propaga o declínio dos empregos em uma sociedade que caminha para um cenário em que, gradativamente, os homens estão sendo substituídos pela automação.

mais na mão de quem a procura, porque o processo de recrutamento das empresas mudou”. E, assim, o postulante a um emprego descobre que precisa aplicar uma dose maior de esforço para fazer amigos e agradar. (...) É importante dedicar tempo a melhorar relacionamentos e, uma regra de ouro: ‘Nunca romper com o chefe por causa da demissão’, uma vez que os mais ‘eficientes indicadores’ são antigos chefes e/ou ex-empregadores” (p. 32).

²⁸ O que os autores deixam de apontar é que a criação de outros postos de trabalho traz em si a marca da precariedade, da terceirização e dos trabalhos informais que se tornaram características do modelo de produção flexível (Cf. Harvey, 1992).

²⁹ No Brasil, Pochmann (2000, p. 128) aponta que entre 1990 e 1998 houve uma redução de 12,3% de vagas de trabalho para trabalhadores qualificados ao passo que as vagas para ocupações não-qualificadas cresceram em torno de 14,2%.

As mudanças em relação à criação e eliminação de empregos expressam as transformações nas relações de trabalho que se materializam na necessidade de uma revisão nos padrões de exigências qualificacionais dos trabalhadores. O capital, a partir desse período, passa a demandar trabalhadores que se responsabilizem por criar seu próprio espaço no mercado, atribuindo a eles, individualmente, o papel antes exercido pelas empresas e pelo Estado via órgãos públicos. A redução de postos de trabalho em nível mundial justifica a mobilização do capital, que se retira do processo, ileso, deixando para os indivíduos a “liberdade” de organizar sua vida profissional. Essa suposta alternativa oferecida pelo capital é altamente enganosa, já que o problema não diz respeito somente a encontrar uma vaga de trabalho, mas sim criá-la e manter-se nela.

Nesta perspectiva, têm-se metamorfoses no mundo do trabalho e é nesse ambiente e nesse tempo que a pedagogia da auto-ajuda adentra o espaço acadêmico e empresarial e começa a ser pensado mais enfaticamente nos EUA, na década de 90 do século XX, a partir da análise de John Micklethwait e Adrian Wooldridge em *Os bruxos da administração: como entender a Babel dos gurus empresariais*. O livro pode ser considerado um “ponta-pé inicial” para se pensar a expansão da literatura de auto-ajuda no mercado editorial, tendo o mundo dos negócios como o centro das atenções. Os autores alertam para o nascimento de um setor que se funde com o que caracterizaram como **indústria da auto-ajuda**. Eles consideram esta indústria como um fenômeno mais amplo, do qual as publicações referentes às consultorias compõem apenas uma das parcelas. Essa formulação aponta para o surgimento de um novo setor cujas teorias gerenciais - aquelas que fornecem uma produção literária que fomenta a difusão de mandamentos do agir empresarial – revelam apenas a superfície de um *iceberg*, ou seja, representam simplesmente a ponta visível do mercado bilionário movimentado anualmente pelas consultorias. O setor de consultorias encabeçado pelos gurus das teorias gerenciais – os gurus da administração³⁰, tais

³⁰ Utilizamos a expressão “gurus da administração” quando nos referimos àqueles profissionais que apóiam seu discurso em “mandamentos” de teorias administrativas para disseminar conselhos e regras da gestão empresarial. Em geral, os gurus apropriam-se de exemplos de empresas ou de empresários de renome e sucesso para exaltar que o que é exceção pode tornar-se regra. Outra situação é aquela na qual o próprio guru é o empresário considerado um exemplo de sucesso e que pelas palestras expõe as estratégias de gerência utilizadas, como é o caso de Lee Iaccoca. Este, por exemplo, é considerado um empresário-palestrante de “conteúdo” como afirma Carlos Alberto Júlio, presidente da *Special Management Programs* – HSM do Brasil, o qual destaca duas situações centrais que podem influenciar a contratação de um palestrante. A primeira é que o palestrante é aquele com conteúdo, mas a sua capacidade de motivar o público é menor. A outra é o palestrante desconstruir a platéia, mas não proporcionar um conteúdo que a empresa deseje. Cf. BARELLI, Suzana. Quando a experiência vira profissão. *Folha de S. Paulo*.

como Peter Drucker³¹, Peter Senge, Tom Peters, Michael Hammer - exploram as publicações como forma de disseminar suas teorias, que despontam no mercado, desencadeando o surgimento desse setor que é um dos segmentos que compõem a indústria da auto-ajuda.

Os gurus da administração e das consultorias legislam sobre o comportamento das empresas em seu processo administrativo, vendendo milagrosas fórmulas gerenciais por meio da produção de materiais como fitas de vídeo, consultorias, cursos, palestras e seminários. Além disso, as palestras movimentam contas bancárias expressivas e constituem uma estratégia para que os gurus assumam um *status* que lhes confere autoridade sobre o que dizem, como dizem e sobre quem dizem. Os gurus da administração são “teóricos onipresentes, dando novas formas a instituições, reinventando a língua e, acima de tudo, reorganizando a vida das pessoas” (Micklethwait e Wooldridge 1996, p. 19).

Esses ‘pedagogos’ conquistaram espaço com propostas de reorganização das empresas, reinventando a administração: uma dessas reinvenções ficou conhecida como o movimento da reengenharia³². Também com a introdução de inovações tecnológicas e com a reestruturação produtiva forçou-se uma adaptação dos trabalhadores e empresários a um cenário competitivo e flexível. As racionalizações do processo de trabalho são provocadas e acabam demandando uma justificação ideológica que se efetivou na entrada de um grande número de teorias de

Caderno Sinapse, p. 8-12, 31 de agosto de 2004. Vale ressaltar também a história do empresário Ricardo Semler, presidente da Semco S/A, empresa fabricante de produtos industriais, com a qual Semler ficou internacionalmente conhecido por implantar um sistema de gestão democrática, além de introduzir algumas experiências de diversificação de atividades. A história de sua formação profissional e ascensão está descrita em seu livro *Virando a própria mesa* (Ed. Best Seller), a partir do qual se tornou um palestrante respeitado contando suas experiências na empresa. Ressalta-se que a última publicação deste empresário-autor-guru, *The Seven-Day Weekend*, foi lançada em 2003 na Inglaterra e ainda não foi traduzida para o português.

³¹ Leonardo Secchi (2003) faz uma análise sobre os ensinamentos de Peter Drucker, considerado o “papa da Administração”. Secchi constata em sua pesquisa que os ensinamentos de Drucker são dotados de “baixo valor teórico-prático” (p. 1) o que é percebido pelos seguintes critérios: “presença de ‘achismos’ (falta de cientificidade), falta de espírito crítico, presença de dogmatismos, falta de firmeza nas afirmações, fraqueza conceitual, e falta de humildade” (p. 1).

³² A reengenharia pode ser considerada “o primeiro grande modismo gerencial da década de 90, e contribuiu para que milhões de pessoas perdessem seus empregos e outros milhões passassem a trabalhar de forma totalmente diferente. Depois de reorganizar as grandes empresas norte-americanas, os apóstolos da disciplina estão levando sua mensagem ao setor público e ao mundo inteiro. Em 1996, vários levantamentos mostraram que o número de empresas européias engajadas na reengenharia era maior do que o de empresas norte-americanas”, conforme assinalam Micklethwait e Wooldridge (1996, p. 5). Os autores investigaram o porquê de tamanha popularidade da reengenharia e concluíram que esta se deve a dois fatores principais: a tecnologia da informação e a questão da qualidade total (modismo que se firma a partir da reengenharia).

gerenciamento que se tornaram mais conhecidas como ‘modismos gerenciais’ e que constituem um dos desafios para a criação dos meios de disseminação da indústria da auto-ajuda. A crítica empreendida por Micklethwait e Wooldridge é de que “os gurus, muitos deles formados na ‘grande universidade da vida’, e não em alguma disciplina acadêmica ortodoxa, existem em grande parte porque as pessoas permitem sua existência. A teoria da administração moderna não é mais confiável do que a medicina tribal” (p. XXVII), mas foi legitimada tanto pelos empreendedores (as empresas) como pelos trabalhadores. O questionamento dos autores diz respeito à seriedade e à validade do que é explicitado nas teorias administrativas. Assim, Micklethwait e Wooldridge (1996) concordam que a teoria administrativa “é constitucionalmente incapaz de exercer sua autocrítica; sua terminologia geralmente confunde em vez de educar; raramente vai além do bom senso básico; trata-se de um modismo repleto de contradições que não seriam permitidas em disciplinas mais rigorosas” (p. 27).³³

Se a indústria da auto-ajuda – segmento das consultorias - nos Estados Unidos se fortaleceu a partir de teorias gerenciais com propostas de sobrevivência para os empresários, no Brasil essa indústria tem sido alimentada pelos ideólogos³⁴, pedagogos ou, simplesmente, pelos gurus da auto-ajuda que por meio de um crescente número de publicações de livros e manuais exploram outro universo e um outro público, particularmente o dos trabalhadores, que se tem mostrado favorável e “carente” de presumíveis fórmulas de sucesso. Criou-se assim, além de um público específico – o trabalhador -, um personagem que fomenta essa indústria: o guru o profissional da auto-ajuda.

³³ Apesar dos modismos, muitos empresários se vêem diante de um dilema: aderir ou não às previsões feitas pelos gurus da administração. No caso específico de Luiza Helena Trajano, apesar de investir em leituras dos gurus da administração, a exemplo de Tom Peters e Peter Drucker, a empresária assinala que percebe um exagero teórico e muitos modismos por parte desses gurus. “Em 1995, diziam que as empresas deviam se especializar. No nosso caso, fomos aconselhados a abrir mão de móveis e brinquedos e nos concentrar só em eletrodomésticos. Se eu tivesse entrado naquela onda, como seria? Teve outra onda de que as empresas deveriam investir nas vendas de longo prazo. Não entramos. Ficamos com até quinze meses. Muita empresa que adotou até 36 meses saiu do mercado. Perdemos no curto prazo, mas nossa inadimplência foi menor” (Brasil, 2005, p. 15).

³⁴ Conforme Chauí (1989, p. 25), “o sentido pejorativo dos termos ‘ideologia’ e ‘ideólogos’ veio de uma declaração de Napoleão que, num discurso ao Conselho de Estado em 1812, declarou: ‘Todas as desgraças que afligem a nossa bela França devem ser atribuídas à ideologia, essa tenebrosa metafísica que, buscando com sutilezas as causas primeiras, quer fundar sobre suas bases a legislação dos povos, em vez de adaptar as leis ao conhecimento do coração humano e às lições da história’. Com isto, Bonaparte invertia a imagem que os ideólogos tinham de si mesmos: eles, que se consideravam materialistas, realistas e antimetafísicos, foram chamados de ‘tenebrosos metafísicos’ (...). Ainda, de acordo com Chauí, “Marx conservará o significado napoleônico do termo: o ideólogo é aquele que inverte as relações entre as idéias e o real” (p. 25).

1.3.1. Os gurus: etimologia e conceituações

Do ponto de vista de Sarbatoare (2003, p. 1)

o conceito de guru, embora seja de origem Indiana, é uma questão tão velha quanto a humanidade. O significado principal é 'professor' e, como tal, é um conceito universal relacionado à idéia de transmissão de conhecimento: de uma pessoa que sabe algo para um discípulo. Na extensão do termo, um guru também pode ser um padre, um rabino, um mestre, um professor primário; pode até mesmo ser um pai, uma mãe. (...) na filosofia da Yoga o conceito de Guru (que significa '**o que remove as trevas**') é essencial. A razão principal é a de que o guru é quem pode guiar o discípulo pelo caminho da libertação [grifo nosso].

É preciso acrescentar que ser um guru da auto-ajuda é ser *expert* na arte de encantar, conquistar e convencer. Isso permite que os gurus sejam reconhecidos e legitimados como aqueles que possuem o poder de prever o futuro ou de “guiar pelo caminho da libertação”, como observou Sarbatoare. Embora se busque provar o contrário, os gurus da auto-ajuda não são pessoas extraordinárias, dotadas de um poder que outros não possuam. O que os diferencia é a capacidade de influenciar e impressionar, habilidades que podem ser desenvolvidas por técnicas de oratória, de expressão corporal e de como um palestrante deve portar-se diante de seu público.

Independentemente de o trabalhador praticar ou não os conteúdos propostos nos discursos, o que é evidente é que o processo de sedução é contínuo. Prova disso é que ser palestrante virou profissão e, como salientam Micklethwait e Wooldridge (1996), uma das profissões mais lucrativas. Não é por acaso que o mercado vem se profissionalizando. Conforme observou Barelli (2004, p. 9), “os palestrantes estão investindo mais em conteúdo e, com a tecnologia, capricham mais na apresentação”, construindo uma “fachada”³⁵, que lhes confere o *status* daqueles que detêm – pelo menos durante a palestra ou em seus escritos – a primazia de um conjunto de conhecimentos. Fazem um jogo, com encenações e (pré)-anúncios de que serão desvelados os segredos de como triunfar sobre as circunstâncias adversas.

Diante da necessidade de estabelecer um vínculo maior entre o público (trabalhador) e gurus e ainda manter um certo *glamour*, a figura do guru-palestrante desponta no mercado por

³⁵ Goffman (1985, p. 29) define “fachada” como um “equipamento expressivo de tipo padronizado, intencional ou inconscientemente, empregado pelo indivíduo [gurus da auto-ajuda] durante sua representação”.

meio da criação de um novo setor que promete fortalecer a composição da indústria da auto-ajuda: “**O Clube do Palestrante**”. Este clube foi fundado no início de 2004 tendo Leila Navarro como coordenadora. Esta palestrante é conhecida no meio empresarial por suas performáticas apresentações. Há uma combinação de novas tecnologias em que uma personagem virtual entra em cena e trava um diálogo com a palestrante acerca de como se pode quebrar paradigmas – essa expressão é muita utilizada – principalmente no que diz respeito ao comportamento em situações de trabalho. Há também uma sonorização “especial” em que Leila simula um *striptease* que provoca risos e descontraí o público. Diante de uma série de combinações, sua palestra tem muito pouco de texto falado. As músicas, o show de *stripper*, vídeos e a boneca virtual transmitem o recado dos contratantes da palestra-show. Desta forma entende-se por que Leila Navarro é uma das defensoras da “profissionalização” do palestrante, empreendendo uma crítica àquele que fica somente preso a apresentações formais ou que se preocupa só com o ‘conteúdo’.

Assim, o objetivo da organização desse Clube não se refere apenas à capacitação do círculo de palestrantes, mas pretende congrega em uma mesma associação os palestrantes de maior destaque no Brasil. O “Clube do Palestrante” seria uma espécie de agente intermediário na relação gurus e empresários, podendo substituir as agências de eventos que são tradicionalmente conhecidas no que concerne à contratação de palestrantes para eventos de várias naturezas. No site do Clube³⁶ define-se como missão da organização:

Ser o centro de informações, produtos, serviços e integração entre palestrantes, treinadores, consultores e as pessoas que fazem qualquer tipo de apresentação em seu ambiente profissional.

Realizar cursos, treinamentos, workshops, seminários, congressos e demais eventos para a capacitação desse público e para a divulgação de novos produtos, serviços e profissionais que possam complementar seus conhecimentos e atuação no mercado de trabalho.

Ser o centro de informações para a imprensa sobre os profissionais da área, divulgando-os com credibilidade e profissionalismo. Ser o referencial para agentes, agências, organizadores de evento e demais contratantes na busca e encontro de profissionais que atendam às suas respectivas necessidades.

³⁶ Mais informações sobre o Clube do Palestrante consultar: www.clubedopalestrante.com.br.

Da forma como se organiza esse Clube poderia se pensar no surgimento de um sindicato que representaria os interesses dos profissionais das palestras. Mas a palavra sindicato não é utilizada, mesmo porque os objetivos desenhados como a missão da organização retiram o Clube do Palestrante dessa incumbência. A organização está estruturada para servir mais como um chamariz de venda de palestras e palestrantes, bem como sua profissionalização, do que necessariamente um sindicato. Até porque, na compreensão de Salerno (1992, p. 91), por exemplo, “o sindicalismo brasileiro não tem tradição de reivindicações e ação sobre o processo de trabalho (...) menos ainda sobre treinamento, formação profissional e educação em geral”.

Quanto à remuneração dos gurus, os cachês desses profissionais são elevados: Roberto Shinyashiki, de acordo com Barelli (2004), ganha algo em torno de R\$ 20 mil por palestra. Shinyashiki é um dos profissionais que admitem que sua profissão é dar palestras. Conforme suas palavras: “Palestra é um trabalho especial diferente de ser um professor ou um consultor” (p.10). À medida que ficam famosos alguns deles acabam elevando o preço a ser cobrado, condicionando o seu discurso à aceitação de valores predeterminados. A flexibilidade, qualidade exaltada nas palestras, parece não se aplicar ao guru. Um trabalhador flexível também o é quanto ao seu contrato de trabalho, ou seja, em nome da enfatizada concorrência, o indivíduo precisa ceder no que se refere à sua remuneração. Isso não se emprega ao guru. Contraditoriamente, a qualidade presente, em geral, na negociação de seus cachês é a rigidez.

Em relação às palestras, um dos aspectos que se pode questionar é a construção do discurso dos gurus. O conteúdo das palestras não se firma necessariamente sobre aquilo que os palestrantes acreditam. As palestras são encomendadas, assim como a fabricação de uma mercadoria pode ser previamente programada ou encomendada, para atender especificamente determinados clientes (empresários). Palestras e livros de auto-ajuda tornaram-se sinônimos de mercadoria, assim como empresários e trabalhadores podem ser considerados consumidores desses produtos. O capital mercantiliza a auto-ajuda que se transforma em aliada para manter uma situação de dominação que é histórica. Nessa relação, Mário Maestri³⁷ assinala que

o indivíduo é transformado em peça minúscula de máquina estranha a ele. Defrontando-se com o mundo social como mercadoria, compreende as trocas sociais como trocas entre mercadorias. Isolado, alienado, reificado, incapaz de

³⁷ Texto disponível em: <<http://www.correiocidadania.com.br>>. Acesso em: 14 nov. 2003, 18:45h.

entender a totalidade social e descrente na possibilidade de agir sobre ela [mercadoria], mergulha no mar tenebroso das aparências. Aceita o individualismo e a irracionalidade como formas de agir sobre um mundo que percebe como atomizado e incompreensível. Incessantemente, **a auto-ajuda reafirma as concepções alienadas da ordem capitalista, reforçando a lenda liberal da potência infinita do indivíduo.** Defende a solução dos problemas sociais através da galvanização semimágica de forças humanas interiores [grifos nossos].

Nos livros de auto-ajuda há uma apropriação de um contexto de instabilidade e insegurança, circunstâncias que se tornaram propícias e justificam vendas de receitas que instrumentalizam individualmente os trabalhadores a respeito de como reagir ou proceder diante da complexidade das relações de trabalho. Embora os procedimentos instituídos por esta pedagogia constituam um conjunto de aconselhamentos que induzem o trabalhador a tornar-se protagonista de sua trajetória profissional, importa reter que o discurso simboliza o meio efetivo para que se proceda à prática de como descobrir – via auto-ajuda – dispositivos que ativem o potencial interior de cada indivíduo.

Nessa perspectiva, o discurso da auto-ajuda é providencialmente enganoso porque o trabalhador assimila o “recado” do capital, mas sua condição de vida geralmente mantém-se inalterada. A culpa dessa imobilidade recai sobre o trabalhador, que assume essa transferência como se fosse realmente sua, sendo que esse é o efeito desejado pelo capital: o trabalhador admite como sua a culpa de uma condição que é histórica e social. Essa alienação não ocorre ao acaso.

A temática desenvolvida neste trabalho ganha seus contornos nesse cenário de transformações. As relações estabelecidas entre empresários e trabalhadores expressam o ‘malabarismo’ do capital, que se vale do discurso da auto-ajuda como uma estratégia de sobrevivência e que é implementada por uma das categorias dos ideólogos do capital que se apresentam como os gurus da auto-ajuda.

1.3.2. Origem e discurso dos gurus da auto-ajuda

De certa forma a auto-ajuda mobiliza um público que se tornou tão importante quanto os que consomem esses materiais: **aqueles que escrevem os livros de auto-ajuda**. Pensando em intervir de alguma forma nas relações de trabalho, vários personagens entraram em cena procurando assumir no palco o papel de um guru da auto-ajuda. Empresários como José Augusto Minarelli, Luiz Marins, médicos como Roberto Shinyashiki, Lair Ribeiro, aventureiros do mar a exemplo de Amyr Klink³⁸ e da Família Schürmann e desportistas como Nuno Cobra, são apresentados na mídia como exemplos de superação de obstáculos e como pessoas que têm muito a dizer sobre como lidar com os desafios, ainda que falem de um outro espaço que não o mundo do trabalho. Esses profissionais apóiam-se no sucesso de suas empresas ou conquistas como exemplo de realização pessoal e profissional, usando-o para estimular os 'colaboradores', ou vender sua fórmula vencedora às empresas, valendo-se de um conjunto de características, das quais a oratória é uma das que mais chama a atenção do público quando se trata de palestras, e uma linguagem palatável quando se trata das publicações.

Assim, as palestras motivacionais são utilizadas mais correntemente pelos empresários³⁹, que se colocam à disposição como 'recursos' para motivar e elevar a auto-estima dos indivíduos, tendo como premissa básica que o investimento em cursos e palestras se reverte em aumento da produtividade, mas principalmente que se está investindo na 'qualificação' de seus trabalhadores. A hipótese é a de que a relação seria proporcional: aumentando a motivação e a auto-estima, os índices de rendimento no trabalho aumentariam na mesma proporção. Nesse sentido, profissionais como os psicólogos exercem um importante papel nas organizações na medida em que identificam as necessidades dos trabalhadores, buscando nos gurus da auto-ajuda mediações para supri-las.

³⁸ Amyr Klink destaca que “a solução da maior parte dos problemas está em nós. Às vezes nós mesmos é que fazemos o inferno, não necessariamente os outros” (Almeida, 2000, p. 54), o que reporta à visão sartriana de que “o inferno são os outros”. Vale frisar que a observação de Klink pode ser considerada mera repetição de um conjunto de frases que os gurus vêm popularizando em seminários, palestras e mesmo em livros de auto-ajuda.

³⁹ Não é à toa que a maioria das empresas de renome no mercado nacional e internacional convida para abertura de seminários e congressos empresários bem-sucedidos para proferir palestras ou aulas inaugurais. Hoje, o atual presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, é um exemplo de palestrante requisitado. No IX Seminário de Recursos Humanos, realizado em Florianópolis, falou para um público de 2.200 pessoas, entre administradores e educadores, sobre o seu desempenho frente ao *BankBoston* e outras empresas pelas quais passou, mostrando como foi possível aumentar o montante financeiro do banco.

Além da ênfase nas necessidades humanas, principalmente aquelas identificadas pela Escola de Relações Humanas, em especial as de Maslow e McGregor – necessidades de manutenção do emprego, de participação e identificação com um grupo, de reconhecimento pelo outro, de auto-realização e de auto-gestão –, as transformações no mundo do trabalho também servem de argumento discursivo na literatura de auto-ajuda. São esses argumentos que ajudam a construir “o trabalhador que coopera e se ajuda”, o novo ‘colaborador’ da gestão do trabalho flexível e que será discutido mais enfaticamente no terceiro capítulo.

No discurso da auto-ajuda é preconizado um universo de hipercompetição, de riscos e desafios. Pode-se dizer que correr riscos não era considerada uma atitude saudável no mundo dos negócios, entretanto essa visão mudou a partir da expansão da literatura de auto-ajuda nesse setor. Os próprios empresários analisavam o risco com certa desconfiança, atribuindo a culpa por tal situação à falta de planejamento ou a planejamentos mal-elaborados. Em tempos de flexibilidade, o que era considerado aspecto negativo passou a ser visto como positivo. É este o universo que tem sido explorado pelos gurus em seus discursos. Aspectos negativos convertem-se em positivos, riscos em oportunidades e desafios em estímulo para o desenvolvimento. A ênfase nesses aspectos tem por objetivo preparar o trabalhador para lidar com a mudança, a aceitá-la com naturalidade, assim como perder o emprego precisa ser considerado natural ou, como frisa um dos gurus em uma de suas palestras, “a empresa está lhe dando a oportunidade de conseguir um emprego melhor. Essa é a sua chance”. É isso que lembra Minarelli (1995, p. 22) quando ressalta que “acabou o paternalismo empresarial. Antes, a empresa cuidava de sua carreira. Isso podia ser prático, econômico e confortável, mas você não era livre nem era o principal beneficiário do seu esforço e progresso”. Também Tom Morris (2000, p. 55) em um artigo à revista *Você s.a* apela à epopéia inglesa *Beowulf*⁴⁰ para retratar a imagem de que se está vivendo um tempo de mudança e que o homem cotidianamente trava lutas ferrenhas, tal qual o guerreiro

⁴⁰ *Beowulf*, um guerreiro que “ao ouvir sobre o infortúnio que se abatia na Dinamarca, zarpou da Finlândia com destino à Dinamarca com firme propósito de libertar a terra do monstro Grendel. Junto com ele iam 14 guerreiros para colaborar. Assim que chegaram à costa da Dinamarca foram recebidos pelos servidores do rei. *Beowulf* foi levado ao castelo, sendo recebido com honras e teve um banquete em sua homenagem. Hrothgar contou a *Beowulf* todas as desgraças que Grendel os faziam passar: campos incendiados e destruídos, colheita aniquilada, até seu castelo era presa da cólera do ser; muitos haviam desaparecido sem deixar rastro. Era provável que o monstro os levasse à sua toca para lá devorá-los. Quando *Beowulf* perguntou qual o aspecto do monstro, Hrothgar [rei da Dinamarca] não teve como explicar, porque todos os que o tinham visto, estavam mortos ou desaparecidos”. Texto disponível em: <<http://victorian.fortunecity.com/postmodern/135/beowulf.html>>. Acesso em: 24 nov. 2004, 13:00h.

Beowulf, que lutou com um dragão mágico e “encontrou a morte porque não foi capaz de mudar quando era necessário”. A analogia de Morris dá margem para que se questione a motivação humana acerca de suas condições para manter-se no mercado de trabalho como se o indivíduo vivesse desconectado de seu contexto histórico-social. Morris não comenta que o herói venceu várias batalhas contra o dragão, mas nessas circunstâncias estava acompanhado por um exército de homens. Reza a lenda que passados alguns anos, quando o guerreiro, então um ancião, voltou a lutar contra o dragão que destruía sua aldeia foi vencido porque não possuía mais o vigor de um guerreiro e principalmente porque lutara sozinho.

Assim, o discurso dos gurus da auto-ajuda contribui para que o indivíduo absorva argumentos, em geral descontextualizados, convidando-o a conhecer um ambiente de mudança por meio de práticas arrojadas que demonstrem um perfil individual capaz de lidar com o inusitado, o perigo. É isso que esta pedagogia e seus ‘professores’ pretendem promover: a internalização e a aceitação de que ao se “vencer os adversários” demonstra-se sinal de crescimento e aperfeiçoamento pessoal. Os supostos inimigos não são monstros mágicos, à semelhança de *Beowulf*, mas em geral trabalhadores nas mesmas condições e que se tornam, por força da concorrência, os piores inimigos.

A linguagem da auto-ajuda pode ser caracterizada pelo apelo a uma mudança que é pessoal e por cultivar que o único modelo de conduta possível é aquele em que o indivíduo torna-se um guerreiro. Ao associar a necessidade de mudanças ao comportamento pessoal está-se promovendo uma mudança no comportamento do indivíduo na sua relação de trabalho. Shinyashiki (2001, p. 24), por exemplo, lança algumas proposições como “A competição não é uma realidade dos atletas, mas de todos nós” ou “O esforço não é suficiente. Apenas os melhores atingirão suas metas” (p. 24). O ambiente no qual os gurus se movimentam é complexo, instável e voltado para o descarte humano. Pelo discurso da auto-ajuda busca-se fazer com que o trabalhador use outras lentes e perceba na relação de trabalho mais os aspectos positivos, incorporando os negativos à sua responsabilidade. Os gurus da auto-ajuda são táticos, estratégicos e são, em grande parte, formadores de opinião.

1.4. A explosão da literatura e palestras de auto-ajuda

A avalanche de livros de auto-ajuda no mercado editorial serve de termômetro e confirma que o ser humano - na figura do trabalhador – tem sido destaque em um discurso que o descreve como o "bem mais valioso", o “capital social” ou ainda o “capital humano” da empresa. Essa literatura enfoca a ‘qualificação’ para o mundo do trabalho construindo um conjunto de valores relacionados a um sujeito específico que trabalha, que está procurando inserir-se ou recolocar-se no chamado mercado de trabalho, e sobretudo procura ‘aliviar’ as pressões de um mercado de trabalho cada vez mais seletivo.

No Brasil, o crescimento da indústria da auto-ajuda também coincide com o período do nascimento do setor de consultorias. É importante frisar que as consultorias gerenciais estão voltadas para as estratégias de gestão e organização da produção, enquanto que a auto-ajuda se volta para o atendimento das ‘necessidades’ dos trabalhadores. A lógica, nesse sentido, é de que não basta reestruturar o processo de trabalho se as relações sociais não acompanham essa mudança. Assim como os gurus das teorias gerenciais, os gurus da auto-ajuda são os responsáveis pelo (re)florescimento de uma literatura que centra nas relações de trabalho, em especial no trabalhador, o objetivo da formulação de um discurso que promete milagres. Para acompanhar o ritmo de mudanças o indivíduo precisa incorporar o papel que lhe cabe na nova organização do processo de trabalho, o de representar um trabalhador equilibrado, soberano em suas escolhas e apto a se transformar em um camaleão, mimetizando-se frente às mudanças. Em um contexto em que as pessoas trabalham em equipe, mas sentem-se mais sozinhas, tem-se a necessidade de repensar as relações de trabalho em termos comportamentais, atitudinais. Em outras palavras, o indivíduo precisa se acostumar a um novo movimento no mundo do trabalho em que a estrutura organizacional não permite mais que o trabalhador seja hábil apenas em termos manuais. Ninguém mais hábil e rápido do que o conjunto dos gurus da auto-ajuda que saíram na frente quando o assunto foi preparar ‘poções mágicas’, de fácil aplicação e assimilação para conquistar um público que precisa aprender a lidar com as metamorfoses.

Do trabalhador coletivo para o trabalhador individual, que coopera e se ajuda, que está preparado para lidar com mudanças que evocam sua subjetividade⁴¹, as fórmulas da auto-ajuda ensinam receitas baseadas em experiências pessoais e prescrevem procedimentos e mandamentos que, se seguidos passo a passo, prometem ao trabalhador sucesso e soluções para eventuais problemas no campo de trabalho – e na vida também -, ainda que a realidade dos trabalhadores que consomem esses materiais seja heterogênea diante de pregações homogeneizantes. Nesse sentido, há um movimento que deve ser salientado. O trabalhador individual do artesanato (que domina o conjunto do processo de trabalho) passa para o trabalhador coletivo do taylorismo-fordismo (que assume atividades fragmentárias a ponto de perder a noção do todo que envolve o processo de trabalho) e migra para o trabalhador coletivo da flexibilidade (que aprende a trabalhar em equipe). Entretanto, ao mesmo tempo é um trabalhador individual, já que o trabalho em equipe consiste em mero recurso de linguagem. Ao analisar o que envolve a expressão trabalho em equipe, Sennett (1999, p. 118) observa que “apesar de todo o arquejar psicológico da administração moderna sobre o trabalho de equipe no escritório e na fábrica, é o *ethos* de trabalho que permanece na superfície da experiência. **O trabalho de equipe é a prática de grupo da superficialidade degradante**” [grifo nosso]. O apelo discursivo é um e a realidade é outra: tem-se um forte chamamento para que o trabalhador se desenvolva individualmente e assuma riscos na mesma ordem.

Em linhas gerais, as estatísticas que apontam o crescente aumento no consumo das receitas e fórmulas veiculadas nas publicações do gênero assinalam percentuais que não especificam exatamente em que áreas se vendem mais livros, já que a auto-ajuda tem se disseminado em vários âmbitos: social, familiar, educacional, econômico, afetivo, religioso, esportivo. De qualquer forma, é possível vincular os índices de vendas a períodos de mudanças políticas, econômico-sociais, uma vez que os percentuais de vendas oscilam de acordo com as mudanças ocorridas nos planos econômicos no Brasil, como constatou Maestri (2003), em entrevista ao vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro. De acordo com essa entrevista,

as vendas de livros de auto-ajuda saltaram de 1,1 para 2,1 milhões de exemplares, em 97-98. A impressionante expansão ocorreu apesar da queda de 551 para 527 títulos lançados. No Brasil, a venda da auto-ajuda iniciou-se em

⁴¹ Destaca-se que o trabalhador precisa desenvolver um senso de sobrevivência, o que inclui a capacidade de se amoldar às necessidades do ambiente de trabalho, capacidade de liderança, já que o trabalho em equipe é a grande tônica. Além disso, deve desenvolver a capacidade de aceitação, mesmo que o que faça desagrade.

87, deu um salto nos anos 90 - ‘*com o confisco*’ de Collor de Melo - e estabilizou-se com o ‘*Plano Real*’. Em 94, 107 títulos venderam 410 mil livros. Em 96, foram lançados 268 títulos e vendidos 1,4 milhão de exemplares. O pico de vendas ocorreu em 98. Para o sr. Grossi, a explosão da auto-ajuda dá-se em detrimento da “*literatura tradicional*” e a explicação de seu sucesso é simples: ‘[...] *em momentos de crise, o leitor pára um pouco de sonhar, põe os pés no chão e procura as obras que vão ensinar-lhe a melhorar sua vida*’. Se é discutível que tais obras resolvam as dificuldades dos leitores, é indiscutível que solucionam as do senhor Grossi, diretor de *marketing* da Best Seller. Atualmente, 50% dos lançamentos da editora são de auto-ajuda, 30% administrativos e 20% romances femininos.

Segundo os números apontados por Maestri até 1996, 268 títulos de livros de auto-ajuda foram lançados, um número que disparou se comparado com os percentuais sinalizados por Gullo et al. (2003, p. 55). Este destaca que “dados do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) indicam que “o segmento de auto-ajuda é campeão de vendas no Brasil. Em 2002 foram editados mais de 710 títulos, que corresponde a 2,5 milhões de exemplares, um recorde”. Como se vê, em pouco mais de cinco anos a literatura de auto-ajuda constitui um fenômeno de vendas. Os dados apresentados até então não esclarecem necessariamente em quais ambientes o discurso da auto-ajuda tem sido mais disseminado e quais os índices de vendas por setores, mas serve de indicativo de que a auto-ajuda é um fenômeno que vem crescendo e merece atenção.

De forma mais específica, o artigo da *Gazeta Mercantil* de 17 de julho de 2000 intitulado *Aumenta procura por novos cursos de atualização* apresenta uma pesquisa realizada por Boucinhas & Campos em que se apontam percentuais interessantes acerca do investimento das empresas em programas de formação profissional. Dentre os dados apresentados, chama a atenção que a procura por cursos de motivação dos funcionários aparece com 27% do total da procura por outros cursos, superando os voltados para novas tecnologias, finanças e busca de novos mercados. Analisando os dados da pesquisa, pode-se dizer que os cursos de motivação estão sendo incorporados no rol dos cursos de qualificação profissional.

O que se constata é que nos últimos anos esse fenômeno se expandiu. Em matéria intitulada “**O alto-astrol da auto-ajuda**”, na revista *Veja*⁴² de novembro de 2002, destaca-se o

⁴² Ressalta-se que a análise desse tipo de publicação deve ser relativizada, mas para fins deste trabalho buscou-se olhar nesse veículo de comunicação como termômetro de expansão da auto-ajuda, uma vez que é uma das revistas que se destaca em termos de circulação nacional.

aumento no número de pessoas que, surpreendentemente, elevam os índices de consumo de livros, palestras e cursos do gênero. A explosão da auto-ajuda, segundo dados da revista, revela que o segmento cresceu mais de 700%, sendo que só em 2001 foram vendidos cerca de 3,4 milhões de livros desse gênero.

As empresas têm estimulado e incentivado seus trabalhadores a se autoqualificarem e automotivarem. Ao promoverem cursos e palestras motivacionais, o argumento utilizado é o de que se pode buscar uma qualificação profissional assistindo às palestras ou consumindo os livros de auto-ajuda que são publicados com foco justamente nas questões relativas ao mundo do trabalho. O crescente número de publicações e reedições dessas obras visa criar ou reforçar um laço familiar entre trabalhador e empregador. Nesta perspectiva, pode-se considerar o empresário como um incentivador do consumo de manuais de auto-ajuda, sendo que o discurso em congressos e seminários é o de que com isto o trabalhador estaria aumentando a sua qualificação profissional, ou ainda atualizando seus conhecimentos. De acordo com Manoel Amorim⁴³, diretor geral da Telefônica, uma das maiores empresas de telefonia atuantes no Brasil,

os livros de auto-ajuda são ferramentas valiosas mesmo para os profissionais que têm a melhor formação. Eles são um meio de se reciclar e não ficar obsoleto. Um exemplo é *Quem mexeu no meu queijo?*, que mostra como enfrentar algo inerente ao mundo dos negócios nos dias de hoje: as mudanças. Brilhante, diz tudo usando personagens e metáforas. Eu me empolguei tanto que, no ano passado, resolvi distribuir exemplares a 600 executivos da empresa. Outro livro valioso se chama *Os sete hábitos das pessoas altamente eficazes*. Já adotamos um programa de treinamento baseado nas teorias de seu autor, o americano Stephen Covey⁴⁴, que ensina que a liderança dentro de uma companhia deve ser centrada em princípios (p. 120).

Spencer Johnson, autor de *Quem mexeu no meu queijo?*, é um dos escritores de livros que profere palestras em vários países enfocando a noção de empregabilidade, apesar de que em nenhum momento isso é dito em seus discursos explicitamente. A tônica de seus argumentos centra-se na mudança de postura pessoal e profissional do trabalhador. Há um apelo para que se perceba o ambiente de trabalho metamorfoseado como um espaço de adaptação e não de

⁴³ Reportagem publicada no artigo “O alto-astral da auto-ajuda”, da revista *Veja*, ed. 1777, ano 35, n. 45, de 13 de novembro de 2002, p. 120.

⁴⁴ Os sete hábitos de pessoas de sucesso de acordo com Stephen Covey (apud Boyett, 1999, p. 21) são: 1- ser proativo; 2- começar com o resultado em mente; 3- colocar as coisas mais importantes em primeiro lugar; 4- pensar sempre em vencer; 5- tentar primeiro entender, depois ser entendido; 6- buscar a sinergia e 7- aprimorar.

exploração. Johnson (2001, p. 14)⁴⁵ recorre à metáfora do *queijo* [objetivo de vida ou aquilo que se deseja - emprego] e do *labirinto* [visão limitada, baixa qualificação, necessidade de atualização], apresentando algumas dicas de como o profissional moderno pode aprender a adaptar-se às mudanças, sendo esta a condição indispensável para a sobrevivência de pessoas e organizações. Adaptar-se às mudanças, nessa concepção, é pensar que o trabalho/emprego exige do trabalhador dedicação e perseverança para estar em constante processo de aprendizagem, reciclando-se - por conta própria -, ou como enfatiza Shinyashiki (2001, p. 24), é “hora de fazer mudanças na sua maneira [do trabalhador] de pensar e de trabalhar. Este é um novo mundo [do trabalho] com novas regras, no qual os profissionais, além de conhecimento técnico, precisam ter atitude mais produtiva”.

Como se vê, os gurus da auto-ajuda, como pedagogos e ideólogos do capital, tudo fazem para que a realidade da nova gestão do trabalho seja aceita como se o mercado de trabalho estivesse se redimensionando em função das necessidades dos indivíduos, quando, no entanto, o indivíduo continua como um apêndice da máquina organizacional produtiva do capital. A suposta visão humanista presente na linguagem da auto-ajuda está direcionada para a mudança de atitude comportamental do indivíduo perante as novas “leis” que imperam no trabalho. Enfim, mudança em termos de aceitabilidade de um conjunto de regras que se fazem necessárias para que se garanta a submissão do trabalhador. O princípio presente nas relações de trabalho é o do **VIRE-SE**.

O princípio do “vire-se” encontra respaldo na flexibilidade e na própria concepção de que os valores que precisam ser construídos e alimentados compatibilizam um comportamento ajustável às necessidades do capital. A auto-ajuda, neste contexto, é o “instrumento pedagógico” do capital que aprofunda e reordena a modelagem de uma consciência cujos valores não são mais morais, mas sim ligados a uma prática pedagógica articulada aos interesses produtivos do capital.

⁴⁵ Utilizando os personagens Sniff, Scurry, Hem e Haw, o livro conta a façanha de dois ratos e dois duendes que se encontram dentro de um labirinto. As situações criadas pelo autor são aquelas que um trabalhador poderia estar enfrentando na empresa em que trabalha. A ênfase é colocada na mudança e na adaptação organizacional. Johnson destaca que ao agir de acordo com os “aconselhamentos” propostos em seu livro, o trabalhador e a empresa podem transformar o seu cotidiano. Frases como “Quando você vence o seu medo, sente-se livre”, “Imaginar-me saboreando o novo queijo, antes mesmo de encontrá-lo, conduz-me a ele”, “O movimento em uma nova direção ajuda-o a encontrar um novo queijo” simplificam a complexidade das relações no trabalho.

A adequação à individualidade, à autonomia, à criatividade operacionaliza um comportamento produtivo e necessário nessa nova fase do capital.

1.5. A auto-ajuda em tempos de empregabilidade e empreendedorismo

O incentivo à competição e a aceitação desta como salutar ao desenvolvimento capitalista têm sido reiterados no discurso empresarial. A perspectiva de analisar a literatura da auto-ajuda como uma estratégia de resistência do capital diante de suas recorrentes crises de acumulação no processo produtivo evoca o fato de que, quando se acredita ter o capital esgotado sua capacidade criativa perante situações de crise, ele dá a volta por cima. É deste modo que o capital busca saídas estratégicas de se (re)apresentar perante os trabalhadores no processo de reestruturação produtiva, fase em que o aviltamento da classe trabalhadora se acentua e uma massa de trabalhadores é expulsa para um espaço determinado: o círculo do desemprego. Segundo Rummert (2000, p. 60) “o neoliberalismo leva ao máximo a obsolescência planejada que envolve tanto os bens materiais e simbólicos quanto o próprio homem, particularmente aquele que depende de sua própria força de trabalho para sobreviver”. A autora prossegue sua análise destacando que

a capacidade de adaptar-se a essa descontinuidade é tomada, em si mesma, como um valor que denota a competência das estruturas organizacionais e dos indivíduos de se moldarem, permanentemente, às novas situações postas pelo ininterrupto avanço da ciência e da técnica. Constrói-se, assim, a mitificação do novo que repercute, por exemplo, na acelerada desconstrução de uma referência já consolidada no imaginário social: o culto ao trabalho fixo, comprovável, ao emprego como elemento essencial de composição das identidades. Essa perspectiva, que no Brasil, desde o final do século passado, tem sido construída e valorizada pelo próprio Estado, é agora desconstruída em função de um novo apelo, que consiste em desqualificar os vínculos estatais e valorizar a empregabilidade de cada um, valor que passa a reger os enunciados formulados a respeito do mundo do trabalho e da inserção social (p. 62).

A retórica neoliberal faz repercutir intensamente a ênfase nas ações individuais na dinâmica da organização do trabalho e na esfera educacional, espaços que estão conseqüentemente sob tensão. No contexto destas mudanças, a qualificação profissional tem sido, conforme afirma Ramos (2002, p. 407),

tensionada pela noção de competência, em razão do enfraquecimento de suas dimensões conceitual e social. A primeira porque os saberes tácitos e sociais adquirem relevância diante dos saberes formais, cuja posse era normalmente atestada pelos diplomas. A segunda porque, em face da crise do emprego e da

valorização das potencialidades individuais, as negociações coletivas antes realizadas por categorias de trabalhadores passam a se basear em normas e regras que, mesmo pactuadas coletivamente, aplicam-se individualmente. A competência (...) chamaria a atenção para os atributos subjetivos mobilizados no trabalho, sob a forma de capacidades cognitivas, socioafetivas e psicomotoras.

Helena Hirata (1997, p. 32) apresenta algumas questões importantes para que se possa entender os estreitos limites das noções de competência e empregabilidade. A autora destaca duas razões teóricas que justificam a análise concomitante dos termos empregabilidade e competência. A primeira refere-se ao uso patronal e a segunda evoca o debate francês que associa ambos os conceitos. Assim, “empregabilidade e competência podem ser considerados sinônimos. Ambos têm como referência o indivíduo. Ambos permitem um balanço ou uma avaliação de caráter individual e pode-se ver uma certa simetria com a relação feita freqüentemente entre desemprego e dispositivos de formação”. Nesta perspectiva, a noção de empregabilidade adentrou o mundo do trabalho e assim foi assimilada como a “probabilidade de saída do desemprego” (Gazier apud Hirata, 1997, p.33).

A metamorfose do conceito de qualificação para o modelo de competência denota uma situação que, do ponto de vista do trabalho, expressa aquilo que Machado (apud Bianchetti, 1998, p. 55) chama de “um nódulo denso de problemas teóricos” demonstrando uma “carência significativa de estudos que tratem de como os sujeitos que vivem o processo de mudanças no mundo do trabalho se sentem, assimilam, percebem e avaliam”. É no âmago deste contencioso que Machado (1996, p. 53) propõe se apreenda a qualificação profissional como “uma relação social construída historicamente a partir da inserção ativa e consciente dos sujeitos em processos reais de trabalho”. Captar a essência de qualificação profissional como uma construção social significa perceber, no processo de trabalho, a necessidade do homem de garantir dia após dia a produção de sua existência na perspectiva levantada por Marx e Engels (1987) na *Ideologia Alemã*.

A qualificação profissional ganhou nuances que têm colocado os indivíduos numa “zona de desconforto”. Qualificar-se significa tão-somente atribuição individual de o trabalhador manter-se no emprego, tendo no esmero profissional, no desempenho, o aval de que está superando limites. Essa se tornou uma busca incessante de mostrar-se capaz e merecedor da

posição que se ocupa. Tal nível de exigência no mundo dos negócios resulta em uma espécie de ‘chantagem’ mais conhecida por empregabilidade e que consiste na transferência de responsabilidade para o trabalhador no que diz respeito à garantia de sua sobrevivência no mercado de trabalho, a qual é apresentada como a possibilidade de inserção em um mercado de trabalho com um número de empregos cada vez mais reduzidos.

Conforme Espírito Santo (2004, p. 19), “a reconstituição histórica do termo [empregabilidade] remonta aos anos 1900. No Brasil, entretanto, o aparecimento desta noção data dos anos 90, exatamente quando ocorreu o recrudescimento da insegurança no trabalho. Esse foi o motivo levado em conta para a adoção deste termo e de outras proposituras e posturas com relação à força de trabalho”. Palavras velhas e que num outro contexto assumem outra conotação. Se na Europa a noção de empregabilidade estava associada a uma melhoria nas condições de trabalho, no Brasil, observou Gentili (2002, p. 52), ela

ganhou espaço e centralidade a partir dos anos de 1990, sendo definida como o eixo fundamental de um conjunto de políticas supostamente destinadas a diminuir os riscos sociais do grande tormento deste final de século: o desemprego. Interessante aqui é o relativo consenso que hoje existe entre as administrações neoliberais e uma boa parte de seus opositores em relação ao papel desempenhado por esse conceito. Nestas concepções, a empregabilidade é que articula e oferece coerência aos três elementos que poderiam permitir superar a crise do desemprego mediante uma dinamização dos mercados de trabalho: a redução dos encargos patronais, a flexibilização trabalhista e a formação profissional permanente.

Mais especificamente sobre a disseminação da noção de empregabilidade, Espírito Santo (2004, p. 16) argumenta que “foram os gestores de recursos humanos os que mais fizeram e fazem uso desta noção [empregabilidade], invariavelmente, para justificar a necessidade de desenvolvimento de uma força de trabalho, dotada de um novo perfil profissional, de características unívocas, que pudesse atender as novas exigências do mercado de trabalho”.

Não é de estranhar que profissionais de recursos humanos e empresários podem ser caracterizados como os principais dadores do discurso da empregabilidade e de outras noções que vêm ao encontro dos interesses dos empregadores. A constituição do setor de recursos humanos revela como os profissionais desse departamento representam a vontade e os interesses dos empresários já que esse setor, ao longo dos anos, tem se readequado de acordo com as necessidades e exigências do mercado.

Da composição desse novo cenário pode-se fazer algumas observações. A primeira delas diz respeito à divulgação das noções da empregabilidade, empreendedorismo⁴⁶ e da formação profissional, as quais adentraram o espaço das relações de trabalho por meio da construção de um canal que possibilitou a popularização da nova estruturação do mercado de trabalho. Os empresários, depois do Estado, são os primeiros a aderir ao discurso que os retira do processo de criação de empregos. A partir deles, os profissionais de recursos humanos assumiram o papel de co-responsabilidade por propagar entre os trabalhadores a necessidade de gestão de suas carreiras. A segunda observação diz respeito ao papel da auto-ajuda no processo de construção e organização do perfil do novo trabalhador, primeiramente ativo com relação à busca de suas qualificações, mas conformado com relação às suas novas atribuições – criar uma vaga de trabalho e nela especializar-se. A terceira observação é a de que os gurus da auto-ajuda constroem seus discursos a partir dessas noções (empregabilidade, empreendedorismo e qualificação profissional). Se considerarmos que a literatura de auto-ajuda é uma ferramenta ou um instrumento pedagógico do capital para “formar” e informar uma massa de trabalhadores acerca de suas necessidades, então se tem que essas noções atendem, em termos discursivos, as necessidades do capital e ajudam a amenizar o antagonismo capital/trabalho.

As conseqüências da operacionalização dos valores voltados à empregabilidade e ao empreendedorismo alcançaram em pouco menos de duas décadas uma fase de excelência, dada sua aceitação e naturalização expressas no exercício que os indivíduos têm feito para colocar tais discursos em prática. A auto-ajuda, pode-se dizer, contribui significativamente para a assimilação e construção desses valores, ou melhor, tem ajudado a cumprir com eficácia o seu papel de reinventar um indivíduo que cultua o discurso do capital. A auto-ajuda é a promotora do “conceito de indivíduo como empresa e do princípio da gerência de si mesmo” (Abercrombie e Keat apud Rüdiger, 2001, p. 3). Nesta perspectiva, “a carreira não é mais patrimônio da empresa e, sim, do profissional” (p. 3).

⁴⁶ O vocábulo “empreendedorismo” não figura nos dicionários acessados. Tem seu desdobramento a partir da palavra “empreendedor” que, segundo o *Dicionário Houaiss* de sinônimos e antônimos (2003, p. 261), significa: “ativo, arrojado, diligente, dinâmico, trabalhador”. As características que depõem contra o indivíduo empreendedor seriam: “inativo, parado, preguiçoso”. Na verdade, além desses adjetivos, empreendedorismo designa uma das características do empreendedor, uma espécie de referência ao espírito administrador de um indivíduo. É importante chamar a atenção para aquilo que Schumpeter (1982) destaca como condição para um indivíduo ser empreendedor, isto é, a necessidade de empréstimos, muito mais do que as qualidades pessoais. Segundo este autor, “o empreendedor, em princípio e como regra, necessita de crédito - entendido como uma transferência temporária de poder de compra -, a fim de produzir e se tornar capaz de executar novas combinações de fatores para *tornar-se* empreendedor” (p. 12).

A aceitação e inculcação do discurso do indivíduo “empregável” e “empresário de si mesmo” está na boca de empresários, profissionais de recursos humanos e, principalmente, dos gurus da auto-ajuda que são os pedagogos que argumentam em favor do “culto a si mesmo”. Para Shinyashiki (2001, p. 31), “um empreendedor de sucesso tem seu radar sempre ligado para detectar as ameaças, as oportunidades e, sobretudo, os sonhos das pessoas que dele se aproximam”. Ou ainda, “é o negro que não se deixou anular pelo racismo e construiu uma carreira de sucesso. É a mulher que superou o preconceito e se transformou em presidente de uma grande empresa. (...) É o idoso que aproveitou o estímulo de estar desempregado e soube revolucionar sua vida” (p. 91). O eufemismo na linguagem simplifica e reduz as contradições do capitalismo a uma mera reação individual. As questões de ordem político-econômico e social desaparecem face à individualização, à delegação pessoal, em que compete ao trabalhador por si só “encarar a ausência de um empregador como uma oportunidade para você descobrir a sua autonomia” (Minarelli, 1995, p. 32). O mito do indivíduo “empregável” é reforçado nas palestras e publicações de Minarelli, o qual atesta que “ser demitido não é o fim da sua carreira, mas sim um evento biográfico. Um marco divisório na carreira. Um dos acontecimentos que nos ajudam a sair da acomodação, a rever valores” (p. 32).

Empregabilidade e empreendedorismo são conceitos que evocam, sobretudo, um fortalecimento na relação trabalho e educação na medida em que a formação para o emprego passou a justificar a necessidade de o trabalhador retornar às salas de aula para promover a sua qualificação. A ênfase nas demandas educacionais como condição para o trabalhador permanecer no mercado de trabalho reacende a valorização do papel da Teoria do Capital Humano⁴⁷ que retorna nos anos 90 com a disseminação de políticas neoliberais. O apelo central dessa Teoria se traduz na promessa de integração do indivíduo no mercado de trabalho, além de uma remuneração que considera a relação entre o nível educacional e a função ocupada. O que é importante salientar é o cunho individualista que tanto a noção da empregabilidade quanto a Teoria do Capital Humano carregam consigo. Essa observação é relevante uma vez que explica o que constitui o pano de fundo dos discursos atuais dos gurus da auto-ajuda.

⁴⁷ A Teoria do Capital Humano foi desenvolvida por Theodore W. Schultz (1902-1998) - Prêmio Nobel de Economia - na década de 60. Segundo essa teoria, a educação possui um valor econômico, sendo que há uma equivalência entre educação e renda. Quanto mais se investe em educação, mais o indivíduo tem a possibilidade de convertê-la em renda. Ou seja, à medida que cresce o nível educacional o equivalente salarial crescerá proporcionalmente. O que se vê, no entanto, é que a materialidade desmente a teoria.

Nesta perspectiva a possibilidade de inserção do indivíduo “empregável” é tão ou mais provável do que a possibilidade de frustração no processo/tentativa. Ainda assim, os gurus insistem em tratar o mercado de trabalho como um espaço que pode abarcar aqueles que se dedicam a construir a tal empregabilidade. É o que diz Minarelli (1995, p. 11) quando reforça que “um profissional com empregabilidade tem as suas chances de atuação ampliadas pela grande atratividade que exerce em contratantes potenciais, devido à sua contribuição [para] ajustar-se às novas demandas empresariais”. Para o trabalhador a cada dia a realidade de um mercado de trabalho ampliado parece distanciar-se, ou seja, há um investimento para atender as exigências colocadas, mas não se visualizam as possibilidades de materialização desse investimento. Se esse investimento tem sido uma constante, e o próprio conteúdo do discurso da auto-ajuda enfatiza isso, os trabalhadores podem compensar as desilusões e alimentar uma esperança recorrendo ao receituário, que neste aspecto supre duas lacunas: a de satisfação de necessidades subjetivas como a auto-estima e o desafio de continuar ou conquistar um emprego, mesmo diante de circunstâncias adversas.

No discurso empresarial destaca-se que não vale mais a pena investir em trabalhadores que ficam anos desempenhando a mesma função/tarefa, e o que antes era visto como uma virtude acaba servindo como justificativa para demissões, enquanto outros aspectos passam a ser valorizados.⁴⁸ Como lembra Hernandez (2001, p. 4),

o indivíduo não cumpriu sua parte no novo contrato social da globalização – obter novas habilidades, entre outros requisitos – e é castigado com a perda de seu posto de trabalho e, num caso mais extremo, condenado a não encontrar uma nova colocação: ‘(As indústrias) querem menos despesas com empregados eventualmente supérfluos e exigem mais competência na linha de produção’. Isso explica demissões, terceirização e exigências curriculares muito maiores na hora da contratação.

Durante muito tempo os trabalhadores acreditaram que seus conhecimentos seriam suficientes para garantir estabilidade no posto de trabalho ocupado. A competitividade estimulada pela escassez dos postos de trabalho defronta o indivíduo como adversário de seu colega de

⁴⁸ Bianchetti (2003, p. 16) aponta que “simplesmente o que era considerado negativo ou desabonador ao candidato ou se constituía em uma série de defeitos na forma e no conteúdo da sua ‘carreira de vida’ [*Curriculum Vitae*], a ponto de serem banidos daquele espaço-currículo, transformou-se em algo muito valorizado. Ao negar-se o que era negado ou o que não deveria aparecer, afirmou-se uma série de elementos que passaram a ser valorizados, como é o caso de ter trabalhado em muitas empresas, ter feito cursos diversos que acabam favorecendo uma formação generalista, cultivar *hobbies*, ter algum tipo de engajamento social, ter viajado bastante etc”.

trabalho, que se torna, muitas vezes, o seu maior concorrente. O discurso da empregabilidade “empurra” para o trabalhador a responsabilidade de prover a sua qualificação ou a requalificação, de forma que ele acompanhe as mudanças de exigências qualificacionais das empresas. Entretanto, a exclusão ou a inclusão no mercado de trabalho não depende da empresa, forçando o trabalhador a assumir individualmente a culpa pelo ‘fracasso’ ou ‘sucesso’ neste processo/tentativa. Além disso, está implícito que o salário é proporcional ao desempenho profissional do indivíduo, ou seja, há um movimento do capital que caminha não só para a redução de postos de trabalho, mas que alinha ainda uma drástica redução de salários, indo de encontro à tese central da Teoria do Capital Humano.

Sob essa alegação, os trabalhadores estão investindo mais em suas carreiras, buscando cursos de capacitação profissional, de requalificação, cursos técnicos em diversas áreas para diversificar o leque de atuação, bem como ingressam em cursos universitários, acreditando que o ensino superior seja o diferencial no processo de seleção. Independentemente das estratégias criadas para se adaptar às mudanças e exigências do mercado de trabalho, esses profissionais vão construindo o que poderia se chamar de um produto: suas qualificações individuais. Construir um produto virou ‘arma’ na tentativa de fugir do desemprego e a forma que o trabalhador tem de se aproximar do profissional de recrutamento e seleção, que não por acaso passa a (auto)denominar-se caçador de cérebros/cabeças (*headhunters*). A auto-ajuda, nesse sentido, passa a ser um “instrumento pedagógico” das empresas que tem por objetivo (manter) equilibrar adequadamente a relação quadro funcional/salários, procurando habilmente extrair o máximo de ‘qualidade’ e produtividade dos trabalhadores.

O discurso do investimento em “si mesmo” pode ser questionado como meio de garantir inserção profissional, uma vez que desconsidera, como mencionado anteriormente, o contexto político, social, econômico de que as pessoas fazem parte. Da forma como o discurso é articulado, a força de vontade parece ser o único fator responsável pelo sucesso; e a falta dela, pelo fracasso na busca profissional. Outrora a qualificação reclamada no mercado de trabalho podia ser atestada pela apresentação do diploma, de certificações de cursos, participação em eventos relacionados à formação profissional. Essas qualificações, além da formação técnica, o domínio de idiomas e a própria via escola/universidade estão sendo utilizadas como “filtro” para

descartar um número cada vez mais expressivo de profissionais que, embora qualificados no contexto anterior - taylorismo-fordismo –, no atual passam a integrar o conjunto cada vez mais ampliado dos ‘desqualificados’. Mesmo que a função exercida não exija as qualificações que são destacadas no processo seletivo e de contratação, esta é uma estratégia que serve como critério de contratação.

Portanto, o discurso da empregabilidade está se fixando, fazendo com que o trabalhador acredite que somente a ele compete a responsabilidade de ser competitivo e capacitar-se para alcançar postos de trabalho mais elevados. O trabalhador transforma-se no “empresário de si mesmo” e é na venda desse ‘produto’ que os gurus da auto-ajuda estão atualizando suas publicações, focando enfaticamente a necessidade do desenvolvimento da empregabilidade e do empreendedorismo como formas de neutralizar ou eliminar os problemas estruturais do mercado de trabalho. Gomes (2002, p. 6) em sua pesquisa com eletricitários também percebeu o poder estruturante do discurso da auto-ajuda, uma vez que tanto “a literatura de negócios e auto-ajuda [são] amplamente oferecidas ao consumo (...) [e] que a reprodução da empregabilidade em termos de auto-empresariamento é a tônica, apresentada como a grande solução para os males da demissão e das futuras tentativas de inserção”.

Ao introduzir o discurso de que “se quiser você consegue”, camufla-se o fato de que não basta ter vontade, ter as qualificações exigidas, pois não existem vagas para todos, quando os índices de desemprego divulgados pelos institutos de pesquisas, como o IBGE, demonstram esta realidade em processo. Desmotivadas e deprimidas, as pessoas que se vêem nessa situação recorrem aos manuais da auto-ajuda como forma de amenizar as frustrações, mas principalmente como forma de continuar sonhando. “Nada melhor do que um dia depois do outro” é um dos chavões mais usados para conformar aqueles que não se deram bem nos processos de seleção. Em uma entrevista publicada na revista *IstoÉ* de 23 de julho de 2003, o diretor de um instituto de orientação vocacional declara que

a realização de um sonho depende igualmente de dois fatores: a competência e o aproveitamento das oportunidades. (...) não basta acreditar no sonho para torná-lo real. É preciso tomar cuidado para que o discurso do ‘basta querer que você consegue’ não se torne uma justificativa da desigualdade social e não coloque toda a responsabilidade sobre o indivíduo (p. 67).

Ainda que em nível de discurso os gurus continuem apostando na responsabilização do indivíduo, há de se ter presente a argumentação exposta acima de que há fatores condicionantes na construção da trajetória profissional de um trabalhador. A essência da literatura de auto-ajuda, neste aspecto, inclui as noções de sucesso e fracasso. Na medida em que o indivíduo se “joga” na construção de sua carreira está sujeito às bonificações do seu investimento ou às penalidades de seu suposto fracasso. A demarcação da linha divisória entre sucesso e fracasso beira um limite tênue quando se trata de evidenciar o impacto sobre o indivíduo, uma vez que a exposição a uma condição de “tente outra vez” tende a resultar num quadro de estresse e outras doenças relacionadas não só à fadiga no/pelo trabalho, mas à fadiga nas tentativas frustradas em busca de trabalho.

CAPÍTULO II - AS ORIGENS DA AUTO-AJUDA: RETORNO AO CLÁSSICO

Este capítulo visa recuperar, numa perspectiva histórica, as origens do que se tornou conhecido como auto-ajuda (*Self-Help*) e da busca ao que dá substância à expressão. Destaca-se a biografia e a bibliografia de Samuel Smiles, precursor deste tipo de literatura, bem como se resgata a sua principal obra, cujas idéias e valores vêm resistindo ao tempo, repercutindo desde o século XIX até os dias atuais. Smiles é desses personagens da história ainda pouco conhecido de um público mais amplo, o que justifica trazer à tona sua vida, obra e época, com vista a mostrar mais do que apenas uma trajetória profissional: procuram-se os valores que norteiam ou constituem a essência daquele que é considerado o primeiro livro escrito sobre auto-ajuda voltado às relações de trabalho, datado de 1859.

2.1. Samuel Smiles: um clássico

Em um determinado tempo e lugar os homens constroem suas idéias, pensamentos balizados por suas crenças, religião, experiências e convicções pessoais. A divulgação dessas idéias tem sido feita ao longo dos séculos por meio da escrita, da fala e pelos discípulos que muitos pensadores conquistaram, como por exemplo Sócrates, Platão e Aristóteles. Esses nomes são considerados clássicos no que tange à formação de um ideal de homem e civilização. São considerados clássicos pela pertinência de suas idéias ou, como bem lembra Francisco Weffort (1993, p. 8), “dizer que um pensador é um clássico significa dizer que suas idéias permanecem. Significa dizer que suas idéias sobreviveram ao seu próprio tempo”. Weffort nessas palavras refere-se a clássicos da política como Maquiavel, Hobbes e Locke que, a partir de suas concepções acerca da natureza humana, influenciaram o pensamento e a construção de um ideal sobre a condução política e social dos homens em sociedade.

Neste sentido, ao invocar a importância de um clássico pretende-se aqui resgatar Samuel Smiles também como um autor clássico, como aquele cuja obra perpassa os séculos cujas idéias não se esgotam em uma leitura e que precisam ser interpretadas à luz de contexto específico, mas

que se tornam tão atuais quanto a atualidade do tema discutido por ele. Pensando desta forma é que se pode ler a principal obra de Smiles – *Ajuda-te* – como uma obra clássica da auto-ajuda direcionada às relações de trabalho, não só porque a expressão “auto-ajuda” está na ordem do dia, mas porque os autores que na atualidade fazem uso dessa expressão não sabem ou nada mencionam a respeito de suas origens. Também não resgatam a intenção inicial de Smiles ao propagar os princípios do “auxílio próprio” baseados na formação do caráter e da moral do indivíduo nas relações de trabalho. Da forma como se lê atualmente, a auto-ajuda nasceu do nada, não tem um mentor e dá margem para que cada autor se sinta proprietário da expressão. A isso pode-se acrescentar que as idéias de um clássico são apropriadas de tal forma e com tanta reprodução que muitas vezes perde-se a noção da própria origem de determinadas expressões.

Mas qual é a origem da palavra “clássico”? Qual será o peso dessa expressão, ou melhor, o que significa ser um clássico na atualidade? De acordo com Gonzaga⁴⁹, o vocábulo clássico deriva do “adjetivo latino *classicus*, que indicava o cidadão pertencente às classes mais elevadas de Roma. No século II d.C. um certo **Aulo Gelio** (*Noctes Atticae*) utilizou-o para designar o escritor que por suas qualidades literárias poderia ser considerado modelar em seu ofício: ‘*Classicus scriptor, non proletarius*’”. Gonzaga explicita ainda que é no período renascentista que o termo *clássico* reaparece com alusão a autores greco-latinos, bem como autores modernos da própria época, “considerados *modelos* de linguagem literária na língua vernácula”. Posteriormente, segundo esse autor,

no século XVIII - o termo se estenderia aos autores que aceitavam os cânones da retórica greco-latina: ordem - clareza - medida - equilíbrio - decoro - harmonia e bom gosto. Tornou-se, pois, a base de uma estética essencialmente normativa. Assim, *clássico* indicando modelo exemplar cristalizou-se como tradição, como cânone gramatical e semântico, como relicário do idioma e como um conjunto de regras imutáveis, isto é, universais e ahistóricas. No plano da mensagem, o que valia para caracterizar **um clássico era a sua dimensão edificante, seus componentes morais** e a sua capacidade de apresentar as paixões humanas de forma decorosa [grifos nossos].

Essa *dimensão edificante*, tão presente nos escritos de Smiles, permite pensar neste autor como um clássico. Italo Calvino (1993) em seu livro *Por que ler os clássicos* chama a atenção

⁴⁹ GONZAGA, Sergius. *O que é um clássico?* Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_classicos_1.htm>. Acesso em: 27 dez. 2004, 14:00h.

para algumas características que demarcam uma obra ou autor como clássicas. Dentre as particularidades que os definem pode-se destacar: “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo...’ e nunca ‘Estou lendo...’” (p. 9). A cada releitura, empreendem-se descobertas, adentra-se um universo de significações que se tornam possíveis face ao novo olhar dedicado à releitura-descoberta-interpretação. Clássicas são aquelas criações que subsistem e superam os determinantes de espaço e tempo, ainda que se tenha presente que cada autor fala de um determinado tempo e lugar. Assim, clássicas são as obras que ultrapassam a linha do tempo, tornando-se referência sobre determinado tema ou assunto. Os conteúdos da obra de Smiles, escritos predominantemente a partir da década de 40 do século XIX, período de efervescência nas relações de trabalho, continuam atuais. Apesar da pouca popularidade de Smiles no Brasil, o autor exerceu influência na Inglaterra e em alguns países circunvizinhos, além de ter exercido forte influência em alguns países como os Estados Unidos, onde os livros podiam ser encontrados nas bibliotecas de muitas das escolas americanas. A proposta do autor era difundir para o maior número de pessoas como é possível mudar o comportamento humano em favor de si próprio, apropriando-se de exemplos de trajetórias biográficas – profissionais - como mecanismo desencadeador de mudança.

O que significa então resgatar Smiles como um clássico? Significa rever a sua *prima* obra como um instrumento de compreensão para que se possa entender quais as implicações do discurso da auto-ajuda na atualidade, ou melhor, que mudanças é possível perceber da proposta original da auto-ajuda – do seu clássico – para o discurso e as propostas da pedagogia da auto-ajuda na atualidade.

Antes de insistir em olhar para Smiles como um clássico é preciso que se diga que esta não é uma tentativa de encaixar um autor em um molde ou padrão do que seja um clássico. Concorde-se com Gonzaga⁵⁰ quando este se refere “às sucessivas mudanças culturais, ocorridas no Ocidente, especialmente a partir dos anos de 1960, [e que] quebraram toda e qualquer idéia de obra modelar e instauraram um conceito mais amplo e flexível do que seria um clássico”. Portanto, as delimitações, as caracterizações propostas por vários autores como Calvino, Barzun

⁵⁰ GONZAGA, Sergius. *O que delimita um clássico?* Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_classicos_2.htm>. Acesso em: 27 dez. 2004, 14:10h.

ou mesmo Gonzaga são aqui utilizadas como norteadoras ou um tipo ideal para que se possa justificar Smiles e sua obra *Ajuda-te* como clássicos.

Dentre as delimitações que demarcam um clássico, Gonzaga⁵¹ destaca alguns traços que considera definidores e que vão ao encontro das argumentações de Weffort e Calvino:

1. São obras que ultrapassam o seu tempo, persistindo de alguma maneira na memória coletiva e sendo atualizadas por sucessivas leituras, no transcurso da história.
2. Apresentam paixões humanas de maneira intensa, original e múltipla. São paixões universais (ou pelo menos ‘ocidentais’) e têm um grau de maior ou menor flexibilidade em relação à historicidade concreta.
3. São obras que registram e simultaneamente inventam a complexidade de seu tempo. De maneira explícita ou implícita desvelam a historicidade concreta, as idéias e os sentimentos de uma época determinada. Há uma tendência geral: quanto mais explícita for a revelação histórica, menor o resultado estético. Na verdade, o espírito da época deve estar introjectado na experiência dos indivíduos.
4. São obras que criam formas de expressão inusitadas, originais e de grande repercussão na própria história literária. Há clássicos que interessam em especial (ou talvez unicamente) ao mundo literário, como, por exemplo, o *Ulisses*, de Joyce.
5. São obras de reconhecido valor histórico ou documental, **mesmo não alcançando a universalidade incontestável** [grifo nosso]. Nesta linha situam-se aquelas obras que são clássicas apenas na dimensão da história literária de um país, como por exemplo, a obra de José de Alencar, ou apenas de uma região, como por exemplo, as obras de Cyro Martins ou Aureliano de Figueiredo Pinto.
6. Talvez a característica fundamental de uma obra clássica seja a sua inesgotabilidade. Ou como diz Calvino: *‘Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer’*.
7. Um clássico é fundamental também pelo efeito que deflagra na consciência do leitor. Sob esta ótica, devemos considerar que ele é, simultaneamente:
 - Forma única de conhecimento – transmite paixões humanas oriundas de um patrimônio universal (que é a experiência do homem);
 - Utilização da linguagem de uma maneira exemplar, original e inesperada;
 - Um conjunto de revelações, idéias e sentimentos que têm a propriedade de durar na memória mais do que outras manifestações artísticas (música, cinema, etc.) Estas podem ter (e geralmente têm) um impacto maior na hora da fruição, mas seu prolongamento emotivo – a sua duração – é mais breve e inconsistente do que o proporcionado pela grande obra literária;
 - Um não contra a morte. Por perdurar, a obra clássica ultrapassa o tempo e a finitude humana. De uma certa forma, é um protesto contra o sem sentido da vida.

⁵¹ Texto disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_classicos_2.htm>. Acesso em: 27 dez. 2004, 14:10h.

Analisando os traços que demarcam um clássico do ponto de vista de Gonzaga, talvez nem todas as pessoas concordem que Smiles possa ser considerado um clássico, mas como já se alertou, a intenção não é a de fazer um encaixe padrão, mas sim identificar alguns pontos essenciais que justifiquem resgatar Smiles em uma posição compatível com a sua história – o pioneiro no discurso da auto-ajuda. Para tanto, vale recordar aquilo que Barzun⁵² levanta sobre o que faz de uma obra um clássico em potencial. A resposta, de acordo com ele, encontra-se em primeiro lugar em sua “grossura”, referindo-se não à espessura do livro, mas sim à intensidade de seu discurso:

Muita coisa acontece em cada linha ou parágrafo; cada sentença contém uma idéia; a obra inteira cobre acres de pensamento e emoção; ao passo que o livro comum, não importa quão grosso na medida física, agarra-se em um ou dois assuntos - qualquer coisa indo de *Como fazer amigos e influenciar as pessoas* [Dale Carnegie] até as recentes discussões sobre a indústria japonesa. Da mesma maneira, os poemas e novelas de nossa labuta diária podem ser agradáveis ou instrutivos, mas não nos moldam o mundo inteiro numa nova forma. Eles lançam alguns lampejos de luz naquilo que nós já sabemos ou de que suspeitamos.

Além da intensidade, uma segunda marca do clássico, conforme Barzun, está relacionada à sua adaptabilidade. Por adaptabilidade ele entende que tanto autor quanto sua obra são frutos de uma situação existente, de uma demanda própria do contexto de uma época. “A *Ilíada* de Homero foi feita, sem dúvida, para atender aos descendentes dos conquistadores de Tróia” (...) também “as Guerras Civis inglesas levaram Hobbes a escrever *O Leviatã* como um guia para a ação política”. Nesta perspectiva, Smiles pode ser considerado um autor fruto de um contexto de crises – uma Inglaterra de muitos trabalhadores desempregados e jornadas exaustivas de trabalho para trabalhadores empregados. Diante de tal situação, os escritos de Smiles em *Ajuda-te* resultam de sua preocupação em fazer dos trabalhadores indivíduos construtores de sua história, estimulando a independência em relação ao Estado, ao mesmo tempo em que as ações individuais em seu conjunto resultariam em ações coletivas.

Aos pontos citados – intensidade e adaptabilidade – acresce-se o terceiro requisito que um clássico deve possuir, na opinião de Barzun. Um clássico deve atrair para si um número de

⁵² BARZUN, Jacques. *Por que ler os clássicos na atualidade*. Texto disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Column/8413/barzun.html>>. Acesso em: 28 dez. 2004, 18:00h.

leitores para que possa ser considerado um clássico. Barzun assinala que “o número necessário é indefinido, naturalmente, e a votação nunca é unânime. Existe sempre, para todo clássico, uma minoria não convencida” (p. 3). Pegando carona nas palavras de Barzun, acredita-se que a universalidade, característica em geral atribuída a um clássico, pode ser relativizada uma vez que um autor considerado clássico em um país pode ser praticamente desconhecido em outro. Portanto, o aspecto da universalidade é relativo se se levar em conta que muitos clássicos são apenas conhecidos em vários países somente por estudiosos da academia. Nesse sentido, o quinto critério definidor de um clássico, citado por Gonzaga, é esclarecedor no que concerne à questão da universalidade, ou seja, “são obras de reconhecido valor histórico ou documental, **mesmo não alcançando a universalidade incontestada**” (p. 2) [grifos nossos].

Em relação à auto-ajuda, pode-se considerar Samuel Smiles um autor clássico, mas se assim o é, por que não é citado? Conhecido? Ou clássica será somente a sua obra? Pode-se intitulá-lo clássico simplesmente por ter sido a primeira obra no gênero? Além do aspecto essencial que Weffort delega a um clássico – o de persistir ao longo dos anos – destaca-se a idéia de Barzun⁵³ sobre a definição de clássico, em que pesa primordialmente a capacidade de “estabelecer uma ponte entre o passado e o presente”. Ao se atentar para essa característica, pode-se considerar Samuel Smiles um clássico da auto-ajuda em função de um conjunto de estudos empreendidos por ele. Como se verá a seguir, Smiles dedicou grande parte sua vida analisando a história de vida de pessoas a quem considerou dignas de serem retratadas. Em geral, inventores e industriais representam em Smiles figuras edificantes dignas de publicação. Ao recordar aquilo que Calvino (1993) alerta sobre um clássico, de que este “não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; às vezes descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber), mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular)” (p. 12), se verá que a estratégia de Smiles consiste simplesmente em resgatar e descrever o que alguns homens fizeram até alcançarem postos mais elevados em suas profissões. O próprio Smiles (1859, p. V) afirma que não há “nada de novo nem original”, e que seus conselhos são tão velhos “como os provérbios de Salomão e, tão familiar talvez como eles” (p. VI). Ele é pioneiro quando se fala em conjugar em uma mesma obra a construção de várias

⁵³ Texto disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Column/8413/barzun.html>>. Acesso em: 28 de dez. 2004, 18:00h.

trajetórias biográficas com o intento de mobilizar trabalhadores em suas condições de trabalho. Sobretudo Smiles é pioneiro quando se trata de concentrar lições de aperfeiçoamento de pessoal, perseverança e dedicação no trabalho com o desenvolvimento do caráter. Entretanto, apesar de *Ajuda-te* ser uma obra composta de uma série de pequenos trechos biográficos, ela permanece desconhecida do grande público que consome os manuais de auto-ajuda.

Embora no Brasil Samuel Smiles tenha sido resgatado via publicação do livro *Literatura de auto-ajuda e individualismo*, de Francisco Rüdiger (1996), ainda pouco se conhece a respeito desse pioneiro. Foi pensando em contribuir com essa situação que se reuniu aqui um pouco da história de vida de Smiles⁵⁴, bem como os principais acontecimentos históricos que marcaram sua época, uma vez que nos permitem um recuo a um momento em que o capitalismo apresentava seus primeiros sinais de crise. Smiles viveu em um período em que a história dos homens, em especial a dos operários das fábricas, estava sendo construída sob muitos confrontos. Esse recuo que visa resgatar os acontecimentos das primeiras décadas do século XIX, serve de aporte para que se possa estabelecer a ligação de uma época histórica e as idéias e valores que nortearam o pensamento do autor. Smiles acompanhou e participou da construção de uma nova ordem social, cuja organização do trabalho deixava de lado o artesanato para o estabelecimento do sistema fabril - época de grandes invenções industriais. E é nesse período que Smiles deixa registrado seu clamor para que os trabalhadores ingleses exerçam seu “auxílio próprio” para que sejam os protagonistas de sua própria história.

⁵⁴ Para organizarmos a biografia de Samuel Smiles, consultamos os sites disponíveis na Internet como ferramenta de apoio, uma vez que na rede encontram-se – embora ainda pouco aprofundadas – informações sobre a vida e obra deste autor. Essas informações estão dispersas, o que nos fez percorrer vários sites para estruturarmos o que pretendíamos. Temos ciência da dinamicidade de mudanças e acréscimo de informações, mas vale ressaltar que se procedeu a um resgate do que se considera importante para a composição deste trabalho. Foram os seguintes sites pesquisados: <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRsmiles.htm>>. Acesso em: 06 jul. 2004, 22:00h; <<http://www.fordham.edu/halsall/mod/1882smiles.html>>. Acesso em: 07 jul. 2004, 21:00h; <http://www.bbc.co.uk/history/historic_figures/smiles_samuel.shtml>. Acesso em: 25 jul. 2004, 21:30h; <<http://www.abacci.com/books/authorDetails>>. Acesso em: 25 jul. 2004, 22:00h; <<http://www.geo.ed.ac.uk/scotgaz/people/famousfirst363.html>>, Acesso em: 26 jul. 2004, 22:35h; <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRsmiles.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2004, 23:00h; <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRholyoak.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2004, 23:10h; <http://www.bBbc.com.uk/history/historic_figures/smiles_samuel.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2004, 23:14h; <http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/pilar_iglesias_aparicio/tesis_doctoral/cap4_sin_fotos_la_mujer_segun_la_gin_ecologia_del_siglo_xix.doc>. Acesso em: 27 jul. 2004, 23:30h; <http://encyclopediaindex.com/self_encyclopedia.htm>. Acesso em: 28 jul. 2004, 23:40h.

No item que segue, o que se verá poderia ser chamado de um resgate daquele que é considerado o “Titanic da literatura de auto-ajuda e [que] merece levantar-se outra vez” segundo palavras de Tom Butler-Bowdon.⁵⁵

2.2. O autor e seu tempo

Smiles nasceu em Haddington (Escócia), em 23 de dezembro de 1812, período em que uma série de inovações técnicas permitiu acelerar o processo de industrialização⁵⁶. Com o desenvolvimento do capitalismo ampliou-se a exploração do trabalho, agravando-se as desigualdades sócio-econômicas que repercutiram em manifestações e revoltas operárias. Um pouco antes, em 1811, na Inglaterra, os chamados *ludditas*⁵⁷ procediam à quebra de máquinas como forma de externar sua posição diante de seus empregadores, pois consideravam que a introdução de máquinas – de tear a vapor - nas indústrias era a responsável pela eliminação de postos de trabalho. Nesse período Smiles morava com sua família, composta de onze irmãos, dos quais era o mais velho. Sobre seus pais o que se sabe é que dirigiam um pequeno comércio, no qual Smiles muitas vezes ajudava. Até os 14 anos frequentou a escola em sua cidade natal; foi nesse período que começou a atuar como aprendiz de um médico conhecido, o Dr. Robert

⁵⁵ Texto disponível em: <<http://psychology.about.com/od/shclassic/a/aa50shclassic42.htm>>. Acesso em: 02 jan. 2005, 13:00h.

⁵⁶ Embora o termo *industrialização* esteja ausente nos escritos do século XIX, o conceito está presente em Marx quando ele “distingue a ‘indústria moderna’ ou ‘sistema fabril’ ou ‘sistema da maquinaria’ das formas anteriores de produção capitalista, a COOPERAÇÃO e a MANUFATURA. A indústria moderna distingue-se pelo papel central que nela desempenha a maquinaria: ‘Tão logo as ferramentas se transformaram de implementos manuais do homem em implementos de um aparelho mecânico, de uma máquina, o mecanismo motor também adquiriu uma forma independente, totalmente emancipada das limitações da força humana. Com isso, a máquina individual reduz-se a simples fator de produção pela maquinaria’” Marx (apud Bottomore, 2001, p. 192).

⁵⁷ Os *ludditas*, como ficaram conhecidos os destruidores de máquinas, formavam uma organização de operários que se dizia estar sob as ordens de um general chamado Ned Ludd, de quem deriva a denominação. A destruição de máquinas continuou até meados de 1816. Segundo Huberman (1986), os *ludditas*, nas suas manifestações, cantavam canções para externar seus sentimentos de revolta diante das condições sociais que viviam. Uma das canções dizia: “De pé ficaremos todos. E com firmeza juramos quebrar tesouras e válvulas e pôr fogo às fábricas daninhas” (p. 186). Para os *ludditas*, a máquina seria a grande vilã na relação de trabalho. Interessante é observar a interpretação de Marx (1968) sobre essa relação. Para ele “é incontestável que a maquinaria em si mesma não é responsável de serem os trabalhadores despojados dos meios de subsistência (...). A maquinaria, como instrumental de trabalho que é, encurta o tempo de trabalho, facilita o trabalho, é uma vitória do homem sobre as forças naturais, aumenta a riqueza dos que realmente produzem, mas, com sua aplicação capitalista, gera resultados opostos: prolonga o tempo de trabalho, aumenta sua intensidade, escraviza o homem por meio das forças naturais, pauperiza os verdadeiros produtores” (p. 506). O problema estaria então, na relação social estabelecida – uma relação em que homens escravizam outros homens quando a maquinaria poderia então libertá-los, conforme se observa nas palavras de Marx. “Era mister tempo e experiência para o trabalhador aprender a distinguir a maquinaria de sua aplicação capitalista e atacar não os meios materiais de produção, mas a forma social em que são explorados” (p. 491).

Lewins. Provavelmente por influência desse trabalho, optou por entrar para o curso de medicina da Universidade de Edimburgo (Escócia) em 1829.

Durante o curso universitário Smiles participou da campanha para a Reforma do Parlamento Inglês. Para externar suas idéias escreveu vários artigos, os quais foram posteriormente publicados num diário semanal de Edimburgo – *Edinburgh Weekly Chronicle*. Graduou-se em 1832 e voltou para Haddington para atuar profissionalmente, segundo desejo de seu pai, expresso antes do seu falecimento. Não se sabe ao certo por quantos anos Smiles atuou como médico, mas ainda nesse período tornou-se simpatizante e colaborador de Joseph Hume⁵⁸, um político escocês radical que conhecera durante o curso de medicina em Edimburgo.

Hume e outros parlamentares ingleses presenciaram um período – as primeiras décadas do século XIX - em que os trabalhadores da Inglaterra experienciaram uma fase de crescimento que se firmou, principalmente, nos setores de produção industrializados. As mudanças sociais e políticas decorrentes do processo de industrialização podiam ser visualizadas pelo crescimento urbano, sendo que uma das mais importantes conseqüências da Revolução Industrial diz respeito ao surgimento da classe operária. O novo cenário fabril estimula um enorme aumento da produtividade em função da utilização dos equipamentos mecânicos, da energia a vapor e, posteriormente, da eletricidade, que substituem gradativamente a força animal e humana. Apesar da abertura de inúmeros postos de trabalho, o excesso de oferta de mão-de-obra começou a gerar desemprego e milhares de trabalhadores desempregados vão se incorporar à grande massa de mendigos.

Nas cidades, a população aumentou consideravelmente com a chegada dos camponeses que buscavam um emprego como operários nas fábricas, conforme dados e análise que Marx (1987) faz ao desvendar os segredos da “chamada acumulação primitiva”. A população de Leeds – cidade em que Smiles passou a residir a partir dos anos 30 do século XIX -, por exemplo, não

⁵⁸ Smiles considerava Hume um “homem de perseverança” cuja admiração se manifesta na observação de sua trajetória de vida. Em *Ajuda-te* (1859) Smiles descreve, ainda que resumidamente, a trajetória de Hume, que começa como aprendiz de cirurgião e acaba tornando-se um bem-sucedido cirurgião médico. Após ser diplomado na profissão, empreendeu várias viagens à Índia como cirurgião de bordo a serviço da Inglaterra. Dedicou atenção ao aprendizado sobre manobra de bordo e estudos sobre a navegação. Em 1812, Hume foi eleito deputado para o Parlamento Inglês, no qual se manteve com pequenas interrupções, durante 34 anos.

passava dos 53.000 habitantes em 1801, aumentando para 152.000 em 1841.⁵⁹ Inversamente ao crescimento industrial e populacional, as mudanças nas condições de trabalho reduziam as condições e as possibilidades de uma vida digna dos trabalhadores. A exploração do trabalho humano com o industrialismo degradou, além da vida de homens trabalhadores, milhares de mulheres e crianças, que eram submetidas à mesma desgastante jornada de trabalho.

Nesse contexto, Smiles, que já havia desistido da carreira de médico, passou a dedicar-se à literatura, não numa perspectiva de denúncia das condições sociais vividas pelos trabalhadores, pelo contrário, uma literatura que passou isenta dos problemas sociais de sua época. Essa é uma característica marcante nas obras de Smiles: a de não mencionar conflitos, tensões ou os antagonismos de classe entre burguesia e proletário, aspectos centrais na obra de Marx⁶⁰. Em Smiles não há referência nem à burguesia nem ao proletariado enquanto classes, uma vez que ele acreditava na não existência ou superação dessas diferenças. Por acreditar tanto na bondade humana – no bom caráter – Smiles dedicou sua vida à literatura como uma missão⁶¹ de vida.

Smiles participou ativamente dos movimentos em prol da Reforma Parlamentar da Inglaterra, tendo Leeds como cenário para as muitas questões sociais que mereciam atenção. Desta forma, em 1837 Smiles começou a contribuir com alguns artigos sobre a reforma parlamentar para o *Leeds Times* - jornal fundado por quatro executivos em 1833. A partir de 1837, Frederick Hobson assume a coordenador geral e é nesse período que a tiragem de edições vendidas não ultrapassava 3.500 cópias por semana, decaindo com a criação do jornal cartista *Northem Star*. O *Leeds Times* tinha como público-alvo a classe média, embora muitos trabalhadores também fossem assíduos leitores. Em 1838 Smiles assume a chefia da edição do jornal, abandonando definitivamente a carreira de médico em favor de sua militância pela mudança política, embora pela via parlamentar. Ele conta em sua autobiografia:

⁵⁹ Além de Leeds, no período compreendido entre 1801 e 1841 cidades como Manchester passam de 35.000 para 353.000 habitantes e Birmingham de 23.000 para 181.000 habitantes (Huberman, 1986, p. 180).

⁶⁰ Vale ressaltar que Smiles (1812-1904) e Marx (1818-1883) viveram na mesma época, mas é como se um não tivesse tomado conhecimento da existência e da atuação do outro, ainda que ambos tenham tido participações significativas no que se refere ao envolvimento, à militância e aos escritos em relação à ordem política, econômica e social estabelecida naquele momento. Acredita-se que esse “deixar passar em branco” represente o posicionamento de Smiles no que se refere ao papel do Estado e dos trabalhadores nas relações de trabalho.

⁶¹ Sobre a idéia da literatura como missão ver Nicolau Sevcenko (1989) em *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*.

Em 1838 eu recebi uma carta que teve uma importante influência em minha carreira futura. Era do Sr. Bingley, repórter do *Leeds Times* e foi escrita em nome de Mr. Hobson, proprietário desse jornal. A carta dizia que a prosperidade do *Leeds Times* havia estacionado desde a morte de Robert Nicoll (o editor precedente); que a circulação tinha caído em parte por causa da concorrência com o *Northern Star*, conduzido por Feargus O'Connor; e que, embora Charles Hooton (editor atual) fosse um homem muito competente, de certa forma não tinha participado livremente dos movimentos políticos e que, em suma, ele estava para deixar o cargo e o Sr. Hobson queria substituí-lo por outro escocês.⁶²

À frente da edição do jornal, Smiles empreendeu esforços para aproximar a classe média dos trabalhadores. Criticou duramente o cartismo⁶³, não pelos seus objetivos, uma vez que se identificava com suas reivindicações, mas discordava da força física empregue pelo movimento. Com o passar dos anos, o *Leeds Times* foi recuperando seus índices de venda e Smiles permaneceu no cargo de editor-chefe até meados de 1845.⁶⁴

Em 1840 Smiles recebe o convite para secretariar a Associação para a Reforma Parlamentar de Leeds, uma organização que se guiava pelos objetivos defendidos pelo cartismo. O movimento cartista constituiu-se na campanha de agitação pela reforma da lei eleitoral. De acordo com Engels (1980, p. 21) “os operários formavam a ala radical do partido da reforma; e quando a lei de 1832 os privou do direito de sufrágio, sintetizaram as suas reivindicações na Carta do Povo (*Peoples's Charter*) e, em oposição ao grande partido burguês que combatia as leis cerealistas, constituíram-se em partido independente, o partido cartista, que foi o primeiro partido operário do nosso tempo”. As reivindicações do movimento cartista, segundo Huberman (1986, p. 189), estavam relacionadas ao: “1. Sufrágio universal para todos os homens; 2. Pagamento aos membros da Câmara dos Comuns (o que tornaria possível aos pobres se candidatarem ao posto); 3. Parlaentos anuais; 4. Nenhuma restrição de propriedade para os candidatos; 5. Sufrágio secreto para evitar intimidações; 6. Igualdade dos distritos eleitorais”.

⁶² Texto disponível em: <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRsmiles.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2004, 23:00h. Tradução nossa do inglês.

⁶³ Segundo Castelo Branco (2005), “o cartismo, demonstra o aprendizado da classe trabalhadora na defesa de seus interesses. Novas táticas de lutas foram incorporadas e o proletariado partiu para um novo movimento reivindicatório. Em 1838, trabalhadores britânicos amparados pela Associação dos Trabalhadores Londrinos, iniciou um movimento de caráter reformista que ficou denominado de cartismo. Teve esse nome derivado do fato dessas reivindicações serem feitas através do envio de cartas, petições ou abaixo-assinados aos parlamentares ingleses exigindo reformas urgentes”.

⁶⁴ Estas informações encontram-se disponíveis em: <<http://www.spartacus@pavilion.co.uk>>. Acesso em: 15 ago. 2004, 23:20h. Tradução nossa do inglês.

O cartismo, considerado o primeiro movimento de massa da classe operária, “no qual participaram os artesãos, sob pressão econômica” conforme lembra Hobsbawm (1999, p. 124), significou uma vitória da luta organizada do movimento operário, que desde o início do século XIX tentava estruturar-se, ainda que essa organização existisse sob formas isoladas, incipientes e de pouca expressão. Mas a mobilização em favor dos direitos dos trabalhadores, pelo menos nas primeiras décadas, deve-se muito mais à influência de reformadores sociais, médicos humanistas, políticos liberais e escritores do que propriamente às tentativas de organização da classe operária (Graça, 2000, p. 25). Tanto assim que em meados de 1840 o nome de Samuel Smiles - ainda à frente do *Leeds Times* - figura na lista dos participantes ativos do movimento. Além de Smiles aparecem nomes como: Charles Connor (membro do *Leeds Northern Union*), Joshua Hobson (membro da *Leeds Radical Association*), Thomas Tannet (membro do *Leeds Working Men's Association*). Em sua autobiografia Smiles⁶⁵ relata:

Fui à reunião pública realizada em *New Palace Yard*, em 17 de setembro de 1838. O objetivo era convencer o Parlamento em favor da *People's Chart* [Carta do Povo]. O principal orador foi Feargus O'Connor, que fez bom alarde, e Richardson, seu discípulo, também falou. Os procedimentos foram prejudicados pelas atitudes de intimidação física de alguns. Não apreciei muito a multidão de Londres. Pareciam vagabundos e preguiçosos, e não trabalhadores. (...) Em 1839 os trabalhadores sofreram muito. Pelo final do ano, pelo menos 10.000 pessoas estavam desempregadas em Leeds. Embora se queixassem, não se rebelaram. Era diferente em outras partes. Houve tumultos em Birmingham, Manchester, Newcastle e outros lugares. Em Newport, no País de Gales, uma rebelião cartista ocorreu, terminando na captura de John Frost e de alguns insurrectos. Em Bradford os homens utilizaram armas de fogo abertamente. Dezesesseis deles foram pegos pela polícia e condenados a muitos anos de prisão. Feargus O'Connor foi condenado a dezoito meses de prisão por incitar a rebelião e por saquear *Northern Star*.

Diante do que Smiles expõe sobre a reação dos representantes do movimento cartista, parece haver certa decepção na forma como eles conduziam as reuniões. Smiles era favorável à idéia de uma reforma social, mas por meios pacíficos. As brigas e as revoltas simbolizavam manifestações desnecessárias para o ex-médico.

Na Grã-Bretanha, reformadores sociais como Robert Owen (1771-1858) empenharam-se em construir uma cultura mutualista, cooperativista, com vistas a criticar as condições de trabalho dos operários nas fábricas, de mulheres e crianças sob condições degradantes, defendendo a

⁶⁵ Texto disponível em: <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRsmiles.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2004, 23:00h. Tradução nossa do inglês.

instauração de um sistema social em que seria possíveis o progresso humano e a propriedade comum. Toda a divulgação das idéias socialistas, em especial a dos socialistas utópicos, não contagiou complementemente a população da Grã-Bretanha. De acordo com Hobsbawm (1999, p. 124), “o socialismo cooperativo foi sempre um fenômeno periférico, em vias de ser esquecido mesmo quando o país foi empolgado pelo cartismo”. Para este autor, o socialismo entrou em decadência em meados de 1840 e isto deveu-se, em parte, ao avanço do capitalismo britânico sobre os outros países e também às próprias condições políticas da Grã-Bretanha.

Em um período em que o socialismo reformador dá sinais de decadência, Samuel Smiles é convidado a trabalhar com Robert Owen. Esse encontro rendeu a Smiles uma sociedade⁶⁶ com Owen no jornal *The Union*⁶⁷, de propriedade deste. Provavelmente as publicações deste jornal visavam impulsionar a Reforma Parlamentar de Leeds na qual Smiles estava engajado. Segundo ele, “por que não estender o direito de voto aos trabalhadores? Por exemplo, foi mostrado que vinte e cinco pequenos municípios, de nenhuma importância, enviaram cinquenta membros ao Parlamento, enquanto Leeds, com uma população muito maior que todos estes municípios juntos, enviou apenas dois membros”.⁶⁸ Durante muitos anos a Reforma do Parlamento Inglês tornou-se o centro das atenções de Smiles e talvez isso explique o seu envolvimento em outros movimentos como o Movimento Cooperativo de Leeds e outras instituições como a Sociedade Mútua e a Sociedade de Redenção de Leeds.

Ainda na década de 1840, sob os preceitos da doutrina liberal, Smiles começa a pensar na importância do aperfeiçoamento do caráter individual aplicado ao trabalho, para o desenvolvimento de uma nação – neste caso, a Inglaterra. O ponto de encontro de Smiles e Owen tem a ver com o ideal de reforma social que, para Smiles, começaria pela reforma individual. A aproximação dos dois pode ser entendida, então, pela convergência de suas idéias, em particular a

⁶⁶ É importante que se diga que muitos artigos disponíveis nos sites da Internet são contraditórios quanto ao fato de que Smiles teria trabalhado com Robert Owen. Alguns textos os apontam como sócios. Para outros, Smiles seria um dos colaboradores do jornal.

⁶⁷ De acordo com Engels (1980, p. 43), foi Owen “quem presidiu o primeiro congresso em que as *trade-unions* de toda a Inglaterra se fundiram numa grande organização sindical única”. Ainda, “todos os movimentos sociais, todos os progressos reais registrados na Inglaterra no interesse da classe trabalhadora, estão ligados ao nome de Owen” (p.43). Assim, o jornal de propriedade de Owen provavelmente servia de instrumento de divulgação das idéias em favor de melhorias das condições de trabalho nas fábricas.

⁶⁸ Texto disponível em: <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRsmiles.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2004, 23:00h. Tradução nossa do inglês.

reforma da sociedade e o papel do caráter nesse processo. Owen voltava-se mais às condições de trabalho nas fábricas, as quais causavam inquietações tanto pelo trabalho que emprega crianças e mulheres, como pela exaustão da jornada de trabalho empreendida. A aproximação de ambos também se dá pela visão de que a cooperação individual constrói uma sociedade cooperativa e coletiva. Smiles conta, em sua autobiografia, que Leeds teve um Salão Socialista onde eram realizadas reuniões e também leituras socialistas. Smiles assistiu a algumas das reuniões, destacando que Robert Owen era um dos novatos no movimento socialista. Há uma ênfase de Smiles quanto à condução dessas reuniões. Do seu ponto de vista, “infelizmente [os socialistas] misturaram um grande acordo de ateísmo com suas visões na cooperação”.⁶⁹

Aqui se apresenta, provavelmente, o ponto nodal entre Smiles e Owen e quem sabe uma explicação por que não se ouve mais falar em qualquer relação entre eles em anos posteriores: apesar de acreditar na reforma social a partir da reforma individual, Smiles tinha na religião a base de construção de seus valores. O caráter moral tinha relação com a moral religiosa. Protestante, Smiles referencia em seus escritos várias passagens bíblicas, salmos, parábolas de Salomão, trechos das cartas de São Paulo, os quais demonstram sua crença em um Deus. *Ajuda-te*, principal obra do autor, inicia com a seguinte frase: “Ajuda-te e Deus te ajudará” (Smiles, 1859, p. 1). Owen, ao contrário de Smiles, propagava sua descrença na religião, vendo nela uma instituição que deveria ser abandonada ou modificada.⁷⁰

Em 1845 Smiles deixa o *Leeds Times* e assume a secretaria da Companhia Ferroviária *Leeds e Thirsk*.⁷¹ Ficou neste cargo durante nove anos quando aceitou um cargo similar na Companhia Ferroviária *South-Eastern*. Nesse período conheceu George Stephenson, acabando por biografá-lo em 1871. Stephenson era o que Smiles chamava de “homem da invenção”. Foi o

⁶⁹ Texto disponível em: <<http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/PRsmiles.htm>>. Acesso em: 25 set. 2004, 20:00h. Tradução nossa do inglês.

⁷⁰ OWEN, Robert. O livro do novo mundo moral. In: TEIXEIRA, Aloísio. *Utópicos, heréticos e malditos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

⁷¹ A título de curiosidade, Marx também trabalhou nas estradas de ferro inglesas em meados da década de 50 do século XIX. Escreve González (2002, p. 81) que “as dificuldades econômicas levaram Marx a pretender um cargo de funcionário na Companhia de Estradas de Ferro de Londres. Mas há um empecilho insuperável para Marx tornar-se escriturário de uma das mais desenvolvidas empresas capitalistas: Karl tem letra ruim”. Continua González, “o fato de Marx ter pretendido trabalhar como escriturário nas ferrovias inglesas não adquire agora um aspecto não só fantástico como rigorosamente lógico. Em 1863, fragores de batalha na Polônia. De Londres, como sempre, Marx está atento. A guerrilha polonesa golpeia a Rússia czarista. Uma complexa rede de interesses e simpatias apóia os *partisans* poloneses” (p. 84).

responsável pelo aperfeiçoamento da máquina a vapor modificada por Trevithinik. Das sucessivas modificações, Stephenson desenvolveu a locomotiva, o que propiciou mudanças significativas no transporte inglês. O valor que Smiles atribui às invenções deve-se à crença de que o homem é capaz de promover a auto-ajuda, e as invenções representariam o expoente da capacidade humana. O resultado dessas invenções, da máquina a vapor de Watt, lembrada por Smiles em seu livro *Ajuda-te*, significa para ele um “monumento do poder do auxílio próprio no homem” (p. 34).

Em 1850 Smiles abandonou completamente os esforços para a Reforma pela via Parlamentar. Este é o período em que o ex-médico resolve dedicar-se à discussão do desenvolvimento do comportamento humano, acreditando que promover a auto-ajuda é realmente o caminho para a reforma da sociedade. A crença de que o conhecimento das histórias de vida dos homens bem-sucedidos poderia proporcionar um estímulo para que outros alcançassem patamares de sucesso levou Smiles a buscar nas biografias uma estratégia para mobilizar os trabalhadores ingleses. Ao que consta, Smiles proferia palestras divulgando suas idéias sobre o desenvolvimento do caráter pelo cultivo do hábito, da auto-ajuda, do valor da educação pelo trabalho e da importância das biografias como modelos a serem seguidos. Em sua concepção, competia ao homem a autonomia de conduzir sua vida. “Espera-se que o indivíduo seja capaz de usar sua vontade para autocontrolar-se. O homem é auto-suficiente (...). Um exemplo da divulgação destas idéias, repetidas por muitos doutores da época, são as conferências pronunciadas no *Leeds Mechanics’ Institute*, entre os quais o Dr. Samuel Smiles, sobre ‘*Self-Help in Man*’”.⁷²

Em 1859, Smiles publica o livro *Self-Help (Ajuda-te)*, obra que pode ser considerada a mais importante de suas publicações e que dá início à literatura de auto-ajuda e a uma série de tratados sobre a conduta humana nas relações de trabalho. Em *Self-Help* Smiles expõe a necessidade de o homem voltar-se para si, cultivando valores morais, éticos e religiosos. No prefácio de *O dever: coragem, paciência e resignação*, escrito em 1880, Smiles rememora o intuito com que escrevera *Self-Help*. Segundo ele, “uma circunstância aparentemente fútil deu

⁷² Informações disponíveis em:

<http://webs.uvigo.es/pmayobre/textos/pilar_iglesias_aparicio/tesis_doctoral/cap4_la_ginecologia_del_siglo_xix>. Acesso em: 29 jul. 2004, 13:00h.

motivo a que eu escrevesse esse livro” (Smiles, 1910, p. II), qual seja, uma série de conferências proferidas em Leeds, num local que abrigara um hospital provisório para doentes de cólera.

A história da publicação começa a partir de 1845, quando Smiles foi convidado por um grupo de trabalhadores para falar sobre seus conhecimentos. Em um ambiente improvisado, jovens trabalhadores haviam se organizado para ensinarem-se mutuamente⁷³ aquilo que haviam aprendido no decorrer de suas vidas, desde aritmética, química, geografia e matemática. O conteúdo proposto por Smiles compreendia biografias de “homens da invenção e da indústria”, além de exemplos do que estes homens haviam empreendido no decorrer de sua trajetória profissional. Este era o recurso pedagógico utilizado pelo ex-médico para ensinar aos trabalhadores baseando-se naquilo que

outros tinham feito a fim de mostrar o que cada um deles podia, em maior ou menor escala, fazer para si próprio, e indicando que sua felicidade e bem-estar individuais no decurso da vida, dependiam principal e necessariamente deles, da cultura diligente de si mesmos, assim como de poder sobre si próprios e, sobretudo do cumprimento exato do dever individual, em que consiste a glória de um caráter varonil (p. 5).

Os exemplos do que esses homens empreenderam em suas trajetórias e a boa aceitação destes pelos trabalhadores estimulou Smiles a organizar a publicação do referido livro. Até a publicação tornar-se sucesso, foram muitas as frustrações diante das tentativas de conseguir um editor, conforme relato do próprio Smiles (1910, p. II): “Terminada a obra, levei o manuscrito a um editor de Londres, que o devolveu com agradecimentos”. Em busca de um editor, em 1854 o manuscrito foi enviado anonimamente para uma Editora de Londres, também não sendo aceito para publicação. Por mais alguns anos esses escritos foram deixados de lado e Smiles dedicou-se a escrever a biografia de George Stephenson. Finalmente, em 1859 *Self-Help* é publicado. Nos dois primeiros anos foram vendidas mais de 35.000 cópias e em menos de quarenta anos mais de 280.000 exemplares haviam sido vendidos somente na Inglaterra. Nos Estados Unidos o livro

⁷³ Neste particular, levanta-se a hipótese relacionada à influência de um método de ensino escolar. O trabalho de pesquisa de Mercado (1991, p. 103) resgata as origens do processo de monitoria. A autora destaca que “tem início na Inglaterra o Sistema Monitorial, também denominado de **ensino mútuo** ou ensino simultâneo, de Andrew Bell (1775-1832) e Joseph Lancaster (1778-1838), que vão inserir no contexto escolar a prática formal de monitoria, entendida como o processo resultante de interação entre os alunos, com vistas à realização do processo ensino-aprendizagem” [grifo nosso]. A referência ao artigo tem como propósito mostrar que, apesar de a monitoria fazer parte de um sistema de aprendizagem formal, os trabalhadores que não tinham acesso à escola também se valiam dela como estratégia de aprendizagem. Assim, o convite a Smiles caracteriza algo em implantação à época: o ensino mútuo.

tornou-se referência em bibliotecas de muitas escolas. *Self-Help* (título original) foi traduzido para o holandês, alemão, sueco, francês, português, croata, russo, italiano, espanhol, turco, dinamarquês, chinês, siamês, árabe, japonês e alguns dialetos indianos.

Destacam-se a seguir algumas referências em relação à produção literária de Smiles:

Quadro 1. Obras publicadas por Samuel Smiles

OBRA (título original)	Obras traduzidas para o português	Ano de publicação
<i>Self-Help</i> ⁷⁴	<i>Ajuda-te</i>	1859
<i>Publisher and His Friends: Memoir and Correspondence of the Late John Murray</i>		* ⁷⁵
<i>Publisher and His Friends: Memoir and Correspondence of the Late John Murray (Volume II)</i>		*
<i>The Huguenots: Their Settlements, Churches and Industries in England and Ireland</i>		1861
<i>The Perfection of England: Artist Visitors to Devon-1750-1870</i>		*
<i>Lives of the Engineers</i> - 3 vol		1862
<i>Self-Help</i> - 2. ed	<i>O poder da vontade ou caráter, comportamento e perseverança</i>	1865
<i>Self-Help and opportunities</i>		*
<i>Character</i>	<i>O caráter</i>	1871
<i>Workmen's Earnings, Strikes and Savings</i>		*
<i>Thrift</i>		1875
<i>Duty</i>	<i>O dever</i> – traduzido no Brasil em 1884 por Corina Coaraci	1880
<i>Life and Labor: characteristics of Men of Industry Culture and Genius</i>	<i>Vida e Trabalho</i>	1887

Fonte: Quadro organizado por Adriana Cláudia Turmina

Em *Ajuda-te*, Samuel Smiles dedicou especial atenção aos inventores em cerâmicas, descrevendo Josiah Wedgwood⁷⁶ como um “homem de biografia célebre”. A carreira de

⁷⁴ A partir da efervescência da Revolução de 1848, os anos posteriores a 1850 representam um período em que afloram publicações importantes tais como: *Self-Help* de Smiles em 1859; John Stuart Mill lança sua obra *Sobre a liberdade e idéias sobre a Reforma Parlamentar*; Charles Darwin publica em Londres seu livro *A origem das espécies* e Karl Marx publica a *Contribuição à Crítica da Economia Política*.

⁷⁵ Referência não encontrada.

⁷⁶ Josiah Wedgwood era tio de Charles Darwin - a quem Darwin se referia como “tio Jos” -, e incentivou Darwin a aceitar o convite do governo Britânico para fazer um levantamento da costa sul-americana e de algumas ilhas do pacífico no navio explorador, *HMS Beagle*, viagem que foi realizada de 1831-1836. Para mais informações sobre Darwin consultar: SPROULE, Anna. *Charles Darwin: a história de como a Teoria da Evolução desafiou a visão religiosa da criação do mundo*. (Série - Os grandes cientistas: Personagens que mudaram o mundo). Rio de Janeiro:

Wedgwood, fabricante de louça inglês, é descrita desde o seu aprendizado junto ao irmão, associando-se posteriormente a um dos operários. Juntos começaram a fabricar cabos para facas, caixas e pequenos utensílios domésticos. No transcorrer das atividades, estabeleceram-se outras parcerias, até que o cerâmico resolveu organizar por conta própria a sua fábrica em Burslem (Inglaterra). Em 1785, o fabricante de louças é considerado um empreendedor de sucesso em sua atividade, na opinião de Smiles, enfatizando que as experimentações de Josiah tiveram auxílio de muitas pessoas “altamente colocadas e influentes; porque o espírito de desinteresse com que trabalhava granjeava-lhe desde logo o auxílio e proteção dos amigos do progresso. Fez para a rainha Carlota o primeiro serviço de mesa Real de manufatura inglesa, da qualidade que se chamou depois de *Queen’s ware* (louça da rainha), e foi nomeado Oleiro da Casa Real” (Smiles, 1859, p. 102). Smiles descreveu Josiah Wedgwood como um “herói industrial do mundo civilizado”.

No período em que Samuel Smiles permaneceu em Leeds, dedicou-se a estudar o caráter dos homens que julgava dignos de servirem de exemplo, convertendo suas análises em biografias. Além da biografia de Josiah Wedgwood, dedicou-se a descrever, pormenorizadamente, a vida e a realização de outros personagens considerados edificantes pela sua industrialidade⁷⁷:

Globo, 1990. Smiles (1859, p. 99) em *Ajuda-te* destaca que “Josiah Wedgwood era um desses homens incansáveis que, de tempos a tempos saem das fileiras do povo, e pela energia do seu caráter incutem na classe laboriosa hábitos industriais, e pelo exemplo da sua atividade e perseverança exercem uma larga influência em todas as direções sobre a atividade pública e contribuem em alto grau para formar o caráter nacional”.

⁷⁷As informações a respeito das diversas publicações de Samuel Smiles estão disponíveis em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_Smiles>. Acesso em: 21 ago. 2004, 21:00h.

Quadro 2. Personagens biografadas por Samuel Smiles⁷⁸

Obras	Ano de publicação
<i>Brief biographies</i> (artigos publicados periodicamente no <i>Quarterly Review</i>)	1860
<i>Biografia Industrial</i>	1863
<i>James Brindley</i>	1864
<i>Boulton e Watt</i>	1865
<i>Thomas Telford</i>	1867
<i>Lives of the Engineers</i> , new ed. 5 vol	1874
<i>Robert Dick, Baker of Thurso, geologis and botanist</i>	1878
<i>George Moore, Merchant and philanthropist</i>	1878
<i>Men of invention and industry (Inventores e industriais)</i>	1884
<i>James Nasmyth</i> ⁷⁹ , <i>engineer, an autobiography</i>	1885
<i>A publisher and friends. Memoir and correspondence of the Late John Murray</i>	1891
<i>Jasmin, Barber, Poet, Phylanthoropist</i>	1891
<i>Josiah Wedgwood, his personal history</i>	1894
<i>The autobiography of Samuel Smiles</i> ed. T. Mackey	1905

Fonte: Quadro organizado por Adriana Cláudia Turmina

Smiles publicou ainda outros livros que discorrem sobre *Os huguenotes na França após a revogação do edito de Nantes* e *Os ganhos dos operários, greves e salários*.

Dessas publicações, *O caráter e O dever*, obras nas quais Smiles explora a questão acerca do comportamento humano, foram comentadas pelo professor Cláudio DeNipoti em seu artigo “*A gloriosa asneira de casar-se: amor e casamento no início do século*”⁸⁰. “Para Smiles”, diz

⁷⁸ Embora a “matéria-prima” de Smiles sejam as biografias, muitos de seus livros são compostos de excertos biográficos, portanto vários são os personagens referenciados em uma mesma obra, como é o caso de *Biografia Industrial* (1863), o que explica por que não se especifica no título um nome em especial.

⁷⁹ Na Inglaterra a partir de 1830 se presenciou um período de muitas invenções que acabaram fortalecendo o modo de produção que se desenvolvia. Smiles via os engenheiros como profissionais responsáveis pelo fortalecimento do país. Mas não declara a existência do capitalismo nem que esse modo de produção estava se apropriando da força de trabalho, o que naquela ocasião já fazia rebentar greves e revoltas operárias. Marx (1968, p. 499-500), crítico do modo de produção que se firmava, observou que “em seu depoimento perante a ‘*Trades Union Commission*’ Nasmyth, o inventor do martelo a vapor, falando sobre os aperfeiçoamentos de máquinas por ele introduzidas, em virtude da greve grande e longa dos trabalhadores em construção de máquinas em 1851, informa o seguinte: ‘A característica marcante de nossos aperfeiçoamentos mecânicos modernos é a introdução de máquinas-ferramenta automáticas. O que qualquer trabalhador mecânico tem de fazer agora, e o que qualquer jovem pode fazer, não é trabalhar diretamente, mas superintender o belo trabalho da máquina. Toda a classe de trabalhadores dependentes exclusivamente de sua perícia está agora posta de lado. Antes, empregava quatro meninos para um mecânico. Graças às minhas novas combinações mecânicas, reduzi o número de homens adultos de 1.500 para 750. O resultado foi um considerável aumento de meus lucros’”.

⁸⁰ Artigo disponível em: <<http://www.uepg.br/rhr/v1n1/denipoti.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2004, 12:25h.

DeNipoti, “o casamento é a união entre amor e as ‘qualidades do caráter’. Ainda que em nenhum momento critique as práticas de casamentos “arranjados”, ele dá a entender que é o amor a base do casamento - e da família -, aliado ao respeito e à admiração”. Em *O caráter*, Smiles procurou demonstrar a importância dessa virtude como força motriz de desenvolvimento do ser humano e de uma nação. Os “grandes homens” são homens de um grande caráter – é assim que Smiles percebia o indivíduo, como um exemplo que pudesse contagiar outros indivíduos a seguirem o que é uma virtude. Já que o caráter é para Smiles uma propriedade, competia aos homens buscar boas influências cujas fontes estariam disponíveis nas biografias. É interessante observar que nas publicações de Smiles o conteúdo central passa pela questão das biografias, visam histórias dos percursos e percalços profissionais de seus personagens.

Smiles faleceu aos noventa e dois anos, em 16 de abril de 1904.

2.2.1. A obra: *Ajuda-te*

Ajuda-te não é a primeira obra de Smiles, mas a principal no que diz respeito à construção de aconselhamentos e ensinamentos, isto é, de uma pedagogia, com uma intenção declarada de mobilizar jovens trabalhadores num contexto em que o mercado livre proporcionaria o mesmo grau de liberdade e igualdade aos indivíduos que desejassem ascender socialmente. Smiles representa um porta-voz do liberalismo ao propagar o conceito de liberdade de escolha entre os trabalhadores. As aptidões, o talento e a força de vontade individual estabeleceriam laços sociais entre as escolhas individuais e o Estado. Esta instituição existiria, do ponto de vista de Smiles, para promover os meios necessários para que o indivíduo-trabalhador conseguisse levar adiante seus desejos pessoais de forma independente e autônoma.

Autonomia pode ser considerado um conceito chave em *Ajuda-te*, ainda que este termo não seja utilizado explicitamente. A autonomia fica subsumida na expressão *auxílio próprio*. No decorrer da obra é esta a expressão que aparece por conta, talvez, de seus tradutores. Mas o próprio Smiles em 1880 preocupa-se em explicar no prefácio do livro *O dever*, que intitulou o seu livro “‘Ajuda-te a ti próprio’ não tendo encontrado outra expressão melhor, posto que ‘auxílio mútuo’ parecesse talvez merecer a preferência” (p. II). Terminada a obra, Smiles expõe ao público-trabalhador que é no exercício diário da competição individual - elo de ligação para

atingir o progresso profissional -, que se percorre os caminhos necessários para se alcançar a mobilidade social. O movimento da auto-ajuda desencadeado por Smiles parte da crença no potencial realizador do indivíduo relacionado ao desenvolvimento de um caráter pautado na moralidade, funcionando como condicionantes do progresso individual. Por tudo isto, Smiles desconsidera a luta de classes, o antagonismo entre proletariado e burguesia, acreditando que a superação das diferenças se daria na dedicação ao trabalho, na disciplina da profissão, consolidando a importância da moral como determinante na organização social dos indivíduos. Sua visão consiste numa espécie de darwinismo social em que os mais fortes – em força de vontade – superariam os mais “fracos”.

Como já se mencionou, *Ajuda-te* é resultado de uma série de conferências que Smiles apresentou a um grupo de trabalhadores num período em que os valores morais eram sobrevalorizados na sociedade. Fortalecer o caráter significava estabelecer uma continuidade na ordenação desses valores. Smiles fundamenta a prática da auto-ajuda, de modo que sob a égide do mandamento moral, este “controlaria” o individualismo que vinha se firmando desde o século XVII. Smiles (1880, p. 75) destaca algumas palavras de Herbert Spencer acerca da educação moral:

A supremacia do domínio sobre si mesmo é uma das maiores perfeições do homem ideal. Não seguir todos os seus impulsos, não se deixar arrastar por cada um dos desejos que nos dominam alternativamente, mas, pelo contrário, saber manter-se num justo equilíbrio, não se deixar governar senão pelos sentimentos reunidos numa espécie de conselho diante do qual cada uma de nossas ações será debatida e decidida com calma: é isso o que a educação moral, pelo menos, se esforça por produzir.

A preocupação – de fundo - que permeava a sociedade nesse contexto refere-se em como conciliar os valores individuais com os valores morais. A prática da auto-ajuda consubstanciada na moral asseguraria que os indivíduos continuariam melhorando o caráter por meio do cultivo de bons costumes, o que amoldaria e garantiria o controle das tentações. É em *O dever* que Smiles (1910) explicita melhor o problema: “Será possível que na Inglaterra (...) a onda sempre crescente da democracia esteja derrubando os melhores frutos da disciplina doméstica e do caráter moral?” (p. 56). Embora escrito duas décadas depois, é em *Ajuda-te* que o autor desenha a construção de um indivíduo que se guia por princípios – morais, éticos – cultivados habitualmente: “Tudo no homem é hábito, até a própria virtude” (Smiles, 1859, p. 445). O que Smiles entende por hábito

está relacionado com o cultivo dos princípios que se constituem pelas palavras, enquanto os hábitos constituem os fatos. Hábitos e princípios são formadores do caráter. “A educação do caráter é em grande parte uma questão de modelos, porque nos amoldamos inconscientemente ao caráter, às maneiras, aos hábitos e às opiniões daqueles com quem vivemos. Os bons preceitos podem fazer muito, mas os bons modelos ainda mais, porque nestes temos a instrução em ação, a sabedoria em obra” (p. 421).

O denominador comum em todas as publicações do autor é que a construção de seu discurso se pauta basicamente sobre a história, ou melhor, sobre a trajetória profissional de homens a quem considerou figuras edificantes. *Ajuda-te* está estruturado em treze capítulos, sendo que, em cada um destes, Smiles instaura uma tradição de biografar homens de negócios. Inscreve as biografias como modelos de conduta e exemplo a serem perseguidos. A biografia pode ser considerada uma forma particular de retomar a história, de trazer à tona elementos de análise de um contexto que transcende tanto quanto as suas influências. A biografia ultrapassa o tempo e repercute ao longo de uma época. Biografar - como se pode perceber no decorrer de sua obra - é o que consolida o chamado à prática da auto-ajuda.

A tese central da qual parte Smiles para a construção de seus argumentos em *Ajuda-te* é explicitada pelo autor ao final do primeiro capítulo: “Os homens devem necessariamente ser os agentes ativos de seu próprio bem-estar e do seu sucesso no mundo e, que por muito de que os homens sábios e bons sejam devedores aos outros, eles mesmos é que devem (...) ser os melhores auxiliares de si próprios” (1859, p. 30). A partir dessa concepção, sua obra está esquematicamente dividida em treze capítulos. Optou-se por fazer uma súmula⁸¹ de cada capítulo, tendo claro que este é um livro raro, com pouquíssimas edições no Brasil.

No primeiro capítulo Smiles vai do individual ao coletivo, destacando a importância do papel de cada indivíduo na constituição de uma nação. Estabelece os preceitos do liberalismo em que o governo das ações não depende do Estado, mas de cada indivíduo em particular. Adentra nas biografias, explorando como o espírito da auto-ajuda pode ser desenvolvido por “todos”

⁸¹ No anexo I encontra-se a reprodução do sumário do livro *Ajuda-te*, uma vez que se considera a dificuldade de acesso ao original, bem como da sua tradução em português.

independentemente de classe social. Sobressaem nomes que não pertencem “exclusivamente às classes mais elevadas” tais como Shakespeare, Newton, Laplace. Das classes que considerou “mais elevadas” destacam-se nomes como Aléxis de Tocqueville e Disraeli, entre outros. Smiles, à semelhança de Emerson (1803-1882),⁸² utiliza apenas desenhos biográficos, ou seja, faz recortes das histórias de vida, fazendo menção especialmente às profissões exercidas pelos pais dos homens retratados. Sapateiros, alfaiates, vidraceiros, corticeiros, açougueiros, entre outras profissões, são destaque nesse capítulo.

No segundo capítulo, Smiles chama a atenção para o caráter industrial do povo inglês. Enfatiza o trabalho como princípio educativo, colocando-o como um dever e uma bênção. A atividade a que se refere Smiles é o trabalho manual. É deste que surgem os inventores, homens que do ponto de vista do autor são os responsáveis pelo crescimento das indústrias na Inglaterra. A máquina a vapor é um dos exemplos a que Smiles se reporta em várias passagens de seu livro. Ela representaria o “monumento do poder do auxílio próprio no homem” (p. 34). Em *Vida e Trabalho*, Smiles (1901, p. 2) reafirma que o trabalho “é o melhor dos educadores, porque obriga o homem ao contato de outros homens e das coisas como elas realmente são. Se consultarmos as biografias, veremos que os mais dignos varões têm sido sempre os mais ativos na sua profissão, os mais eficazes nas suas investigações, os mais heróicos nos seus empreendimentos”. Dentre os exemplos de homens da indústria e da invenção destaca James Watt, George Stephenson e Arkwright.

O terceiro capítulo versa sobre os três grandes inventores da arte cerâmica – Bernard Palissy (vasos de barro), Friedrich Böttger (inventor da porcelana dura) e Josiah Wedgwood (fabricante de louças) – biografados como empreendedores e como “heróis industriais do mundo

⁸² Ralph Waldo Emerson (1803-1882), pensador, ensaísta, poeta, conferencista, filósofo e orador norte-americano nascido em Boston, Massachusetts, fundador do *transcendentalismo*, movimento ideológico que exerceu notável influência na formação da identidade cultural de seu país e que lhe trouxe grande prestígio internacional, viajou durante um ano pela Europa, esteve na Inglaterra e conheceu pensadores britânicos como William Wordsworth, Samuel Taylor Coleridge e Thomas Carlyle, o que o levou a iniciar sua própria filosofia idealista. Ao voltar, iniciou sua carreira como escritor e conferencista. Criou um grupo que se reunia no *Transcendental Club*, o que deu origem ao nome do movimento, o *transcendentalismo*. As fontes do seu pensamento podiam ser identificadas em muitos movimentos intelectuais como o latonismo, neoplatonismo, puritanismo, poesia do Renascimento, misticismo, idealismo, ceticismo e romantismo. Mais informações sobre a vida de Emerson consultar: <<http://www.sobiografias.hpg.ig.com.br/RalphWal.html>>. Acesso em: 10 jan. 2005, 22:00h.

civilizado” (p. 104) uma vez que demonstram, na opinião de Smiles, dedicação ao trabalho, coragem e perseverança.

A perseverança e a aplicação ao trabalho é o tema discutido por Smiles no quarto capítulo. E como lembra, “o caminho da prosperidade humana é paralelamente à velha e larga estrada da vontade perseverante; e aqueles que são mais persistentes e têm amor sincero ao trabalho, são, em geral, os que obtêm os maiores sucessos” (p. 105). As biografias servem, nesse sentido, para ilustrar o que os inventores, artistas, pensadores enquanto trabalhadores fizeram e “fornecem modelos da mesma espécie e perseverança” (p. 114). Além disso, nomes como George Stephenson, Shakespeare, Newton e Beethoven voltam a ser mencionados.

Também no quinto capítulo Smiles destaca que nenhum resultado se conquista ao acaso, ou seja, a construção de uma trajetória profissional bem-sucedida adquire-se somente pelo trabalho paciente, diligente, que deve ser perseguido ao longo de uma vida. As grandes descobertas, muitas atribuídas a Newton, Darwin, Laplace, Galileu são frutos não do acaso, mas do empenho, da dedicação paciente ao trabalho de investigação na qual culminou a produção científica dessas personagens da história. Do ponto de vista de Smiles, a referência a esses personagens constrói “a história da formação de um caráter verdadeiramente nobre nas condições mais humildes da vida” (p. 169). Há uma ênfase no valor do trabalho enquanto aquele que educa, que protege do que é amoral e ajuda a escrever uma história de vida.

No sexto capítulo Smiles desenvolve a mesma argumentação, apontando a importância do aprendizado sem a participação da escola, um aprendizado que se dá pelo esforço próprio, pela prática, captando ensinamentos de homens de exemplos. Smiles relembra um trecho dos escritos de Beethoven: “‘Ó homem! Ajuda-te a ti mesmo!’. Esta era a divisa da sua vida artística” (p. 223). Estão expressos no quinto e no sexto capítulo excertos biográficos de homens de posições humildes pelos quais Smiles fez questão de enfatizar a possibilidade de ascensão social.

No que se refere às observações expostas no sétimo capítulo, a exemplo do anterior, há um retrato de homens da nobreza dos quais Smiles ressalta o espírito empreendedor e a nobreza de caráter, muito mais do que a “nobreza de sangue”: “O sangue de todos os homens decorre de

origens igualmente remotas; e ainda que alguns haja que possam traçar a sua descendência além dos seus avós, todos, entretanto, têm igual direito de colocar no alto da sua árvore de geração os grandes progenitores da espécie humana (...)” (p. 229). Smiles parece bater sempre na mesma tecla: a de que o trabalho perseverante e diligente é o responsável pelo fracasso ou sucesso de qualquer empreendimento.

Em *Energia e coragem*, chamada do oitavo capítulo, Smiles discute a importância da força de vontade como determinante do progresso individual. Há uma exposição que valoriza o poder da força de vontade em detrimento do poder que o homem muitas vezes delega aos ídolos, atribuindo-lhes erroneamente o que compete a ele fazer. É o exercício “da vontade de trabalhar enérgica e perseverante, que são necessárias para garantir o sucesso de qualquer empresa; d’onde se segue que a energia pode ser considerada como o poder central do caráter do homem” (p. 254). A direção que se dá a esta vontade pode ser boa ou má, dependendo da energia que cada homem imprime, ou seja, “depende unicamente de nós individualmente” (p. 258). Como para Smiles vale a máxima de que “com boa vontade tudo se consegue”, há menção a um fragmento da biografia de Napoleão Bonaparte em que chama a atenção para aquilo que hoje as empresas e a própria programação neurolingüística pregam: o descarte ou a não-utilização da palavra “impossível”. A proposta de Napoleão é que esta palavra fosse eliminada do dicionário. O ‘não sei’, ‘não posso’, ‘é impossível’, eram as palavras ou expressões que ele criticava. Sugeriu que se usasse ‘aprenda’, ‘faça’ e ‘experimente’ (p. 260). A biografia de Charles Napier, general do exército da Índia, é apontada como exemplo de coragem e superação e, principalmente, de força de vontade. “A força de vontade era uma das feições mais notáveis do seu caráter”. Conta Smiles (p. 265) que Napier tinha um bom método para inspirar os soldados, o seu próprio espírito heróico. Trabalhava tanto como qualquer um deles. “A grande arte de comandar”, dizia ele, “consiste em tomar para si boa parte do trabalho”.

Em *Homens de negócio*, nono capítulo, Smiles enumera alguns exemplos: David Ricardo, John Stuart Mill, Herbert Spencer, Shakespeare, entre outros nomes. O autor percebe que o caminho para o sucesso passa necessariamente pela dedicação ao trabalho. “Para alcançá-lo, o trabalho paciente e a assiduidade são tão necessários como adquirir conhecimentos, ou fazer progressos na ciência” (p. 304). Valendo-se de histórias pessoais, afirma que “três coisas são

necessárias para ser hábil em qualquer profissão: propensão natural, estudo e prática” (p. 305). Nos negócios, o autor considera que o grande segredo do sucesso ocorre pela prática sábia e diligentemente dirigida. Relembra a fábula dos trabalhos de Hércules⁸³ como exemplo de sucesso: “Deveria fazer-se sentir a todos os jovens que a felicidade e bem-estar na vida dependem deles mesmos, e do exercício das suas próprias energias, mais do que do auxílio e proteção dos outros” (p. 305). Nestas circunstâncias, caberia ao homem estruturar sua vida não em função ou dependência de outros, mas por si só, pelo trabalho e empenho próprios.

Smiles vê no trabalho, assim como Marx via – embora por diferentes perspectivas - a fonte de toda a construção da história humana e a base que garante a produção da existência do homem. “A necessidade do trabalho pode, na verdade, ser considerada como a raiz principal e a fonte de tudo o que chamamos progresso individual e civilização das nações; e é caso para perguntar se haveria maldição maior para o homem do que a satisfação completa de seus desejos sem esforço de sua parte, sem ter nada a esperar, a desejar, ou a conquistar” (p. 307). A motivação humana concretiza-se no trabalho. Apesar de Smiles não apontar como eram as relações de trabalho, o autor evidencia em seus relatos que compete a cada homem individualmente, pelos seus desejos, empenhar-se para conquistar o que almeja. Em geral, as descrições que aparecem em seu livro enfocam o indivíduo mais como um trabalhador independente e solitário em suas ações do que um trabalhador que divide um espaço de trabalho com outros trabalhadores. Ele não menciona o trabalho coletivo.

Smiles transcreve uma carta escrita por Lord Melbourne a Lord John Russell em resposta a um pedido de emprego para um filho do poeta Moore:

Meu caro João, dizia ele; devolvo-lhe a carta de Moore. Farei prontamente o que me pedes quando isso me for possível. Sou de opinião que o que se fizer será feito por Moore ele mesmo. Isso é mais claro, direto e inteligível. É difícil justificar uma pequena provisão para um rapaz e, além disso, não há nada que lhe seja prejudicial. Julga ter muito mais do que realmente tem, e não faz esforço algum. Os rapazes não deveriam ouvir outra linguagem senão esta:

⁸³ O esforço e superação de obstáculos são contados na fábula em que Hércules recebe doze trabalhos do Rei de Argos, seu primo Euristeu. Os trabalhos são: vencer o Leão de Neméia, Hidra de Lerna, Javali de Erimanto, Corça de Cerínia, Aves do lago de Estinfalo, Estábulos de Augias, Touro de Creta, Éguas de Diomedes, Bois de Gerião, Cinturão da Rainha Hipólita, Busca do cão cérebro, Pomos de ouro do jardim das Hespérides. Para conhecer mais sobre os trabalhos de Hércules ver Brandão, J. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega* (1997).

‘Tendes de fazer a vossa carreira, e depende dos vossos esforços morrerdes de fome ou não’. Creia-me etc. MELBOURNE (p. 305).

A carta de emprego é um retrato de que a história se repete. A relativização da importância do currículo possibilita a abertura para as redes de relacionamento e a reflexão de que as indicações aos cargos não são procedimentos de uma época específica. Nesta passagem, Smiles demonstra que os homens articulam estratégias para organizar suas vidas e daqueles que os circundam. Assim, “os esforços práticos sábios e vigorosamente aplicados produzem certos os devidos efeitos. Levam o homem para adiante, formam o caráter e estimulam os outros. Nem todos se levantam a igual altura, mas, no entanto, cada um chega quase sempre a uma posição correspondente aos seus merecimentos” (p. 306). Nessa passagem Smiles expõe os valores morais e religiosos, os quais permeiam toda a sua incursão e esforço em propagar a prática da auto-ajuda. Em especial, neste capítulo, Smiles admite que o comércio pode ser uma tentação aos homens de negócio porque “põe o caráter em perigo [mais] do que qualquer outra profissão, e expõe a sérios ataques a honestidade, a abnegação, a justiça e a integridade” (p. 326). Enquanto o comércio pode ser encarado como um desafio para o caráter, homens de negócio que se dedicam à invenção, à indústria, às artes, à religião parecem não sofrer tais tentações, por isso são as profissões valorizadas por Smiles.

No tocante ao décimo capítulo, as suas observações estão imbuídas de sua postura em relação à religião. De credo protestante, o autor considera que as ações relativas à economia, empréstimos, aquisições ou investimentos são indicativas dos valores morais do indivíduo. A prática da economia é importante para que o homem conquiste a sua independência, mas não deve tornar-se a finalidade de todas as ações. O dinheiro representa, entre outras coisas, a manutenção da vida por meio da aquisição de alimentos, vestuário e habitação. Um homem que não consegue suprir suas próprias necessidades ou de sua família pode ser considerado um escravo, na visão de Smiles.

No que se refere ao décimo primeiro capítulo, *Educação de nós mesmos: facilidades e dificuldades que apresenta*, Smiles explica como é possível a construção da prática da auto-ajuda. Além do cultivo dos bons hábitos, mencionados anteriormente, a educação é vista como um fator de estímulo ao desenvolvimento humano. A educação a que Smiles se refere não tem relação com

a educação dos bancos escolares. Esta ocupa uma posição secundária e pode ser relativizada em seus escritos. Como já foi comentado, o trabalho educa, organiza, aproxima os homens, estabelece relações sociais. É a isso que Smiles se refere quando prioriza o trabalho como educativo em relação aos conhecimentos adquiridos na escola. Tanto assim que faz uma verdadeira apologia ao trabalho ou quase uma evangelização em torno deste. O fato é que a escola não ensina os valores morais. “A escola da dificuldade é a melhor escola da disciplina moral para as nações e os indivíduos” (p. 391). Além da experiência prática – adquirida pelo trabalho –, dos bons exemplos, as dificuldades são consideradas instrutivas e participam em grande parte na formação do caráter, uma vez que “os trabalhos bem suportados, exercitam o caráter e, ensinam a auxiliar-nos a nós mesmos; e são utilíssimos, ainda que não queiramos reconhecer” (p. 390). A perseverança é o outro elemento instrutivo do caráter do indivíduo aperfeiçoa suas qualidades não se entregando à preguiça e à ociosidade. A perseverança também explica, segundo Smiles, como

a posição dos rapazes na escola são invertidas depois na vida real; e é curioso observar como é que alguns, que foram tão hábeis, se tornaram depois tão vulgares, enquanto que rapazes estúpidos, dos quais não se esperava coisa alguma, vagarosos no desenvolvimento das suas faculdades, mas firmes no caminhar, conquistaram a posição de chefes e condutores de homens. O autor deste livro [Samuel Smiles], sendo criança, tinha na sua classe um companheiro dos mais estúpidos. Todos os professores tinham experimentado com ele todos os meios sem nada conseguirem. Castigos corporais, carícias, súplicas: tudo era inútil. Por várias vezes, se experimentou pô-lo no primeiro lugar da classe, e era curioso ver a rapidez com que ele cai inevitavelmente no último grau. Seus mestres o abandonaram como estúpido incorrigível, e um deles chegou a dizer que era dotado de uma ‘estupidez fenomenal’. Entretanto, apesar de lento, o estúpido tinha em si uma espécie de energia íntima e de tenacidade que se desenvolveram ao mesmo tempo em que os seus músculos; e, coisa muito para estranhar, quando afinal ele chegou a ter parte nas coisas práticas da vida, viram-no tomar dianteira ao maior número dos seus condiscípulos e deixar quase todos para traz. A última vez que o autor teve notícias desse condiscípulo, era ele o chefe da magistratura da sua terra natal (p. 409).

A construção do décimo segundo capítulo incide basicamente na relevância dos exemplos e modelos, sobre os quais Smiles fundamenta a sua apologia à prática da auto-ajuda. Se no capítulo anterior a educação que provinha das vias formais era pouco valorizada, neste capítulo, a educação que se forma a partir dos exemplos é destaque. “O exemplo é o mais eficaz dos mestres, apesar de ensinar sem linguagem. É a escola prática da humanidade que ensina por meio de atos, que são mais poderosos do que as palavras” (p. 412). Smiles é partidário de que é preciso ver

para crer, ou seja, a convivência com pessoas que tenham uma conduta de vida “adequada” aos preceitos e valores morais tem mais a ensinar e é muito mais útil do que aprender conteúdos de química ou física, como o autor já frisara em algumas passagens de sua obra. Ele acredita em um evolucionismo social em que o caráter dos pais ou dos homens que figuram como modelos pode ser reproduzido naquele que acompanha tais trajetórias. Seus ensinamentos não se perdem no espaço ou no tempo, mas pretendem ajudar a solidificação das bases que constituem o progresso de uma nação. “Daí provém a grande importância do exemplo, constitui um ensino mudo que o mais pobre e menos importante da sociedade pode dar na prática cotidiana” (p. 417). E resume: “Não basta *dizer* aos outros o que eles devem fazer: é necessário dar-lhes o exemplo das obras” (p.418). A educação do caráter se dá, então, pelas biografias, no acompanhamento de uma série de modelos de conduta que podem ser estudados, admirados e imitados pelos homens. É desta forma que Smiles acreditava no desenvolvimento do bom caráter de cada trabalhador, que conseqüentemente comporia o caráter de uma nação.

No último capítulo, Smiles dedica grande parte de sua argumentação, a necessidade e à importância da nobreza do caráter. Por nobreza do caráter, entende que representa uma ordem moral que o indivíduo incorpora, cultivando-o pelo hábito. Os preceitos da doutrina liberal são aqui apresentados sob a forma do incentivo à prática da auto-ajuda. “A força, a indústria, a civilização das nações, tudo depende do caráter individual (...) as leis e as instituições não são mais do que as manifestações do caráter” (p. 438). Homens de bom caráter não possuem uma hierarquia social. Tanto o operário quanto um senador podem, na opinião de Smiles, apresentar-se como exemplos a serem imitados. Ele faz uso de parábolas bíblicas para enaltecer os seus argumentos, recorrendo principalmente às palavras de Salomão e São Paulo.

2.3. Uma ‘nova’ utopia: a busca da reforma social pelo caráter individual ou pela luta de classes?

Se cada um de nós quisesse tratar da sua própria reformação, como seria fácil reformar a nação (Smiles, 1859, p. 334).⁸⁴

⁸⁴ Smiles (1859) propõe este ríto ao se reportar a Sócrates quando este diz: “Aquele que quer mover o mundo deve primeiro mover-se a si mesmo” (p. 334).

Muitas questões sociais fizeram os homens, no decorrer da história, projetar soluções imaginárias, fantásticas ou ainda sonhadoras com a intenção de encontrar alternativas para proporcionar uma vida feliz aos indivíduos das sociedades em que viviam. A felicidade sempre foi e continua sendo um dos objetivos perseguidos ao longo da história da humanidade. Homens como Platão, séculos antes de Cristo, já pensavam uma sociedade ideal. A concepção do que é felicidade e de que forma ela poderia ser alcançada gerou diferentes posicionamentos ao longo dos tempos. Por exemplo, ao se retornar ao movimento intelectual de alguns clássicos como Sócrates (470-399 a. C), Aristóteles (384 -322 a. C) e Kant (1724-1804) é possível inferir que estes pensadores postulavam a felicidade sob diferentes alicerces. Para Sócrates o conhecimento do homem sobre si mesmo é fundamental, pois é a partir dele que o homem adquire “instrumentos” para agir corretamente.

A ética socrática é racionalista. Na sua concepção, o bem se caracteriza na felicidade da alma e naquilo que é tido como bom, útil e proveitoso para a felicidade. Segundo Sánchez (1996, p. 238), para Sócrates “bondade, conhecimento e felicidade se entrelaçam estreitamente. O homem age retamente quando conhece o bem e, conhecendo-o, não pode deixar de praticá-lo; por outro lado, aspirando ao bem, sente-se dono de si mesmo e, por conseguinte, é feliz”. O conhecimento é fundamental para Sócrates, mas esse conhecimento baseia-se antes de tudo em um saber moral e prático, o que levaria o homem a agir corretamente. Em Aristóteles o fim do homem enquanto tal, de todos os homens, é a felicidade (*eudaimonia*). O fim absoluto consiste no distanciamento do hedonismo, cujo objetivo final é o prazer (*hedonê*)⁸⁵. Há um afastamento da riqueza, uma vez que percebe a “vida teórica ou contemplação, como atividade humana guiada pelo que há de mais característico e elevado no homem: a razão” (Sánchez, 1996, p. 240). A razão seria a forma de se chegar à felicidade. Mediando esse percurso, Aristóteles enfatiza a ética, a moral e a virtude como elementos essenciais para uma vida verdadeiramente humana, traduzida na “vida teórica na qual consiste a felicidade”, sendo que a vida moral “não é um fim em si mesmo, mas uma condição ou meio para uma vida verdadeiramente humana” (ibidem, p. 241). Nessa visão, em que o homem feliz é o homem contemplativo, não há espaço para os escravos, embora fossem estes os responsáveis pelo sustento dos homens que pensavam.

⁸⁵ De acordo com Rüdiger (1996, p. 167), “a secularização dos costumes privou o capitalismo de seus fundamentos transcendentais, fazendo com que ‘o hedonismo, a idéia do prazer como modo de vida, se convertesse em justificação cultural, se não moral, do capitalismo’”.

As utopias⁸⁶ desempenharam um papel importante ao longo dos tempos no pensamento social. Para Cattani (2003, p. 269), utopia representa o “desejo de alteridade é convite para transformação que constrói o novo, é a busca da emancipação social, é a conquista da liberdade. Utopia não é um conceito nem um quadro teórico, mas uma constelação de sentidos e projetos. A verdadeira utopia é a visão crítica do presente e dos limites e uma proposta para transformá-lo positivamente”. As utopias refletem manifestações de um desejo de reordenação, de realinhamento de uma sociedade que se acredita poder firmar novas ordens sociais, mas principalmente representam o desejo de mobilização daqueles que propõem tais utopias. As utopias servem nesse sentido como propostas “ideais” na resolução de problemas que atingem as sociedades em diferentes épocas. Ao se pensar na acepção do termo utopia, diríamos que ele nos remete ao sentido do “algo” a ser alcançado, a uma intenção ou projeção de um ideal que se encontra em um reino “imaginado”, mas o desejo de mudança refere-se a um reino que é bem real, concreto, assim como os problemas que dali derivam. Até meados do século XVIII, as utopias criadas figuraram apenas no plano imaginário, sem uma vinculação do imaginário com a sua materialização. Ainda assim, as utopias mobilizaram e mobilizam os homens em sociedade. As utopias fazem parte de nossa história e fazem a história!

É a partir do século XVI que o termo utopia ganha expressão. Mais precisamente com o inglês Thomas More (1478-1535), utopia adquire um significado ou passa a ser entendida de uma forma positiva, como um “bom lugar”, o que ocorre com a publicação de *A Utopia*⁸⁷ em 1516. More expõe sua posição sobre a propriedade privada, manifestando-se contrário à sua instauração, uma vez que ela representaria a causa dos problemas sociais e econômicos vividos nesse período. Como lembra Rossetti (1985, p. 93), o que More desejava “era a construção de um

⁸⁶ O termo utopia “provém do grego: *u* – negação, *tópos* – lugar, ou seja, lugar que não existe, um não-lugar. Ainda outra versão grega: *éu* – bem e *tópos* - lugar, significando terra bendita, ou poderíamos dizer um bom lugar. A acepção de utopia que figura no *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos* (2003, p. 554) refere-se a “quimera”, ou seja, “fantasia, ficção, ilusão, invenção, sonho”. Mas a acepção de utopia que mais parece caracterizar a história de vida dos homens é a busca pela perfeição. Faz parte da realidade humana o desejo de superação dos limites, do desconhecido, de competição com o outro, de esperança de uma vida repleta de sonhos realizáveis. A utopia figura no plano do inconformismo, de mobilização; ela serve muito mais como um instrumento de desejo de mudança do que propriamente fuga da realidade.

⁸⁷ A Utopia de Thomas More nada mais é do que uma sociedade pensada e organizada sob outras bases. A estrutura econômica da Inglaterra do século XVI criticada por More – na qual se afirmava a propriedade privada – na ilha de Utopia é reformada para uma sociedade baseada na propriedade comum. Uma ilha em algum lugar distante do continente europeu, transformada na sociedade ideal, cuja reforma social abarcaria toda a vida social, política, econômica e religiosa. Além da Utopia de More, é importante destacar a existência de outras utopias do período, como é o caso de *A nova Atlântida* de F. Bacon (1627) e *A cidade do Sol* de T. Campanella (1602).

Estado ideal, ‘concebido dentro da estrutura da razão pura’”. A idealização de More não previa uma mudança revolucionária na sociedade, mas sim uma reforma social e econômica capaz de organizar os homens em uma sociedade igualitária e feliz.

Uma outra característica presente nas projeções utópicas refere-se às relações de trabalho e à divisão de classes, questões que têm “incomodado” os pensadores das sociedades idealizadas. Independentemente de seus projetos há sempre uma aposta de que aquilo que é tido como dissabor social possa ser superado. A abolição da propriedade privada, a reorganização das relações de trabalho e, conseqüentemente, as mudanças no que diz respeito ao aumento e à intensidade da jornada não foram projetadas de forma tão igualitária. A idéia de que alguns devam trabalhar para que outros possam pensar – a escravidão socialmente necessária de Aristóteles – talvez permita admitir que as propostas de reordenamento das sociedades não sejam tão igualitárias quanto se propõe e que os princípios do liberalismo, se implementados na radicalidade, levarão à dissolução da sociedade de classes.

As utopias de Platão e More figuram no plano filosófico, ou seja, concretamente nunca saíram do mundo das idéias. Mas é possível dizer que elas cumpriram um papel importante na história, uma vez que inspiraram outros homens na tentativa de responder aos problemas sociais de suas épocas. Assim, ao longo dos tempos surgiram outros pensadores em vários países europeus – principalmente na França e Inglaterra – propondo novos e reformados sistemas sociais. O aparecimento desses utopistas alimentou uma vasta literatura socialista e comunista.⁸⁸ Muitos foram os socialistas que preocupados em resolver as condições sociais dos homens e mulheres do seu tempo apelaram para projetos que previam condições de vida dignas para a classe trabalhadora, fim da divisão de classes, propondo para sua sociedade uma nova organização social, econômica, política, educacional.

Historicamente, o século XIX constitui o momento de difusão das idéias socialistas e comunistas bem como a separação entre as idéias defendidas pelos socialistas autodenominados científicos – Marx e Engels – face aos socialistas ditos utópicos. Essa distinção se deve a Marx e

⁸⁸ Destaca-se também na Rússia os socialistas utópicos: Belinski (1811-1848), Herzen (1812-1870) e Tchernichévski (1828-1889). Ver também Dommanget (1974) em *Os grandes socialistas e a educação*.

Engels depois que assumiram a responsabilidade na Liga dos Justos⁸⁹ de formular uma profissão de fé comunista, e com isso, conforme Buber (1971, p. 9), estariam dadas as bases preliminares para “a convocação, em 1848, de um Congresso Comunista Geral e da ‘União de Todos os Oprimidos’”. Este seria um momento importante, uma vez que a pedido da diretoria da Liga deveria constar a “posição em face dos ‘partidos sociais e comunistas’, isto é, a delimitação das diferenças essenciais entre as tendências afins” (p.10). A crítica naquele momento destinava-se, principalmente, aos adeptos das idéias de Fourier, chamados, de acordo com Buber, “homens superficiais” no projeto de declaração que “o órgão central apresentou ao Congresso da Liga, em Londres. No projeto elaborado por Engels, na ocasião, ainda não se fala em socialistas ou comunistas ‘utópicos’, mas somente em homens que propõem ‘grandiosos sistemas de reforma’” (p.10). Do projeto proposto por Engels até a sua versão final, redigida por Marx, há diferenças. Estas são ressaltadas por Buber ao dizer que “os ‘sistemas’ - entre os quais estão incluídos os de Saint-Simon, Fourier e Owen (no projeto de Marx eram citados também Cabet, Weitling e até mesmo Babeuf como autores de sistemas semelhantes) – são considerados frutos de uma época em que a indústria e, portanto, também o proletariado, ainda não havia se desenvolvido” (p.10).

A partir de Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837) e Robert Owen (1771-1858) outras utopias foram propostas para a sociedade do século XIX.⁹⁰ Os três expoentes do chamado socialismo utópico vislumbraram sistemas sociais cujas mazelas vividas pela população poderiam ser minimizadas ou sanadas pelo uso da razão, pela ação da vontade humana, ou como lembra Hugon (1967, p. 184), “[o socialismo utópico] admite a possibilidade de atuar a vontade humana sobre a evolução econômica, de modo a reformá-la, orientando-a no sentido do progresso. Por acreditar na possibilidade de ação progressiva, por confiar nas forças humanas e

⁸⁹ Em janeiro de 1847, Marx e Engels filiam-se à Liga dos Justos, agremiação de orientação socialista com grande inserção entre a classe operária. Em junho de 1847, em congresso realizado em Londres, a Liga dos Justos muda seu nome para Liga dos Comunistas. Engels participa da redação da declaração de princípios da entidade, o “Projeto de Profissão de Fé”. Em outubro de 1847, Engels entra em atrito com a direção da Liga, criticando a sua linha utópica. Para Engels, a Liga deveria se preocupar menos com a “comunhão dos bens” e, mais, com críticas consistentes ao regime capitalista. Texto disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/crono_ilu_manifesto_comunista.htm. Acesso em 09 jan. 2005, 20:00h.

⁹⁰ Engels (1980) em seu livro *Do socialismo utópico ao socialismo científico* refere-se aos representantes do socialismo utópico como homens que puseram “em relevo o desengano (...) e esses homens surgiram nos primeiros anos do século XIX. Em 1802, vieram à luz as Cartas de Genebra de Saint-Simon; em 1808, Fourier publicou a sua primeira obra, embora as bases de sua teoria datassem já de 1799; a 1º de janeiro de 1800, Robert Owen assumiu a direção da empresa de New Lanark” (p. 34).

morais, é este um socialismo otimista”. Mas Engels (1980) parece ter sido quem melhor captou a essência das propostas dos utopistas. Segundo sua análise, “as suas teorias incipientes não fazem mais do que refletir o estado incipiente da produção capitalista, a incipiente condição de classe. **Pretendia-se tirar da cabeça a solução dos problemas sociais**, latentes ainda nas condições econômicas pouco desenvolvidas da época” (p. 34) [grifos nossos]. E Engels lembra ainda que “esses novos sistemas sociais nasciam condenados a mover-se no reino da utopia; quanto mais detalhados e minuciosos fossem, mais tinham que degenerar em puras fantasias” (p. 35). Enquanto os socialistas pretendiam tirar da cabeça tais soluções, conforme observa Engels, Smiles propunha que os indivíduos-trabalhadores tirassem, por meio da prática da auto-ajuda, as soluções na dedicação ao trabalho e no desenvolvimento do bom caráter.

O que não figura como utopia são as transformações ocorridas a partir da Revolução Industrial. Conforme assinalam Hunt e Sherman (1977, p. 69), “a pressão da demanda, em rápida expansão e as perspectivas de lucros elevados produziram no final do século XVIII e no princípio do século XIX, uma verdadeira explosão da atividade inventiva”. Esta fase produtiva em termos de transformações e inovações alterou a estrutura das cidades e a forma de organização dos indivíduos na sociedade. As cidades com feições manufatureiras cedem espaço para o sistema fabril, que desloca multidões de trabalhadores para as indústrias, cuja produção submete-os à disciplina e ao controle das máquinas. As utopias a partir dos séculos XVIII e XIX se caracterizam muito mais no poder de mobilização do indivíduo do que na construção de sociedades ideais. Há um crescimento espantoso no que se refere à população das cidades e à demanda de trabalhadores que desejam empregar-se na indústria.

Esse é o período no qual Smiles advoga a ascensão do indivíduo pelo trabalho. Os princípios da doutrina liberal que preconiza o desenvolvimento individual por meio do trabalho e do talento são os instrumentos legítimos para a aquisição de bens materiais e da própria ascensão social. Tanto assim que Smiles faz uma verdadeira apologia dos homens que trabalham na indústria, vista como um pólo de desenvolvimento e amadurecimento dos talentos humanos. Smiles destaca que “uma das feições mais notáveis do povo inglês é o seu gênio industrioso” (1859, p. 31). Na sua opinião, o desenvolvimento da Inglaterra é resultado do empenho da energia individual, “e do número de cabeças e braços que, em todas as épocas, se empregaram

ativamente na cultura do solo, na produção de artigos de utilidade, na fabricação de ferramentas e máquinas, na publicação de livros e jornais” (p. 31).

Enquanto Smiles supervalorizava o desenvolvimento econômico e industrial da Inglaterra em meados do século XIX, as transformações decorrentes do progresso industrial como o excedente de riquezas ou as benesses da industrialização não chegavam aos operários, que viviam em condições sociais degradantes. Com a grande indústria, os trabalhadores eram submetidos a jornadas de trabalho excessivamente exaustivas, condições de higiene precárias, remuneração incompatível com as longas horas trabalhadas. Além disso, também cresciam os índices de violência e a prostituição aumentava à medida que as cidades cresciam. Esse era o panorama da Inglaterra no período de Smiles.⁹¹

Se as utopias de Platão e More faziam referência a um não lugar, a uma sociedade hipoteticamente imaginada, a sociedade pensada pelos utopistas do século XIX contém um elemento distinto: elas são reais e os projetos desenvolvidos por muitos de seus visionários saíram do plano imaginário em busca de sua materialização. Apesar de as tentativas de implementação de seus projetos não fecundarem, é preciso dizer que eles continham um viés crítico, de insatisfação, que serviu como estímulo de ação para muitos dos discípulos desses socialistas utópicos – principalmente Owen, Fourier e Saint-Simon. Marx e Engels (2002) reconhecem o valor dessas ações ainda que discordem dos caminhos pelos quais elas foram perseguidas ou implementadas. Segundo esses autores,

estas publicações socialistas e comunistas contêm, também, um elemento crítico. Atacam todos os princípios da sociedade existente. Por isso, são repletas dos materiais mais valiosos para o esclarecimento da classe trabalhadora. As medidas práticas propostas, tais como a abolição da distinção entre cidade e país, da família, do lucro privado e do sistema de salários; a proclamação da harmonia social; a conversão do Estado em uma mera superintendência de produção; todas estas propostas apontadas somente para o fim dos antagonismos de classe, que estavam, naquela época, surgindo e que, nestas

⁹¹ Marx (1968, p. 476) lembra que entre 1844 e 1850 “na maioria das fábricas têxteis de algodão, de lã e de seda, o esgotamento provocado pela sobreexcitação necessária ao trabalho atento com as máquinas, cujo movimento foi grandemente acelerado nos últimos anos, parece ser uma das causas do excesso de mortalidade por doenças do pulmão, posto em destaque por Dr. Greenhow em seu recente e admirável relatório”. Além disso, havia, na maior parte das fábricas, a contratação de mulheres e crianças que eram submetidas às mesmas condições degradantes de trabalho. Em contrapartida, os *indicadores de saúde* agravam-se: a taxa de mortalidade (por mil), entre 1831 e 1844, aumenta de 14.6 para 27.2, em Birmingham; de 16.9 para 31, em Bristol; de 21 para 34.9 em Liverpool.

publicações, são reconhecidos somente em suas formas indistintas e indefinidas. Estas propostas, portanto, são de caráter puramente utópico (p. 59).

Com Marx e Engels o termo utopia ganha outro significado: ao invés de utopia figurar com um sentido de um não-lugar, mas ainda assim um bom lugar, esses autores captaram o sentido negativo do termo. Utopia, no *Manifesto Comunista*, passa a designar a idéia de projetos ou propostas irrealizáveis. A crítica empreendida por Marx e Engels aos socialistas utópicos (Saint-Simon, Fourier e Owen) diz respeito à concepção que estes pensadores nutriam em relação ao sistema capitalista – eles acreditavam na indústria e na ação voluntarista como saída ou possibilidade de reconstrução social, enquanto Marx julgava que a transformação da sociedade também viria por meio do socialismo mas, diferentemente dos utopistas, seria a classe trabalhadora revolucionária organizada o agente de tal revolução. Para Marx a revolução constitui o instrumento de transformação social e não de mera reforma social como vislumbravam os utopistas e o próprio Smiles. “*Trabalhadores de todos os países, uni-vos!*”, frase que dispensa apresentações, representa a posição de Marx no que se refere aos agentes dessa transformação.

Além dos referidos socialistas utópicos, como já se mencionou, outros homens desejavam a reforma da sociedade. As idéias de uma reforma social defendidas por utopistas como Robert Owen, por exemplo, parecem ter exercido grande influência na postura e pensamento de Samuel Smiles. Assim como Owen, Smiles acreditava que pela elevação do caráter do homem estariam dadas as condições de uma reforma via parlamentar. Até onde se sabe, Smiles não empreendeu nenhum projeto de sociedade a exemplo de Owen, cuja proposta de organização social foi evoluindo de uma filantropia patronal da sua New Lanark⁹², passando para um socialismo mutualista e cooperativo.⁹³ Smiles defendia que por meio da reforma do caráter individual se poderia proceder a uma mudança na sociedade que se daria pela reforma desta. A soma do caráter individual serviria de base para o progresso de uma nação. Smiles em *Ajuda-te* destaca que o

⁹² Owen via Nova Lanark como “algo mais do que uma simples fábrica modelo. Owen era deísta, ecologista e um moderado *necessitariano*. Ele acreditava que os seres humanos eram moralmente o produto de seu ambiente, especialmente de suas primeiras instruções, e que não poderiam ser responsabilizados pelo seu comportamento defeituoso em sua vida posterior. A escola de Nova Lanark era mais importante para Owen do que qualquer outra coisa. Através de seus métodos educacionais ele esperava produzir um tipo completamente diferente de trabalhador”. Texto disponível em: < <http://www.bopsecrets.org/index.shtml> >. Acesso em: 03 jan. 2005, 8:00h.

⁹³ Sobre a biografia de Robert Owen consultar: TEIXEIRA (2002) e BRONOWSKI, J; MAZLISH (1960).

“progresso nacional é a resultante da atividade, da energia, e das virtudes de cada indivíduo” (p. 3).

Ao compartilhar de muitas das convicções dos utópicos, se poderia pensar em Samuel Smiles se não como um socialista utópico, pelo menos como um simpatizante de tais idéias. A força do exemplo que organiza e constitui as bases do livro *Ajuda-te* é criticada por Marx e Engels (2002) no *Manifesto Comunista*. A crítica recai sobre os socialistas utópicos que na opinião dos autores utilizam a mesma estratégia - a força do exemplo - para pensar a reforma social. Assim, destacam que “[os socialistas utópicos] rejeitam toda a ação política e, especialmente toda a ação revolucionária. Desejam alcançar seus objetivos por meios pacíficos e procurar, através de pequenos experimentos, necessariamente condenados ao fracasso, e pela **força do exemplo**, pavimentar o caminho para o novo evangelho social” (p. 58) [grifo nosso].

Enquanto Marx e Engels demonstram descrença em relação à apropriação de exemplos, Smiles dedica sua vida à construção biográfica de homens empreendedores com o intuito de imprimir nos trabalhadores a importância dos modelos na constituição e melhoria de seu caráter individual, acreditando não na formação de uma comunidade ideal, mas sim na formação de um indivíduo, de um caráter idealizado. Tanto assim que em seu livro *O caráter* Smiles (1880, p. 45) declara que “os grandes e generosos homens arrastam os outros, excitando a admiração espontânea de humanidade. Essa admiração pelos caracteres nobres eleva o espírito e tende a livrá-lo de sua própria escravidão, que é um dos maiores tropeços do progresso moral”. Enquanto Marx e Engels empreendem uma crítica àqueles que se valem dos exemplos como estratégia de ação, Smiles delega às biografias, em especial ao caráter dos homens, a função de potencializar o desenvolvimento de uma nação.

A crítica empreendida por Marx e Engels pode ser melhor compreendida se lembramos que o que constitui a base da transformação social para eles é a revolução, ou seja, a revolução é que desmantelaria definitivamente as estruturas da sociedade. Além disso, essa revolução seria comandada ou desencadeada pelo proletariado – classe genuinamente revolucionária. Isso tudo se dá porque Marx e Engels insistem que a partir da dissolução das classes, revolução encabeçada pela única classe em condição de comandar esta revolução, se instauraria uma nova sociedade

igualitária. Apesar de Smiles ser contemporâneo e de ter compartilhado do mesmo contexto histórico de Marx e Engels, não há evidências nos escritos destes que demonstrem que suas idéias, que compõem o ideário materialista histórico, tenham exercido alguma influência no pensamento smilesiano. Isto pode ser compreendido a partir das considerações de Smiles a respeito das relações de trabalho. Ele não considera a luta de classes, a ponto de observar em *Ajuda-te* que

os grandes sábios, os grandes literatos, os grandes artistas, todos os que se dedicam ao apostolado das mais altas verdades, cuja nobreza consiste inteiramente na valentia do coração, **nunca pertencem exclusivamente a uma classe, ou grau determinado da hierarquia social** [grifo nosso]. Saem indistintamente de todas as classes e condições, da oficina e dos campos, da choupana e do castelo. Alguns dos maiores apóstolos da Divindade saíram das últimas camadas do povo. Os mais pobres têm por vezes chegado às dignidades mais altas, sem que as dificuldades, por maiores que fossem, pudessem embargar-lhes o passo. Em muitos casos até essas mesmas dificuldades foram, ao que parece, seus melhores auxiliares; porque os obrigaram a pôr em evidência tudo quanto eram capazes de fazer a respeito de trabalho e paciência, e a vivificar assim as faculdades que, a não ser assim, teriam talvez ficado adormecidas para sempre. Os exemplos de obstáculos assim derrubados e de triunfos assim obtidos são tão numerosos, que quase chegam a justificar o provérbio: *para poder, basta querer* (p. 8).

Para Smiles a sociedade organizada em classes é um pressuposto natural, ao passo que Marx nada via de natural nessa relação, apreendendo-a historicamente construída. Se para Marx a palavra “reconciliação” não tinha qualquer significado quanto à luta de classes, para Smiles esse era um pressuposto inerente à lógica – liberal – de que o indivíduo poderia escolher livremente os caminhos que o levariam à ascensão social. No reino do voluntarismo o próprio indivíduo é o responsável pelo sucesso ou fracasso, retirando da organização social – do Estado, da classe – qualquer responsabilidade sobre a condução da vida dos indivíduos que a compõem. A apologia ao poder de ação do indivíduo fundamenta a relação de exemplos que Smiles sublinha para justificar a possibilidade de ascensão independentemente da condição social do indivíduo. “Nem sempre descendem de fidalgos todos os homens nobres. Muitos de entre os grandes homens da antiguidade elevaram-se das mais humildes classes. Não era nobre Platão, embora o houvesse enobrecido a filosofia” (Smiles, 1901, p. 28). “Os mais humildes na escala social podem figurar entre os homens da mais alta hierarquia, assim como os mais elevados, faltando-lhes a honra e a dignidade, podem descer às mais ínfimas condições. Os primeiros elevam-se pela emulação e pela virtude, como os segundos se rebaixam pela negligência e pelo vício” (p. 29).

Confirmando sua posição, Smiles (1859, p. 336) considera que “a massa das classes laboriosas poderia, com poucas exceções, ser tão frugal, virtuosa, instruída e bem remediada como muitos de seus membros que conseguiram todas essas vantagens. Todos poderiam ser o mesmo que esses poucos são. Empreguem os mesmos meios, e os resultados serão iguais”.

A argumentação de Smiles não deixa dúvidas: a ascensão social é possível para qualquer indivíduo, independentemente da classe social que ele ocupe. A superação das posições sociais estaria atrelada e seriam alcançadas pela reforma do caráter que não escolheria nem burgueses nem proletários. A solução para os problemas sociais não se daria pela revolução encabeçada pelo proletariado, mas antes pela reforma social, pacífica, em que competiria a cada trabalhador individualmente cumprir o seu papel em nome do bem coletivo, no caso, a nação (Inglaterra).

Smiles poderia ser considerado tão utópico quanto Fourier nos seus falanstérios ou Owen em suas colônias comunistas. Mesmo não tendo projetado nenhuma dessas comunidades, ele criou não uma comunidade imaginária mas um ideal de homem que converteria vícios e más ações em boas virtudes pelo simples contato com exemplos de homens de bom caráter. Ao delegar às biografias a solução de um comportamento que a seu ver não seria o desejado, Smiles não fez mais do que sonhar a reforma social da Inglaterra do século XIX simplesmente melhorando o caráter de cada trabalhador. Alimentando a idéia de que o indivíduo possui aptidões e talentos próprios, Smiles ajudou a reforçar o individualismo, um dos pilares da doutrina liberal. Ao concordar com um dos expoentes do liberalismo, Locke, Smiles partilha da idéia que o progresso de uma nação será alcançado mediante o progresso de cada indivíduo. A liberdade, nesse sentido, pressupõe que o indivíduo possa atingir uma posição social elevada, o que se daria pelo desenvolvimento de suas potencialidades. Este seria o *locus* no qual o Estado cumpriria seu papel: o de proporcionar um espaço para o indivíduo “melhorar a sua condição individual” (Smiles, 1859, p. 3).

2.4. A importância do caráter no pensamento smilesiano: o ideal liberal clássico

A idéia salutar de desenvolvimento individual se fosse propagada entre a classe operária, serviria mais do que qualquer outro meio para elevá-los como classe, sem baixar as outras, e para elevá-los também progressivamente até um grau mais alto de religião, de inteligência e de virtude (Smiles, 1859, p. 336).

A afirmativa de que o caráter e a moral do indivíduo são elementos essenciais no que tange ao desenvolvimento de uma nação – neste caso, a Inglaterra - revela um Smiles defensor dos preceitos liberais, de modo que seu argumento vai ao encontro de um liberalismo que emergiu como representação política e moral da sociedade moderna (Holanda, 1998). O individualismo que é apregoadado nos tratados de Smiles se fundamenta numa concepção de governo liberal em que a liberdade individual rompe definitivamente com as idéias teocêntricas em que se delegava a Deus a responsabilidade pela condução da vida humana. A racionalidade iluminista parte do pressuposto de que o indivíduo e não mais o divino é o condutor e o proprietário de suas ações, estabelecendo-se aí uma relação entre o liberalismo e a teoria do individualismo. A concepção do indivíduo livre, auto-responsável é a base fundante da visão liberal do mercado como aquele que comporta a livre concorrência, sendo esta um aspecto saudável para o desenvolvimento de uma nação. Por isso Smiles defende a necessidade do aperfeiçoamento do caráter e o fortalecimento da moral como elementos de equilíbrio para que o indivíduo mantenha uma boa conduta.

Ao referenciar Adam Smith em seu livro *Ajuda-te*, Smiles demonstra um misto de admiração e crença nas idéias difundidas pelo autor no que tange à estrutura econômica do século XVIII. O próprio Smiles (1859, p. 111) destaca que “Adam Smith semeou o germe de um grande melhoramento social nessa velha e sombria universidade de Glasgow [Escócia] onde trabalhou tanto tempo e assentou as bases da sua *Riqueza das Nações* [1776]; mas setenta anos decorreram antes que a sua obra desse frutos substanciais, que ainda hoje não foram colhidos na totalidade”. A supremacia da força individual constitui a tônica nas publicações de Smiles, premissa para que o indivíduo conquiste a responsabilidade dos acertos ou fracassos na constituição de uma nação. “A força, a indústria, a civilização das nações, tudo depende do caráter individual, que é também a base da segurança pública. As leis e as instituições não são mais do que as manifestações do

caráter” (Smiles, p. 439). O autor assinala a importância da “nobreza do caráter” com a seguinte citação:

O que eleva um país e lhe dá a força e dignidade, e difunde o seu poderio, cria a sua influência moral, fazendo-a respeitada e obedecida, cativa a simpatia de milhões de homens, e abate o orgulho das outras nações, tornando-a instrumento da obediência, a fonte da supremacia, o verdadeiro trono, a coroa, e o sceptro [sic] da própria nação, é a aristocracia, não de sangue, da moda, ou do talento somente, mas a aristocracia do caráter. O caráter é o verdadeiro brasão do homem (p. 438).

Muitos dos valores que Smiles procura construir ou reforçar em sua obra estão relacionados ao pensamento que se firmava no século XIX, mas que já vinha sendo delineado no século XVIII. Dentre essas influências, pode-se destacar o papel da Escola Liberal Clássica⁹⁴ no pensamento de Smiles. A menção a Adam Smith revela a existência de uma certa concordância de Smiles com o pensamento smithiano, que pode ser associado à seguinte passagem: “Ao buscar a satisfação de seu interesse particular o indivíduo atende freqüentemente ao interesse da sociedade de modo muito mais eficaz do que se pretendesse realmente defendê-lo” (Smith apud Hugon, 1967, p. 121).

Além da defesa de um ideal liberal em que o Estado não poderia fazer mais pelos seus membros do que eles mesmos fariam por si, Smiles aproxima-se do pensamento liberal clássico pelas características pacifistas e individuais com que este pensamento estaria organizado. Como diz Hugon (1967, p. 121), “Smith, tal como os fisiocratas, confia no interesse privado como meio de assegurar ao homem o progresso geral da riqueza e é também otimista quanto aos resultados desta ação individual”. Desta forma, as bases do liberalismo econômico assentam-se na busca do interesse individual, o que coincidiria com o interesse geral de uma nação.

Contemporâneo de Smiles, John Stuart Mill (1806-1873) deu continuidade à tradição clássica liberal.⁹⁵ De acordo com Hugon (1967, p. 154), Mill “propõe, igualmente, o

⁹⁴ Smiles faz referência, em suas publicações, a escritores como Adam Smith, David Ricardo, John Stuart Mill, que formaram a Escola Clássica Inglesa.

⁹⁵ Hunt e Sherman (1977, p. 56) ressaltam que “a visão de mundo subjacente ao liberalismo clássico tornou-se a ideologia dominante do capitalismo”. O intelecto humano é valorizado, e “é a razão que dita a necessidade de avaliar todas as alternativas que determinada situação coloca para que a escolha recaia sobre a que oferece o máximo de prazer e o mínimo de dor” (p. 58). O homem racional é movido pela ambição, o que propicia as bases políticas e intelectuais para o desenvolvimento fabril, afirmam os autores. Segundo eles, as idéias do liberalismo econômico desenvolveram-se buscando os postulados dos grandes economistas do final do século XVIII, principalmente Adam

desenvolvimento de cooperativas de produção, inspirando-se em Owen. A medida satisfaz ao seu penhor individualista: a propriedade privada é respeitada e mesmo fomentada, pois a cooperação transforma a classe obreira em capitalista”. Ainda, “as distinções de classe serão suprimidas, restando apenas as distinções devidas aos méritos pessoais” (p. 154). A referência a Stuart Mill nos escritos de Smiles é freqüente, uma vez que este partilha das idéias liberais reafirmadas por aquele. Tanto assim que várias são as passagens de Mill reproduzidas por Smiles (1859, p. 1) em *Ajuda-te*: “O valor de um Estado é, em suma, o valor dos indivíduos que o compõem”. É a manifestação do empenho interior que fortalece uma nação. A posição de Smiles em relação ao papel do Estado no desenvolvimento na vida de um trabalhador aproxima-se mais das idéias de Owen do que das de Stuart Mill. Assim como Smiles, Mill tinha grande simpatia pelas idéias socialistas, mas o seu objetivo era promover a reforma do capitalismo, a qual previa a intervenção do Estado - principalmente em áreas como o livre mercado - na erradicação da pobreza e no monopólio capitalista.

Para Smiles (p. 1) “sempre que os homens estão sujeitos a um excesso de proteção ou de governo, tal sistema tende inevitavelmente a reduzi-los a um estado de impotência relativa”. Assim, “as melhores instituições não podem mesmo prestar ao homem um auxílio eficaz. O mais a que alcançam é a deixá-lo livre para se desenvolver e para melhorar a sua condição individual” (p. 2). E continua: “A carreira industrial adotada pela nação tem sido também o seu meio mais poderoso de educação constante ao trabalho, sendo o melhor exercício para cada indivíduo em particular, é também a melhor disciplina para o Estado” (p. 32).

A doutrina liberal preconiza um indivíduo independente, autônomo e autodeterminado, aquele que desenvolve a capacidade de ajudar-se. Smiles em suas publicações procurou “construir” a doutrina do auxílio próprio, que segundo esse autor é a “mais sã para ser inculcada entre as nações” (p. 4). Perante as dificuldades, Smiles parece assumir uma postura que aponta o homem como aquele capaz de vencer as suas próprias batalhas. “A vida”, recorda Smiles, “é também, batalha de soldados” (p. 6), em que os homens precisam ser batalhadores, perseverantes, pois na sua opinião é desta forma que ocorre o progresso de uma civilização.

Smith, David Ricardo, Jean Batista Say e John Stuart Mill. De outro lado, surgiram as reações de cunho socialista, que atingem o ponto máximo com a publicação do *Manifesto Comunista* de Marx e Engels em 1848.

Rüdiger (1996, p. 65) ao analisar os escritos de Smiles ressalta que

a realização individual possuía um sentido social (...). As perspectivas de auto-realização compreendiam a necessidade de sentir-se útil e promover o bem comum da família, de uma comunidade ou de uma sociedade, de conduzir a vida com respeito por si e pelos outros; confundia-se com o dever de cultivar o caráter, fazer o melhor de si e disciplinar a vontade através do trabalho, do esforço e da dedicação.

Como se vê, o caráter representa para Smiles uma propriedade, um meio pelo qual é possível – e para ele sempre é possível se houver boa vontade – atingir determinados fins. Assim como Owen, Smiles (1880, p. 41) acreditava que

é da natureza das coisas, que as circunstâncias que contribuem para formar o caráter exercem, sobretudo, sua influência durante o período de crescimento. Com o passar dos anos, o exemplo e a imitação transformam-se pouco a pouco em hábitos; esses hábitos acabam por nos dominar de tal forma que, antes de termos dado por isso, já lhes sacrificamos, até certo ponto, nossa liberdade pessoal.

A concepção de Smiles sobre a formação do caráter possivelmente estava sob influência das idéias de Owen, como afirmamos anteriormente. Sobre isso Engels (1980, p. 40) comenta que Robert Owen “assimilava os ensinamentos dos filósofos materialistas do século XVIII, segundo os quais o caráter do homem é, por um lado, produto da sua organização inata e, por outro, fruto das circunstâncias que envolvem o homem durante a sua vida, sobretudo durante o período do seu desenvolvimento”.

Bronowski e Mazlish (1960, p. 465) lembram que “os ensinamentos de Owen acerca da formação do caráter do homem tornaram ‘evidente ao entendimento que, de longe, a maior miséria que envolve o homem pode ser eliminada e afastada; e que ele *pode*, com precisão matemática, ser rodeado de circunstâncias que gradualmente mais aumentam a sua felicidade’”. Esta “precisão matemática” pode ser verificada nos escritos de Owen. Em sua obra *O livro do novo mundo moral* estão lançados os fundamentos ou as bases de funcionamento de um sistema racional, uma vez que para ele a racionalidade – essa precisão matemática - constituiria a organização de uma sociedade e do próprio indivíduo. Os cinco fatos fundamentais, base do sistema racional, de acordo com Owen (2002, p. 101) são:

1. O homem é um ser *complexo* cujo caráter é formado por sua constituição, ou pela organização que traz desde o nascimento, e pelos efeitos de circunstâncias externas, que o cercam e atuam sobre ele do nascimento até sua morte (...).
2. O homem é forçado, por sua constituição primitiva, a receber seus *sentimentos* e suas *convicções* independentemente de sua *vontade*.
3. Seus *sentimentos* ou suas *convicções*, ou os dois juntos, criam a motivação para agir, denominada de *vontade*, que o estimula a agir e determina suas ações.
4. A organização nunca é exatamente a mesma em dois seres humanos por ocasião de seu nascimento, e a arte não pode formar mais tarde dois indivíduos exatamente iguais, da infância até a maturidade.
5. No entanto, a constituição de cada criança, excetuando o caso de doença orgânica, é capaz de formar um ser *superior* ou um ser *inferior*, conforme a natureza das circunstâncias exteriores que influem sobre esta constituição após seu nascimento.

O primeiro fundamento demonstra que Owen (2002) delega aos fatores externos ou às circunstâncias a responsabilidade de desenvolvimento de um bom caráter, sendo que “as impressões feitas sobre a organização do homem não constituem simplesmente adições, mas formam com ela um novo composto, modificam mais ou menos seu poder e seu desejo de reagir sobre as circunstâncias exteriores e efetuam assim, após cada nova combinação, uma mudança no próprio caráter do indivíduo” (p. 102). As circunstâncias produziriam, para Owen, uma espécie de impulsão ao espírito, ou se assemelhariam “mais a uma reação química que a uma simples impressão física” (p. 102), de forma que é possível se pensar num certo evolucionismo natural em que o meio e a natureza individual determinariam a conduta e as ações dos indivíduos.

O ser humano, segundo esta proposição, seria levado a agir não pela força de vontade, mas sim pela experimentação de diferentes instintos, sensações, convicções e sentimentos que são próprios da natureza humana, o que reforça o argumento do segundo e terceiro fundamentos. Muitos desses instintos são estimulados pela vontade, mas Owen (2002, p. 103), recorda que “a vontade é um poder independente. Se eu quero, eu posso andar, lavar-me, saltar a janela’. Sim certamente, *se* você o quer; mas será que você *pode querer*? Não será preciso um *motivo* para querer? Entre os vários motivos ou móveis, não se obedecerá ao mais forte? – ‘Como se pode provar que o motivo ao qual se obedece é o mais forte?’ Assim, o “basta querer para poder” enfatizado por Smiles ao colocar a vontade como a condição que habilita o homem a “fazer ou ser o que ele imagina” (p. 257), contrapõe-se ao pensamento de Owen que advoga pela relativização da vontade: “Até hoje o mundo tem sido governado na suposição de que os

sentimentos e as convicções são resultado da *escolha* do indivíduo, e sob a influência imediata do que se denomina *livre-arbítrio* ou *liberdade da vontade*, (...) pois os fatos provam que a própria vontade é resultado da ação de seus instintos” (Owen, 2002, p. 102).

Os cinco fundamentos que constituem a Ciência da Natureza Humana propostos por Owen demonstram a sua preocupação com a constituição do caráter, o qual seria constituído de modo a tornar o homem um ser racional, a significar que o caráter é “inteiramente formado *para* e *não* pelo indivíduo”. Owen acredita no aperfeiçoamento progressivo do caráter pelas circunstâncias, determinando uma gradação a ser atingida, e o *caráter superior* seria o grau máximo a ser alcançado.

Owen (2002) não considera a vontade senão como uma reação às inclinações naturais, isto é, “a natureza humana é um composto de inclinações animais, faculdades intelectuais e qualidades morais”. O conjunto de regras de conduta inatas do indivíduo, a formação do caráter por meio de fatores externos e circunstâncias favoráveis eliminariam um cenário de desordem e confusão característicos da sociedade. Há uma aposta de que as qualidades morais – pautadas em uma educação moral - e o conhecimento promoveriam a harmonia, a união entre as partes, fazendo com que o *mal* – entendido como egoísmo, interesse privado do homem - fosse banido do meio social. Na visão utópica de Owen,

o período de egoísmo cego e ignorante aproxima-se do seu fim. Torna-se a cada dia mais evidente que é muito mais fácil produzir e distribuir riquezas abundantes e bem educar e governar a população pela *união* dos homens, habituados a cooperar e a ajudar-se mutuamente em um único interesse definido e bem compreendido que pela *divisão* e oposição de interesses (p. 129).

A preocupação em fundamentar moralmente as ações individuais também está presente em Smiles. De acordo com Rüdiger (1996, p. 245),

a modernidade colocou ao pensamento o problema da justificação da moral em um mundo estruturado de maneira individualista. Qual é a razão para agirmos moralmente? (...) Qual o sentido da própria moral? Em meados do século passado [século XIX], porém, essas questões de certo modo foram se tornando comuns, como demonstra a crítica cada vez mais freqüente ao progresso do egoísmo na sociedade.

O conflito entre a ação impulsiva egoísta e o agir moral canalizado no poder da vontade tornaram-se o centro das atenções de Smiles. Essa preocupação levou-o a divulgar entre a classe trabalhadora a importância do agir por dever, tendo como pano de fundo o agir moral. Conforme Rüdiger (1996, p. 246), Smiles “enfrentou o problema da moral moderna, isto é, como conciliar o princípio da liberdade individual com a manutenção dos valores morais, propondo a auto-ajuda ao invés da solidariedade”. A solidariedade representaria a possibilidade de se perder de vista o desenvolvimento do caráter, de negação da ordem moral necessária ao progresso individual. A idéia é que cada indivíduo deveria contar consigo mesmo, devendo desenvolver o auxílio próprio ao invés de criar uma dependência em busca de auxílio externo de outros indivíduos.

Smiles desenvolveu seu imperativo categórico a exemplo de Kant que diz: “Age de maneira que possas querer que o motivo que te levou a agir se torne uma lei universal” (apud Sánchez, 1996, p. 250). Na concepção de Smiles (1859, p. 346),

perder uma vez é perder parte da virtude. Resistir corajosamente pela primeira vez é adquirir força de resistência para toda a vida; e a resistência repetida converte-se em hábito. É nas obras avançadas que formam, por assim dizer, os hábitos da mocidade, que reside a força real da defesa; porque foi sabiamente ordenado que o maquinismo da existência moral se mova principalmente por meio de hábitos, de modo a impedir a deterioração dos grandes princípios motores.

O conceito de dever é fundamental para que se possa entender a ação individual. Segundo Smiles (1871, p. 87) o dever “é um princípio que penetra na vida e se manifesta na conduta e nos atos, determinados pela consciência do homem e pelo livre arbítrio”. Em seu *O caráter*, ele reafirma a importância do dever na conduta humana em que referencia Kant na seguinte passagem:

Dormindo, sonhei que a vida era beleza. Despertei e vi que a vida era um dever. Dever, idéia maravilhosa, tu não produzes nem com ternas insinuações, nem com lisonjas, nem com ameaças, mas simplesmente mostrando à nossa alma a sua lei desnudada, conquistando sempre o respeito, se nem sempre a obediência; diante de ti todas as paixões se calam, quaisquer que sejam as suas secretas rebeliões.

No pensamento kantiano, o agir moral, o dever cumprido deslocam a preocupação com a felicidade para o sujeito moral. A ação moral estaria na prática por *dever* e não por *inclinação*, pois o *dever* nessa concepção conteria a *boa vontade*, um tipo de querer com valor absoluto,

independentemente de qualquer outra influência (Kant, 2002). O indivíduo portador da *boa vontade*, em outras palavras, teria condições ou saberia escolher, dentre suas regras particulares, aquela que pudesse valer para os demais. A *boa vontade* é mais apta do que a razão pura para guiar o homem em suas buscas, pois “como a razão não é bastante apta para dirigir com segurança a vontade, no que concerne aos objetos desta e à satisfação de nossas necessidades - que nesta parte a própria razão multiplica -, cujo fim nos conduziria bem melhor um instinto natural ingênito (...)” (idem, p. 24). Ao deslocar o agir por *inclinação* (satisfação pessoal) para o agir por *dever* (razão prática) Kant formula o imperativo categórico, uma espécie de mandamento para reger a ação humana. Assim, para Kant a felicidade é a soma de todas as inclinações humanas, mas esta não é para ele o fim da filosofia moral. A felicidade é vista como uma espécie de recompensa pelo dever cumprido.

O caráter seria, então, a expressão da vontade individual atuando sob a influência da moral, da razão e da religião. Para exemplificar: Smiles (1859) retoma uma série de profissões para delas retirar nomes que sirvam de exemplo para expor a outros a importância do homem delegar a si próprio o sucesso de sua trajetória. As palestras organizadas pelo autor denotam um conteúdo que demonstra que o homem possui livre-arbítrio, o poder para escolher entre trabalhar ou ficar na ociosidade – próprio do liberalismo. Mas “é a força de resolução, a vontade, que habilita o homem a fazer ou ser o que ele imagina” (p. 257). Argumenta ele ainda que “o homem deve principalmente seu progresso moral a essa energia ativa da vontade, a essa luta com as dificuldades, a que se dá o nome de esforço; e é admirável ver como muitas vezes os resultados aparentemente tão difíceis de alcançar se tornam possíveis de conseguir” (p. 257). Para mostrar que suas palavras não são em vão, relata que um jovem oficial francês desejava ser marechal da França, e andava de um lado a outro dizendo que seria um dia um general distinto. Smiles termina o relato dizendo que este jovem morreu marechal da França.

A força de vontade é para Smiles o estímulo desencadeador das atividades de sucesso. Assim como a força de vontade é em Smiles o imperativo categórico, em Kant o indivíduo portador da boa vontade teria condições ou saberia escolher, dentre as regras particulares, aquela que pudesse valer para os demais. A boa vontade é mais apta do que a razão pura para guiar o

homem em suas buscas. É o agir por dever que se torna um imperativo categórico. Assim, em Smiles,

é possível que tenhais de gemer no túmulo que vós mesmos havereis cavado, sem ter força para remover a pedra sepulcral. O que em nós se converte mais facilmente é a vontade. Aprendei, pois, a querer forte e resolutamente; fixai assim a vossa vida flutuante, e não a deixeis vaguear por mais tempo para todos os lados, como uma folha seca, a mercê de todos os ventos (p. 258).

E finaliza utilizando o rifão “com boa vontade tudo se consegue” (p. 259).

Samuel Smiles pertence a um universo em que a moralidade estava associada ao cumprimento do dever. E por consequência, o sentimento de dever promoveria o aperfeiçoamento do caráter. Como observa Rüdiger (1996, p. 39), “o caráter constitui, precisamente, a mediação individual da ordem moral legada pelas gerações passadas num mundo em que a vida humana ainda não é vista como território para satisfação de necessidades individuais, mas uma realidade moral, ou melhor, moralista, dependente em última instância, do trabalho”. Assim, a formação do caráter se dá por um processo em que o trabalho “é um dos principais educadores do caráter prático; produz a disciplina, a obediência, a consciência, a atenção, a aplicação e a perseverança, dando ao homem destreza e habilidade em sua profissão, a aptidão e a inteligência indispensáveis para dirigir os negócios de sua vida” (Smiles, 1871, p. 49).

Além do caráter, qualidades como a atenção, a aplicação, a exatidão, o método, a pontualidade e a prontidão “são as principais qualidades necessárias para levar a efeito negócios de toda a espécie” (p. 309). “É a repetição constante de atos pequenos que constitui não só o caráter individual, como também o caráter das nações” (p. 309). Assim, “todo o ser humano tem deveres a cumprir e, portanto, precisa cultivar a capacidade de os preencher, quer a sua esfera de ação seja a administração de uma família, quer seja a direção de uma profissão, o ou governo de uma nação” (p. 309).

Smiles empreendeu, na situação de palestrante, a construção de um conjunto de argumentos para os trabalhadores enfatizando que os “homens de negócios” - como ele denominava as figuras edificantes - não se constituem do dia para a noite, não nascem por acaso

ou por coincidências. Antes de tudo, é preciso gastar um certo tempo, dedicar-se ao aperfeiçoamento que deve ser cultivado ao longo da vida. Entre os homens de negócios a expressão “tempo é dinheiro” é usual. Smiles vê no tempo mais do que acumulação, salientando que

o tempo é mais do que isso, pois o bom uso que dele se faz é a cultura, o melhoramento de si próprio, e a formação do caráter. Uma hora por dia gasta em bagatelas ou na indolência faria em poucos anos, se fosse consagrada ao aperfeiçoamento de si mesmo, do ignorante um sábio, e sendo empregada em obras, fecundaria a vida de um homem, e transformaria a sua morte numa *messe* de atos meritórios (p. 313).

Smiles acredita no espírito empreendedor do homem. Para ele, “não basta que o general seja grande guerreiro: deve também ser homem de negócios. Deve possuir um grande tato, ter grande conhecimento do caráter e habilidade para organizar os movimentos de uma grande massa de homens, que tem de alimentar, vestir, e fornecer de tudo quanto é necessário para poderem fazer a campanha e ganhar as batalhas”. E complementa que “na mais humilde profissão há sempre ensejo para o exercício desta inteireza de caráter” (p. 316).

A ênfase do discurso de Smiles recai sobre a nobreza do caráter que o homem deve desenvolver durante a sua vida pela via do trabalho. “Pode o homem ter recebido pouca educação, e possuir poucos dotes e pouca fortuna, e, entretanto, se o seu caráter é bom de lei, será sempre influente na oficina, nos negócios ou no senado” (p. 439).

O homem de mérito é aquele que empreende no trabalho, que não tem medo do esforço desmedido. É assim que Smiles concebe o homem de sucesso. A conotação de sucesso relaciona-se ao engrandecimento do caráter, o que ocorre não ao acaso, nem mesmo facilmente. É preciso que o ser humano se defronte com os seus limites, que se confronte com os percalços e as dificuldades da vida, que constituem, do ponto de vista de Smiles, os melhores educadores.

Não é bom para o homem que a vida lhe seja demasiadamente fácil. É melhor ver-se na necessidade de trabalhar muito e viver pobremente, do que ter tudo à medida dos nossos desejos e um travesseiro macio para descansar a cabeça. Na verdade, debutar na vida com recursos relativamente medíocres parece ser um estímulo tão necessário para trabalhar, que quase se pode considerar como uma das condições essenciais para o sucesso na vida. Por isso um juiz eminente a quem perguntaram por que meio se alcançava sucesso na magistratura, respondeu: ‘alguns devem o sucesso ao talento, outros a relações poderosas,

outros ainda a milagres, mas a grande maioria começou sem ter um shilling’ (Smiles, 1859, p. 306).

Se para Marx é pelo trabalho que o homem constrói a sua história, produz a sua existência e se torna um ser social, na perspectiva de Smiles o trabalho, além de ser o meio por excelência da realização humana, é meio pelo qual se opera a educação do caráter, tanto que o autor profere uma verdadeira glorificação do trabalho: “É pelo trabalho que a terra foi conquistada, e o homem libertado do barbarismo; sem ele nenhum passo se deu para a civilização. O trabalho não é tão somente uma necessidade, é um dever: é também uma benção do céu. Só o preguiçoso é que o considera como uma maldição” (p. 32). O trabalho aparece como “uma escola excelente para o ensino da melhor sabedoria prática; (...) uma vida de trabalho manual não é incompatível com uma elevada cultura intelectual” (p. 32). O trabalho em Smiles não tem uma conotação histórica, não é uma construção social como em Marx. É visto como uma condição natural e normal, sendo que “o trabalho é necessário ao honrado proletário, que nele encontra meios de subsistência; é ele, entretanto, necessário a todos os homens, qualquer que seja a sua condição, em todos os ramos da existência” (Smiles, 1901, p. 1).

2.4.1. A influência da ética protestante no pensamento smilesiano

Do que se pôde perceber até o presente, as atividades desenvolvidas pelo homem são manifestações de um comportamento baseado no caráter e no agir moral. O indivíduo constitui o fundamento que explicaria o desenvolvimento de uma instituição ou de uma nação, e isso implica reconhecer que a ação individual explicaria melhor o movimento de uma sociedade. Na Inglaterra, sobretudo, as ações dos homens da indústria e da invenção, como insiste Smiles, estariam por detrás daquilo que conduziu essa nação ao desenvolvimento. É preciso ressaltar que, do ponto de vista de Smiles, as invenções não seriam a essência que determinaria esse crescimento, mas antes um agir comportamental, dotado de moralidade e fortalecimento do caráter. O caráter manifesto serviria de modelo, justificando os sucessivos exemplos de “homens modelos” enfatizados por Samuel Smiles em seus escritos.

Apesar de a preocupação de Smiles incidir sobre a fundamentação da auto-ajuda articulada aos exemplos de homens de elevado caráter, há outra questão igualmente importante,

ainda que esta esteja um pouco subsumida em seus textos: a religião. É neste momento que podemos perceber um certo distanciamento entre Owen e Smiles. Owen (2002) acreditava que a religião não desempenhava um papel de união entre os homens. Pelo contrário, ele a via como fonte de dispersão, de divisão entre as nações justamente porque concebia o desenvolvimento do ser humano independente de sua vontade. Em sua opinião, “é evidente que a unidade e a harmonia não puderam jamais existir nas religiões e códigos baseados na falsa idéia de que o homem tem o poder de crer e de sentir como quiser, pois os fatos provam que a própria vontade é o resultado da ação de seus instintos” (p. 110). A verdadeira religião seria encontrada na busca da *verdade*, pois aquilo que se chama religião era passível de múltiplas interpretações e suscetível a mudanças. É por isso que Owen interpretava a *verdadeira religião* como aquela que se sustenta na verdade, uma vez que “a verdade é o que não muda com o tempo; o que esteve e sempre estará de acordo com todos os fatos conhecidos, o que nunca está em oposição a si, mas sempre, em todas as suas partes, em unidade e harmonia perfeita, sem sombra de contradição” (p. 127). Essa verdade estática e absoluta que Owen imaginava existir possibilitaria uma organização coesa, harmônica, igualitária e perfeita da sociedade.

Para Smiles, o homem poderia ajudar-se de duas maneiras: a primeira, praticando a auto-ajuda; posteriormente, depois de ajudar-se, aí sim deveria contar com a ajuda de Deus. É desta forma que a reforma individual, condição essencial para a reforma social, estaria atrelada à devoção a um Deus. Em *Ajuda-te* há apenas algumas poucas passagens em que o autor deixa aflorar a sua religiosidade. Em momento algum está explícito seu credo religioso - protestante. Mas isso é compreensível, uma vez que quem professa uma crença não a manifesta em palavras, mas em atitudes, em uma ética de vida, em uma concepção de mundo e de ser. Em Smiles, o que é perceptível é que trabalhar significa mais do que garantir a produção da existência – se pensarmos em Marx -, mas antes uma forma de redenção. “O trabalho é, de fato, a melhor proteção da inocência e da virtude. É uma barreira contra toda a sorte de pecados e vícios, guardando as entradas do coração, e afastando todos os ensejos e tentações de pecar” (Smiles, 1901, p. 24). Smiles era de credo calvinista, o que nos faz entender a sua posição em relação ao trabalho que é visto como uma virtude, como um chamamento divino.

Max Weber⁹⁶ (1864-1920), em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, publicado um ano após a morte de Smiles, mostra como o protestantismo ascético favoreceu a racionalização da vida, a qual estaria materializada na vida das pessoas pelo sistema econômico. Enquanto os católicos acreditavam na possibilidade de salvação pelas intenções, “o Deus do calvinista requeria de seus fiéis, não apenas ‘boas obras’ isoladas, mas uma santificação pelas obras” (p. 81-82). Foram selecionadas duas passagens em que Weber (1996) expõe a questão:

Os católicos não levaram tão longe quanto os puritanos (e antes deles os judeus) a racionalização do mundo, a eliminação da mágica como meio de salvação. Para eles, a absolvição de sua Igreja era uma compensação para a sua própria imperfeição (...) A vida do santo era dirigida unicamente para um fim transcendental: a salvação. Precisamente por esta razão, entretanto, ela era completamente racionalizada do ponto de vista deste mundo e dominada inteiramente pela finalidade de aumentar a glória de Deus sobre a terra (p. 81-82).

[Para os calvinistas], manteve-se como um dever absoluto, de cada um considerar-se escolhido e de combater todas as dúvidas e tentações do demônio, já que a falta de autoconfiança era resultado da falta de fé, portanto, de graça imperfeita. A exortação ao apóstolo de fortalecimento da própria vocação é aqui interpretada como um dever de obter certeza da própria dedicação e justificação na luta diária pela vida (...). A fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada, como meio mais adequado (p. 77).

Assim, o trabalho diligente e disciplinado traduziria a fé em Deus. A crença calvinista de que os homens dependem de Deus para a sua salvação ou condenação poderia comprometer a vida terrena, uma vez que qualquer ação dependeria do veredicto de Deus. A glorificação de Deus passa pela dedicação ao trabalho e, mais do que isso, é preciso ter sucesso, o que se faz pelo trabalho, confirmando a grandeza dessa devoção. Para o católico estavam claras as condições que conduziriam a humanidade à salvação, mas para o calvinismo isso permaneceu um mistério, de tal sorte que os sinais materiais foram eleitos como aqueles que fariam o homem ser reconhecido em suas ações. Na prática, o trabalho começou a ser encarado como vocação divina, e o conseqüente sucesso significava sinal de que o indivíduo estava predestinado à salvação. Não é por acaso que Weber relacionou a ética protestante ao desenvolvimento do capitalismo. Com essa visão os protestantes calvinistas passaram a se dedicar à poupança de uma forma mais

⁹⁶ Em relação a Max Weber não se entrará na clássica discussão que o autor faz sobre o espírito do capitalismo e o papel da ética protestante no que tange ao seu desenvolvimento. Interessa-nos entender a relação que é possível estabelecer entre a auto-ajuda proposta por Smiles e esta religião.

contundente. Os homens, por meio de suas ações acumulativas (bens), se aproximavam de Deus e essa era a recompensa, o que cumpriu duas finalidades, na perspectiva de Weber: favoreceu o avanço do capitalismo e ajudou a manter o credo religioso de maneira mais vigorosa entre os protestantes.

Em Smiles esta questão não estava tão clara quanto em Weber, mas a motivação religiosa também constitui um dos pilares de *Ajuda-te*. Como já se mencionou, o autor inicia seu livro com o rifão “Ajuda-te e Deus te ajudará” (p. 1) e com ele lança as bases de sua tese sobre a importância da auto-ajuda. Ainda que a argumentação mais freqüente no decorrer de seus escritos refira-se à descrição das trajetórias profissionais de homens de caráter, a tônica de seu livro recai sobre a ênfase incontestável de que “os homens devam necessariamente ser os agentes ativos de seu próprio bem-estar e do seu sucesso no mundo, e que, por muito de que os sábios e bons sejam devedores outros, eles mesmos é que devem, na íntima natureza das coisas, ser os melhores auxiliares de si próprios” (p. 30). Weber (1996) lembra que para o calvinista a lembrança de que “Deus ajuda quem se ajuda” (p. 80) se reflete na vida prática de seus adeptos. “[O calvinista] criava sua própria salvação ou, como seria mais correto, a convicção disto. Esta criação, todavia, não podia como no Catolicismo constituir-se do acúmulo gradual de boas obras isoladas a crédito de alguém, mas, muito mais, em sistemático autocontrole que a qualquer momento se via ante a inexorável alternativa: escolhido ou condenado?” (p. 80). É assim que o cristão virtuoso tem no trabalho um conjunto de regras de conduta, como um dever moral ou indiretamente como aquele que, segundo Smiles (1859, p. 313), “consiste em preservar do mal, porque um cérebro ocioso é como a oficina do demônio, e o homem preguiçoso é uma das colunas do inferno”.

A influência da ética protestante fez com que se operasse uma mudança na forma de perceber a importância da dedicação ao trabalho, principalmente no que diz respeito à posição que este ocupa na constituição e organização da vida do indivíduo na sociedade. O homem que não trabalha ou mais precisamente o homem preguiçoso e ocioso carrega consigo as consequências sociais decorrentes disso. Primeiro, a mendicância em vários países da Europa passou a ser entendida como crime, sujeita a determinadas penalidades; segundo, em termos religiosos a penalidade para o ocioso seria o caminho para o inferno. Em relação à idéia de condenação da preguiça e do ócio e da valorização do trabalho, destaca-se a passagem de São

Paulo na segunda carta aos tessalonicenses: “Quem não quer trabalhar, não coma. Ora, ouvimos dizer que entre vós alguns vivem na ociosidade, não querendo nada e gastando o tempo em mexericos. Mandamos e insistimos com essas pessoas, em nome do Senhor Jesus Cristo, que trabalhem com tranqüilidade e comam o pão que eles mesmos ganharem” (2 Tessalonicenses, 3,10-12).

Ao aliar a sua orientação religiosa à sua incessante pregação, Smiles trabalhou numa constante luta pela divulgação de um ideal de homem, de um ideal de sociedade em que a moral e o caráter, impregnados no desenvolvimento individual de auxílio próprio, representariam a possibilidade para a reforma social. Weber (1996) considera o calvinismo como uma “doutrina de predestinação como fundamento dogmático da moralidade puritana no sentido de uma conduta ética metodicamente racionalizada” (p.87). Essa racionalização da vida respaldada na religião permite que o homem trabalhe e acumule sem que isso seja considerado pecado como no catolicismo. De qualquer maneira, “o dinheiro não deve considerar-se como um dos fins principais da vida, nem por isso deve ser tratado com desprezo filosófico, porque representa em alto grau os elementos do bem-estar físico e social” (Smiles, p. 331). Mas evidencia que o dinheiro não é dispensável, pelo contrário, nas relações econômico-sociais, ele garante que o homem consiga satisfazer as suas necessidades básicas, “o habilita a prover as necessidades da sua família, condição sem a qual, diz o Apóstolo, o homem ‘é pior que um infiel’” (p. 332). Além do valor monetário, o dinheiro garante ao homem a sua independência individual, possibilita que não fique dependente de outrem.

Há de se considerar, entretanto, que acumular não é considerada uma atitude pecaminosa já que o homem que não garante o seu sustento não pode ser considerado “senhor de si mesmo” (p. 337). Contudo, deve-se ter em mente que “a riqueza é muitas vezes a causa da corrupção e do envelhecimento do caráter. A riqueza e a corrupção, o luxo e o vício, têm estreitas afinidades entre si. Quando a riqueza cai nas mãos de homens fracos, sem consciência, de paixões desregradas, não é senão uma tentação e uma cilada, e talvez a fonte de grandes infortúnios para eles e para os outros” (Smiles, 1871 p. 14). Se acumular não é pecado, o que dirá economizar. A economia é uma das virtudes do calvinista. A economia representa, em grande parte, a manifestação extremada do auxílio individual, da ação conservadora do caráter e da felicidade.

“O espírito da economia”, ressalta Smiles (1859, p. 338), “foi formulado pelo Divino Mestre nestes termos: ‘Apanhai os bocados que ficaram, para que não se desperdice coisa alguma’”. A economia também significa “o poder de resistir a uma satisfação presente a fim de assegurar um maior bem futuro (...), representa o ascendente da razão sobre os instintos animais” (p. 338). Aconselha o bom comportamento, a regularidade, a prudência e o cuidado em não desperdiçar. A economia representa, para os protestantes, o poder de resistir às tentações, a ascendência da razão sobre os instintos animais, mas principalmente, cumpre o preceito da acumulação.

2.5. As biografias escritas por Samuel Smiles: um recurso pedagógico

Em *A máquina do tempo*, Wells e Cunha (1991) destacam: “Mas a grande dificuldade é essa – interrompeu o Psicólogo. Você *pode* mover-se para todas as direções do Espaço, mas você não pode movimentar-se pelo Tempo”. Essa noção de que para o ser humano há limites, de que apesar de toda a sua capacidade inventiva ainda existem mistérios que estão longe de serem descobertos, tem movido o ser humano ao longo de várias épocas em busca de elucidar aquilo que constitui um enigma para sua vida. E a idéia de **movimentar-se pelo tempo** pode ser um desses enigmas.

Como a máquina do tempo, que simboliza no imaginário humano a saída ou entrada de qualquer época histórica com a possibilidade de o homem intervir nos acontecimentos futuros, só acontece realmente nos filmes de ficção, foi preciso se pensar em uma outra forma de se resgatar a história, ainda que uma intervenção regressiva fique somente na imaginação, uma intervenção concreta pode ser materializada somente na mesma época histórica em que o ser humano vive. As biografias, nesse sentido, parecem cumprir um importante papel: o de resgatar o passado para se intervir no presente. Esse é o objetivo pontual das biografias e também o objetivo com que Smiles resolveu biografar personagens a quem considerou capazes de promover mudanças em sua época histórica.

No *Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos* (2003, p. 100), biografia figura como: “história (de vida), memórias, relato”. Essa definição parece não abarcar a grande multiplicidade de representações que o conceito de biografia envolve. Ao se deter sobre a definição de biografia

como um registro de memórias, ou simplesmente um relato, estar-se-ia empobrecendo as intenções explícitas e implícitas de um biógrafo. Madelénat, por exemplo, assim a define: “gênero menor, utilitário e sem prestígio, a biografia goza há dois mil anos, no Ocidente, de um sucesso sempre renovado que testemunha uma singular aptidão para sobreviver num meio cultural hostil” (Madelénat apud Villari, 2002, p. 52). A partir da definição de Madelénat, pode-se entender que a biografia não significa mero relato ou memória, ela faz parte do acervo cultural de determinado contexto histórico. Este autor afirma ainda que

essa massa de ‘vidas’ sedimentada ao longo dos séculos não forma um conjunto homogêneo: ela engloba, ao contrário, tipos e modelos diversos que evoluem por fases de estabilidade seguidas de mudanças, pois a biografia não é o registro passivo de uma realidade empírica clara e distinta: ela constrói um objeto em resolução tanto de problemas epistemológicos, quanto literários (Madelénat apud Villari, 2002, p. 52).

Essa “massa de ‘vidas’ sedimentada” reconstitui uma história, ou a história. Cada protagonista personifica, por meio de suas vivências, acontecimentos e relações sociais, porque as personagens são reais e construíram com outros indivíduos um universo de conhecimentos que são incorporados às gerações posteriores. Como bem lembrou Madelénat, a arte de escrever biografias não é recente, pelo contrário, tem cerca de dois mil anos. Portanto, não se pode ignorar a importância dos escritos biográficos de Smiles, mas é preciso que se diga que biografar não constitui novidade. O que Smiles traz a público e pode ser considerado algo novo são biografias de trajetórias profissionais atreladas ao desenvolvimento de um caráter moral, sendo que a intenção final era a reforma social. O autor fez das biografias a sua forma de se comunicar com um público de jovens trabalhadores. A escolha pelos jovens tem a ver com o desenvolvimento do caráter, pois com a assimilação dos modelos edificantes o jovem trabalhador crescerá e amadurecerá profissionalmente.

Nas biografias de Smiles, a história de vida se comunica com a história, ainda que sem muito aprofundamento sobre o contexto histórico em que viveu cada uma de suas personagens. Isso também explica por que *Ajuda-te* é composto por uma série de excertos biográficos. De qualquer forma, o autor procura evidenciar em seus escritos – ainda que rapidamente – alguns acontecimentos da época histórica das suas personagens. Há uma preocupação em retratar uma espécie de árvore genealógica profissional – ainda que muito provisória –, em que Smiles se reporta saudosamente ao tempo da relação mestre-aprendiz. A relação familiar exerce grande

influência na composição do caráter, por isso Smiles faz questão de indicar a profissão dos pais das personagens que retrata. Por exemplo, “Kepler, [era] filho de um taverneiro alemão, (...) Newton e Laplace, aquele filho de um pequeno proprietário perto de Grantham, e este de um pobre camponês de Beaumont-em-Auge” (Smiles, 1859, p. 12). Ainda, “entre os artistas, vemos Glaude, filho de um pasteleiro; Geefs de um padeiro; Leopoldo Robert de um relojoeiro; Haydn de um carpinteiro de carros” (p. 14).

Ao longo dos tempos têm-se criado várias formas de biografar. Schwartz (1984, p. 8) recorda Lytton Strachey, um biógrafo inglês que em sua opinião “revolucionou a arte da biografia quando percebeu que entre os indivíduos e a história havia a necessidade de ficções”. Strachey publicou suas biografias nas duas primeiras décadas do século XX: *Eminent Victorians* (1918) e *Queen Victoria* (1921). Mas a grande contribuição de Strachey não são as biografias, como observa Schwartz (1984, p. 9), e sim a percepção de que existem **ausências** históricas. Essa constatação parte da declaração de Strachey, na introdução de *Eminent Victorians*, de que “a história da época vitoriana jamais seria escrita, ‘pois sabemos demais a seu respeito’” (Schwartz, 1984, p. 9). Pode-se dizer, pois, que sempre há muito a se dizer sobre uma época histórica, uma vez que o olhar de quem escreve, analisa, interpreta é diverso do outro que também escreve, analisa, interpreta, ou nas palavras de Schwartz (p. 9), “só ignorando muito do que se acredita ‘saber’ podemos pintar o quadro de uma época”. Admitindo-se que o olhar deixa vácuos, lacunas, e normalmente tende a olhar para uma direção precisa, é possível afirmar que sempre há muito a se dizer sobre uma determinada época.

Partindo dessa idéia, de que há sempre muito a se dizer sobre alguma coisa, é que se reafirma que Samuel Smiles é um clássico da literatura de auto-ajuda voltada às relações de trabalho, justamente porque Smiles encontra nos fragmentos biográficos uma forma de divulgar suas idéias sobre a moral e o caráter do indivíduo trabalhador. Biografar excertos não é criação ou invenção de Smiles. Outros personagens na história percorreram esse mesmo caminho. Dentre esses, Ralph Waldo Emerson, a quem Smiles demonstrava ter grande apreço e admiração, fazendo-lhe referências e citações em suas publicações. Aquilo que Smiles fez em *Ajuda-te* – reunir uma série de conferências em um compêndio – foi o que Emerson fez em *Homens Representativos*, publicado em 1850. Nesse livro, Emerson estuda a personalidade de grandes

homens e tenta estabelecer as relações psicológicas existentes entre os primitivos saxões e os ingleses modernos. *Homens Representativos* reúne sete conferências circundadas por algumas críticas e fragmentos biográficos de nomes como Platão, Swedenborg, Montaigne, Shakespeare, Napoleão e Goethe. Ambos os autores concordam em uma questão central: a importância da auto-ajuda. Essa constatação justifica a influência de Emerson nos trabalhos de Smiles: “O auxílio que temos dos outros é mecânico, em comparação com as descobertas da natureza em nós” (Emerson, 1996, p. 14). Em Emerson, *Homens Representativos* significa que “os grandes homens são, por conseguinte, um colírio para desanuviar nossos olhos do egoísmo e nos capacitar a ver as demais pessoas e suas obras” (p. 25), sendo que “nós podemos dizer que os grandes homens existem para que possam existir homens ainda maiores” (p. 31). Como ele mesmo afirma: “Que é o *Tempo*, o *Século*, senão um modesto número de personalidades profundas, um pequeno número de personalidades ativas que resumem sua época – Goethe, Hegel, Metternich, Adams, Calhoun, Guizot, Pelle, Cobden, Kossuth, Rotschild, Astor, Brunel e outros?” (Emerson, 2003, p. 37).

A proposta de Smiles nas suas palestras ou publicações aponta para a reconstrução de excertos biográficos como uma estratégia educativa pela qual o autor buscava ensinar os jovens trabalhadores a deixarem-se tomar pela influência dos exemplos. O autor considerava os exemplos o mais eficaz dos mestres, prescindindo da escola no que se refere à aquisição de conhecimentos que influenciariam na formação do caráter. Se Smiles fez das biografias um de seus recursos pedagógicos, no que capítulo que segue se verá que os gurus da auto-ajuda na atualidade utilizam o discurso da auto-ajuda como a nova pedagogia do capital, propagando essa pedagogia como uma ‘nova’ forma de ensinar e aprender. Há uma pregação em que a educação sai do âmbito escolar para o ambiente empresarial, bem como os gurus adentram esse espaço com a pretensão de apresentarem-se como os ‘pedagogos’ da auto-ajuda.

CAPÍTULO III – O DISCURSO DA AUTO-AJUDA COMO A NOVA PEDAGOGIA DO CAPITAL

3.1. Breve introdução ao assunto

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. (...) Frases como ‘a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?’ ou ‘o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século’ expressam bem o fatalismo desta ideologia e a sua indiscutível vontade imobilizadora. Do ponto de vista desta ideologia só há uma saída para a prática educativa: adaptar o educando a esta realidade que não pode ser mudada (Freire, 2001, p. 21).

A ideologia fatalista a que se refere Paulo Freire não é assim tão transparente aos olhos da maioria das pessoas. A sua eficácia pode ser visualizada ao se levar em conta os malabarismos do capital na busca de ‘humanizar’ as relações de trabalho. A entrada da pedagogia da auto-ajuda como mais uma tentativa de doutrinação dos trabalhadores aos preceitos necessários ao estabelecimento do consenso e da aceitação de situações como as citadas por Freire demonstra que a educação do trabalhador nas relações capitalistas é algo mais complexo do que à primeira vista pode parecer.

O contorcionismo, o jogo de palavras e expressões, as metáforas, parábolas, receitas e outros recursos de linguagem desenvolvidos pelos criadores e veiculadores do discurso da auto-ajuda representam mais uma das investidas do capital na educação do trabalhador. É uma forma de ‘ensinar’ as atitudes e os saberes necessários à continuidade do caráter de exploração e dominação do capital. O processo pedagógico que vem se desenhando na nova gestão do trabalho é revelador de que o capital não está satisfeito com o sistema de ensino tradicional, uma vez que este atesta a sua incapacidade de ‘formar’ e ‘qualificar’ adequadamente o trabalhador para a produção e reprodução das relações capitalistas. A educação sai do âmbito da instituição escolar e passa a fundamentar o discurso do empresariado, que ‘assume’ a educação de seus trabalhadores. Por isso, há um investimento do capital em uma nova pedagogia: **a pedagogia da auto-ajuda,**

como mais uma das tentativas de conter os movimentos contraditórios do capital. Nessa nova pedagogia se apela para uma educação “sob medida” (Meister, 1999) ao mesmo tempo em que se alimenta a indústria do consumo servindo com um meio pelo qual se legitima e naturaliza o discurso do indivíduo que coopera e se ajuda. Ideologicamente, a indústria cultural facilita a apreensão de um discurso que harmoniza e amolda os trabalhadores às relações sociais, ditando padrões de comportamento, camuflando ou diluindo ao mesmo tempo as relações de poder.

A fim de adentrarmos no capítulo que segue, vale recapitular brevemente o que foi discutido nos primeiros capítulos, em que se desenhou os cenários do surgimento e (re)florescimento do discurso da auto-ajuda. Assim sendo, no primeiro capítulo se discutiu o uso do discurso da auto-ajuda como uma estratégia de controle e ‘qualificação’ do trabalhador sob a insígnia da ‘humanização’ nas relações de trabalho e os desdobramentos desta questão. No segundo capítulo buscou-se resgatar e contextualizar Samuel Smiles como o clássico da auto-ajuda, bem como os valores e idéias que norteiam e consubstanciam o primeiro livro sobre o assunto voltado às relações de trabalho: *Ajuda-te*. Feito isso, observa-se na seqüência, primeiramente, as manifestações de alguns críticos da literatura da auto-ajuda e as implicações desse discurso na relação trabalho e educação.

3.2. No reverso da auto-ajuda: caracterização e críticas

A busca de uma definição precisa do que significa auto-ajuda não é tarefa fácil. Em geral quando há dúvidas sobre o significado ou etimologia de uma palavra, recorre-se aos dicionários especializados (temáticos) – filosóficos, de línguas, sinônimos e antônimos - mas no caso específico da auto-ajuda não se obteve sucesso. Outra tentativa foi fazer uma varredura nos sites da Internet. A busca na rede tem sido uma ferramenta de consulta e um importante mecanismo de pesquisa no campo acadêmico, mas para o nosso caso, a investida não trouxe o retorno esperado. Ao invés de se avançar na conceituação, descobre-se que a auto-ajuda é um dos temas com maior número de sites na rede mundial de computadores, conforme já havia destacado Gehringer (2002). Ao percorrer o mesmo caminho para mapear os *links* sobre auto-ajuda, o autor descobriu que o tema perde apenas em número de sites para os de sexo. Não se fez referência ao número específico de sites relacionados à auto-ajuda, uma vez que se considera que esses números não

são reais, ou seja, conforme o enunciado de chamada - por exemplo, **origens da auto-ajuda, o que é auto-ajuda, auto-ajuda, autores de auto-ajuda, gurus da auto-ajuda, self-help** entre outros - o site presente em uma delas pode ser encontrado numa segunda chamada. De qualquer forma, esses números não baixam de 60.000 sites em cada uma das chamadas. Gehringer (2002), em sua pesquisa, diz ter utilizado para busca a palavra *self-help*, obtendo a indicação de 1.485.000 sites sobre o assunto.

A auto-ajuda se tornou uma expressão corrente que parece falar por si só, ou seja, dispensa explicações uma vez que se propõe a esclarecer aquilo que as pessoas estão dispensadas de procurar – o seu significado. Ajudar a si próprio designa aquilo que nos livros e discursos é ressaltado. Enfatiza-se que pelos caminhos individuais é possível encontrar a solução dos problemas. Isso implica dizer que depende da força de vontade, de um empenho que deve fluir do âmago, das profundezas de cada um, sendo esta a mola propulsora do sucesso de qualquer “receita” ou “preceito” da auto-ajuda. Bem lembra Corso (apud Chagas, 2001, p. 21) que essa literatura ou pedagogia “prega a saída pelo sucesso individual e usa como parâmetro a performance e a inserção efetiva do sujeito na circulação pelos valores sociais estabelecidos”.

A literatura de auto-ajuda pode ser caracterizada como um “fenômeno recente resultante da convergência de processos históricos complexos, dos quais não pode ser separado sua formação e seu sentido em nossa sociedade. Os princípios de autocultivo em que se baseia, todavia, não representam fenômeno novo. Indícios seus podem ser encontrados em períodos remotos da Antiguidade”⁹⁷, conforme ressalta Rüdiger (1996, p. 11). Assim, a auto-ajuda constitui um arcabouço de aconselhamentos que com o passar dos séculos renovou seu repertório diante das necessidades dos indivíduos frente às mudanças nos processos de trabalho e na organização da vida em sociedade. “Parece claro o esforço desmesurado por parte da indústria da auto-ajuda de pré-fabricar caminhos certos, passos retos, subidas garantidas, procedimentos infalíveis, esquemas irrecusáveis ao peso de muita retórica, mas, sobretudo sob o apelo astuto de fundamentos científicos” (Demo, 2001c, p. 69).

⁹⁷ Pode-se destacar aqui o *Kama Sutra*, que é a “descrição dos costumes do período Maurya da civilização indiana, no século IV a.C.” (Vatsyayana, 2003, p. 47). Nesse período havia “um misto de súmula dos costumes, livro de higiene e de **auto-ajuda** da época, que interessam tanto à Antropologia quanto à História” (p. 47) [grifo nosso].

Neste aspecto, a literatura de auto-ajuda é reconhecida como um conjunto de pregações prescritivas que fornece aconselhamentos e formulações homogeneizantes para um público que é heterogêneo e que vive situações heterogêneas. A proposta presente no discurso da auto-ajuda é da promoção de um “homem que coopera e se ajuda”, mas que está em uma condição de extrema dependência. Uma vez que a intenção é refletir sobre essa pedagogia prescritiva voltada para o mercado de trabalho, é preciso destacar que a tônica dessas publicações incide sobre o poder da força de vontade como aquela suficiente e capaz para resolver as questões que afligem o trabalhador. Os gurus preparam metodologias que ensinam o indivíduo a ser espontâneo, ter controle emocional, autoconhecimento, habilidade em lidar com a transição e a mudança no campo profissional. Há uma gama de dicas de como um trabalhador pode se sentir preparado, seguro para enfrentar os desafios do mercado de trabalho.

Contudo é preciso lembrar que as mudanças sociais, consequências da modernidade – na passagem do teocentrismo para o antropocentrismo –, trouxeram à baila o poder de ação e transformação dos homens por meio de suas ações, atitudes e comportamentos. Tal condição vem sendo acentuada com a ênfase nas soluções individuais – propostas, sobretudo, com o (neo)liberalismo – e que despertam a atenção de alguns autores que começam a olhar para a auto-ajuda não apenas como uma prática individual isolada, mas como uma prática de intervenção nas relações de trabalho. Este é um fenômeno global que tem mobilizado as pessoas de tal forma que tem merecido atenção e sido focado pelas várias áreas do conhecimento. Ao configurar-se em um sistema de ações, o fenômeno da auto-ajuda constitui campo de análise para a Psicologia/Psicanálise com as preocupações voltadas à subjetividade e o eu; na Filosofia com o movimento do individualismo; na Economia e Administração com o crescimento de um novo mercado, o da indústria da auto-ajuda e das consultorias, ou ainda na Linguística com estudos que enfatizam questões relativas ao uso das escolhas lingüísticas para estabelecer conexões entre escritor-leitor, nas Ciências Sociais com a investida em pesquisas sobre a intimidade ou subjetividade das pessoas (Demo, 2001a). Enfim, tem-se literalmente uma explosão desse tipo de literatura voltada para a vida psíquica e social das pessoas em que o objetivo é de alguma forma a interferência na conduta humana.

Das publicações que visam cercar e compreender a auto-ajuda, como já se apontou, destaca-se o trabalho de Rüdiger (1996), autor de *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. A proposta central do livro é “reconstituir de maneira típico-ideal as condições histórico-universais que presidiram à formação dessas práticas e as práticas e as programações de conduta que elas têm difundido socialmente” (p. 9). Analisando um conjunto dessas obras, Rüdiger (1996, p. 9) destaca que pretende “compreender o significado dessa espécie de textos na montagem de nossa civilização”. No que se refere à literatura de auto-ajuda, ele entende que se caracteriza como um “conjunto de relatos, de manuais, de textos, às vezes multimídia que nos ensina como conduzir a vida, sobrepujar a depressão, manejar com pessoas, exercitar a sexualidade, parar de fumar, prosperar financeiramente, etc.” Ainda segundo o autor, é possível dizer que essa literatura visa, por meio de um “conjunto textualmente mediado de práticas através das quais as pessoas procuram descobrir, cultivar e empregar seus supostos recursos interiores e transformar sua subjetividade, visando a conseguir uma determinada posição individual supra ou intramundana” (p. 11).

Arnaldo Chagas, professor de psicologia da UFSM, escreveu em 2001 *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*, livro em que procura investigar o imaginário social individualista da ética contemporânea. O autor associa o conhecimento da literatura de auto-ajuda a uma “psicologia popular” que tem por objetivo o “auxílio e guia de incentivo e orientação para a vida de muitas pessoas” (p. 31) e, como psicologia popular, tornou-se amplamente difundida e conhecida do público. Em outra publicação, *O sujeito imaginário no discurso da auto-ajuda*, Chagas (2002) ressalta que a auto-ajuda “sustenta-se por uma receita de perfeição que não se cumpre” (p. 149). Analisando o discurso de um dos ideólogos da auto-ajuda, Lauro Trevisan⁹⁸, o autor aponta a ilusão que promete promover a perfeição humana mas acaba concretizando-se numa promessa que também não se cumpre.

No livro *Dialética da felicidade*, composto por três volumes, Demo aproveita o momento de grande exposição do tema para explorar a questão de como a felicidade tem sido tratada. Das

⁹⁸ No Brasil, Lauro Trevisan é autor de *Best-Sellers* da literatura de auto-ajuda aliando o poder do pensamento positivo com lições religiosas, como é o caso de: *Você tem o poder de alcançar riquezas* (1986), *Você pode se pensar que pode* (1984). Esses livros superam a 20ª edição. Além desses, o autor publicou outros livros como: *O poder da inspiração* (1982), *A fé que remove montanhas* (1985), *O poder infinito da oração* (1988), *Sem pensamento positivo não há solução* (1996).

suas publicações - *Dialética da Felicidade: olhar sociológico* (2001a), *Dialética da Felicidade: insolúvel busca de solução* (2001b) e *Dialética da Felicidade: felicidade possível* (2001c), a auto-ajuda é tratada como parte de um movimento da indústria cultural que transforma emoção em mercadoria. A literatura de auto-ajuda é tratada como uma entre tantas outras estratégias para alcançar a felicidade, mas no ensaio de Demo recebe atenção por representar uma teoria sem fundamentação e que conta, entretanto, com uma “extrema proliferação”. O autor alerta que o

uso do termo 'auto-ajuda' é enganoso, porque, em vez de apontar para a possibilidade de cada pessoa reconstruir seu caminho, reproduz atrelamentos a fórmulas feitas, geralmente baratas. A auto-ajuda sinaliza, assim, mais um estilo de ajuda 'automática' do que ajuda a si mesmo. O traço mais forte desse tipo de literatura parece ser a sagacidade com que autores se aproveitam da fragilidade de seres humanos destroçados pelo sofrimento e desespero, usando para tanto instrumentação científica disponível, seja na linha de possíveis 'ajudas', seja na linha da produção de armadilhas que se utilizam da instrumentação científica (2001a, p. 13).

Além disso, Demo (2001b, p. 43) refere que “a auto-ajuda detém a tendência comprometedora de forjar a farsa de uma ajuda que busca atrelamento ostensivo, invertendo o sentido da autonomia. Para tanto, apela abusivamente para esquemas mágicos de conduta, como a numerologia, os passos retos e crescentes, as receitas infalíveis, as certezas retóricas”. O discurso bem elaborado fortalece a crença de que seguindo passo a passo o receituário, consegue-se o resultado desejado, atingem-se as metas propostas ou resolve-se aquilo que é considerado problemático e que aflige individualmente cada ser humano. “Através dos jargões que pretendem recompor a auto-estima, há promessas de que mora dentro de cada indivíduo, um guerreiro capaz de vencer os percalços da trajetória de vida de cada um. A felicidade depende apenas da própria iniciativa⁹⁹ (...), sobretudo seguir a auto-ajuda e mais ainda comprar livros e materiais” (Demo, 2001c, p. 69).

Um cardápio de títulos de auto-ajuda está à disposição nas prateleiras de livrarias¹⁰⁰ oferecendo prescrições para atender vários aspectos da conduta humana. Essa disponibilidade despertou a atenção de Tomaz Tadeu da Silva (2001), que percebe nesse “excesso” de fórmulas

⁹⁹ O guru Roberto Shinyashiki repete freqüentemente, em suas palestras, que “dentro de cada homem existe uma linda obra de arte”.

¹⁰⁰ Um caso exemplar é o do livro *Felicidade* de Eduardo Giannetti (2002), disponível nas livrarias nos estandes de auto-ajuda quando tem, na verdade, uma perspectiva crítico-filosófica acerca da relação entre civilização e felicidade. Mas o título acaba servindo de chamariz para que as lojas estimulem sua venda aos consumidores da auto-ajuda.

uma tentativa de “colonização” da subjetividade. A conduta humana “é minuciosamente governada, controlada, dirigida” (p. 43). Silva passou a pensar a relação entre educação e pedagogia com a auto-ajuda. Em artigo publicado em *A educação em tempos de globalização*, o autor persegue a regularidade entre esses discursos. A conclusão é de que tanto o discurso da educação e da pedagogia quanto o da auto-ajuda possuem a mesma meta: “Os dois tipos de intervenção têm como objetivo nos transformar em um determinado tipo de pessoas” (p. 44). Disso decorre que o autor considera a auto-ajuda uma forma de “intervenção na subjetividade” (43), sendo esta uma das maneiras mais adequadas de conformar e tornar aceita a nova pedagogia do capital.

A retórica presente no discurso da auto-ajuda também chamou a atenção de Anna Flora Brunelli, que em fevereiro de 2004 defendeu sua tese de doutorado intitulada “*O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda*”. A autora observa que este discurso ganha seus contornos afirmando que “o segredo para que qualquer um consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar muito dinheiro, etc. está na crença incondicional na realização dos sonhos, do projeto de vida, dos desejos, etc. Assim, quem acredita que vai conseguir consegue, e quem duvida não consegue” (p. 45). Esta particular pedagogia sustenta que o indivíduo é capaz de desencadear, de promover as mudanças necessárias em sua vida, já que se trata apenas “de uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade” (p. 45). Se a aposta na/da auto-ajuda centra-se na elevação da auto-estima das pessoas, parece proposital que haja uma certa omissão de aspectos negativos ou de situações reais que possam inviabilizar o “poder” mobilizador de ações desse tipo de discurso. Ainda de acordo com Brunelli (2004, p. 19), “o *ethos* do discurso de auto-ajuda, além de ser o *ethos* do homem focado, é também o do homem *persistente*, que não desanima diante dos problemas da vida. Ao contrário, ele os considera, numa atitude que revela todo o seu otimismo, como oportunidades de crescimento”.

Heidi Marie Rimke (2000), em um artigo publicado na *Cultural Studies* intitulado *Governing citizens through self-help literature*, desenvolve sua análise a partir da Teoria Social, pautando-se numa perspectiva foucaultiana em que explora o movimento da literatura de auto-ajuda contemporânea destacando-a como uma estratégia política de governo dos cidadãos. Essa

literatura se converteria em uma forma do recrutamento da subjetividade do indivíduo para que este se desenvolva, se auto-aperfeiçoe e exerça uma autonomia individual. “Apropriando-se do liberalismo democrático e do neoliberalismo, como uma maneira de ver o mundo individual e social, a auto-ajuda promove a idéia que um bom cidadão cuida de si próprio ou de si própria para evitar ou negar as relações sociais” (p. 68)¹⁰¹. Na prática, a auto-ajuda resulta no gerenciamento da população, facilitando o seu controle, reduzindo a autonomia individual, ao invés de aumentá-la, conforme exalta tal discurso. A autora destaca ainda que a auto-ajuda é uma atividade que se caracteriza pelo voluntarismo e pela atitude individualista.

Exalta-se assim, por esse meio, a possibilidade de autonomia individual na condução da vida e na solução dos problemas. Essa ‘liberdade’ de ação se configura numa **autonomia-dependente** que só é possível perante discursos que delineiam caminhos marcados e certos. Em outras palavras, para exercer a sua **auto-ajuda** é preciso que o indivíduo pague para ter acesso às “fórmulas” veiculadas na literatura ou em palestras. O que se gasta representa a submissão e sujeição ao que é prescrito e, ainda, uma crença absoluta no que é dito em termos de discurso pelos gurus da auto-ajuda.

É importante frisar que analisar o fenômeno da auto-ajuda voltado para as relações de trabalho demandou um esforço na tentativa de desvinculá-la daquele discurso relacionado a outros segmentos da vida. Percebe-se então que, por mais que se investisse nesse viés, não é a auto-ajuda que domina as relações de trabalho, mas o seu contrário: as relações de trabalho se complexificaram a tal ponto que demandam de outras dimensões da vida uma readaptação do indivíduo. Por isso publicações veiculadas sobre estresse, qualidade de vida, auto-estima, relacionamentos afetivos também estão atreladas ao movimento do mercado de trabalho, uma vez que as dicas não descartam o indivíduo na condição de trabalhador. O campo do trabalho tende a definir a qualidade de vida, o nível de estresse, *burnout*¹⁰² e a posição ou lugar que o indivíduo

¹⁰¹ Tradução nossa do inglês.

¹⁰² De acordo com Codo (1999, p. 238) “(...) trata-se de um problema, uma síndrome que afeta principalmente os trabalhadores encarregados de cuidar (*caregivers*)”. “Burnout foi o nome escolhido; em português, algo como ‘perder o fogo’, ‘perder a energia’ ou ‘queimar (para fora) completamente’ (numa tradução mais direta). É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil. Esta síndrome afeta, principalmente, profissionais da área de serviços quando em contato direto com seus usuários. Como clientela de risco são apontados os profissionais de educação e saúde, policiais e agentes penitenciários, entre outros” (p. 238).

ocupa nos relacionamentos familiares ou com os colegas de trabalho, o que passa a ser determinante em relação a sentimentos como a auto-estima e questões de identidade.

Esta nova pedagogia traz em si uma contradição. Para que o trabalhador promova a auto-ajuda, no sentido proposto pelas publicações, antes é preciso que tenha acesso aos livros com o receituário a ser seguido. Todavia, isso implica poder de aquisição, de compra por parte do indivíduo para ter acesso às fórmulas e indicações dos gurus. A auto-ajuda está sistematicamente a serviço da indústria cultural, segundo formulação de Adorno e Horkheimer (1991), pela qual cria-se uma massa de consumidores (trabalhadores) que em várias situações, seja de emprego ou desemprego, buscam uma solução pontual para as angústias geradas pela atual configuração do mercado de trabalho: flexível, competitivo, com empregos em constrição e ainda altamente seletivos. É neste contexto de insegurança e concorrência que este novo processo pedagógico seduz o trabalhador.

Nesses termos Giddens (2002, p. 183) destaca que “não só os estilos de vida, mas também a auto-realização é empacotada e distribuída segundo critérios de mercado. Livros de auto-ajuda como *Autoterapia* ficam numa posição precária em relação à produção mercantilizada da auto-realização. De certa maneira tais obras se afastam do consumo padronizado e empacotado”. E ainda, segundo ele, “quando são colocadas [obras de auto-ajuda] no mercado como teoremas pré-empacotados sobre como ‘seguir em frente’ na vida, são aprisionadas no próprio processo a que nominalmente se opõem” (p. 183). Assim, ganha maior significação a afirmação de Gehringer (2002, p. 150) quando assinala que “o melhor atalho para o sucesso não é ler um livro de auto-ajuda. É escrever um”.

3.3. O processo de sedução do capital: o encanto do “canto da sereia” da auto-ajuda difundido pela indústria cultural

De tudo o que foi comentado o que impressiona é a capacidade e a força do discurso da auto-ajuda que absorve um ideal que é próprio do capital, faz a sua composição - mistura - e devolve ao trabalhador, potencial consumidor, um discurso mastigado, pronto para uma fácil digestão. A auto-ajuda representa o “remendo” do sistema capitalista que nos momentos de

refluxo busca alternativas de manter-se ativo, principalmente com o intento de manter visível uma fachada intacta, quase ou totalmente inabalável, como se não houvesse crises. Há problemas e é isso que uma análise mais apurada do (re)florescimento da auto-ajuda revela.

A auto-ajuda tornou-se para o capital uma das estratégias que visa mascarar a contradição na relação entre capital e trabalho, de modo que se descaracterize a organização como um espaço de conflito, de exploração. Apesar da aparência de que “tudo vai bem” esconde, a sociedade moderna, nesse aspecto, depara-se com uma situação de instabilidade, o que não quer dizer que o capital não esteja a pleno vapor, pois como afirma Berman (1986, p. 94), “dizer que nossa sociedade está caindo aos pedaços é apenas dizer que ela está viva e em forma”. Tão em forma que, como lembra Ianni (1996, p. 120), o capitalismo “se impõe ou sobrepõe às mais diversas formas de organização da vida social. Tanto pode conviver como absorver, tanto modificar como recriar, as mais diferentes modalidades de organização social do trabalho e da produção”.

A influência civilizadora do capital, assinala Mészáros (1996, p. 104), se dá porque “o capital cria a sociedade burguesa e a apropriação universal da natureza, como os vínculos sociais dos membros da sociedade”. O capitalismo como aquele que abarca todos os espaços converte a esfera privada em “mercado efetivo e potencial”, produtivo e racional e quando precisa transforma a esfera pública em esfera privada (Ianni, 1996, p. 120). É nisso que se especializou a indústria da auto-ajuda no seu afã pedagógico. Transforma sentimentos como insegurança, medo, conflitos, dificuldades de várias naturezas em ‘solução’, disseminados em fórmulas que se transformam em mercadoria, produto consumível. A mercadoria que nasce a partir de uma necessidade do indivíduo revela que “o industrialismo coisifica as almas”, nas palavras de Adorno e Horkheimer (1996, p. 41), o que significa dizer que a produção do discurso da auto-ajuda pode ser considerada uma produção social também pedagógica, civilizadora. A influência da produção dos discursos de auto-ajuda é abrangente, como já se mencionou, pois invade vários espaços da vida do trabalhador. Assim também é o desenvolvimento do capital, tão abrangente que o aumento na escala do consumo representa uma conquista, uma vitória civilizadora do capital sobre os indivíduos. A auto-ajuda, nesse sentido, tornou-se instrumento pedagógico do capital, que ‘ensina’ que consumir receitas é uma forma de o indivíduo manter sua soberania, a exemplo do capital. É claro que isso é uma falácia já que figura como aparência, pois como

lembra Adorno (1987, p. 347), “quanto mais completo o mundo como aparência, tanto mais inescrutável a aparência como ideologia”.

Adorno e Horkheimer (1991) ao analisarem a indústria cultural a partir do cinema apontam como os jargões são utilizados por aqueles que manipulam esse meio, fazendo dele uma via de acesso para atingir um público consumidor que deve se encantar com as superproduções cinematográficas que são projetadas visando o retorno em vendas. Nesse sentido, é possível comparar um astro do cinema a um guru da auto-ajuda, que precisa cuidar da aparência, da retórica e da produção de um cenário para garantir a atenção de um número cada vez maior de espectadores. Para os autores,

tudo o que vem a público está tão profundamente marcado que nada pode surgir sem exibir de antemão os traços do jargão e sem se credenciar à aprovação ao primeiro olhar. Os grandes astros, porém, os que produzem e reproduzem, são aqueles que falam o jargão com tanta facilidade, espontaneidade e alegria como se ele fosse a linguagem que ele, no entanto, há muito reduziu ao silêncio. Eis aí o ideal do natural neste ramo. Ele se impõe tanto mais imperiosamente quanto mais a técnica aperfeiçoada reduz a tensão entre a obra produzida e a vida cotidiana (p. 120).

Nessa ‘brincadeira’ consumista, não apenas o consumidor dos produtos de cinema, mas o trabalhador, o educador e todos os indivíduos, independentemente da classe social a que pertencem, se vêem participantes de um processo do consumo. A indústria da auto-ajuda explora sagazmente a impotência do homem perante seus problemas e a dificuldade em resolvê-los sem a interferência de terceiros [tutores]. Dessa forma coloca-os constantemente na dependência dos gurus e suas fórmulas, acenando “soluções mágicas, tanto para se poder querer muito quanto para deixar de querer muito” (Demo, 2001 b, p. 76). Ou seja, a pregação é a de que o indivíduo, senhor de si, seja capaz de resolver por si só os seus problemas, mas essa solução está relacionada ao papel que os gurus exercem nas relações de trabalho quando dizem exatamente o que fazer e como fazê-lo. O que se prega, na verdade, é uma falsa autonomia. As condições de triunfar por conta própria estão diretamente associadas ao consumo da literatura de auto-ajuda, que desloca o indivíduo de autônomo para heterônomo, ou aquele que depende de outrem para organizar a sua vida. A literatura de auto-ajuda pode ser entendida em sua contradição assim como o capital, que de um lado tem um apetite sempre crescente por criar consumidores de massa e de outro revela sua necessidade de eliminar o trabalho vivo (Mészáros, 1996).

A indústria cultural pode ser entendida como um canal de disseminação das prescrições dos produtos da auto-ajuda, que adquiriu, nas últimas décadas, uma conotação muito mais consumista do que propriamente cumpre um papel a que se propõe: o de fornecer ao indivíduo ‘meios’ para se auto-ajudar. Formou-se uma rede em que o discurso de auto-ajuda depende do aparato da indústria cultural, valendo-se desse como um espaço, um meio pelo qual as pessoas se vêem repensando suas realidades, seu cotidiano, levando em consideração a circulação de uma série de publicações vendidas e que são lançadas com o objetivo de mediar essa relação entre o indivíduo e os problemas sociais. “As práticas individuais de si”, nas palavras de Rüdiger (1996, p. 16), “começaram a se vulgarizar através dos meios de comunicação, difundindo um saber de cunho paracientífico, caracterizado nos catecismos sobre como conduzir a vida, nas matérias sobre o potencial humano, nos testes de autoconhecimento e nos desenhos de perfis psicológicos”, aplicados nas empresas para a inserção das pessoas como futuros contratados.

O discurso dos gurus da auto-ajuda encontra na indústria do consumo o meio mais eficaz de divulgar o que por eles é produzido. “A exploração indevida da emoção é comum na literatura de auto-ajuda, que manipula bases científicas psicológicas e/ou biológicas de duvidosa procedência, com o objetivo de prometer a felicidade fácil ou total” (Demo, 2001a, p.37). Nesse aspecto, a indústria cultural tem estendido seus “tentáculos” no campo das emoções e, ao comercializá-las, descobriu um inesgotável campo que verte na mesma proporção em que surgem mais gurus e se faz acreditar que estes são necessários.

A auto-ajuda é o encanto do “canto da sereia” - recorrendo a uma analogia com a vivência de personagens da *Odisséia* de Homero¹⁰³. As sereias simbolizam, na epopéia, o aspecto da dominação, assim como o capital simboliza uma sereia que entoa em discursos o seu canto de sedução. No capitalismo, os remadores de Ulisses “não podem se falar [porque estão] atrelados a um compasso, assim como o trabalhador moderno na fábrica [ou na empresa], no cinema e no coletivo. São as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não

¹⁰³ O poema épico constitui uma narrativa dos perigos enfrentados por Ulisses no seu retorno a Ítaca, simbolizando as aventuras do homem que precisou usar da astúcia para não se deixar seduzir pela melodiosa canção entoada pelas sereias. Ulisses conta com seus companheiros para garantir que as sereias não exerçam o fascínio destruidor sobre eles, pelo que comenta com os remadores: “Amigos, não é justo que só um ou dois conheçam os vaticínios que fez Circe, a augusta deusa; por isso vou contá-los (...) aconselhou que só eu lhes ouvisse a voz; por isso, amarrai-me de pé sobre a carlinga, com rudes laços, para que eu daqui não saia, e pendam fora de meu alcance as pontas das cordas. Se eu insistir convosco para que me soltais, apertai-me, então, em laços mais numerosos” (Homero, 1980, p. 144).

as influências conscientes, as quais por acréscimo embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos” (Adorno e Horkheimer, 1996, p. 47).

A linguagem da auto-ajuda que seduz em cantos e discursos revela as novas facetas do capital no exercício da sua capacidade plástica de remodelar-se a cada situação adversa, colocando-se como um ‘deus’ que tem poderes de prever e, assim, antecipar-se às crises que o ameaçam. Mészáros (1996, p.105) também destaca a capacidade que o capital possui de criar rapidamente saídas espetaculares. Para ele, “o capital é destrutivo (...), e constantemente revoluciona, rompendo todas as barreiras que impeçam o desenvolvimento das forças produtivas, a expansão das necessidades, o *multiforme* desenvolvimento da produção e a exploração e o intercâmbio das forças naturais e mentais”. O capital arranja e rearranja estratégias para continuar acumulando face aos períodos de crise e tem praticado aquilo que o autor chama de “obsolescência planejada”, uma forma sagaz de produzir para destruir. A produção destrutiva tem servido de retro-alimentação e proporcionado condições para que se revigore em suas crises cíclicas.

Paralelamente à obsolescência dos produtos de consumo, o capital leva à obsolescência a qualificação dos trabalhadores. O argumento é de que as empresas ao migrarem da verticalização para a horizontalização de seus organogramas funcionais resolveriam, em parte, a concentração de poder das áreas gerenciais. Mas a concentração continua. A autonomia decorrente da horizontalização pode ser relativizada uma vez que se constroem discursos pensando em atrelar e não ‘libertar’ os trabalhadores do poder de dominação que as organizações exercem sobre os indivíduos. A “destruição”, nesse caso, não é material, mas comportamental. A desmobilização dos sindicatos serve de termômetro para aferir a destruição dos laços coletivos e o estabelecimento de uma cultura de mobilização individual que combina acomodação, pacificação e aceitação da empresa como um *locus* de desenvolvimento dos potenciais humanos.

O capital é *expert* em criar saídas estratégicas levando a efeito a criação daquilo que Marcuse (1967, p. 18) denomina de “falsas” necessidades. Estas seriam “superimpostas ao indivíduo por interesses sociais particulares ao reprimi-lo: as necessidades que perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça”. Ainda segundo este autor, “o aparato produtivo

tende a se tornar totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. Oblitera, assim, a oposição entre a existência privada e pública, entre necessidades individuais e sociais”. Os contornos dessas manobras resultam na cooptação do indivíduo nas suas várias dimensões - objetiva e subjetiva – transformando-o em um perfeito consumidor. O aparato produtivo mencionado por Marcuse determina que o indivíduo assuma como sua uma necessidade criada pelo capital, como é o caso do discurso da empregabilidade e do empreendedorismo. A literatura de auto-ajuda é considerada fenômeno de vendas porque vende fórmulas para satisfazer as necessidades do capital, mas lança para o indivíduo a obrigação de satisfazê-las porque estas foram incutidas e assimiladas como se fossem do próprio indivíduo. Como lembra Marx (apud Mészáros, 1996, p. 99):

A despeito de todos os discursos ‘piedosos’, ele (o capitalista) busca meios para impulsionar (os trabalhadores) ao consumo, procura dar aos seus produtos [livros de auto-ajuda] novos encantos, inspirar novas necessidades pela propaganda constante [no caso dos gurus, pela repetição constante]. É exatamente este aspecto da relação capital e trabalho que é um importante momento civilizador, e nele reside tanto a justificativa histórica, quanto o poder contemporâneo do capital.

É nesse sentido que as necessidades humanas são historicamente criadas e substituem, de acordo com Mészáros (1996, p. 102), “as naturais sob pressões da produção generalizada de mercadorias”. A satisfação dessas necessidades, que não são naturais mas sociais, é igualmente condicionada e transferida para a “indústria cultural” analisada por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*. A indústria cultural atua como um mecanismo que visa perpetuar o indivíduo como um ser independente do capital, mas “submete-o ainda mais profundamente a seu adversário, o poder absoluto do capital” (Adorno e Horkheimer, 1991, p. 113).

Marx (2002, p.154) afirma que “o significado que a produção tem em relação aos ricos revela-se no sentido que ela tem para os pobres; em cima, a sua manifestação é sempre refinada, oculta, ambígua, uma aparência; em baixo, é sempre uma realidade tosca, simples, cândida”. Da mesma maneira que a indústria cultural especula sobre o refinamento das necessidades de acordo com os padrões de consumo, especula sobre as necessidades humanas no trabalho. Fabrica-se uma ilusão que refina o que é tido como atrelamento, dependência, relacionando-os ao consumo do discurso da auto-ajuda como integrante do caráter constitutivo da nova gestão do trabalho. O

indivíduo internaliza como suas as necessidades próprias do sistema capitalista, enquanto mantém a sujeição necessária a este modo de produção.

O capital faz os indivíduos acreditarem que o consumo e a demanda de produção crescem em função das necessidades que deles advêm. Assim, tudo que é posto à venda é ‘comprado’ sem resistência, como percebem Adorno e Horkheimer (1991, p. 114):

O que o explica é o círculo de manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista o seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (...) a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social.

Além de criar falsas necessidades, o capitalismo cria aquilo que Giddens (2002, p.160) denomina de narcisismo. “A idéia de criar um público educado e perspicaz foi há muito derrotada pela difusão do consumismo, numa ‘sociedade dominada pelas aparências’”. A aparência ofusca a essência e “as necessidades individuais de autonomia, autodefinição, vida autêntica ou perfeição pessoal são todas traduzidas na necessidade de possuir e consumir bens oferecidos no mercado” (Giddens, 2002, p. 183). Garante-se assim um ciclo apregoadado pela acumulação flexível, em que se qualifica o indivíduo não somente para o trabalho, mas também para o consumo. Há uma seleção de atitudes e comportamentos necessários à flexibilidade que são transformados em argumentos no discurso da auto-ajuda e que servem, principalmente, para que o mercado utilize sentimentos como o medo, a ansiedade e o sofrimento para “liberar o comportamento consumidor indispensável à sua continuidade”, conforme observou Bauman (apud Giddens, 2002, p. 183).

Desenvolveu-se um círculo vicioso em que as relações sociais são asfixiadas pelas relações de produção. Na sociedade do consumo não há '*esclarecimento*', mas uma mistificação que coloca o mito, a imaginação, os sonhos e os desejos contidos ou não realizados dos indivíduos numa situação em que substituir o mundo subjetivo pela sua “coisificação” é uma forma de garantir que a lei do mercado impere. Parece que o estímulo ao consumo da literatura de auto-ajuda cumpre duas funções: a primeira é aquela já mencionada anteriormente, em que se

acalma a insatisfação, se pacificam tentativas de revolta, uma vez que estas passaram da esfera coletiva à individual. A segunda diz respeito ao processo de sedução do capital que, no conjunto, produz um discurso da auto-ajuda que é homogeneizante, mas que é assimilado de forma personalizada.

A explicação dessa performance pode ser encontrada naquilo que Ianni (1996, p. 59) preconiza sobre as capacidades de atuação do capital, entendido como “um modo de produção material e espiritual, um processo civilizatório revolucionando continuamente as condições de vida e trabalho, os modos de ser de indivíduos e coletividades, em todos os cantos do mundo”. O discurso da auto-ajuda, materializado nos livros, representa a produção material (acumulação) para os autores e espiritual para quem os consome. Neste sentido, as observações de Giddens (2002, p. 182) sobre as dimensões que o capitalismo abarca parecem ganhar força, quando afirma que este “mercantiliza em vários sentidos”. E pode-se dizer que a dimensão da subjetividade, neste aspecto, também é mercantilizada. O mercado, esse senhor que domina de forma imperativa, tem transformado os sentimentos dos trabalhadores em matéria-prima para novas mercadorias. Os livros de auto-ajuda servem de exemplo de uma produção pautada em sentimentos como medo, insegurança, baixa-estima e estética para difundir soluções embaladas em páginas que prometem resultados positivos.

Como é que se consegue dinamizar essa ideologia e como é que se consegue legitimar e naturalizar a crença de que o indivíduo agora tem o poder de conquistar o espaço que deseja trabalhar sem que perceba a complexidade e a armadilha em que está se envolvendo? A indústria cultural, como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 16), “mostra regressão do esclarecimento à ideologia”, que encontra na auto-ajuda um canal de difusão da ideologia da individualização e da culpabilização – reforçadas no poder da vontade ou da falta desta. A auto-ajuda é o “canto da sereia” que desperta no imaginário do indivíduo a construção de um “alguém” poderoso, autônomo e auto-realizável. A literatura de auto-ajuda reforça o progresso do individualismo, canoniza os arautos desse discurso, ao mesmo tempo em que recupera para o capital uma imagem ‘sadia’, popularizando e naturalizando a idéia de competição individual e mobilidade social. Estes se tornam argumentos para que o indivíduo não desanime na busca do desenvolvimento de

sua performance técnica e comportamental diante das renovadas solicitações do mercado de trabalho.

A pedagogia emanada da literatura de auto-ajuda constitui um mecanismo de controle do indivíduo nas relações de trabalho. O fenômeno no século XX se caracteriza basicamente pela burocratização das relações sociais, em especial as relações de trabalho, em que os valores em jogo refletem uma expressão de desejos egoístas, além de um compromisso possessivo com o próprio eu. A representação de papéis se complexifica, diversifica, e o indivíduo é chamado a construir a sua “fachada” em meio a um cenário instável, turbulento e constantemente mutável.

Enquanto isso, vender livros e proferir palestras eleva os gurus à categoria daqueles que se preocupam com o bem-estar humano; mais especificamente, se refere aos que sabem o que as pessoas estão passando ou sentindo e principalmente necessitando. A credibilidade dada a esses profissionais os coloca em posição privilegiada quando se questiona de que público se está falando, já que não há acompanhamento ou preocupação por parte deles com o resultado final do que foi lido nos livros ou ouvido nos discursos. O ser humano se reduz a mais um entre tantos outros indivíduos, que são “reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas dos institutos de pesquisa (que não se distinguem mais dos de propaganda) em grupo de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis” (Adorno e Horkheimer, 1991, p. 116).

O sucesso da indústria cultural espelha o poder que o capital tem de determinar e estruturar em vários âmbitos. Lembra Ianni (1996, p. 47) que “o capital dissolve, recobre ou recria formas de vida e trabalho, de ser e pensar em âmbito local, regional e internacional. Simboliza uma espécie de revolução burguesa permanente, ainda que, desigual e contraditória, progressos e regressiva, democrática e autoritária”. Nos deparamos, desta forma, com um “ser” – o capital - que construiu historicamente um poder de dimensionar, de redimensionar, de ensinar e que consegue manipular toda uma coletividade, dando a última palavra quando se trata de manter a sua lógica interna inalterada.

Livros como *Você: a alma do negócio* de Roberto Shinyashiki (2001) podem ser considerados representantes do capital ao reafirmar que o trabalhador está transitando em um mercado de poucos empregos, sendo necessária a sua conformação frente a tal situação. Incute no trabalhador algo como: quem está empregado precisa olhar para o local de trabalho e para o cargo que ocupa sem reclamações, pois se “neste momento você [trabalhador] esteja reclamando do seu emprego (...) pense: se estiver se sentindo injustiçado na empresa em que trabalha, de quanto tempo ela precisará para substituí-lo? E, se você sair dessa empresa, conseguirá salário equivalente ao que recebe?” (p. 28). É essa ambiência que o trabalhador encontra quando se depara com as leituras desses manuais, um discurso que desperta no indivíduo um sentimento de culpa, já que há muitos trabalhadores propensos a substituí-lo caso não esteja de acordo com as necessidades do empregador.

Esses são os contornos do discurso da auto-ajuda na atualidade. Um discurso que aumenta o poder do capital sobre a vida dos trabalhadores, que domina as necessidades humanas e sociais deles e determina ainda a forma de ser e agir do trabalhador solicitado para atender o mercado. A indústria cultural é aqui entendida como um espaço, por excelência, de divulgação das idéias que compõem essa nova pedagogia. Trata-se de um espaço de circulação que valoriza o discurso exercendo pressão para que o trabalhador assuma as orientações que estão sendo veiculadas. Pela indústria cultural o trabalhador ‘aprende’ que a distância que existe entre ele e a possibilidade de mudar sua atuação perante o seu universo se reduz a comprar ou não os ‘pacotes’ da auto-ajuda. A identidade que se cria entre esse discurso e o trabalhador está relacionada à forma como esse discurso é produzido, organizado e selecionado (Foucault, 1996). As representações que ecoam do cinema também ecoam na literatura de auto-ajuda, e os gurus se apresentam como atores tanto quanto os figurantes que contracenam nas telas dos cinemas – encenação em que a linguagem é meio pelo qual se desperta e mobiliza o público-consumidor e, no caso da auto-ajuda, várias são as estratégias ou recursos lingüísticos utilizados para seduzir os trabalhadores e para que eles permaneçam dependentes desse processo que alimenta a indústria do consumo.

3.3.1. O discurso da auto-ajuda como uma estratégia de poder nas relações de trabalho: uma linguagem nada transparente

Fairclough (2001) em *Discurso e mudança social* propõe que se pense o discurso como uma prática social que tem implicações não apenas no que concerne ao modo de representação dos indivíduos no mundo, mas como uma prática social que contribui na construção das relações entre os homens – com implicações econômicas, políticas, culturais e ideológicas, e acrescentam-se também implicações no âmbito educacional. A prática discursiva “recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta” (p. 94). Nesse caso, pode-se pensar no discurso da auto-ajuda como uma prática ideológica que visa estabelecer ou manter as relações de dominação. “As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito mais eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem os *status* de ‘senso comum’” (p. 117). É o que constata Pagès (1987) ao pesquisar em uma multinacional, quando percebe o poder que a organização exerce sobre os indivíduos. Constata o autor que “a estrutura ideológica do indivíduo não é produzida diretamente pela ideologia oficial da empresa, nem mesmo a interiorização que ele faz dela, mas indiretamente, através do conjunto de relações com a organização, que o induzem a pensá-las de certa maneira” (p. 95).

“Embora seja verdade que as formas e o conteúdo dos textos trazem o carimbo (são traços) dos processos e das estruturas ideológicas, não é possível ‘ler’ a ideologia nos textos” (Fairclough, 2001, p. 118). Isso acontece porque o que é escrito constitui um arcabouço de argumentos orientados para que o indivíduo assimile o conteúdo, que de tanta repetição acaba se tornando parte de uma linguagem do senso comum. Também em palestras motivacionais percebe-se um investimento em termos de construção de argumentos fundamentados, segundo os gurus, em fatos ‘reais’ e que se tornam ilustrativos de como o indivíduo deve se comportar em determinadas situações no âmbito do trabalho. O uso da linguagem carrega consigo posições ideológicas próprias de quem faz uso do discurso. “Todavia, por razões que são em si mesmas ideológicas, a maioria dos usuários da língua não foi educada para identificar uma ideologia no texto, mas para ler textos como representações naturais e inevitáveis da realidade” (Eggins apud Silva, 2000, p. 7)

Esses argumentos carregam consigo um construto ideológico de harmonização e amoldamento às relações sociais e são providenciais no que se refere à manipulação das ações dos indivíduos. O discurso ajuda a ditar padrões de comportamento e, da forma como são apresentados, camuflam essas relações de poder quando atribuem ao indivíduo o poder/liberdade de escolha, circunscrito no poder da vontade quando o envolve numa linguagem sedutora que não é neutra nem transparente, com o intento de construir um novo trabalhador conformado e adaptado à nova gestão do trabalho flexível, como se salientou em capítulo anterior. Todo esse investimento tornou-se traço característico da sociedade capitalista, em que as empresas antecipam-se aos conflitos, absorvendo-os e transformando as contradições em algo naturalmente aceitável para seus trabalhadores. Como bem lembra Pagès (1987, p. 37), “**o educador do homem** da organização não são tanto as pessoas com as quais ele se relaciona, seus chefes, os formadores da empresa, são a própria organização, suas regras, seus princípios, suas oportunidades, suas ameaças” [grifo nosso]. Desta forma, vale ressaltar que além da distorção do significado das palavras, há apelo manipulativo na linguagem da auto-ajuda, que interfere sobremaneira na forma como os trabalhadores atuam em seu *locus* de trabalho. Pela linguagem, por exemplo, se constitui um líder; pela linguagem se dá poder a esse líder; pela linguagem o lugar de um líder pode ser facilmente substituído por outro líder se o seu comportamento não condisser com o que foi estabelecido. Para ser um líder de sucesso é preciso, antes de tudo, transitar com fluidez no campo do discurso. Dominar a retórica constitui uma das formas de o trabalhador, na figura do líder, conquistar a confiança dos colegas de trabalho.

Na perspectiva de Fairclough (2001), as representações sociais podem ser pensadas a partir da teoria social do discurso que se detém sobre como os indivíduos constroem e reconstróem as significações do uso da linguagem. O indivíduo também cria resistências e é por isso que o repertório lingüístico precisa ser renovado, para manter os percentuais de vendas e, principalmente, a popularidade dos gurus que, por meio de chavões, acabam tendo seus nomes no círculo das personagens lembradas. Em todo o caso, é preciso prever e prevenir os “desajustes” próprios da não-adaptação ou não-identificação dos trabalhadores com as regras da empresa. Nessa direção, empresários e gurus produzem um discurso em que se propõem estabelecer uma relação entre o que se deseja e as esferas da subjetividade. Mas que interesses estariam norteando essa ‘vontade’ de empresários e gurus de adentrar em esferas consideradas até então intocáveis [a

subjetividade]? Lembramos o questionamento feito por Foucault (1996, p. 8) quando pergunta o que há de “tão perigoso no fato das pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente?” E continua: “Onde, afinal, está o perigo?” Para responder a tal questionamento, pode se pensar na auto-ajuda como um discurso carregado de uma ideologia que pretende adentrar e controlar o espaço da subjetividade do trabalhador, cujo efeito mais visível transparece no interesse voltado ao bem-estar do trabalhador. Foucault lembra que a “produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos [ressalta-se livros e palestras] que têm por função conjurar seus poderes e perigos, (...) esquivar sua pesada e temível materialidade” (idem, p. 8).

A lógica de dominação das organizações se justifica em um discurso que busca fortalecer e dar credibilidade às palavras que são proferidas, carregadas de significações e que visam mobilizar ou desestimular ações dos indivíduos em caso de conflito. A adesão ideológica e psicológica do trabalhador assegura o controle da organização sobre os indivíduos, que se valem do discurso para moldar e direcionar o comportamento de seus trabalhadores. É isso que Huxley apud Meurer (1998, p. 10)¹⁰⁴ destaca quando afirma que

a antiga idéia de que as palavras possuem força mágica é falsa; mas isso falseia a distorção de uma verdade importante. Palavras possuem um efeito mágico - mas não da forma que os magos [gurus] imaginam e nem no propósito que eles estão tentando influenciar. Palavras são mágicas na maneira que elas afetam a mente daqueles que as usam. (...) esquecemos que as palavras têm o poder de moldar homens e mulheres, que canalizam seus sentimentos, direcionam suas vontades e atuações. Conduta e caráter são altamente determinados pela natureza das palavras que usamos freqüentemente para discutir sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca.

Determinantes na conduta social de um indivíduo, as palavras também adquirem um *status* hegemônico, ou como lembra Fairclough (2001, p. 105), as palavras “são formas de hegemonia”, uma vez que carregam consigo traços ideológicos. Não é à toa que as palavras exercem um poder de coerção, funcionando de forma atrativa quando utilizadas com o intuito de convencer o trabalhador por meio de um discurso estruturado em tons de verdade. Nesse sentido Foucault (1992, p. 231) assinala que “vivemos numa sociedade que em grande parte marcha ‘ao compasso da verdade’ - ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionem como

¹⁰⁴ Tradução nossa do inglês.

verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos”.¹⁰⁵ Em decorrência dessa proposição é que se estabelecem relações em que o indivíduo se vê diante de uma situação onde os laços de cooperação são esgarçados e o trabalhador individual submete-se às determinações da organização.

Em *A ideologia da sociedade industrial*, Marcuse (1973, p. 54) comenta que “os controles técnicos são a própria expressão da razão, colocada a serviço de todos os grupos, de todos os interesses sociais, de modo que toda contradição parece irracional e toda oposição impossível”. O que o autor não previa é que o discurso se tornaria tão ou mais eficaz como mecanismo de controle do trabalhador do que “os controles técnicos”. Já se sabe que os *softwares* tornaram possíveis e visíveis as competências e o conhecimento tácito do trabalhador (Stroobants, 1997; Bianchetti, 2001), mas as palavras, os conceitos são tão ou mais operacionais e funcionais. É nisto que o capital aposta quando dá voz aos gurus da auto-ajuda. E é pela repetição das palavras, pelo discurso por essa pedagogia que se tenta seduzir os trabalhadores, uma vez que se pode pensar no discurso da auto-ajuda como uma prática social (Fairclough, 2001) cuja orientação naturaliza o individualismo e culpabiliza o trabalhador pela posição que ocupa no mercado de trabalho, seja empregado buscando qualificar-se, seja desempregado tentando empregar-se. A auto-ajuda para o trabalhador acaba se constituindo em uma tentativa de resolução dos problemas profissionais. Para o capital representa a possibilidade de desresponsabilizar-se frente ao indivíduo. Dilui-se a responsabilidade do Estado e do capital. O indivíduo passa a ser o responsável pelo sucesso da organização e também pelo sucesso pessoal. Desta maneira a qualificação profissional fica sob a responsabilidade do trabalhador, que em muitos casos não tem condições financeiras e nem tempo disponível para obtê-la. Em geral, as empresas oferecem cursos operacionais, mas nos seminários, congressos e palestras é enfatizada a necessidade de um constante aperfeiçoamento que envolve cursos superiores, treinamentos em *management*, línguas, informática, entre outras exigências. Para se desenvolver profissionalmente o trabalhador precisa

¹⁰⁵ Um exemplo ficcional de como o discurso produzido é vendido como verdade pode ser visto no filme **Harry Potter e a Câmara Secreta**. Lockhart, a personagem que representa o guru do mundo da Grifinória, publica livros que tratam de como exterminar o mal, trazendo algumas prescrições de feitiços. No momento em que é solicitado a colocar em prática suas teorias, o guru confessa que os livros podem ser enganosos, e quando questionado sobre o que escreveu, responde: “Meus livros não teriam vendido nem a metade se as pessoas não achassem que fiz todas aquelas coisas” (Rowling, 2000, p. 251).

investir em sua carreira, o que significa dizer que a incumbência em termos financeiros e de tempo disponível fica a cargo de cada trabalhador.

É interessante observar, contudo, que o exercício do poder na relação entre capital e trabalho, representado na roupagem desta nova pedagogia, é assegurado pelas ‘mudanças’ na forma de nominar as situações e elaborar os discursos. Recursos de linguagem, nesse aspecto, são bem-vindos, de modo que por meio deles é possível suavizar, minimizar ou até mesmo transpor uma situação para outra menos hostil, até que a mensagem ganhe a significação e seja apropriada pelo público de acordo com o desejo de seus anunciadores. O uso que se faz da linguagem determina como um conceito ou uma expressão é assimilada e transformada, produzindo um sentido compatível com aquilo que se deseja exprimir, ainda que o seu significado não seja necessariamente o transmitido. A linguagem é, assim, o meio por excelência de transmissão das representações ideológicas. Essa transformação dos significados das expressões não se efetiva em termos lingüísticos, mas no processo de materialização de um conjunto de idéias que se pretende incutir nas relações de trabalho. Um exemplo ilustrativo dessa situação refere-se ao termo empregabilidade. Max Gehringer (2002) aponta como o conceito de empregabilidade pode transitar de uma significação – negativa – a outra – positiva – com a mesma facilidade. “O conceito de empregabilidade é basicamente otimista (‘O que eu preciso continuar a fazer para continuar empregado’), enquanto a descartabilidade sai pela tangente do pessimismo responsável (‘Como me preparo para ficar desempregado’). E as duas evitam passar perto do pessimismo crônico (‘A vida é assim mesmo. A gente ganha pouco, mas se diverte’)” (p. 116).

Nos discursos fica evidente um cuidado com o uso de palavras que possam vir a comprometer a mensagem a ser repassada. Isto ocorre porque a escolha das palavras ‘certas’ garante a venda dos textos que compõem a literatura de auto-ajuda. Um caso exemplar é o livro de Minarelli (1995), que apresenta dois títulos diferentes. É provável que em termos editoriais seja mais atrativo o título da capa *Empregabilidade: como ter trabalho e remuneração sempre* do que *Empregabilidade: o caminho das pedras*, expresso na ficha catalográfica. Este último remete a algo penoso, de muito empenho e de uma busca sem certeza de que o investimento dará resultado, enquanto a chamada da capa anuncia uma esperança, acena para uma possibilidade e representa, em suma, uma promessa. Isto talvez explique o desencontro entre os títulos. Se um

livro é uma mercadoria, então é preciso torná-lo atraente para que seja consumido. A sedução, nesse caso, se dá pela chamada do título que é a porta de entrada para a divulgação e venda desse produto. É por isso que *Empregabilidade: o caminho das pedras* figura apenas na ficha catalográfica do livro, sendo que, na capa, em um tom muito mais atraente lê-se: *Empregabilidade: como ter trabalho e remuneração sempre*. A diferença se traduz no fato de que o título da capa representa um aconselhamento, é atraente porque diz aquilo que os trabalhadores desempregados desejam ouvir, enquanto o título da ficha interna alude a uma situação de desesperança, de descrença do potencial humano.

Minarelli considera-se um *expert* em recolocação profissional por ter vivenciado uma demissão involuntária e a partir da sua experiência apresenta-se para ‘ajudar’ trabalhadores a encontrarem um lugar ao sol. O autor é um ex-desempregado que se tornou consultor e administrador de carreiras e por meio de palestras e publicações reforça a importância da empregabilidade e do empreendedorismo. Seu discurso atenua conflitos, relações de poder e uma dura realidade: a de que não há emprego para todos. A pedagogia utilizada traduz-se em conselhos como: “risque a palavra desempregado do seu vocabulário. A partir de agora, você é um profissional disponível. Essa expressão designa com mais propriedade o seu status e o seu posicionamento positivo” (p. 30). Solução simplista, mas adequada porque conduz a conformação dos trabalhadores aos preceitos das políticas neoliberais implementadas nas últimas décadas. E como afirma Fairclough (2001, p. 128):

À medida que uma tendência particular de mudança discursiva se estabelece e se torna solidificada em uma nova convenção emergente, o que é percebido pelos intérpretes [trabalhadores], num primeiro momento, como textos estilisticamente contraditórios perde seu efeito de ‘colcha de retalhos’, passando a ser considerado como ‘inteiros’. Tal processo de naturalização é essencial para estabelecer novas hegemonias na esfera do discurso.

É como se fosse possível transformar a realidade social apenas com a mudança do vocabulário.

3.3.2. As metáforas como uma estratégia de veiculação do discurso da auto-ajuda e de afirmação dessa nova pedagogia

De acordo com Cunha (2004, p. 117), “metáfora é o recurso da língua que consiste em atribuir predicado a algo que não se conhece, com base em algo já conhecido. Trata-se de uma condensação de qualidades atribuídas a algum objeto, produzida por meio de analogia ou mediante processo de ‘acomodar algo novo em esquemas ou estruturas cognitivas anteriores’”. No âmbito do discurso, recursos de linguagem como as metáforas são úteis, uma vez que possibilitam a assimilação de idéias com o intuito de torná-las mais palatáveis, ‘digeríveis’, facilitando a assimilação daquilo que se deseja repassar. A metáfora permite que se crie um modelo de referência já que o processo de assimilação de um conteúdo ocorre, em geral, por meio de analogias e associações com situações que permitam identificar algo que se situa no campo do que é ou parece conhecido. A comparação, a procura de equivalentes caracteriza a forma como o indivíduo busca apropriar-se daquilo que lhe é ou parece desconhecido. Numa perspectiva marxiana, se poderia dizer que a materialidade está mais avançada do que a linguagem. Recursos de linguagem tornam-se subterfúgios para se compreender ou tentar explicar ritmos de mudanças de uma realidade que está cada vez mais dinâmica e que a linguagem parece não ter conseguido acompanhar.

Ianni (1996, p. 14), numa perspectiva marxiana, na obra *Teorias da Globalização* ressalta que “a descoberta de que a terra não é mais o centro do universo conforme Copérnico, de que o homem não é mais filho de Deus segundo Darwin, de que o indivíduo é um labirinto povoado de inconsciente de acordo com Freud (...) a descoberta de que o globo terrestre (...) não é mais apenas uma figura astronômica, e sim histórica, abala modos de ser, pensar, fabular”. Essas descobertas quebraram paradigmas e abalaram as certezas que até então eram tidas como inquestionáveis. O não saber por onde caminhar, pensar ou agir cria a necessidade de um suporte em que se possa amparar um turbilhão de incertezas. É na esfera dos questionamentos que as metáforas, os contos e as fábulas ganham sentido, e servem como ferramentas de entendimento e possíveis explicações para o que parece tão incerto ou inexplicável. Ianni chama a atenção para o uso das metáforas num contexto onde pensar a globalização é um desafio à imaginação e um exercício de reflexão. O autor aponta algumas metáforas que tentam explicar a globalização:

“sistema-mundo”, “capitalismo global”, “moeda global”, “planeta terra”, “hegemonia global” e outras por meio das quais se procura descrever as transformações do final do século XX – “terceira onda”, “sociedade informática” etc.

Diferentemente da perspectiva de Ianni, a proposta que se encontra subsumida na literatura de auto-ajuda tende a levar à alienação do trabalhador. A linguagem passa a ser o recurso utilizado a fim de diluir contradições, tornando-se operacional ao capital.

A que se pode atribuir, então, a necessidade ou o recorrente uso de metáforas nessa literatura? A linguagem da auto-ajuda pode ser caracterizada como superficial, redutora, que visa focar a afetividade, a emoção. Em síntese: a metáfora facilita a apreensão da mensagem, dispensa reflexão, substitui o conceito. Além disso, as metáforas se concretizam como uma estratégia discursiva em um meio de compreensão da realidade, uma vez que os indivíduos relacionam esse recurso lingüístico a algo que está mais disponível no campo do sentimento e das memorizações mais significativas. “A metáfora torna-se mais autêntica e viva quando se reconhece que ela praticamente prescinde da palavra, tornando a imagem predominante, como forma de comunicação, informação e fabulação” (Ianni, 1996, p. 17).

Como se pode perceber, o uso de metáforas possui uma função bem específica no âmbito do discurso, da pedagogia da auto-ajuda: articular diferentes representações da realidade. Serve de elo de aproximação entre as formas de conceber as relações sociais, constituindo um processo de produção de sentido, de interpretação da realidade, de compreensão da história. Pelo seu uso faz-se transferências, metamorfoseia-se realidades, tornando simples o que é complexo, dinâmico.

As metáforas são utilizadas no âmbito de vários discursos e o da auto-ajuda é um dos que parece se beneficiar prioritariamente dessa forma de comunicação. Pode-se recorrer a um exemplo pontual, embora representativo dessa situação. Spencer Johnson (2001), autor de *Quem mexeu no meu queijo?*, destaca em seu livro uma situação-problema: a resistência do trabalhador às mudanças. Essa é uma situação que tem mobilizado os empresários no âmbito do trabalho e da educação, já que a flexibilização nas relações de trabalho constitui o pano de fundo dessas

preocupações e da nova gestão do trabalho. Johnson, ao utilizar a metáfora do queijo, procura familiarizar, unificar e padronizar a noção que os trabalhadores fazem a respeito da **mudança**. A idéia central do livro é quebrar a resistência que os trabalhadores oferecem quando se deparam com situações não previstas. A administração flexível das empresas em geral provoca muitas mudanças, não somente em termos organizacionais, mas também no que concerne à solicitação de mudanças comportamentais. O autor alerta que o significado que cada um atribui à metáfora do queijo depende de interpretações próprias, mas seu livro induz o indivíduo a incorporar que o significado do queijo está associado à idéia de adaptabilidade, de aceitação da mudança como necessária ao desenvolvimento profissional. O queijo representa o “porto seguro” pois figura como um espaço que permanece intacto e portanto oferece segurança, já que não representa ameaça à condição de indivíduo empregado em que o trabalhador se encontra. Quem aprecia a mudança será recompensado.

A metáfora do queijo, no caso de Johnson, é uma noção-chave para se entender as proposições acerca dos novos valores que norteiam as relações no âmbito do trabalho e da educação. Essa metáfora ‘educa’ o indivíduo impondo um olhar direcionado, que progride à medida que a literatura de auto-ajuda vem apresentando um repertório renovado acerca de como o trabalhador deve olhar para as situações no trabalho. A perspectiva da metáfora como o meio de prescindir das palavras, presente em Ianni, pode ser relacionada à noção de flexibilização, a qual não aparece nos argumentos de Johnson. No entanto, a construção do discurso deste autor leva a internalizá-la sem que seja preciso fazer uso, necessariamente, da expressão.

No entanto, nem mesmo neste campo se está frente a algo novo; lançar mão de metáforas e provérbios foi um recurso pioneiramente utilizado por Smiles. Diferentemente dos gurus contemporâneos, contudo, ele utiliza figuras de linguagem não para manipular a realidade ou camuflar conflitos. Pelos seus argumentos, busca incutir valores morais ameaçados com o avanço do processo de industrialização. Vale-se de metáforas como “o cristal da sociedade”, referindo-se à família como um núcleo importante na solidificação e amoldamento dos valores necessários para o homem desenvolver seu caráter. Além de metáforas, Smiles recorre àquilo que ele denomina “filosofia proverbial”. Os provérbios bíblicos, se comparados ao uso das metáforas, são referenciados com mais frequência em suas publicações. Uma das explicações é a questão da

influência religiosa na tentativa do autor de divulgar seus aconselhamentos valendo-se de ensinamentos bíblicos. Frequentemente ele utiliza provérbios de Salomão, destacando-se: “Aquele que relaxa no seu trabalho é irmão do que desperdiça o que possui”, “vai preguiçoso, vai ver a formiga; olha para os meios que ela emprega e volta sábio” (Smiles, 1859). O trabalho e a economia que dão substância a esses provérbios são colocados pelo autor como meios para tornar um trabalhador autônomo na construção de sua trajetória profissional.

Na constituição do discurso da auto-ajuda misturam-se outros discursos, a exemplo do religioso. Brunelli (2003, p. 15) percebe que “as frases bíblicas fazem parte de uma cultura comum ao mundo ocidental; portanto sua citação pode ser considerada uma evocação do já-sabido. Nesse sentido, o discurso de auto-ajuda se coloca em segundo plano, como se fosse apenas um divulgador da palavra divina. Em última análise, podemos enxergar aí mais uma estratégia do discurso de auto-ajuda para garantir a sua aceitação”. Acrescenta-se nesse caso também o discurso esotérico, em especial aquele de um dos maiores expoentes do assunto na atualidade: Paulo Coelho¹⁰⁶. O autor de *O Alquimista* destaca que cada pessoa tem um desejo a cumprir - é o que ele chama de *lenda pessoal*. Esta se refere

àquilo que você sempre desejou fazer. Todas as pessoas, no começo da juventude, sabem qual é a sua Lenda Pessoal. ‘Nesta altura da vida, tudo é claro, tudo é possível, elas não têm medo de sonhar tudo aquilo que gostariam de ver fazer em suas vidas. Entretanto, à medida que o tempo vai passando, uma misteriosa força começa a tentar provar que é impossível realizar a Lenda Pessoal. (...) Mas ele queria saber o que eram ‘forças misteriosas’ (...) são as forças que parecem ruins, mas na verdade estão ensinando a você como realizar sua Lenda Pessoal. Estão preparando seu espírito e sua vontade, porque existe uma grande verdade neste planeta: seja você quem for ou o que faça, quando quer com vontade alguma coisa, é porque este desejo nasceu na alma do Universo. É sua missão na Terra. (...) Cumprir sua Lenda Pessoal é a única obrigação dos homens. Tudo é uma coisa só (Coelho, 1993, p. 47).

A obra evoca um apelo ao voluntarismo: “E quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo” (p. 48). Essa é uma frase-chave que procura despertar no indivíduo o poder da vontade como suficiente para mobilizar também o universo.

¹⁰⁶ A valorização do discurso esotérico ficou evidente com o convite feito a Paulo Coelho para palestrar em um dos seminários de encerramento do Fórum Econômico Mundial em Davos (Suíça) realizado de 26 a 31 de janeiro de 2005.

Nesse aspecto, tanto metáforas, provérbios, frases bíblicas e outros recursos literários e lingüísticos possuem uma função disciplinadora das ações dos indivíduos, como é o caso do conceito de flexibilidade. O que é dito em termos de discurso sobre essa questão é conectado a alguma metáfora, a exemplo do queijo, como forma de agilizar a incorporação e a naturalização da idéia de que ser um trabalhador flexível é uma das características do trabalhador moderno e atualizado que tanto as empresas têm buscado no mercado de trabalho. Ser flexível virou sinônimo de ser aventureiro e o que não se diz é que o trabalho, como aventura, é passageiro e não garante a produção da existência do trabalhador. A flexibilidade, como metáfora, define as relações de trabalho na nova fase produtiva do capital.

Mas a noção de flexibilização pode ser apreendida em duas dimensões: tanto pode ser considerada uma metáfora como uma realidade. Hoje, predominantemente, ela sai do campo do discurso para materializar-se em postura, em uma atitude perante o trabalho. A noção de flexibilização baliza a construção do trabalhador ideal nos tempos de auto-ajuda, permeando os novos valores que norteiam o homem que coopera e se ajuda. Como se mencionou anteriormente, o princípio do cada um por si, do vire-se, de metáfora tornou-se realidade. As metáforas constituem, assim, uma estratégia de criação de “efeitos de verdade, em várias áreas da prática social” (Gauthier, 2004, p. 135).

3.3.3. A auto-ajuda como um modo de endereçamento

Na área dos estudos culturais, “os teóricos do cinema têm utilizado a noção de modo de endereçamento para compreender as questões no que se refere a algo que está no texto do filme e que age sobre seus espectadores” (Braga, 2005, p. 2). Modo de endereçamento é uma expressão relacionada ao cinema e é aqui resgatada no intento de se estabelecer uma relação entre a produção e a direção de determinado discurso para um público-alvo.

Ellsworth (2001) propõe que se pense em modos de endereçamento no plural ao invés de simplesmente “modo de endereçamento”, justamente porque a produção do discurso visa vários âmbitos da realidade social. O conceito de modo de endereçamento está centrado no seguinte argumento: “Para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a

fazer sentido para uma espectadora, para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na ‘realidade’ do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz ao final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme” (p. 14). Assim como no cinema, os autores de livros de auto-ajuda ou palestrantes que se dedicam a essa pedagogia também visam e imaginam um determinado público, produzindo um discurso e direcionando-o àqueles que são o seu público.

Ao se considerar a indústria cultural como um espaço de valorização e disseminação da literatura de auto-ajuda, com vistas às relações humanas no trabalho, tem-se de pensar que modos de endereçamento significa a naturalização de um discurso produzido e direcionado a mobilizar o indivíduo dentro de um contexto em que este é compelido a exercer a sua capacidade de assimilação e aplicação dos argumentos utilizados no desenvolvimento de sua performance profissional. De qualquer forma, a racionalidade do capital marca presença no que se refere à noção de modos de endereçamento, sendo que além de endereçar uma mensagem, pretende-se também manter a produção e os níveis de consumo em alta. Modos de endereçamento, assim, “tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados ao filme” (Ellsworth, 2001, p. 24).

A idéia de se pensar na pedagogia da auto-ajuda como um modo de endereçamento parte da tese de que tanto autores/palestrantes quanto roteiristas/diretores pretendem ‘mudar’ a posição dos indivíduos na prática social, procurando interferir na forma como esses atuam nas relações sociais, em especial nas relações de trabalho. É interessante observar que a produção do discurso tanto no cinema como em outros espaços pretende promover uma mudança social, sendo que o discurso contribui: a) na construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições do sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais; b) na construção das relações sociais entre as pessoas e c) o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimentos e crença (Fairclough, 2001). Quando se trata de pensar no discurso como um meio que tem em mira a mudança social, deve-se pensá-lo em estratégias de direcionamento, de controle, mas principalmente em modos de endereçamento. A questão é: o discurso é direcionado a um público

específico, mas o modo de endereçamento que ele contém não é visível. Ou seja: o modo de endereçamento traz à tona uma questão importante, a de que cada conteúdo convoca o seu público a agir de acordo com as proposições colocadas, o que não quer dizer que elas estejam claras. Supostamente, o modo de endereçamento induz o indivíduo a pensar de uma determinada maneira. É o caso do discurso da auto-ajuda. À medida que as empresas desejam formar um trabalhador para que se enquadre em determinadas necessidades, elas lançam mão de um discurso organizado que atinja o seu público, mas sobretudo procuram fazer uso de uma linguagem assertiva que mobilize o trabalhador da forma que se espera. Ellsworth (2001, p. 15) lembra que “existe uma poltrona no cinema para a qual aponta a tela do filme, uma poltrona para a qual os efeitos cinematográficos e as composições dos quadros estão planejados, uma poltrona para a qual as linhas de perspectiva convergem, dando origem à mais plena das ilusões de profundidade, de movimento, de ‘realidade’”. Também na literatura de auto-ajuda há um sujeito que é focado, visualizado: o trabalhador. A argumentação flui no sentido de atraí-lo, de convencê-lo de que as palavras ou que aquele discurso foi feito exatamente para ele. Tanto assim que é comum se ouvir frases do tipo: “parece que esse livro foi escrito para mim”, ou “essa palestra tem tudo a ver com a situação que estou vivendo”, ou seja, o modo de endereçamento constitui uma forma de identificação daquilo que está sendo dito com aquilo que o indivíduo deseja ouvir. Mas é preciso lembrar que nem sempre o discurso acerta o alvo, ou seja, não há identificação ou há uma baixa retenção dos conteúdos das palestras ou das leituras dos textos de auto-ajuda. Tanto no cinema quanto em relação à auto-ajuda, o espectador pode não ser quem o roteirista/diretor, o guru ou mesmo um professor pensam que é o seu espectador. A construção de um discurso unilateral que descarta a multiplicidade e a heterogeneidade das vivências, das experiências dos ouvintes tende a não encontrar identificação e passa a não ter, em muitos casos, a significação que o orador deseja. Contudo, seja na empresa, na escola ou no cinema, esta é uma questão um tanto quanto complicada, pois há uma dificuldade em se medir níveis de alcance do discurso, níveis de aplicabilidade; e, ainda, a significação que se pretende via discurso pode encontrar resistências em determinado momento e/ou, posteriormente, encantar e seduzir.

Se a retenção dos discursos via palestras apresenta índices tão baixos¹⁰⁷, isso explicaria por que os investimentos na profissionalização dos palestrantes e dos gurus está sendo focado

¹⁰⁷ Como se verá mais detalhadamente adiante, na p. 169.

enfaticamente, de forma que dessa preocupação se estruturou o Clube do Palestrante. O uso de recursos de linguagem por si só já não dá conta de homogeneizar um público tão diverso mas ao mesmo tempo vivendo situações tão semelhantes, como é o caso da ameaça de desemprego, por exemplo. A pobreza de linguagem comum na literatura de auto-ajuda parece ser superada pela força ideológica dos argumentos utilizados. O discurso da empregabilidade e do empreendedorismo, da forma como é endereçado, encontra respaldo no mote das políticas neoliberais da concorrência individual e no progresso pessoal atrelado ao progresso profissional, ainda que isso não venha tão explicitado.

Pela noção de modos de endereçamento pode-se inferir que a construção de um discurso está balizada nas noções de poder, manipulação e controle. Como lembra Ellsworth (2001, p. 12), uma vez que se consiga compreender “qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, por exemplo, você poderá ser capaz de mudar ou influenciar, até mesmo controlar, a resposta do espectador, produzindo um filme de uma forma particular”. Seja nos discursos da auto-ajuda, seja no cinema ou na escola, as relações de poder embutidas na construção dos discursos induzem o público a assumir, a se encaixar em um determinado papel. A representação ou a posição que cada indivíduo ocupa nas relações sociais pode ser reforçada devido à atuação dos responsáveis pelos modos de endereçamentos. Por meio desses, os indivíduos são convidados a se posicionar sob “estímulos sedutores e recompensas para que se assumam aquelas posições de gênero, *status* social, raça, nacionalidade, atitude, gosto, estilo às quais um determinado filme endereça” (p. 25). Em especial, no discurso da auto-ajuda, esse convite se dá por uma linguagem carregada de intencionalidade em que a sedução pode ser confundida com ameaça, já que o trabalhador que não “pegar” (Ellsworth, 2001) a mensagem tende a ser excluído.

A produção do discurso da auto-ajuda como uma estratégia de poder, da forma como é endereçada aos trabalhadores, parece conseguir resultados significativos: ajuda a desmobilizar o trabalhador coletivo e reforça o trabalhador individual, colocando em risco a perspectiva apontada por Marx e Engels sobre o momento em que os trabalhadores organizados tomariam em suas mãos o destino de suas vidas, retirando do capital o poder de manipulação e coerção nas relações de trabalho. Daí a pergunta de Engels no prefácio da edição inglesa de *O Capital* de Marx (1968): “‘O que fazer com os desempregados?’ Enquanto se avoluma, cada ano, o número

deles, não há ninguém para responder a essa pergunta” (p. 29). Engels ficou na expectativa de ver o momento em que os trabalhadores – desempregados – “perderiam a paciência e encarregar-se-iam de decidir seu destino, com suas próprias forças” (p. 29). Se, como assinala Engels, “não há ninguém para responder a essa pergunta” (p. 20), então se poderia dizer que a resposta, nos dias de hoje, se encontra na astúcia do capital, que conseguiu antecipar-se à mobilização dos trabalhadores, pelo menos momentaneamente, submetendo-os a uma revolução nas formas de conceber o seu papel na organização da sociedade. Certamente era a isto que se referia Marcuse (1967, p. 16) quando afirmava que o “desenvolvimento capitalista alterou a estrutura e a função dessas duas classes [burguesia e proletariado] de tal modo que elas não mais parecem ser agentes de transformação histórica”.

3.4. Auto-ajuda: a nova pedagogia do capital

Não são apenas os trabalhadores que estão desacreditados como agentes de transformação; também a escola, no sentido formal de ensino, encontra-se sob questionamento no sistema capitalista. Parece que todos e todas as instituições têm mais a ensinar do que a tradicional instituição escolar. O pai da administração, Peter Drucker (1993), destaca que a escola precisa se adequar a outras especificações para “responder às realidades da sociedade pós-capitalista¹⁰⁸, a sociedade do conhecimento” (p. 154). Por acreditar que realmente se está vivendo numa sociedade do conhecimento, o autor propõe que o ensino deixe de ser monopólio das escolas, que a educação – diga-se a educação com vistas à lógica econômica - permeie a sociedade como um todo e, ainda, que “empresas, agências governamentais, instituições sem fins lucrativos – também precisam se transformar em instituições de aprendizado e ensino. As escolas devem, cada vez mais, trabalhar em parceria com os empregadores e suas organizações” (p.154). A partir dessas observações, volta-se a uma questão que tem sido muito debatida pelos educadores e sociólogos da educação como Enguita (1989), Frigotto (1986) e Laval (2004), entre outros, segundo os quais a escola encontra-se numa encruzilhada cujos caminhos são: ou prepara

¹⁰⁸ Para Drucker (1993, p. XIV), “em termos de sociedade, os países desenvolvidos já estão no pós-capitalismo. Eles estão rapidamente se transformando em uma sociedade de novas ‘classes’, com um novo recurso central em seu núcleo. (...) hoje o recurso realmente controlador, o ‘fator produção’ absolutamente decisivo, não é o capital, a terra ou a mão-de-obra. É o conhecimento. Ao invés de capitalistas e proletários, as classes da sociedade pós-capitalista são os trabalhadores do conhecimento e os trabalhadores em serviços”.

o aluno para o mercado de trabalho, atendendo à demanda do capital, ou corre o risco de ser substituída gradativamente pelas empresas como agentes de formação profissional ou “organização qualificante ou de aprendizagem”, de acordo com Peter Senge (2002).

A pregação de Drucker, muito presente entre os administradores, economistas e outras áreas afins, advoga a institucionalização da escola como uma empresa em que gradativamente os mecanismos de mercado vão sendo incorporados, acarretando aquilo que Laval (2004, p. XIX) compreende como uma “transmutação progressiva de todos os valores em um único valor econômico”. Enquanto Drucker discursa em favor da escola como uma empresa, Laval questiona essa nova condição atribuída às instituições educativas. Em seu livro *A escola não é uma empresa* o autor argumenta criticamente que “na nova ordem educativa que se delineia, o sistema educativo está a serviço da competitividade econômica, está estruturado como um mercado, deve ser gerido ao modo das empresas” (p. XX). Posto dessa forma, o envolvimento da escola ou a sua sujeição à nova gestão do trabalho leva a se pensar que, se for verdade que as empresas têm mais a dizer sobre o ensino e a formação do trabalhador do que a escola, então as observações de Enguita (1989) podem caracterizar uma nova constituição do processo pedagógico:

Al formular sus objetivos en función de las presuntas necesidades de otras instituciones de la sociedad, la escuela logra a afirmar su papel, legitimarse y convertirse en imprescindible, pero también se torna más vulnerable a los cambios materiales e ideológicos que tienen lugar en ellas. En la actualidad, esto es especialmente patente en el caso de la economía. Los economistas, y no los pedagogos, son hoy los oráculos de la educación (p. 28).

Essa nova configuração pedagógica que se delineia serve de indicativo de que ‘quem dá as cartas’ é o capital. Em outros termos, há um redimensionamento de papéis na relação trabalho e educação em que os oráculos¹⁰⁹ a que se refere Enguita estão se revezando: ora são os

¹⁰⁹ A definição de “oráculo” no *Dicionário Aurélio* (2000, p. 501) é: “1. Divindade que respondia a consultas e orientava o crente. 2. Pessoa cuja palavra ou conselho inspira muita confiança”. Ainda, “oráculos são seres humanos que fazem predições, ou oferecem inspirações, baseados em uma conexão com os deuses. No mundo antigo, locais que ganharam reputação por distribuir a sabedoria oracular também se tornaram conhecidos como ‘oráculos’, além das predições em si mesmas. Todos os povos da Antiguidade tiveram oráculos. Na mitologia escandinava, Odin levou a cabeça do deus Mimir para Asgard para ser consultada como oráculo. Na tradição chinesa, o I Ching foi usado para adivinhação na dinastia Shang, embora seja muito mais antigo e tenha profundo significado filosófico. Os oráculos gregos constituem um aspecto fundamental da religião e da cultura grega. O oráculo é a resposta dada por um deus que foi consultado por uma dúvida pessoal, referente geralmente ao futuro. Estes oráculos só podem ser dados por certos deuses, em lugares determinados, pelas pessoas determinadas e se respeitando rigorosamente os ritos: a obtenção do oráculo se assemelha a um culto. Além disso, interpretar as respostas do deus, que se exprime de diversas maneiras, exige às vezes um aprendizado. Por extensão, o termo oráculo designa tanto o deus consultado

economistas, ora os administradores e, nas últimas décadas, os gurus da auto-ajuda como aqueles que melhor conseguiram captar a essência ideológica de recrutamento de trabalhadores que tem sido colocada no discurso neoliberal. A entrada de outros profissionais como os oráculos da educação¹¹⁰ alerta para a pretensão daqueles que vêem nela um campo profícuo de autopromoção e de controle. Nesse redimensionamento e relativização do papel da escola, surgem várias denominações de pedagogias¹¹¹ com vistas a dar conta, em cada espaço-tempo, das necessidades de ‘qualificação’ e formação particular ou “sob medida” para o capital ao invés da formação humana na perspectiva marxiana da omnilateralidade.

O que está cada vez mais evidente é que o capital, para manter sua capacidade de acumulação, está avançando também sobre a esfera educacional, promovendo uma mercantilização da educação. Comparativamente à produção personalizada da acumulação flexível, a escola é forçada a abrir-se ao mundo da produção já que, conforme Bianchetti (2000, p. 221), sobre ela “são lançadas expectativas e a ela são feitas encomendas que, poderíamos afirmar, buscam transformá-la, bem como ao ‘produto’ que dela egressa, em uma instituição e produtos *customizados*, isto é, ao gosto do freguês”. Apesar dessas observações, pode-se inferir que se está avançando para uma “pedagogização generalizada das relações sociais” (Laval, 2004, p. XVIII) em que a escola como o *locus* por excelência de aprendizado é substituída por outras organizações, como a fábrica.

Acácia Kuenzer (1989) no livro *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador* busca compreender como o modo de produção capitalista educa o trabalhador. A autora apóia sua tese na idéia de que é no seio das relações sociais e técnicas de produção que ocorre a educação do trabalhador, ou seja, é no processo de trabalho constituído

como o intermediário humano que transmite a resposta, e ainda o lugar sagrado onde a resposta é dada”. Texto disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Or%C3%A1culo>>. Acesso em: 04 fev. 2005, 14:00h.

¹¹⁰ Um caso exemplar é de economistas como Theodore William Schultz, idealizador da Teoria do Capital Humano, cuja base vincula a educação a um investimento econômico, como um capital.

¹¹¹ A referência a diferentes denominações dos processos pedagógicos leva em conta uma necessidade do capital em garantir as demandas necessárias à manutenção de sua produtividade. A denominada Pedagogia *just-in-time* (Machado, 1995) procura evidenciar a metamorfose em termos de formação profissional levando-se em conta que pelo processo *just-in-time* busca-se uma produção rápida de acordo com a demanda do mercado consumidor, de modo que o trabalhador precisa de um processo acelerado de formação para dar entrada no mundo do trabalho, acompanhando o ritmo da produção. Kuenzer (2002) fala em uma Pedagogia toyotista em que as “capacidades mudam e são chamadas de ‘competências’” (p. 80).

que se pode falar em uma pedagogia do trabalho capitalista (Kuenzer, 1989). O capitalismo como um processo civilizador não poderia deixar de explicitar o seu projeto pedagógico, e a contribuição da pesquisa de Kuenzer tendo a fábrica automobilística como base empírica desse movimento mostra que “a heterogestão, na medida em que hierarquiza o trabalhador coletivo e educa o operário para o trabalho dividido, surge como uma das formas de garantir a dominação do capital sobre o trabalho” (p. 13).

Valendo-se do caráter contraditório do capital, numa perspectiva marxiana, tem-se que no modo de produção capitalista há uma constante mobilização – por parte do capital - no que concerne à atualização de suas necessidades revigorando as relações de produção e dominação no seu processo de desenvolvimento. Essa corrida não se dá somente por parte do capital, mas envolve também os trabalhadores que precisam fazer frente às imposições do mercado de trabalho. O processo contraditório do capital presente também nas relações de trabalho se define pelas metamorfoses nas relações de produção que refletem uma reestruturação no mercado de trabalho, principalmente no que diz respeito à recomposição do perfil qualificacional do trabalhador. Passa-se assim do profissional que aprende na prática da função e nela se especializa, para um profissional polivalente que adquire fora do posto de trabalho o conhecimento e a experiência necessária. O “homem-máquina” do taylorismo-fordismo cede lugar para o “homem que coopera e se ajuda” do período da flexibilidade. E o “homem que coopera e se ajuda” é aquele que se movimenta numa ambiência que deve ser individualmente planejada, já que lhe compete a responsabilidade da auto-organização, de buscar o autoconhecimento, o auto-aperfeiçoamento e ainda se torna o empresário de si mesmo. O prefixo *auto* exprime o quanto o trabalhador tende a percorrer um caminho solitário, de incentivador de sua própria inserção profissional, de gerador de segurança em um mundo do trabalho caracterizado pela insegurança, a qual é um dos elementos constitutivos do reflorescimento e da atualização da auto-ajuda nas relações de trabalho. A constatação é a de que o capital delega uma *pseudo*-autonomia para o trabalhador por meio de um discurso construído, endereçado, mascarando uma realidade em processo sob força da linguagem. Operacionaliza denominações substitutivas para o “trabalhador” ou “funcionário”, convertendo-as para o indivíduo “colaborador”. É mais um passo, em nível de discurso e com repercussões na prática, na direção da diluição do conflito de trabalhadores e empresários, uma vez que disfarça a polarização entre

donos dos meios de produção e donos da força de trabalho. A título de exemplo, citamos a ênfase dada ao indivíduo colaborador que aparece em um dos projetos de educação profissional de uma das regionais do Serviço Nacional da Indústria – SENAI, no qual, segundo Andrade (1998, p. 91), pretende-se “produzir não mais o trabalhador simplesmente ‘amestrado’, mas sim, agora o ‘colaborador’”. Essa é a história de uma transferência de responsabilidade do capital para o trabalhador, ao mesmo tempo em que é uma história de resistência do capital frente às suas recorrentes crises de acumulação, em que a literatura de auto-ajuda constitui uma estratégia de ‘qualificação’ comportamental, fornecendo uma gama de dicas de como um trabalhador pode se sentir preparado, seguro para enfrentar os desafios do mercado de trabalho. É aqui que se fundamenta a tese da auto-ajuda como uma nova pedagogia do capital.

Nesse sentido é que se pode compreender o capitalismo como um processo civilizador ao mesmo tempo em que mantém o seu caráter contraditório. Civilizador por abarcar a multiplicidade das relações sociais – incluindo os aspectos cognitivos dos indivíduos - e contraditório porque à medida que aumenta o seu caráter de dominação prepara o trabalhador para encontrar estratégias de enfrentamento diante seu poder de dominação. E, “à medida que esse trabalhador aprende a fazer frente às formas de disciplinamento impostas pelo capital, este se vê forçado a rever seus modos de ação, criando novas formas de dominação” (Kuenzer, 1989, p. 11). Assim sendo, dialeticamente, é na concretude das relações produtivas que se pode pensar a auto-ajuda como uma das novas estratégias de controle, mas também de enfrentamento do poder de dominação do capital.

Assim, se a exemplo da *Pedagogia da fábrica* podia-se falar em um projeto pedagógico do capital que preconizava um arcabouço de qualificações em termos de domínio de conteúdo no trabalho, nas últimas décadas, dada a metamorfose na gestão do trabalho, pode-se falar em uma nova pedagogia do trabalho: **a auto-ajuda**. Diferentemente da qualificação adquirida para o desenvolvimento da função, a auto-ajuda engloba um projeto pedagógico mais amplo, ao se levar em conta que a necessidade agora é de uma ‘qualificação’ comportamental, em que a formação para o trabalho requer muito mais uma forma de ser e de agir do que, necessariamente, o saber-fazer. Aquilo a que Fromm (1981) chama a atenção em *A revolução da esperança*, de que “em

seu desejo de segurança, os homens apreciam sua própria dependência¹¹², especialmente se esta lhes é facilitada pelo conforto relativo da vida material e por ideologias que dão o nome de ‘educação’ à lavagem cerebral e de ‘liberdade’ à submissão” (p. 78), demonstra o sentimento contemplado no novo paradigma produtivo e educacional. A pedagogia da auto-ajuda revela que o capital é audacioso, legisla sobre o comportamento humano no trabalho, interfere no comportamento do trabalhador como consumidor – tendo aporte na indústria cultural – e ainda ‘educa’ o trabalhador para atitudes de conformação e passividade tanto no processo de produção e organização quanto no seu tempo de lazer, conforme sublinha Fromm.

A pedagogia da auto-ajuda é um projeto pedagógico cuja orientação se dá pela construção de um discurso – da auto-ajuda - que orienta para a sujeição, reforçando a formação de um tipo bem específico de trabalhador que coopere (passivamente), que se ajude e seja tão flexível quanto o capital assim o desejar. Mas um dos aspectos mais marcantes e que caracterizam a pedagogia da auto-ajuda é o reforço ao individualismo. O disciplinamento que essa pedagogia ‘ensina’ ao trabalhador recai sobre a individualização das responsabilidades, uma forma bem eficaz que o capital encontrou para valorizar a organização do processo de trabalho flexível. Apesar de o discurso da necessidade de o trabalhador comprometer-se com a organização - sob o *slogan* do trabalho em equipe – estar sendo salientado mesmo antes da atual explosão da auto-ajuda, este continua sendo apregoado mais enfaticamente nesta literatura. Como foi frisado anteriormente, o discurso do trabalho em equipe é enganoso, uma vez que a competição que está por trás das noções de empregabilidade e empreendedorismo evidencia o quanto o indivíduo precisa criar estratégias de defesa, verdadeiros esquemas de guerra, a exemplo do exército, embora em suas trincheiras possa contar apenas consigo mesmo. É uma luta de indivíduo contra indivíduo, de modo que a pregação da auto-ajuda acaba isentando o capital dessa intriga.

A diferença entre o que se poderia chamar de duas fases pedagógicas do capital¹¹³ está centrada na influência que a fábrica ou a organização exercem em termos de formação técnica e comportamental – no taylorismo-fordismo a ênfase está na formação técnica e atualmente, com o

¹¹² Pode-se invocar Kant (2002) que em resposta à pergunta sobre o que é o esclarecimento afirma que o homem ainda não saiu de sua menoridade. Esse estado em que se encontra é culpa do próprio homem que por covardia e comodidade prefere ser tutelado, conduzido, a se “servir de si mesmo” (veja-se epígrafe).

¹¹³ Referência ao período do taylorismo-fordismo e período da acumulação flexível.

toyotismo, incentiva-se uma *pseudo*-autonomia. Em tempos de flexibilidade, o novo trabalhador caracteriza-se pela adequação, passividade, conformidade por meio da modelagem de uma consciência de valores, não morais, como pregava Smiles, mas valores ligados a uma prática pedagógica articulada aos interesses produtivos e de dominação do capital. A ênfase recai na ‘qualificação’ comportamental do trabalhador. Esta é a tônica da nova pedagogia do capital.

A relação entre educação e trabalho é mais complexa e dinâmica do que pode parecer. A organização do processo escolar, por exemplo, assemelha-se à organização da fábrica, seja em termos de disciplinamento, do controle de horário ou da hierarquização do quadro de funcionários administrativos. É isto que observa Kuenzer (2002) ao ressaltar que a pedagogia dominante – taylorismo/fordismo – influencia os padrões de organização social. A produção rígida e estável, as normas de comportamento, a racionalidade formal e técnica estão presentes no processo de produção assim como na organização do processo pedagógico. No predomínio atual do paradigma toyotista, essa concepção de educação ainda é muito presente, já que uma pedagogia não exclui a outra, mas o que se deseja pôr em relevo são as tendências que imperam nos diferentes paradigmas produtivos. A capacidade de o trabalhador adquirir habilidades técnicas parece estar se esgotando, e pela insistência na institucionalização da pedagogia da auto-ajuda agora visa-se ‘ensinar’ o trabalhador a auto-responsabilizar-se, a assumir como suas as necessidades do capital, o que facilita o poder de dominação na relação capital-trabalho.

É importante insistir na idéia de que a pedagogia da auto-ajuda está diretamente comprometida com o processo de produção flexível, de modo que é visível nos processos de recrutamento e seleção a relativização do currículo tradicional e a exigência de cursos aligeirados de formação profissional.¹¹⁴ É isso que fundamenta a pedagogia da auto-ajuda: cursos, palestras, seminários e outros eventos em que os professores tradicionais da sala de aula são substituídos pelos gurus, que parecem ter muito mais a dizer sobre as manhas e artimanhas do mundo dos

¹¹⁴ Sobre a relação entre as transformações no mundo do trabalho e o papel do *curriculum vitae* no recrutamento e seleção dos candidatos a uma vaga no mercado de trabalho ver: BIANCHETTI, Lucídio. Mudanças na forma e no conteúdo do *curriculum vitae* em tempos de empreendedorismo e empregabilidade. In: AUED, Bernardete W. (Org.) *Traços do trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. (No Prelo).

negócios. Mesmo em sala de aula, em muitos cursos de graduação e pós-graduação em diversas disciplinas, os professores são empresários ou consultores de negócios e, em outros casos, estes são palestrantes convidados para conversar com os alunos. De uma forma resumida, o conteúdo basicamente é sempre o mesmo: como manter-se empregável e como tornar-se um empreendedor. Em termos de conteúdo, o discurso da auto-ajuda apóia-se nos exemplos particulares e nas experiências dos gestores de negócios como se estivessem falando para um público de empresários, quando, na verdade, a maioria ou são estudantes em busca do primeiro emprego ou trabalhadores assalariados.

Nesse sentido, vale resgatar a pergunta levantada no primeiro capítulo pela qual se questiona o porquê de os empresários estarem tão empenhados em assumir e desenvolver estratégias para promover a satisfação das necessidades de seus trabalhadores, enfocando basicamente que interesses estariam implícitos em suas ações. Será que a afirmação de Marx (2002) nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* poderia ser invocada para desmascarar o que não está explícito? Vejamos:

Assim como toda imperfeição do homem é um laço com o céu, um lado por onde o seu coração é acessível ao sacerdote, assim também toda a necessidade constitui uma oportunidade para se aproximar do vizinho, com amizade fingida, e lhe dizer: ‘Caro amigo, te darei o que precisas, mas conheces a *conditio sine qua non*; sabes com que tinta terá de escrever para mim a tua assinatura; irei burlar-te enquanto te causo prazer (p. 150).

Se esta não é toda a resposta, com certeza há algo nesta citação que os trabalhadores já experimentaram. Acreditaram num discurso que enfatiza a qualificação como condição necessária e suficiente para conseguir uma vaga no mercado de trabalho, ou ainda, que servisse como trunfo de reinserção profissional. Diante da incidência de tantos trabalhadores que, a despeito de contarem com diploma de ensino superior, não encontram vagas para trabalhar, pergunta-se se esta não será uma estratégia de os empresários conseguirem a adesão a um discurso que promete emprego, embora sem necessariamente materializar essa promessa?

Esse questionamento traz à tona a tese inicial da Teoria do Capital Humano que vincula à elevação da escolarização a elevação da renda. Por muitas décadas a idéia de que o aumento no nível educacional proporcionaria uma compensação salarial aos trabalhadores serviu de argumento para a organização de políticas sociais e educacionais, legitimando a escola como “um

mecanismo de integração dos indivíduos à vida produtiva” (Gentili, 2002, p. 53). Aos poucos essa teoria foi mostrando sua ineficácia, uma vez que os trabalhadores escolarizados também participavam das fileiras de desempregados ou não conseguiam estabelecer vínculo entre escolarização e salário. Nesse aspecto, a pedagogia da auto-ajuda pode ser considerada uma versão atualizada dessa teoria, ao propagar a relação entre empregabilidade e empreendedorismo como condições suficientes para que não haja mais desempregados ou falta de vagas no mercado de trabalho, uma vez que o trabalhador também é concebido como criador de postos de trabalho. Pode-se ainda pensar na pedagogia da auto-ajuda como um revigoramento da Teoria do Capital Humano, retomando as premissas individualistas e de meritocracia que sustentavam a teoria na década de 60 do século XX.¹¹⁵ O discurso da auto-ajuda reacende esta teoria, na qual pesa a importância de o trabalhador entender a educação como um investimento necessário à sua empregabilidade. A ênfase dos gurus, entretanto, não está somente no retorno à sala de aula, mas sim na participação, no envolvimento e na compra do discurso da auto-ajuda como um meio eficaz de ‘qualificação’. Os pedagogos do capital destacam padrões de empregos cujos salários são mais elevados do que a realidade permite visualizar.

Com a consolidação das políticas neoliberais, o caráter formativo da educação está sendo em grande parte deslocado para um caráter produtor de capital. A lógica do capital se mantém e a educação também é incorporada no processo de acumulação. A educação é o investimento que garantiria, teoricamente falando, as condições e as chances de um indivíduo permanecer empregado. “A continuação da educação após a diplomação é uma forma de manutenção” (p. 157) do poder de dominação do capital nas relações de trabalho já que o lema “Educação é Tudo”, tão divulgado na mídia televisiva, ajuda na abertura de um outro mercado promissor: as universidades corporativas.¹¹⁶ As organizações buscam formar um profissional apto a se enquadrar nos moldes corporativos, ou seja, na linguagem do mundo dos negócios é preciso um profissional qualificado ao gosto e ao molde das necessidades das empresas. O fortalecimento da educação como um produto de consumo permite uma progressiva perda de significação dos sistemas educacionais em sua dimensão integradora, na direção oposta a uma prática que conduziria à autonomia do educando, como postulava Paulo Freire (2001).

¹¹⁵ Esse é um período de uma conjuntura brasileira de crescimento e desenvolvimento econômico fortalecida pelo pouco em que no Brasil se materializou o Estado de Bem-Estar.

¹¹⁶ Sobre essa questão consultar: MEISTER (1999) e EBOLI (2004).

Se o discurso da auto-ajuda encaminha o seu público para uma determinada prática social, mais especificamente orientando e ‘educando’ o trabalhador para uma mudança de atitude e comportamento perante as relações de trabalho, que não é de autonomia mas de enquadramento e conformação, pode-se invocar aquilo que (Silva, 2001) afirma sobre a relação entre auto-ajuda e educação. Segundo este autor, ambos os discursos “têm como objetivo nos transformar em um determinado tipo de pessoa”, mais especificamente, “não é exatamente nesse empreendimento, no empreendimento de fabricar um determinado tipo de pessoa [trabalhador], que estamos envolvidos todos nós que trabalhamos na educação?” (p. 44). Se os discursos que envolvem, camuflam, distorcem, conduzem, apresentam verdadeiras ou falsas soluções estão marcadamente presentes na literatura de auto-ajuda, então a relação entre educação e trabalho percorre uma linha muito tênue, já que ambos os mundos estão sendo diretamente afetados no que se refere à entrada da auto-ajuda como um discurso amalgamador, controlador e, principalmente, sedutor (Morgado, 1995), que pretende interferir “na qualidade subjetiva (a identificação com o trabalho e seus aspectos motivacionais)” (Cruz, 1999, p. 179), convertendo-a em instrumento de produção.

3.4.1. A eficácia do discurso da pedagogia da auto-ajuda

A literatura de auto-ajuda tornou-se a voz do capital no que concerne à preocupação com as necessidades humanas no trabalho. Tornar-se sensível aos valores humanos é mais uma das investidas do capital na tentativa de criar condições mais favoráveis de exploração, em que o controle e a dominação permanecem. Aparentemente estabelece-se uma relação de parceria entre empresários e trabalhadores, o que não significa que as relações de poder no trabalho sejam eliminadas. Como lembra Pagès et al. (1987, p. 224), “o poder está em todo o lugar, estende seu domínio muito além das relações de produção: na ordenação do espaço, na distribuição do saber e da norma, nas engrenagens e regras da organização e até no inconsciente”. Ao firmar sua necessidade de perpetuação, o capital articula estratégias que “mudam” o cenário das organizações empresariais para continuar dominando. A “supervalorização do indivíduo” – utilizando a expressão de Palangana (1998) – mostra a capacidade de regeneração do modo de produção capitalista que domina, além das bases materiais, a subjetividade do trabalhador, mas

principalmente evidencia que a fachada que mantém a preocupação da pedagogia da auto-ajuda está pautada na preocupação como o indivíduo.

A alienação e o distanciamento críticos por parte do trabalhador (consumidor) podem ser explicados ao se pensar no discurso da auto-ajuda como semelhante ao discurso religioso. Sendo assim, a auto-ajuda está se tornando um dogma inquestionável, uma vez que não permite àqueles que o evocam duvidar de suas “pregações”. Como destaca Brunelli (2004, p. 2), “se as teses que [os gurus] apresentam são verdadeiras, se as fórmulas e orientações propostas efetivamente funcionam e se tudo é realmente uma questão de acreditar, então a incerteza e a dúvida devem mesmo ser manifestações excluídas e ou rejeitadas nos textos desse discurso”. Sob este aspecto, os gurus da auto-ajuda são perfeitos em suas afirmações que acabam por inviabilizar qualquer espécie de questionamento. Pelo contrário, suas afirmativas reafirmam que o indivíduo é o responsável, uma potência em ação. É o que diz Roberto Shinyashiki (2001, p. 19) ao afirmar que “[os trabalhadores] vivem culpando os pais, responsabilizando os chefes, criticando os clientes e acusando os concorrentes, mas não mudam de atitude perante a carreira e a vida”. Na verdade, incutir essa idéia do exercício de uma absorção das responsabilidades e uma elaboração natural de aceitação dessas constitui uma das teses essenciais que tem sido reprisada no processo pedagógico da auto-ajuda.

No que se refere à capacidade de assimilação do discurso da auto-ajuda por parte do trabalhador, essa é uma dimensão ainda um tanto quanto complexa. Em geral nos primeiros dias após o retorno desses eventos tem-se uma mudança de comportamento que significa mais alívio pelo rompimento da rotina de trabalho do que uma mudança em termos de postura comportamental. O efeito tem uma durabilidade bem definida e esta dificilmente tem uma medida precisa, já que cada trabalhador pode assimilar diferentes fragmentos de discurso ou podem criar diferentes dependências em relação à auto-ajuda. Uma das críticas levantadas em relação à significação dos eventos de desenvolvimento comportamental refere-se ao divórcio entre o discurso e a prática. Oliveira (2003, p. 3) observa que 30% dos participantes de programas de desenvolvimento comportamental aplicam 10% do conteúdo um ano depois do evento, segundo dados de uma pesquisa da *American Society for Training & Development Linking People (ASTD)*, uma empresa especializada no desenvolvimento de programas de treinamento.

Uma outra pesquisa do *Institute for Applied Behavioral Sciences*, apresentada por Meister (1999) em *Educação corporativa: a gestão do capital intelectual através das universidades corporativas*, aponta que a taxa de retenção ou o grau de aprendizagem de palestras para os trabalhadores que passaram por algum tipo de treinamento possui uma eficácia de somente 5%, enquanto aquela idéia de aprender na prática ou praticar fazendo soma 75% do processo de aprendizagem. Mesmo diante de um índice que aponta de uma certa forma a ineficácia dos “discursos encomendados” pelas empresas, este é ainda considerado um dos recursos disponíveis para empresários e profissionais de RH.

Se, de acordo com as pesquisas mencionadas, somente 10% dos trabalhadores praticam os “ensinamentos” adquiridos nos programas de desenvolvimento comportamental ou o grau de retenção é pouco expressivo se comparado ao exercício prático, pode-se pensar que esses dados devem estar associados às observações práticas do desenvolvimento da atividade. O que a pesquisa parece não considerar é o efeito social que os discursos exercem sobre os participantes, ou seja, o grau de assimilação dos discursos com que provavelmente o trabalhador sai desses ambientes é incalculável. É importante lembrar que o discurso possui uma linguagem “que não é neutra, inocente e nem natural” conforme observa Brandão (2002, p. 12). Palestras e seminários são métodos que carregam uma intencionalidade que informa, forma e conforma os participantes. Pelo discurso joga-se para o trabalhador a necessidade de dar conta de uma infinidade de atribuições, não apenas técnicas, mas emocionais e comportamentais.

Apesar do investimento em discursos via palestras e seminários, é preciso ressaltar que estes são recursos utilizados provavelmente com menor frequência¹¹⁷, pois exigem um investimento mais significativo. Outros procedimentos como as dinâmicas de grupo¹¹⁸ são adotadas como uma forma de equilibrar e manter a motivação dos trabalhadores. Conforme assinala Demo (2001c, p.71), “recorre-se a táticas emocionais que levam as pessoas a se abraçarem, manifestarem amor explícito um com o outro, dizem palavras sensíveis e tocantes, ou

¹¹⁷ É um dado para ser averiguado empiricamente, pois não se encontrou respaldo na teoria.

¹¹⁸ Além de promover a motivação dos trabalhadores, a dinâmica de grupo constitui uma ferramenta do setor de Recursos Humanos no processo de recrutamento e seleção. Muitas das dinâmicas utilizadas servem para avaliar o comportamento dos candidatos a uma vaga e define – no limite – quem será o escolhido.

a dançarem juntos em coreografias adrede concebidas tudo com a finalidade de provocar ambiência emocional favorável”.

Em geral o discurso proposto nas dinâmicas aplicadas nas empresas segue a mesma linha das palestras e livros, fazendo o indivíduo defrontar-se com sua condição psicológica, que muitas vezes – como se fosse possível isolá-la - precisa ser estimulada e motivada. Por meio desse discurso são ressaltadas as qualidades e as vantagens de ser ‘colaborador’ da empresa, sendo possível conquistar cargos mais elevados no organograma, dependendo unicamente do esforço empenhado. Com o novo padrão de produção flexível, conseguir a adesão do trabalhador é fundamental para que os objetivos da empresa sejam incorporados. Como afirma Balbino (2003, 163), o “colaborador pressupõe alguém disponível para colaborar, a auxiliar o outro, alguém disposto a doar-se pelo simples prazer em ajudar”, que questiona pouco e ainda que absorve passivamente a linguagem da empresa. Como se salientou, a mudança da denominação de funcionário ou empregado para colaborador não ocorre ao acaso, nem é somente estilo de linguagem. Esta denominação contém uma operacionalidade para a empresa: a de cooptação do trabalhador. É assim que se responsabiliza o trabalhador por possíveis insatisfações profissionais, sendo estas repassadas, sutilmente, ao ‘colaborador’, que se sente constrangido por sua falta de capacidade ou dedicação ao trabalho. Ao mexer com o emocional provocando catarses, o profissional que aplica as dinâmicas sabe que é muito difícil, nesse momento, o trabalhador exercer sua criticidade. Ao se emocionar, o trabalhador geralmente vê no ambiente de trabalho a esperança de melhorar sua vida pessoal, financeira e alcançar o sucesso profissional. Nesta perspectiva pode-se dizer que na relação entre o guru da auto-ajuda e o trabalhador está presente um jogo de sedução e dominação (Morgado, 1995).

Uma outra decorrência da pedagogia da auto-ajuda é a fabricação de um trabalhador ideal. O perfil do trabalhador ideal é aquele que mantém um equilíbrio, bom senso, perseverança e instinto (intuição). Buchalla (2002) em entrevista à psicóloga americana Sharon Franquemont destaca que “a intuição lhe diz o que fazer, sem que você precise usar a razão. É a parte ilógica da existência”. “O instinto é uma forma primária de intuição”. “No século XXI, a intuição é fundamental; é a nova forma de inteligência emocional”. Para Descartes apud Cardoso (2001), “a intuição é uma forma de lidar com o excesso de informações”. Descartes entende por intuição

“não o testemunho mutável dos sentidos ou o juízo enganoso de uma imaginação que compõem mal o seu objeto; mas a concepção de um espírito puro e atento, tão fácil e distinta, que nenhuma dúvida resta sobre o comportamento” (p. 36). Na construção do perfil do trabalhador ideal está subentendido um trabalhador intuitivo, sendo a intuição um dos instintos sobrevalorizados pelos profissionais de Recursos Humanos, bem como no discurso da auto-ajuda. Hoje é nítido o enfoque no pensamento flexível, no poder da intuição. Todas essas demandas implicam uma nova forma de encarar o mundo do trabalho, as relações profissionais e pessoais, já que a classe trabalhadora cede lugar para o colega que é o potencial concorrente. Isso significa dizer que alimentando essas capacidades ou desenvolvendo-as, camufla-se o conflito e a competição interna implícitos no trabalho em equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

UM PONTO DE CHEGADA QUE SE TRANSFORMA EM PONTO DE PARTIDA: DUAS FASES DA AUTO-AJUDA

Uma vez que um dos objetivos desse trabalho foi o cotejo entre o contexto de surgimento e de (re)valorização do discurso da auto-ajuda, procedeu-se a uma análise que visa pontuar características da literatura clássica veiculada por Samuel Smiles e aquela que é praticada nos dias de hoje, levando-se em conta que cada discurso é produzido de acordo com as necessidades históricas de sua época. Enfocaram-se também quais as implicações dos valores que norteiam o discurso da auto-ajuda de ambos os períodos, bem como se ressaltou a concepção de trabalho e trabalhador na visão de Smiles e dos gurus da atualidade. Percebeu-se que há pontos nos quais Smiles e os gurus de hoje se assemelham ou até se identificam – uma vez que a base comum é a lógica capitalista – e outros nos quais os ‘pedagogos do capital’ de hoje não chegam a se constituir como meras caricaturas do ‘pedagogo maior’: Smiles.

A intenção neste momento não é a de investir em proposições conclusivas, mas de fazer algumas constatações acerca do que envolve a problemática da auto-ajuda em períodos diversos. Esse é um tema polêmico já que muitas pessoas encaram as asserções da auto-ajuda com verdadeira devoção, apostando nos receituários com tal vigor que deixaria qualquer credo religioso em desvantagem. Isso é compreensível diante de um mundo de intensas transformações, sobretudo levando-se em conta que as mudanças mais expressivas estão diretamente ligadas à ambiência e às relações de trabalho. Isto interfere significativamente na estrutura psicológica dos trabalhadores, dado que a produção da existência é perseguida com mais afinco quando há redução e/ou destruição de postos de trabalho.

Em 1848 Marx e Engels (2002), no *Manifesto do Partido Comunista*, apontavam como o modo de produção capitalista para manter-se necessitava revolucionar continuamente sua base produtiva e as relações sociais. A burguesia vem mantendo-se, revolucionando os instrumentos e as relações sociais e de produção. Em período mais recente a situação torna-se mais dramática

uma vez que para além da **sujeição** que está se buscando, via reengenharia, *downsizing* e outros modismos gerenciais, busca-se eliminar postos de trabalho. Se no taylorismo-fordismo tinha-se a sujeição do trabalhador, no período da acumulação flexível apela-se para estratégias de operacionalização do **descarte** do trabalhador e a ênfase a empregabilidade e ao empreendedorismo revela-se como uma face dessa estratégia.

As políticas neoliberais que vêm sendo implementadas nas últimas décadas do século XX e primeiros anos do século XXI revelam uma faceta metamorfoseada de organização e controle que aparece mais efetivamente expressa nos círculos empresariais. A formulação de novos discursos com o intuito de reordenar os contornos e os espaços de dominação do capital nas relações de trabalho ordena e reordena também a construção de valores que atendam sobremaneira às necessidades desse modo de produção. Em decorrência, espera-se a constituição de um novo sujeito capaz de captar os enunciados do discurso da auto-ajuda a fim de que este se reconheça nas asserções propostas e que são incutidas de uma forma atraente e sedutora. Por meio dessa pedagogia cria-se um vínculo com o indivíduo por se situar no campo da projeção, da visualização daquilo que pode ser conquistado. Efetivam-se, assim, “formas de ver o mundo”, que são balizadas pelo capital. Na relação entre capital e trabalho, em especial, força-se a apreensão, a internalização e a naturalização dos mecanismos de controle por meio de formulações discursivas. Esse controle opera por diferentes vias. Ao invés de estabelecer um campo de batalha em que fica declarado quem são os inimigos, o discurso da auto-ajuda estabelece uma relação em que dominantes e dominados aparecem lado a lado, defendendo, por força do discurso, os mesmos interesses: o desenvolvimento da organização como sinônimo de desenvolvimento coletivo.

A literatura de auto-ajuda, como se veio salientando, pode ser considerada um “instrumento pedagógico” das empresas que têm por objetivo (manter) equilibrar adequadamente a relação quadro funcional/salários, procurando habilmente extrair o máximo de qualidade e produtividade de um número cada vez menor de trabalhadores que precisam estar alinhados com a racionalidade da produção capitalista. Esse equilíbrio se daria por meio da construção de um trabalhador-ideal – este era o objetivo tanto no século XIX com Smiles, como no final do século XX com os gurus da auto-ajuda. No primeiro caso, há uma concepção de indivíduo e de educação

fundamentados num evolucionismo darwiniano em que o indivíduo precisa construir um aporte moral e ético como forma de garantir sua projeção social; no segundo predomina a apropriação de um mecanismo para superar mais uma crise do capital em que o indivíduo desaparece como ser humano, tornando-se mais um, entre tantos, no processo de produção e consumo.

Nas últimas décadas do século XX, o discurso da auto-ajuda passou a ser respaldado na tese que reforça o auto-empresariamento e a construção da empregabilidade como fatores preponderantemente necessários e suficientes para que o trabalhador resolva sua situação perante o mundo do trabalho, em particular, e da produção da sua existência em geral. Para tanto, o discurso da auto-ajuda entra nesse processo como um instrumento pedagógico do capital pelo qual é possível ‘educar’ e ‘qualificar’ o novo trabalhador: **aquele que coopera e se ajuda**. Por meio de um discurso direcionado propõe-se mudar o comportamento do trabalhador. Neste processo nomeiam-se fenômenos como empregabilidade, empreendedorismo e competência com outros nomes como se fossem novos. Constata-se, contudo, que o que muda não é a realidade, mas sim noções e conceitos, que acabam por não se sustentar na materialidade. Seu emprego está diretamente ligado à manutenção da ordem estabelecida.

A crítica que se desenvolveu ao longo do trabalho evidencia a mutação da expressão auto-ajuda, mas principalmente revela como é possível se deslocar uma idéia de um determinado tempo e espaço e reenquadrá-la em um outro tempo e espaço sem que se faça menção à sua proposta original. Em discurso sobre a “originalidade da cópia” relacionada à produção de idéias da CEPAL¹¹⁹, Schwartz (apud Cardoso, 1993, p. 27), comenta que “a *mesma idéia*, uma vez transferida dos centros de produção internacional de cultura para a periferia, vira *outra coisa*”. Esse também é o caso da literatura de auto-ajuda. O que se tratou até o presente constitui um arcabouço no qual se pode sustentar a idéia dessa literatura como uma *outra coisa*, diferentemente da perspectiva alimentada por Smiles, embora o objetivo seja o mesmo: garantir o *statu quo*. E, nesta perspectiva, ambas as posturas são passíveis de crítica.

O ponto de partida da auto-ajuda smilesiana era a formação do caráter com vistas a um ordenamento de conduta profissional combinada a uma moral marcadamente presente nas

¹¹⁹ Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL.

relações de trabalho. A moral de Smiles se dá no fortalecimento do caráter e na dedicação à religião que teria a capacidade de reestruturar os vícios e a ociosidade manifestados pelos indivíduos. A moralidade constituía o limite ou a forma eficaz de controle do trabalhador do século XIX. Se Smiles acreditava na prática moral como forma de reordenar a sociedade, Marx, ao contrário, é contundente quando afirma que “não há práticas morais que possam mudar este estado de coisas” (1992, p. 28). A religião do capital é amoral. Ou se poderia dizer que a moral do capital é não ter moral. Se para Smiles a moral é fundamental, para os gurus modernos a moral humana é indiferente e, em geral, não é mencionada. A idéia da construção da trajetória profissional pautada nos valores preconizados por Smiles é completamente descartada pelos gurus contemporâneos, que acabam por baratear a concepção de auto-ajuda. Ela tornou-se hoje um espaço refinado de venda de ilusões aos trabalhadores, embora a justificativa da sua manutenção e expansão volte-se para a necessidade de ‘qualificação’ destes.

Marx (2002, p. 153) nos *Manuscritos econômico-filosóficos* pergunta: “Mas, então, em que hei de acreditar, na economia política ou na moral?” Ao responder, afirma: “A moral da economia política é o *ganho*, o trabalho e a poupança, a moderação – no entanto, a economia política promete satisfazer as minhas necessidades. A economia política da moral é a riqueza de uma boa consciência, da virtude, etc., mas, como poderei ser virtuoso, se não existo, e como poderei ter uma boa consciência se não sei nada?” Esse é um dos motes da indústria cultural: a criação de necessidades que podem ser calculadas, de modo que é possível, antecipadamente, prever quais os ‘produtos’ adequados para satisfazê-las. Eis uma das questões centrais no cotejo do *hábitat* original da auto-ajuda com o novo projetado pelos gurus. A literatura de auto-ajuda contemporânea aliena o trabalhador, não permite outros caminhos senão o da tutela, da aceitação da prescrição massificada. Smiles, apesar dos limites da sua proposta, abria a possibilidade de o trabalhador construir o seu próprio caminho ainda que este precisasse contar com a força dos exemplos. Toda essa reformulação da vida em sociedade estaria sob a responsabilidade individual, de modo que os homens precisariam de um estímulo para converter maus hábitos ou vícios em virtudes. Essa força “extra” viria dos exemplos ou modelos. Ou seja, à luz das biografias de homens de sucesso, os trabalhadores teriam condições de desenvolver sua trajetória de vida, com destaque para a profissional. Essa visão nos permite pensar em um Smiles que partilhava das idéias evolucionistas, uma vez que a existência humana estaria dada pela luta dos

mais capazes ou os mais esforçados em que o resultado, conseqüentemente, elevaria as chances de reconhecimento e sucesso. Por outro lado, aqueles que não alcançassem o sucesso ou não trilhassem uma trajetória de vida exemplar seriam considerados preguiçosos ou pouco esforçados, estando sob sua responsabilidade a motivação para mudar tal sorte. Smiles parecia bater sempre na mesma tecla: a de que o trabalho perseverante e diligente constituía a base do sucesso de qualquer empreendimento. Bem mais darwinistas do que o clássico, os gurus de hoje também são insistentemente repetitivos, fato que ajuda a entender a rapidez com que aparecem e logo são substituídos por outros que, por sua vez, repetirão o receituário com pequenas variantes. A repetição paciente e sistemática de uma idéia, ainda que seja uma mentira, se reprisada várias vezes vira, a exemplo de *A Revolução dos bichos* de George Orwell (1994), uma verdade.¹²⁰ Há em curso uma espécie de doutrinação, de recrutamento do trabalhador em que as receitas são repassadas em doses homeopáticas até que o indivíduo acaba incorporando todo um sistema de crenças. É assim que a auto-ajuda tornou-se uma pedagogia, um dos mecanismos de controle do capital.

Por meio de exemplo de homens de bom caráter e com capacidade de criação, de invenção, Smiles desejava inculcar princípios em seu público, os quais constituíam um conjunto de atributos que os distinguiria de outros indivíduos que não os adotassem. A distinção não seria física ou estética, como se vê atualmente, mas pela conduta moral do trabalhador. Essa era a lição que Smiles deixava aos jovens trabalhadores em suas conferências. Do seu ponto de vista a individualidade ganha expressão quando o agir moral norteia as ações dos indivíduos em suas relações de trabalho.

Um outro diferencial significativo é o fato de o convite para as conferências de Smiles partir dos trabalhadores, diferentemente dos dias atuais, em que o movimento da auto-ajuda se caracteriza pela relação não entre conferencista e trabalhador, mas pela relação empresários e

¹²⁰ Na ficção de Orwell (1994), os sete mandamentos do Animalismo, escritos pelo personagem Bola de Neve, são reescritos de modo que atendam às necessidades da forma de governo que se instituiu na Granja. A estratégia utilizada pautava-se na repetição contínua dos mandamentos que foram reformulados chegando a ponto de os animais da Granja esquecerem-se do que havia sido escrito anteriormente nesses mandamentos.

palestrantes, uma vez que são esses que demandam a organização de palestras, contratando, inclusive, o tema a ser abordado. Outra particularidade a ser observada é que Smiles lançava suas idéias, mas não tinha o objetivo de controlar como os jovens trabalhadores desenvolveriam suas carreiras. Em geral, tratava-se de trabalhadores que ainda tinham algum vínculo com a relação mestre-aprendiz tão cara a Smiles, e as biografias nada mais eram do que um resgate dessa relação que, com o avanço do processo de industrialização, já apresentava sinais de desgaste. Neste sentido, na proposta da auto-ajuda clássica predominava o estímulo à tomada de decisão por parte do indivíduo. Este deveria contar somente consigo no que tange à construção da sua trajetória de vida pessoal e profissional. O aperfeiçoamento do caráter pautado na moralidade poderia ser fortalecido pelo cultivo dos bons hábitos, o que deveria acontecer por mérito individual. A proposta voltava-se ao auxílio próprio e não à solidariedade.

Um outro aspecto importante a se observar na relação palestrante e trabalhador, no caso de Smiles, é que naquele momento da história os trabalhadores buscavam saídas coletivas, de classe, e a proposta de Smiles era justamente o contrário, ou seja, cada um, individualmente, pode crescer e ter sucesso, espelhando-se nos modelos de inventores ou de industriais. Para ele, é a partir do indivíduo que a sociedade se desenvolve.

O método do ensino pelas biografias de ‘empreendedores’ é utilizado por Smiles justamente quando o operariado necessitava urgentemente de organização e mudanças coletivas. É por essa via que se pode entender a grande aceitação do livro *Ajuda-te*. Os conteúdos desta obra reafirmavam a ideologia do liberalismo. O desenvolvimento das idéias de Smiles ia ao encontro dos interesses liberais, uma vez que ele se espelhava em alguns dos expoentes do liberalismo clássico como Adam Smith, David Ricardo e John Stuart Mil. Reafirmava também, a partir do credo liberal, valores morais e éticos como requisitos importantes para a prática da virtude política e social.

Com o passar do tempo a classe trabalhadora se organizou e conquistou vantagens, mas com o avanço do neoliberalismo, da globalização dos mercados e da reestruturação produtiva, o individualismo foi exacerbado e o retorno triunfal da auto-ajuda se impôs como uma necessidade, embora em patamares diversos do original. Ao reaparecer como forte instrumento pedagógico,

esse discurso vem contribuindo para desagregar o que estava em processo de organização: o trabalhador coletivo. Hoje o trabalhador é impelido a ser responsável, individualmente, por sua qualidade e desempenho profissional e a auto-ajuda pode ser encarada como uma tábua de salvação para acalmar as angústias tanto da parte do trabalhador, que se vê sozinho na jornada, como da empresa, que necessita de um trabalhador com o perfil individual, desmobilizado e sem força coletiva. A auto-ajuda empresarial parte de uma lógica inteiramente racional – embora vise o emocional - e se distancia da perspectiva moral cristã preconizada por Smiles, o que acaba por reforçar a filosofia do individualismo. Ademais, na época de Smiles os trabalhadores viviam uma ambiência em que as mudanças eram sentidas em termos de séculos e, no limite, de algumas décadas. O processo que envolvia a invenção, o aperfeiçoamento e a disponibilidade de uma máquina, de uma idéia, consumia muito mais tempo do que se possa imaginar. Também a assimilação da entrada de um instrumental novo precisava de um certo período para a sua incorporação e aceitação. Com isso, o tempo de aprendizado dos trabalhadores era outro. Há um redimensionamento das categorias espaço-tempo em que a assimilação das mudanças precisa ser relativizada. A velocidade das mudanças tem obrigando os pedagogos da auto-ajuda a fazer adaptações para adequar-se a essas diferentes ambiências, principalmente no que se refere ao processo de assimilação e descarte¹²¹ dessas mudanças por parte do trabalhador em tempo reduzido.

Diante da percepção de que se saiu de uma época em que se podia falar de certezas para um período que é regido pela incerteza, pela turbulência, pela instabilidade e tudo mais que represente e exija constantes adaptações e adequações no que se refere ao mercado de trabalho, pode-se afirmar que tais elementos servem de argumento para que os gurus de hoje construam seus discursos associando os fenômenos da natureza aos fenômenos do mercado de trabalho. Na relação capital e trabalho, os gurus são ‘usados’, porque vêm a preencher e divulgar uma interpretação equivocada das transformações que ocorrem no mundo do trabalho. Deste ponto de vista, os gurus cumprem o papel de tornar imprevisíveis, fenômenos que são social e historicamente construídos pelos homens. Há uma transposição didática, pedagógica, até de que aquilo que é inesperado e incalculável na natureza assemelha-se à organização, à empresa. Isto

¹²¹ Lembra-se que Franco (1997, p. 13) ao destacar que “a rapidez nas transformações das novas tecnologias exige um constante aprender o novo e esquecer o obsoleto” deixa claro que o indivíduo precisa esquecer da mesma forma que se aprende.

quer dizer que se força a assimilação da idéia de que os indivíduos não interferem nas relações de trabalho, uma vez que estas se dão independentemente da ação humana. A linguagem naturaliza uma relação de dominação que se esconde no argumento de que as relações de trabalho são como os fenômenos da natureza: imprevisíveis, e que compete ao trabalhador criar formas de dominá-la. É por isso que aventureiros como Amyr Klink e os membros da Família Schürmann, entre outros, são convidados para palestras e conferências. Eles adentram o espaço das organizações discursando sobre como é possível a superação de obstáculos no mundo do trabalho, pelo exemplo de suas aventuras, desconsiderando que se trata de relações distintas: uma é social, a outra natural. Há uma valorização das estratégias empreendidas no mar como se o mercado de trabalho pudesse ser manejado como um barco em águas imprevisíveis. O argumento não se sustenta, uma vez que as surpresas que o mercado de trabalho impõe são próprias das relações entre os homens e podem ser mudadas na medida em que essa relação mude. A lógica do capital é conhecida, presumível. A natureza não. Por isto, a comparação é pobre, redutora, e principalmente sofista. De qualquer maneira o estar preparado para o imprevisível é um forte e poderoso mote que assusta os trabalhadores e rende a aventureiros livros publicados, convites a palestras e outras formas de exposição.

No tempo de Marx e Engels a polarização ‘donos dos meios de produção’ *versus* ‘donos da força de trabalho’ era evidente, embora a análise de Marx fosse dialética. Convivendo em um mesmo período, Smiles consegue ficar alheio a essa polarização. Como comentado no segundo capítulo, uma explicação para essa postura tem relação com a crença na superação das diferenças de classes ou com o não-reconhecimento da existência destas. Apesar de Smiles não reconhecer as relações conflituosas entre burguesia e proletariado, o capital exercia seu poder coercitivo, inclusive com respaldo no próprio Estado, aumentando a exploração e a dominação sobre os trabalhadores. Além do Estado, conforme afirma Watkins (1966, p. 71), “todas as instituições políticas e sociais da época [século XIX], incluindo as escolas, igrejas, imprensa e outros meios de controle da opinião pública, tinham sido moldadas para servir aos interesses capitalistas”. Que os interesses do capital ainda determinam as relações sociais isso não constitui novidade. A novidade está no recrutamento da escola como formadora da força de trabalho necessária à manutenção do capital. E quando se conclui que a escola não está desempenhando a função preconizada pelo capital, a própria empresa organiza suas escolas ou universidades corporativas

ou o próprio governo contribui com uma política pública privatizada, como é o caso recente do projeto “Escola na fábrica”.¹²²

Percebe-se assim que, além de metamorfosear as relações de trabalho, o capital metamorfoseia o discurso da auto-ajuda, que se desloca do agir moral, proposto por Smiles, para um agir espontâneo, passivo, tutelado, predominante nos dias de hoje. Ou como afirma Rimke (2000, p. 65), “a lição moral nos textos de auto-ajuda [contemporânea] é óbvia: a pobreza física e/ou espiritual é resultado de uma carência de autogoverno”.

A mudança na forma de conceber a auto-ajuda, principalmente no que se refere ao uso que tem sido feito dela, remete a se pensar numa das características marcantes dessa literatura na atualidade: o aspecto mercadológico a que tanto o discurso de auto-ajuda quanto o trabalhador vieram sendo submetidos desde o século XIX. O processo de mercantilização mencionado tem forçado os gurus da auto-ajuda a satisfazer as necessidades do mercado no que se refere à produção de materiais como forma de dar continuidade à circulação de mercadorias. Não é à toa que o campo das publicações precisa ser renovado constantemente, colocando à prova a ‘capacidade inventiva’ dos gurus e de muitos empresários que se aventuram em escrever textos sobre suas experiências profissionais. No caso dos gurus, se a hipótese de que o discurso é efêmero é verdadeira, então os aconselhamentos precisam ser descartáveis para que se mude a receita a cada nova situação. Assim o trabalhador não fica desamparado, ou seja, há sempre uma nova fórmula a ser apreendida e comprada para situações diversas.

Os gurus modernos apelam para o uso da retórica, transformando-se em *showmen*, fazem palestras em grandes empresas, em instituições governamentais e educacionais, escrevem artigos em jornais e revistas, editam livros. Enfim tudo e inclusive os próprios gurus viram produtos vendáveis. E, mais uma vez se percebe que o que se diz e se faz hoje no campo da auto-ajuda

¹²² O projeto “Escola na fábrica” é uma iniciativa do Governo Federal que conta com o apoio do Ministério da Educação e da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Por meio desse projeto são implantadas escolas em fábricas e empresas no Brasil. O objetivo central é a disseminação da qualificação profissional, com vistas a preparar o contingente de recursos humanos necessários às demandas do mercado de trabalho. Segundo dados apresentados no portal do Ministério da Educação – MEC - “o número de instituições candidatas ao pré-credenciamento do projeto Escola de Fábrica, encerrado no último dia 16 de janeiro, superou as expectativas do Ministério da Educação. No total, 141 entidades educacionais propuseram a implantação de 1.087 unidades do projeto em empresas dos mais variados ramos”. Texto disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 12 fev. 2005, 22:00h.

pouco ou nada lembra o que Smiles dizia e fazia. Somente a título de ilustração, diferentemente de hoje, Smiles vendia seus livros a preços baixos com o intuito de popularizar suas idéias de forma que o maior número de trabalhadores pudesse ter acesso a elas. Embora visando a manutenção do *statu quo*, a literatura da auto-ajuda era um fim; hoje os livros, as palestras são meio e fim!

No que diz respeito aos conteúdos apresentados das publicações da auto-ajuda clássica para a auto-ajuda atual pode-se afirmar que houve um ‘desvio’: à época de Smiles tinha-se a exaltação de excertos biográficos e biografias de homens que exercitavam sua criatividade, sua engenhosidade em nome do crescimento da nação, de modo que suas invenções representavam benefícios para a coletividade. A moral e o caráter das personalidades biografadas estavam relacionados à religião. Ao se observar as publicações atuais, vê-se que as biografias são de empresários que criaram ou aderiram aos modismos gerenciais ou que reproduziram as fórmulas elaboradas pelos gurus da administração. A famosa reengenharia rendeu muitos livros contando as experiências dos empresários que incorporaram a nova onda em suas organizações. Com a reestruturação produtiva, o *downsizing* que representa a redução no número de trabalhadores também serviu de argumento para que muitos empresários fossem exaltados. Os gurus de hoje enaltecem ou biografam homens que sanearam suas empresas, despediram ‘racionalmente’ trabalhadores ou inseriram novas ou renovadas estratégias de controle e disciplina¹²³ no interior de suas empresas. Ademais, do ponto de vista dos gurus e empresários, um dos argumentos centrais para ‘pregar’ a adesão a essa pedagogia é a necessidade de ‘qualificação’ e escolarização dos trabalhadores para que estes ascendam social e profissionalmente. A idéia do aprendizado na prática da função é considerada estratégia do passado e o discurso da empregabilidade reforça a tese de que a exclusão social tem: a) um único responsável: o trabalhador; b) uma única saída: elevar a ‘qualificação’.

¹²³ O controle e a disciplina podem ser conseguidos por meios ‘democráticos’ focalizando o produto, o atingimento de metas e não a quantidade de horas trabalhadas (Cf. Semler, 1988). A difusão do conceito de jornada de trabalho flexível, de horas extras registradas em banco de horas é usada como pressuposto de que há liberdade de escolha para o trabalhador, já que teoricamente o argumento utilizado é de que este pode escolher o período em que deseja compensar as horas trabalhadas. Na prática, em geral, o horário flexível geralmente é compensado em períodos que coincidem com as férias do trabalhador.

Nos tempos de Smiles, como já se mencionou, a escolarização formal era pouco valorizada no que se refere à possibilidade de ascensão profissional. A auto-ajuda, então continha como fundamento a idéia do trabalho diligente, dedicado e como um princípio educativo. Era o trabalho o meio pelo qual o trabalhador poderia alcançar sua projeção social e reconhecimento entre os seus. De qualquer forma, ainda que o esforço desmedido aplicado ao trabalho fosse propagado como um elemento suficiente para o sucesso, essa não era a realidade do século XIX, conforme atesta Marzola (2001, p. 114):

Os estudos históricos evidenciaram que o processo de industrialização que se desenvolveu em grande parte na Europa, no século XIX, freqüentemente reduziu oportunidades de escolarização, chegando a provocar uma baixa nas taxas de alfabetização. Ao contrário do que se pode concluir, quando se condiciona o desenvolvimento econômico a altas taxas de alfabetização, o desenvolvimento industrial europeu não foi construído em cima de uma classe operária alfabetizada, nem serviu para aumentar níveis e alfabetização popular. Mesmo a alfabetização em massa que ocorreu nos países do Hemisfério Norte, no final do século passado [XIX], não produziu um efeito estatisticamente significativo na mobilidade social. Ou seja: alguns indivíduos conseguiram ascender socialmente, mas a grande maioria dos pobres e discriminados ficaram ainda mais pobres, mesmo alfabetizados.

O que fica evidente é que, assim como hoje, o discurso de que a dedicação ao trabalho ou a preocupação efetiva com a qualificação são garantias suficientes para se conquistar a ascensão social mantém-se atualizado em razão de uma inalterada prática social.

Nesse paralelo entre os dois contextos da auto-ajuda, os protagonistas são os mesmos, embora com as especificidades dos recursos pedagógicos utilizados. No entanto, diferenciam-se conforme a época. Na atualidade, por exemplo: a) para que os trabalhadores consigam sobreviver nas organizações modernas é preciso atender os requisitos já salientados no decorrer da dissertação, acrescentando-se ainda a visão de resultados e de custos, estilo participativo, autonomia decisória sem a necessidade de supervisão permanente. Além disso, acresça-se a afinidade com a pressão por resultados, a vivência cotidiana com o ambíguo, o intangível, o anacrônico, o virtual, o efêmero, o estressante, o rápido. Os impactos destes requisitos serão sentidos diferentemente: alguns desenvolverão comportamentos adequados e se adaptarão rapidamente, sem problemas; outros sofrerão mais para conseguir e outros acabarão talvez não

conseguindo, mas o que é inerente ao ser humano é que todos se esforçarão para decodificar as exigências, buscarão entendê-las e transformá-las em comportamentos adaptados e esperados pelas empresas. É assim que se dá o desenvolvimento humano, e este comportamento é universal, não importando o período em análise. Portanto, enquanto a ordem vigente for mantida a auto-ajuda foi, é e será a fonte sustentável de explicações e soluções visando forjar comportamentos humanos tanto no que diz respeito à vida profissional como em vários outros aspectos da existência humana; b) no âmbito das empresas: permanece e são reforçadas a busca de uma produção com menores custos, conquista de mercados, acumulação e valorização das ações para seus acionistas.

É neste contexto que a pedagogia da auto-ajuda ganha seus contornos. O discurso construído pelos gurus é doce, sedutor, encantador e amalgamador. Como já se salientou, a pedagogia da auto-ajuda caracteriza-se como um projeto pedagógico do capital que visa ‘educar’, orientar o trabalhador para que este ‘aprenda’ a comportar-se diante das novas necessidades decorrentes das relações de trabalho; reforça o individualismo apelando para as noções da empregabilidade e do empreendedorismo como uma estratégia disponível ao trabalhador para suprir a sua necessidade na busca de um emprego. Além disso, promove o disciplinamento comportamental no que diz respeito ao comprometimento e abnegação do trabalhador em nome da organização. Pretende homogeneizar sentidos, estabelecer “verdades”, manter e/ou criar um consenso massificado.

A autonomia pode ser considerada um conceito-chave em *Ajuda-te* e na literatura de auto-ajuda atual, ainda que o termo não seja utilizado explicitamente. Em ambos os períodos, percebem-se graus diferentes de concretização de autonomia do trabalhador. A auto-ajuda clássica propunha uma relação entre a autonomia individual e o progresso coletivo, isto é, da nação. O investimento pessoal do trabalhador poderia ser observado e reconhecido na medida em que uma nação se desenvolvesse. Na literatura atual a ênfase é sobre a individualização que se materializa na empresa. Esta representa o *locus* do aperfeiçoamento e desenvolvimento individual em que manifestações coletivas são descartadas, assim também como são descartadas quaisquer formas de autonomia de classe. Nos dias de hoje tem-se uma exaltação falaciosa de uma autonomia individual tanto no que se refere à empregabilidade e ao empreendedorismo quanto a

outra frentes de condução da vida. Divulga-se uma falsa liberdade de ação que se configura numa **autonomia-dependente** que só é possível mediante a aceitação das prescrições desenhadas pelos pedagogos do capital e que em geral não são confirmadas na prática. A autonomia ao invés de possibilitar espaços de mobilização acaba por restringir a atuação do indivíduo. A auto-ajuda, assim, pode ser vista como um processo que limita escolhas quando o objetivo é controlar e tutelar, por meio de receitas, a vida profissional dos indivíduos. Pode-se dizer, ainda, que tanto a auto-ajuda clássica quanto a auto-ajuda atual atentam contra a perspectiva de omnilateralidade dos seres humanos.

A *pseudo*-autonomia que é dada ao trabalhador pode ser compreendida pelo viés da empregabilidade e do empreendedorismo. Se o argumento utilizado pelos gurus valoriza a situação de desemprego como uma ‘oportunidade’ de conquistar ou buscar melhores caminhos, o que não se diz é que estar desemprego – e esta situação pode perdurar por muito tempo – não é o caminho que o trabalhador escolheria. Desemprego, ao contrário do que se alimenta nos discursos, não é oportunidade, mas representa, no mais das vezes, desespero, angústia, baixa auto-estima, desestruturação emocional para quem precisa produzir sua existência e não pode brincar com a linguagem que omite e camufla a realidade.

Nesta perspectiva, a pedagogia do capital põe em relevo o princípio do “vire-se” que encontra seu *locus* na noção da flexibilidade. O princípio do “vire-se” requer do indivíduo a internalização de que esta é uma das estratégias que ele tem para diferenciar-se diante de outros. Em termos de linguagem, a expressão “vire-se” chega aos ouvidos do trabalhador por meio da auto-ajuda, que aprofunda e reordena a modelagem de uma consciência cujos valores não são mais morais, mas sim valores ligados a uma prática pedagógica articulada aos interesses produtivos do capital. A adequação à individualidade, à autonomia e à criatividade operacionaliza um comportamento produtivo e necessário nessa nova fase do capital.

No que tange às possibilidades de saídas para as crises visualizadas por Smiles e os gurus, além do exposto, é preciso que se diga que um dos aspectos marcantes da auto-ajuda atual é a desmobilização coletiva face à mobilização individual mais visível quando se verifica que o movimento sindical, como representante e meio unificador de uma classe, está em claro refluxo.

É nesse sentido que o discurso dos gurus da auto-ajuda corrobora com as ‘mudanças’ do capital. O trabalho em equipe, substituto da ação coletiva na empresa, possui a conotação de um todo quando o trabalho está sendo executado, mas as regras são claras sobre a responsabilidade individual de cada trabalhador no processo de trabalho, sem contar que a equipe desaparece quando se fala em reivindicações. O trabalho em equipe camufla, no seu interior, uma relação conflituosa em que o melhor trabalhador se sobressai. E isto do ponto de vista do capital é saudável, uma vez que pacifica a ação do trabalhador e estimula a competitividade tão importante para o desenvolvimento da empresa. No trabalho em equipe a mobilização coletiva é inviável já que os conflitos se diluem no espaço individual, enfraquecendo os laços coletivos.

Chega-se ao final desse trabalho com a mesma sensação de impermanência com que Naomi Klein (2003) analisa as transformações no mundo do trabalho. Entretanto, diferentemente do olhar pessimista da autora em relação às possibilidades de mudança, reitera-se a perspectiva gramsciana que postula a importância de que se invista numa análise pessimista, com o objetivo de perceber as variantes que envolvem uma problemática, mas concomitantemente ao pessimismo analítico aflore o otimismo na ação, já que o ser humano que possui livre-arbítrio, resiste, inova, ainda que às vezes ceda à tutela. De qualquer forma, a história não está encerrada. Apesar da constatação de que a literatura de auto-ajuda é prescritiva, restringindo o espaço de atuação do indivíduo, acredita-se naquilo que os arquitetos chamam de “caminhos do desejo” e que Garber (2003) destaca muito bem ao apontar que é na construção de pequenas trilhas, as quais não estão previstas e nem demarcadas, que novos caminhos podem ser delineados. Ou seja, do ponto de vista Kantiano (2002), o ser humano, por covardia e preguiça, se deixa tutelar, mas é possível que saia de sua menoridade e trilhe o seu próprio “caminho do desejo”. A perspectiva que se levanta, além do apontado por Kant, é de agregar que os desafios da produção da existência levam o trabalhador a submeter-se, mas também a aprender. É por isso que o capital renova seus mecanismos de controle. A capacidade de resistência não está esgotada. Muito foi suprimido dos trabalhadores, mas deles ainda não foi retirada a capacidade de surpreender. E muitos já estão compreendendo que o receituário da pedagogia da auto-ajuda não contém a saída.

Cabe ressaltar que apesar da análise pessimista, como já se mencionou, o problema da auto-ajuda reside na forma como ela é apropriada. Recorda-se Marx (1968), que a despeito dos

ludditas lembra que as máquinas não podem ser consideradas as vilãs na relação capital-trabalho. Pelo contrário, é preciso atentar para os seus benefícios e atacar aquilo que constitui a causa dos problemas – a relação social estabelecida. E a mesma análise procede no que se refere à auto-ajuda. Aqui a perspectiva goetheana que enfoca a compra e a venda da alma de Fausto¹²⁴ serve de mote para que se resgate que houve um tempo em que a compra do corpo, como mercadoria, se dava sem sutileza nenhuma (escravidão clássica). Em outro momento, foi visível a separação entre os trabalhadores que pensavam e os que executavam – período de predomínio do taylorismo. No momento atual, o próprio capital percebe que é preciso desencadear estratégias para contar com o trabalhador integral, integralidade que nada tem a ver com a omnilateralidade marxiana. As sutilezas discursivas e argumentativas dos pedagogos da auto-ajuda, não conseguem mascarar o empreendimento do capital, no sentido de apropriar-se integralmente do trabalhador, mas ao mesmo tempo tendem a descartá-lo quando ele não é mais operacional. Encontra-se assim, no *Fausto* de Goethe, a possibilidade de visualizar a relação capital e trabalho como um negócio, no qual o capital em troca de um emprego exige do trabalhador comprometimento integral. É isso que se percebe com a flexibilização nas relações de trabalho. Demanda-se não somente o corpo e a mente do trabalhador, mas a sua ‘alma’, o controle e domínio sobre os sentimentos em relação à ambiência do trabalho. Insiste-se portanto que o problema não é a auto-ajuda em si, mas a prática social estabelecida que se mantém inalterada.

Por fim, cumpre salientar que se o problema não é a auto-ajuda em si, nada porém justifica a apropriação e o uso que estão sendo feitos dela. Vale recordar que, a despeito do incentivo ao individualismo, por conta do próprio contexto que se desenhava no século XIX, Smiles apregoava o desenvolvimento individual vislumbrando o desenvolvimento da Inglaterra, isto é, da nação. A referência ao caráter, à força de vontade, ao aperfeiçoamento moral eram as estratégias com as quais o indivíduo poderia lutar e se diferenciar entre tantos iguais. Eis um tipo de uso passível de ser feito. Os gurus atuais – fazendo outro uso – suprimem o Estado regulador e diluem a nação em nome da concorrência globalizada. A referência agora é a empresa como a ambiência organizadora da vida em sociedade. É ela quem determina, controla e reordena o posicionamento do indivíduo no coletivo. Neste discurso, o conflito está diluído, não aparece. Seja qual for o uso, no entanto, a saída com certeza não é aquela (con)formada por esta nova

¹²⁴ Conforme tratado na nota 21 do primeiro capítulo (p. 36).

pedagogia do capital. Frente à utilização que era e é feita, pode-se dizer que não há nada de novo debaixo do sol¹²⁵, ou que a história se repete, embora como farsa.¹²⁶ E o que ficou visível e se confirmou no decorrer deste trabalho é que o capital põe e dispõe de estratégias – e a pedagogia da auto-ajuda é a mais nova delas – que alimentam aquilo que se anuncia no título desta dissertação: muda-se para manter tudo exatamente como está. Em outras palavras, a identidade do capital ainda é aquela que se caracteriza por dominar e determinar o ritmo das relações entre capital e trabalho em geral e entre homens e mulheres em particular.

¹²⁵ “*Nihil sub sole novum*” (Cf. Livro do Eclesiastes. Bíblia Sagrada).

¹²⁶ Parafraseia-se Marx (1990, p. 3) que em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte* comenta que Hegel ao referir-se a Luis Bonaparte “observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

ADORNO, Theodor W. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel. *Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e 'cultura de massa' nessa sociedade*. 5. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

ALMEIDA, Sérgio. *Gestão de sonhos: riscos e oportunidades: entrevista de Amyr Klink a Sérgio Almeida*. Salvador: Casa da Qualidade, 2000.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ANDRADE, Flávio A. O projeto empresarial de formação do “novo trabalhador”. *Contexto & Educação*. Ijuí: Unijuí, ano 13, n. 49, p. 77-102, jan./mar, 1998 .

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. 6. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1999.

AQUINO, Cleber Pinheiro de. *Administração de recursos humanos: uma introdução*. São Paulo: Atlas, 1980.

BALBINO, Cócis Alexandre dos S. *Indústria, trabalho e educação: as novas relações pedagógicas no contexto da indústria mundializada*. Niterói, RJ. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense – UFF, 2003.

BARELLI, Suzana. Quando a experiência vira profissão. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, Caderno Sinapse, p. 8-12, 31 de agosto de 2004.

BARZUN, Jacques. *Por que ler os clássicos na atualidade*. Texto disponível em <<http://www.geocities.com/Athens/Column/8413/barzun.html>>. Acesso em: 28 dez. 2004, 18:00h.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BIANCHETTI, Lucídio. As novas tecnologias e o devassamento do espaço-tempo do saber tácito dos trabalhadores. In: AUED, Bernardete W (Org.). *Educação para o (des)emprego: (ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. *Da chave de fenda ao laptop: tecnologia digital e novas qualificações – desafios à educação*. Florianópolis: Vozes;Unitrabalho;UFSC, 2001.

_____. Mudanças na forma e no conteúdo do *curriculum vitae* em tempos de empreendedorismo e empregabilidade. In: AUED, Bernardete W. (Org.). *Traços do trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005. (No Prelo).

BIANCHETTI, Lucídio; PALANGANA, Isilda C. A controvérsia da qualificação no debate sobre trabalho e educação. *Perspectiva*. Florianópolis, ano 10, n. 18, p. 133-163, ago/dez, 1992.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. 2 Tessalonicenses, 3,10-12. São Paulo: Loyola, 1994.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOYETT, Jimmie T.; BOYETT, Joseph H. *O guia dos gurus: os melhores conceitos e práticas de negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

BRAGA, Mônica Mitchell de Moraes. *Saga da Pequena Sereia: os estudos culturais no Maravilhoso Mundo da Disney*. Disponível em: <http://www.cefetgo.br/cienciashumanas/humanidades_foco/html>. Acesso em: 13 jan. 2005, 16:00h.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. 8. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BRASIL, Sandra. A rainha do varejo. *Veja*, São Paulo: Editora Abril, ano 38, n. 4, p.11-15, 26 jan. 2005.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BRONOWSKI, J; MAZLISH, Bruce. *A tradição intelectual do Ocidente*. São Paulo: Edições 70, 1960.

BRUNELLI, Anna Flora. “*O sucesso está em suas mãos*”: análise do discurso de auto-ajuda. Campinas, SP, 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BUBER, Martin. *O socialismo utópico*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

BUCHALLA, Anna Paula. O mundo é dos visionários. *Veja*, São Paulo, ano 35, n.21, p.11-15. 29 maio 2002.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CARDOSO, Fernando Henrique. *As idéias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1993.

CARDOSO, Margot. Modelo de educação grega chega às empresas. *Vencer*, São Paulo, ano II, n. 17 p. 32-45, fev. 2001.

CARNEGIE, Dale. *Como fazer amigos e influenciar pessoas*. 45. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

CASTEL, Robert. *A metamorfose da questão social*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CASTELO BRANCO, Eustaquio Lagoeiro. *Direita...Esquerda...Volver* Disponível em: <<http://www.eduquenet.net/direitaesquerda.htm>>. Acesso em: 30 jan. 2005, 22:00h.

CATTANI, Antonio David. Utopia. In: CATTANI, Antonio David (Org.). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

CHAGAS, Arnaldo. *A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2001.

_____. *O sujeito imaginário no discurso da auto-ajuda*. Ijuí: Unijuí, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. 30. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. Coleção Primeiros Passos.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

CODO, Wanderley et al (Coord.). *Educação: carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação*. Brasília e Petrópolis: CNTE; UNB; Vozes, 1999.

COELHO, Paulo. *O alquimista*. 116. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

CORIAT, Benjamin. *Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização*. Rio de Janeiro: Revan; UFRJ, 1994.

CRUZ, Roberto Moraes. Formação profissional humana: os (des)caminhos da relação homem-trabalho na modernidade. In: AUED, Bernardete W (Org.). *Educação para o (des)emprego: (ou quando estar liberto da necessidade de emprego é um tormento)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CUNHA, Luiz Antônio. *A educação e desenvolvimento no Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

CUNHA, Marcus Vinicius. Ciência e educação na década de 1950: uma reflexão com a metáfora *percurso*. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 25. jan/fev/mar/abril p. 116-126, 2004.

DEMO, Pedro. *Dialética da Felicidade: olhar sociológico pós-moderno*. Petrópolis: Vozes, 2001a. v. I.

_____. *Dialética da Felicidade: insolúvel busca de solução*. Petrópolis: Vozes, 2001b. v. II.

_____. *Dialética da Felicidade: felicidade possível*. Petrópolis: Vozes, 2001c. v. III.

DeNIPOTI, Cláudio. *A gloriosa asneira de casar-se: amor e casamento no início do século*. Disponível em: <http://www.uepg.br/rhr/v1n1/denipoti.htm>. Acesso em: 28 jul. 2004, 12:25h.

Di LAMPEDUSA, Giuseppe Tomasi. *O leopardo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

DICIONÁRIO HOUAISS DE SINÔNIMOS E ANTÔNIMOS da Língua Portuguesa/ Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

DOMMANGET, Maurice. *Os grandes socialistas e a educação*. Publicações Europa-América, 1974.

DRUCKER, Peter. *Sociedade pós- capitalista*. São Paulo: Pioneira, 1993.

DURANT, Will. A história da Filosofia. *Os Pensadores*. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996.

EBOLI, Marisa. *Educação corporativa: mitos e verdades*. São Paulo: Gente, 2004.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

EMERSON, Ralph Waldo. *Homens representativos: sete conferências*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *A conduta para a vida*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

ENGELS, Friederich. *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. 3. ed. São Paulo: Global, 1980.

ENGUITA, M. F. La economía y el discurso sobre la educación. *Educación & Sociedad*. São Paulo, p. 27-43, dez. 1989.

ESPÍRITO SANTO, Maria Angélica A. *Origem, sentidos e usos da noção de empregabilidade*. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social - Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2004.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio século XXI*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FIDALGO, Fernando S; MACHADO, Lucília Regina (Orgs.). *Controle da qualidade total: uma nova pedagogia do capital*. Belo Horizonte, MG: Movimento de Cultura Marxista, 1994.

FORD, Henry. Minha vida e minha obra. In: *Os princípios da prosperidade*. Rio de Janeiro: Brand, 1954.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCO, Marcelo Araújo. *Ensaio sobre as tecnologias digitais da inteligência*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

FRANCO, Maria Ciavatta. Reformas educativas na América Latina: a nova Lei da Educação no Brasil e o projeto de qualidade. *Contexto e Educação*. Ijuí: Unijuí, n.57, ano 15, p.81-100, jan./mar, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico social capitalista*. 2. ed. São Paulo: Cortez;Autores Associados, 1986.

FROMM, Erich. *A revolução da esperança: por uma tecnologia humanizada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GALBRAITH, John Kenneth. *A era da incerteza*. 7. ed. São Paulo: Pioneira, 1986.

GARBER, Marjorie. *Instintos acadêmicos*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

GAUTHIER, Jacques Z. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 25. p. 116-126, jan/fev/mar/abril, 2004.

GEHRINGER, Max. *Não aborde seu chefe no banheiro: e outras histórias corporativas*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

GENTILI, Pablo. Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais. In: LOMBARDI, José C, SAVIANI, Dermeval, SANFELICE, José L. (Orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas, SP: Autores Associados;HISTEBR, 2002.

GHIRARDELLI JR., Paulo. *O que é pedagogia?* Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/pdaguiira.htm>>. Acesso em: 12 fev. 2005, 22:00h.

GIANNETTI, Eduardo. *Felicidade*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIRARDI, Dante. *Gestão de recursos humanos*. Florianópolis, 2001. Mimeo.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Maria Soledad E. *Empregabilidade nos tempos de reestruturação e flexibilização: trajetórias de trabalho e narrativas de ex-empregados do setor elétrico brasileiro*. Rio de Janeiro, 2002. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, 2002.

GONZAGA, Sergius. *O que é um clássico?* Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_classicos_1.htm>. Acesso em: 27 dez. 2004, 14:00h.

_____. *O que delimita um clássico?* Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_classicos_2.htm>. Acesso em: 27 dez. 2004, 14:10h.

GONZÁLEZ, Horacio. *Karl Marx: o apanhador de sinais*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

GRAÇA, Luís. *Europa: uma tradição histórica de proteção social aos trabalhadores*. Disponível em: <<http://www.ensp.unl.pt/luis.graca/textos25.html>>. Acesso em: 03 jan. 2005, 17:00h.

GRAMSCI, Antonio. *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

_____. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

GULLO, Carla et. al. Instruções na estante. *Istoé*. São Paulo: Editora Três, n. 1772, p. 16-17 set. 2003.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1992.

HELVECIA, Heloísa. O time em primeiro lugar. *Folha S. Paulo*, São Paulo, 27 de abr. 2004, p.10-13.

HERNANDES, Nilton. *A revista VEJA e o discurso do emprego na globalização - uma análise semiótica*. São Paulo, 2001. Dissertação (Mestrado em Lingüística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Lingüística. Universidade de São Paulo – USP, 2001.

HIRATA, Helena. Os mundos do trabalho: convergência e diversidade num contexto de mudança dos paradigmas produtivos. In: CASALI, Alipio. *Empregabilidade e educação: novos caminhos no mundo do trabalho*. São Paulo: EDUC, 1997.

HOBSBAWM, Eric. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HOLANDA, Francisco de. *Do liberalismo ao neoliberalismo: o itinerário de uma cosmovisão impenitente*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. 21. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

HUGON, Paul. *História das doutrinas econômicas*. 14. ed. São Paulo: Atlas, 1967.

HUNT, E. K; SHERMAN, Howard. *História do pensamento econômico*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

JOHNSON, Spencer. *Quem mexeu no meu queijo?* 16. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.

KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

KAO, John. Palavra de especialista. *Revista Conexão*. Out, 2000. Boletim interno da Brasil Telecom.

KLEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

KUENZER, Acacia Zeneida. *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989.

_____. Exclusão incluyente e inclusão excluyente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: LOMBARDI, José C, SAVIANI, Dermeval, SANFELICE, José L. (Orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. Campinas: Autores Associados; HISTEBR, 2002.

LACOMBE, Beatriz; BENDASSOLLI, Pedro. Cinco décadas de RH. *GV Executivo*. São Paulo,

v. 3, n. 3, p. 65-69, ago/out. 2004

LAFARGUE, Paul. *O direito á preguiça*. 2. ed. São Paulo: UNESP; Hucitec, 1999.

LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina, PR: Planta: 2004.

MACHADO, Lucília R. Controle da qualidade total: uma nova gestão do trabalho, uma nova pedagogia do capital. In: FIDALGO, Fernando S; MACHADO, Lucília Regina (Orgs.). *Controle da qualidade total: uma nova pedagogia do capital*. Belo Horizonte, MG: Movimento de Cultura Marxista, 1994.

_____. *Pedagogia fabril e qualificação do trabalho: mediações educativas do realinhamento produtivo*. Belo Horizonte, 1995. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação – Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 1995. Mimeo.

_____. Racionalização produtiva e formação no trabalho. *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte, n.zero, p. 41-61, jul./dez. 1996.

MAESTRI, Mário. *Auto-ajuda: literatura da barbárie*. Disponível em: <<http://www.correiocidadania.com.br/ed150/cultura3.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2003, 22:00h.

MARCUSE, Herbert. *Ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARRAS, Jean Pierre. *Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico*. 6. ed. São Paulo: Futura, 2002.

MARTHE, Marcelo. O alto-astral da auto-ajuda. *Veja*, São Paulo, ano 35, n. 45, p.114-122, 13 nov. 2002.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 11. ed. São Paulo: Difel, 1968. Livro I, vol.I.

_____. *O capital: crítica da economia política*. 11. ed. São Paulo: Difel, 1987. Livro I, vol.II.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. *Marx e Engels: textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Moraes, 1992.

MARX, Karl. *O 18 brumário de Luis Bonaparte*. São Paulo: Mandacaru, 1990.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *O manifesto comunista*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra,

2002.

MARZOLA, Norma Regina. O analfabetismo como metáfora. In: SCHMIDT, Sarai (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Loyola, 2002.

McGREGOR, Douglas. *O lado humano da empresa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MEIRA, Sílvio. Fausto. In: GOETHE, Johann W. von. *Fausto*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MEISTER, Jeanne C. *Educação corporativa: a gestão do capital intelectual através das universidades corporativas*. São Paulo: Makron Books, 1999.

MERCADO, Edna A. Busca dos fundamentos teórico-históricos do processo de monitoria. *Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa*. Maringá: DFE, CCH, UEM, ano. 4, n. 3, p. 99-133, jan./dez., 1991.

MÉSZÁROS, Isteván. *Produção destrutiva e estado capitalista: para além do capital*. 2. ed. São Paulo: Ensaio, 1996.

MEURER, José Luiz. *Aspects of language in self-help counselling*. Florianópolis: Pós-Graduação em Inglês; UFSC, 1998.

MICHLETHWAIT, John; WOOLDRIDGE, Adrian. *Os bruxos da administração: como entender a Babel dos gurus empresariais*. Rio de Janeiro: Campos, 1998.

MINARELLI, José Augusto. *Empregabilidade: o caminho das pedras*. São Paulo: Gente, 1995.

MORGADO, Maria Aparecida. *Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes*. São Paulo: Plexus, 1995.

MORRIS, Tom. Sabedoria antiga. *Você s. a*, São Paulo: Editora Abril, ed. 26, n. 3, p. 52-55, ago, 2000.

NEGRÃO, João José. *Para conhecer o neoliberalismo*. São Paulo: Publisher Brasil, 1998.

OFFE, Claus. *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "sociedade do trabalho"*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

OLIVEIRA, Deise de. Muito discurso, pouca prática. *Zero Hora*. Porto Alegre, 29 jun. 2003. Caderno Empregos & Oportunidades, p. 23.

OLIVEIRA, Ramon. Empregabilidade e competência: conceitos novos sustentando velhos interesses. *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte, n. 5, p. 51-63, jan/jun., 1999.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. 40. ed. São Paulo: Globo, 1994.

OWEN, Robert. O livro do novo mundo moral. In: TEIXEIRA, Aloísio. *Utópicos, heréticos e malditos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PAGÈS, Max et al. *O poder das organizações: a dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. São Paulo: Atlas, 1987.

PAIVA, Vanilda. Produção e qualificação para o trabalho. In: FRANCO Maria L. e ZIBAS, Dagmar (Orgs.). *Final de século: desafios da educação na América Latina*. São Paulo: Cortez, 1990.

PALANGANA, Isilda Campaner. *Individualidade: afirmação e negação na sociedade capitalista*. São Paulo: Plexus, 1998.

PEALE, Norman Vincent. *O poder do pensamento positivo*. São Paulo: Cultrix, 1954.

POCHMANN, Márcio. Emprego e trabalho em perspectiva. In: RATTNER, Henrique (Org.). *Brasil no limiar do século XXI: alternativas para a construção de uma sociedade sustentável*. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

QUADROS, Ruy. *A restauração do capital: um estudo da crise contemporânea*. São Paulo: Xamã, 1996.

QUARTIEIRO, Elisa Maria. As tecnologias de informação e de comunicação no espaço escolar: o Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo) em Santa Catarina. Disponível em: <www.eps.ufsc.br/posgraduacao/biblioteca>. Acesso em: 02 fev. 2004, 22:00h.

RAMOS, Marise Nogueira. A educação profissional pela pedagogia das competências e a superfície dos documentos oficiais. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 23, n. 80, p. 405-427, set. 2002.

RECCO, Claudio. História: *A crise de 29 e a depressão do capitalismo*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u11504.shtml>>. Acesso em: 28 nov. de 2002, 22:00h.

RIFKIN. Jeremy. *O fim dos empregos: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho*. São Paulo: Makron Books, 1995.

RIMKE, Heidi Marie. Governing citizens through self-help literature. *Cultural Studies*: Taylor; Francis, vol. 14, n. 1, p. 61-78, 2000.

ROSSETTI, José Pascoal. *Introdução à economia*. 11. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

ROTTERDÃ, Erasmo de. Elogio da loucura. In: *Os grandes clássicos da literatura*. vol. III, São Paulo: Brasileira, 1983.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a câmara secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____. Réquiem pela escola? In: *Tendências da Comunicação*. vol. II, Porto Alegre: L&PM, 1999.

_____. Você s.a. ou Eu, Cia. Ltda. *Anais do 9º. Encontro Nacional da Compós*, Porto Alegre: PUCRS, 2001.

RUMMERT, Sonia Maria. *Educação e identidade dos trabalhadores*: as concepções do capital e do trabalho. São Paulo;Niterói:Xamã;Intertexto, 2000.

SALERNO, Mário Sérgio. Produção integrada e flexível e processo operatório: notas sobre sindicatos e a formação profissional. In: MACHADO, Lucília R. et al. *Trabalho e educação*. Campinas, SP: Papirus; Cedes; São Paulo: Ande; Anped, 1992. (Coletânea CBE).

SÀNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

SARBATOARE, Octavian. *O conceito de guru*. Disponível em: <www.geocities.com/Athens/Olympus/3588/guruport.html>. Acesso em: 16 ago. 2003. 18:00h.

SCHULTZ, Theodore Willian. *O capital humano*: investimentos em educação e pesquisa. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SCHUMPETER, Joseph A. Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e o ciclo econômico. In: *Os Economistas*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SCHWARTZ, Gilson. *John Maynard Keynes*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Encontro Radical)

SCHWARTZ, Gilson. *As profissões do futuro*. São Paulo: Publifolha, 2000.

SECCHI, Leonardo. Drucker no ensino da administração: referência ou dogma? In: *Anais do Seminário da Associação Nacional de Pós-Graduação em Administração – ANPAD*, 2003.

SEMLER, Ricardo. *Virando a própria mesa*. 21. ed. São Paulo: Best Seller, 1988.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina*: arte e prática da organização que aprende. São Paulo: Best Seller, 2002.

SENNETT, Ricardo. *A corrosão do caráter*: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira

República. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SHINYASHIKI, Roberto. *Você: a alma do negócio*. São Paulo: Gente, 2001.

_____. *A revolução dos campeões*. 40. ed. São Paulo: Gente, 1995.

SHIROMA, Eneida Oto. A formação do trabalhador disciplinado. In: FIDALGO Fernando S. (Org.). *Gestão do trabalho e formação do trabalhador*. Belo Horizonte: MCM, 1996.

SILVA, Áurea Lúcia de Oliveira. *A interação escritor-leitor através de escolhas lingüísticas: um estudo em textos de espiritualidade, auto-ajuda e de Chiara Lubich*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Pedagogia e auto-ajuda: o que a sua auto-estima tem a ver com o poder? In: SCHMIDT, Sarai (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SINGER, Paul. E os direitos trabalhistas? *Época*, São Paulo: Editora Globo, n. 285, p. 35, nov. 2003.

SMILES, Samuel. *Ajuda-te (Self-Help)*. Rio de Janeiro: F. Briguier & CIA, 1893.

_____. *O caráter*. São Paulo: Papelivros, s.d.

_____. *O poder da vontade: caráter, comportamento e perseverança*. Rio de Janeiro: Garnier, 1870.

_____. *Vida e trabalho*. Rio de Janeiro: Garnier, 1901.

_____. *O dever: coragem, paciência e resignação*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

SPROULE, Anna. *Charles Darwin: a história de como a Teoria da Evolução desafiou a visão religiosa da criação do mundo*. Rio de Janeiro: Globo, 1990. (Série - Os grandes cientistas: Personagens que mudaram o mundo).

STROOBANTS, Marcelle. A visibilidade das competências. In: ROPÉ, Françoise; TANGUI, Lucie (Org.). *Saberes e competências: o uso de tais noções na escola e na empresa*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

TADDEI, Emílio H. “Empregabilidade” e formação profissional: a “nova” face da política social na Europa. In: SILVA, Luiz (Org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998.

TEIXEIRA, Aloísio (Org.). *Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002.

TREVISAN, Lauro. *Você tem o poder de alcançar riquezas*. 30. ed. Santa Maria, RS: Editora da Mente, 1986.

_____. *A fé que remove montanhas*. Santa Maria, RS: Editora da Mente, 1985.

_____. *Você pode se pensa que pode*. 20. ed. Santa Maria, RS: Editora da Mente, 1984.

_____. *Sem pensamento positivo não há solução*. 8. ed. Santa Maria, RS: Editora da Mente, 1996.

_____. *O poder da inspiração*. Santa Maria, RS: Editora da Mente, 1982.

_____. *O poder infinito da oração*. Santa Maria, RS: Editora da Mente, 1988.

VANNUCHI, Camilo e GULLO, Carla. Pés no chão e cabeça nas nuvens. *Istoé*. São Paulo: Editora Três, p. 62-67, n. 1764, 23 jul. 2003.

VATSYAYANA. Variantes das uniões dos corpos (do Kama Sutra). In: COSTA, Flávio Moreira da. *As 100 melhores histórias eróticas da literatura universal*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

VILLARI, Rafael Andrés. *Imagens de Freud: biografia e representação*. Florianópolis, 2002. Tese (Doutorado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. 2002.

WATKINS, Frederick M. *A idade da ideologia: pensamento político, de 1750 até o presente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

WEFFORT, Francisco. C (Org.). *Os clássicos da política I*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.

WELLS, Herbert George; CUNHA, Fausto. *A máquina do tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco. Alves, 1991.

ANEXO A - Sumário da obra *Ajuda-te*

ANEXO B - Programação do Seminário de Recursos Humanos